PROBLEMAS DO FUTURO

AUTOR: PIETRO UBALDI

Tradução: Mário Corbioli
e
Medeiros Corrêa Júnior

Í N D IC E

Introdução

I — A Verdade

II — A Personalidade Oscilante e a Visão de Outras Verdades

III — Experiências em Biologia Transcendental

IV — Um Caso Vivido

V — A Economia Supernormal

VI — Luta e Seleção

VII — O Mais Forte

VIII — A Metamorfose

IX — A Técnica da Evolução

X — O Pensamento Criador

XI — Livre-Arbítrio e Determinismo

XII — Equilíbrios

XIII — Evasões

XIV — Inferno e Paraíso

XV — Deus e Universo (1ª Parte)

XVI — Deus e Universo (2ª Parte)

XVII — As Ultimas Orientações da Ciência

XVIII — O "Contínuo" Espaço-Tempo e a Evolução das Dimensões

XIX — O Espaço-Curvo e a sua Expansão

XX — Com a Ciência Para o Inconcebível

XXI — A Ciência na Descoberta de Deus

XXII — O Drama de Quem Crê

INTRODUÇÃO

Iniciando o presente volume, que se abre no limiar da terceira trilogia, é necessária uma pausa para nossa orientação. Cada um desses livros uma jornada, cada trilogia representa uma volta na maturação do destino daquele que escreve e no desenvolvimento do seu pensamento traçado nesta obra, em paralelo com o desenvolver do pensamento da própria vida, conforme esta se expressa pela ação, na fase histórica que estamos atravessando Façamos isso, portanto, para que nos possamos orientar nesses aspectos, os quais se acham intimamente entrelaçados e se desenvolvem em ressonância, formando uma perfeita sinfonia, no mais unitário sentido da vida. Isto não é somente afirmado em cada palavra, mas também vivido, profundamente.

O enquadramento formal dos seis volumes, que compõem a primeira e segunda trilogias, já se encontra no prefácio do trabalho precedente: ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***. Vamos repetir, entretanto, para o leitor novo que ainda não conhece o argumento. A primeira trilogia compreende: 1) ***Mensagens***[1] e ***A Grande Síntese***; 2) ***As Noúres***; **3)** ***Ascese Mística***. **A** segunda trilogia é formada de: 1) ***História de um Homem***; 2**)** ***Fragmentos de Pensamento e de Paixão***; 3***) A Nova Civilização do Terceiro Milênio***. **A** terceira trilogia inicia-se com ***Problemas do Futuro***. No capítulo XVIII, do volume precedente, acha-se sumariamente explanada a significação dessas etapas.

O autor é um viandante da vida, de uma vida em ascensão, na qual ele se eleva penosamente, degrau por degrau. Nessa subida, realiza uma série apocalíptica de experiências espirituais, que se lhe mostram muito graves e decisivas, no mundo biológico, que o deixam tão espantado, por transcenderem a vida comum, que não pode furtar-se à necessidade de analisá-las. Se as palavras que escreve foram por ele vividas com luta e sofrimento, compreender-se-á como atrás do desenvolvimento do pensamento racional se encontre o desenvolvimento de um destino, e como a batalha dos conceitos foi, primeiramente, batalha de paixão. Pode-se dizer, pois, que cada palavra aqui escrita ainda está sangrando de dor, vibrando em conseqüência da luta travada. No fundo, trata-se propriamente de uma biografia, vista em sua profundidade,

[1] Traduzidas em português como ***Grandes Mensagens*.** (N. do T.)

de um caso real, em que é a vida que fala e se revela, com a experiência de um para proveito de todos. É natural que, assim sendo, o pensamento explanado nestas páginas tem de estar estreitamente unido à manifestação histórica dessa mesma vida, porque ela é sempre una e indivisível.

Foi afirmado já, na conclusão da precedente segunda trilogia, que o ciclo da primeira é explosivo e o da segunda é reflexivo. É a assimilação que se segue à inspiração. É uma espécie de recuo sobre a primeira impetuosa revelação, para que possa ser melhor compreendida e disciplinada, racionalmente por todos. É uma assimilação necessária para se poder subir ainda mais, depois de terem sido racionalmente consideradas e consolidadas as posições alcançadas por inspiração. Foi muito forte e muito rápido o passo até à Ascese Mística. Havia necessidade de disciplinar tudo e enquadrá-lo para atingir as alturas místicas. O filósofo não achará nesse caminho exposição sistemática. Esta foi evitada, para que a própria vida falasse com o seu dinamismo e não apenas com um cerebralismo artificioso, construtor de sistemas. A organicidade, mais do que os esquemas conceptuais da exposição, está inserida na sempre presente substância do argumento, eloqüente estrutura orgânica do universo. Fundamentalmente, é o mesmo processo evolutivo que falou em muitos, como em Beethoven, na Nona Sinfonia, ou em Wagner, no Parsifal.

Esse processo evolutivo implica a retomada dos motivos da primeira explosão, apenas sinteticamente expressos para se proceder depois ao seu desenvolvimento analítico. Por isso é que, no volume precedente, ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***, se encontra o subtítulo: "Análise e Desenvolvimento de ***A Grande Síntese***". Esta, como escrito inspirado, permanece fundamental, mas sempre parece mais um esquema do que um verdadeiro e exaustivo tratado. Dai a necessidade de desenvolvê-lo, de ultrapassar sua vastidão sintética, descendo-se à profundeza analítica.

As características da terceira trilogia não se tornarão completamente evidentes senão quando o processo for completado. Não podemos prever, senão no conjunto, aquilo que a vida poderá dizer nessa dada fase de um seu caso. O certo é que este primeiro volume da terceira trilogia se inicia com um retorno à obra, ***A Grande Síntese***, com um desdobramento reflexivo sobre a sua parte mais difícil que é a inicial, a científica. O alforje do autor, caminhante da vida, tem se tornado sempre mais cheio de experiências. Ele está cansado de palavreado inútil e tem pressa em concluir a demonstração da doutrina de ***A Grande Síntese***, com provas resolutivas. Ele sente toda a vacuidade e a corrosão das polêmicas filosóficas e religiosas. Preocupa-o o que é consistente para provocar no involuído o abalo decisivo, na hora histórica também decisiva. Por isso ele se dirige à ciência, procurando o motivo da vida na origem e na psicologia do homem, para então desenvolver o presente volume.

Mas o caminhar continua sempre, também aqui, como segue a vida da matéria para o espírito. E o presente livro não é, pois, como os outros, senão uma diversa sinfonia da ascensão. Mesmo retomando de baixo, o traçado é sempre o mesmo, pelo que, embora não se possa exatamente prever o conteúdo desta terceira trilogia, porque a vida fala com os fatos e se expressa de forma concreta e real em formas vividas, todavia, a lógica do desenvolvimento e o pressentimento de intuição dizem que, como a nota dominante da primeira trilogia foi **explosão,** a da segunda **assimilação**, assim a da terceira será: **sublimação.**

Dados esses graus de desenvolvimento, é natural que a nota inspiradora tenha dominado no primeiro tempo (primeira trilogia). Daí os qualificativos de médium, ultrafano[2], inspirado e místico, aplicados ao autor. De fato, ele falou em nome de outra personalidade, em forma ultrafânica, em ***Mensagens*** e ***A Grande Síntese***. No seu segundo volume, ***As Noúres***, ele se pôs logo a observar a si mesmo, para poder compreender o fenômeno da inspiração e suas conseqüências, a fim de que tudo viesse a ser controlado com responsabilidade e plena consciência. Porém, o ímpeto da explosão não pôde deixar de levá-lo até à altura do terceiro volume: ***Ascese Mística***. No segundo tempo (segunda trilogia) a nota inspirativa, tratando-se de um

[2] O que pratica a **ultrafania**, quer que dizer: **luz do além**. Ultrafano corresponde ao médium espiritista. (N. do T.)

período reflexo, se atenua e com o primeiro livro aparece um retorno autobiográfico ***História de um Homem*** — no qual o autor procura a si mesmo. O segundo volume é uma coletânea de artigos que expunham de forma dispersa o seu pensamento e foram publicados em revistas, e o terceiro é, como foi dito antes, uma retomada e um desenvolvimento dos problemas mais humanos de ***A Grande Síntese***, decisivamente, apontando para a meta de toda a obra, que é a Nova civilização do espírito, o grande motivo apenas assinalado anteriormente. Retornos necessários, sem os quais o desenvolvimento não é possível; e, embora ao leitor menos avisado possa parecer apenas repetição, é método conscientemente adotado.

Assim, cada volume, significando uma etapa do caminho, exprimindo uma fase de vida à qual adere, tem sua característica própria, que o distingue, como se dá, por exemplo, com as sinfonias de Beethoven. Assim, o terceiro tempo (terceira trilogia) que podemos chamar de sublimação, inicia-se com este primeiro volume, no qual é profundamente feito antes o exame da personalidade humana, já começado no precedente; abarca-se, depois, a ciência da matéria para levá-la por fim até à fé e ao espírito, seguindo um método ultramoderno de renovação que a faz, não mais uma ciência materialista, mas, alcançando uma visão mais profunda do universo, um grande motivo da sublimação, que não poderá deixar de constituir o final místico de toda a obra, nos ulteriores volumes. Final místico da obra que, para o autor, significa a última sublimação do seu destino, e, para o mundo, o despontar da aurora da nova civilização do espírito. Nestas três formas estreitamente ligadas: exposição conceptual, caso individual de evolução espiritual e ascensão coletiva do homem, a vida fala, exprimindo o mesmo pensamento. Na tempestade dos conceitos, nos dramas de paixão e de dor de quem escreve, como nas lutas do inundo, a mesma elevação, a purificação criadora que da matéria leva ao espírito, a sublimação na dor que redime.

* * *

Nesta curva da vida do autor, da exposição que constitui sua obra e do próprio destino do mundo — três fatos sintonizados no mesmo ritmo ascensional, é necessário aprofundar os conceitos acima expostos, com coragem e sinceridade, para em proveito de todos. Que significa, nesses seus três aspectos, essa sublimação que caracteriza a terceira trilogia? Comecemos pelo primeiro.

Para o autor isto significa aprofundar sempre mais a consciência do próprio destino, quer dizer, manter sempre mais estreito o contato com o infinito. É o completar-se da purificação. Há muitos anos o misterioso processo biológico da maturação vem-se realizando, sem ser visto exteriormente nem compreendido, através de uma profunda e dilacerante maceração, sob múltiplas formas. Trabalho intenso, dor, renúncia, pobreza. Um continuo afastamento de si mesmo, de tudo o que é humano, a própria carne viva arrancada pedaço por pedaço, lentamente, para não acabar morto. Sim, e tudo isto endossado pela vestimenta exterior do imbecil que não sabe conduzir seus negócios, pela máscara do homem educado que deve sorrir para não incomodar, mas intimamente acompanhando o progressivo esclarecimento da consciência do seu próprio destino, num crescente senso da missão que deve desempenhar, numa afirmação no plano do espírito. A grande experimentação evangélica da qual nasceram os volumes precedentes não foi para o autor literatura, mas um fato vivido, carregado de frutos vivos. Ele, que tinha em vão procurado livrar-se do peso da riqueza, que constituía um embaraço à marcha encetada, acabou por enfrentar o dilema: ou cuidar de seus próprios negócios ou renunciar à sua missão. Conciliar duas coisas das quais cada uma exige totalmente o homem, era impossível. E o senso da missão a cumprir, cada dia que passava, mais se acentuava em seu intimo e mais forte gritava. Precisava então abandonar os interesses materiais, deixando-os à mercê do assalto de todos.

Salvar os valores do espírito ou os da matéria. Eis o dilema. Ora, desde que neste nosso mundo se encontra aquele que sempre está pronto a levar o que não é guardado nem defendido, e desde que é impossível confiar em outros porque quem sabe desincumbir-se de seus negócios, em geral, só o sabe para si mesmo, o ocupar-se dos valores do espírito significava pobreza. Precisava escolher. Vivemos em um mundo no qual os involuídos são ativíssimos em realizar sua vida com seu próprio método, a qualquer preço. O

homem de espírito, que nesse campo é inepto, facilmente é eliminado. Então, a escolha foi feita e foi iniciada a experimentação evangélica. O autor pôde descrevê-la nos volumes anteriores, porque a estudou de perto, porque a viveu. Evangelho experimental. Essas coisas só assim se podem verdadeiramente compreender e fazer com que sejam compreendidas, quando as pregamos. De outro modo não passariam de retórica; experimentação que verdadeiramente inverte os valores e refaz o homem; catarse que penetra até os ossos. É um avanço que parece de loucos, nas trevas rasgadas pelo lampejar de uma alucinante luminosidade interior, em meio da qual o Evangelho, como sentinela ao longe, grita: "Ocupai-vos das coisas do espírito e tudo o mais vos será dado".

Se soubermos, pois, inverter os valores correntes e realmente viver a utopia do Evangelho, entraremos no mundo dos prodígios, tornando atual a já descrita economia do evoluído, baseada na Providência. O milagre consiste nisto: aquela vida que, humanamente, parecia ter que findar no desespero da miséria e da fome, deságua, ao contrário, num confiante abandono em Deus, confiante enfim não só pela fé mas também pela prova experimental, que com os fatos demonstra que apoio nunca falta a quem verdadeiramente crê no Evangelho, praticando-o.

Quando é superada a grande barreira que nos separa da inversão dos valores correntes, desenvolve-se a série dos milagres. A percepção do mundo que nos circunda é dada pela nossa natureza; se nós mudamos, tudo muda. Assim, com a nossa elevação no espírito, tudo tende a sublimar-se; o que antes era dor, transforma-se em regozijo. Então o trabalho, hoje transformado em condenação pela máquina e pela avidez humana, torna-se um livre alegre ato da criação, no qual o homem é chamado a colaborar no funcionamento do universo e operar, à semelhança de Deus, imitando-o em Sua perene ação criadora. Toda renúncia na matéria aparece no lado positivo, construtivo do Eu, isto é, como conquista e afirmação no espírito. A solidão se povoa de forças amigas que nos estendem os braços e nos ajudam; as provações se suavizam e se tornam criadoras de nós mesmos.

Eis as maravilhas da ascensão, o milagre experimentado pelo autor. O valor destes escritos não se baseia na novidade de conceitos que são velhos como a vida, mas sobre o fato de que eles foram experimentalmente vividos e não apenas repetidos, ainda que em perfeita ortodoxia de forma. É certo que a América existia antes de Colombo a descobrir. Todavia, aquela foi, no seu tempo, a maior descoberta do século. Assim, hoje, se o homem, verdadeiramente, descobrisse o Evangelho, vivendo-o experimentalmente, tocando-o com as mãos como fez Colombo com a América, esta seria também a maior descoberta do século.

Atingindo pela evolução o plano do espírito, tem-se a sensação de que emergimos de um fétido mar de lama. Liberdade no infinito. Entre tantas imperfeições dolorosas, se percebe, de outro lado, a harmoniosa perfeição da obra de Deus. No plano do universo, percebe-se a lógica do próprio destino, que é assim aceito, porque se verifica que ele nos conduz "sempre" para o encontro daquilo que representa o nosso bem. Compreende-se a maravilhosa urdidura da vida, admira-se tudo e bendiz-se a Deus. É verdade que há as provações, mas, depois de superá-las, se compreende o respectivo sentido e o seu valor criador; adquire-se, então, uma visão profunda, que vê o porquê de cada uma das vicissitudes humanas. Tudo se vai revelando completamente, a dor se faz instrumento de redenção e cada acontecimento de nossa vida se torna um amigo, porque é para nós, sempre, o melhor possível. O grande milagre da ascensão é a nossa progressiva libertação da dor e do mal. Todo assalto destruidor se transforma em meio de criação. E a força de cada ocorrência nos fará sempre sentir perto de nós a mão operante de Deus, imanente em nós!

Então, o caminhante da vida, carregado de recordações, nas quais o futuro, antes um tanto vago, se transformou em passado, vê e compreende. Compreende como cada golpe da adversidade provocou como reação uma nova luz, como cada obstáculo o havia estimulado, como cada provação o havia instruído e toda vicissitude se havia transformado em forças criadoras. Então ama-se tudo o que antes desagradava e pesava, porque já se sabe que tudo serve para edificar o espírito. A catarse é de todo o ser, mesmo das suas qualidades, das suas necessidades e desejos, bem como da sua dor. Tudo se sublima nele, e nele e com ele se distila e transmuda. E isto o faz verdadeiramente rei da vida. É o superamento de todo um mundo para entrar

em outro mais alto. O ser é levantado para o céu, por esta sua sublimação acima de todos os males e dores humanas. Eis o conceito dominante na terceira trilogia.

* * *

Com relação a este conceito, observaremos agora a obra escrita, a série de volumes que dele são conseqüência. O processo evolutivo do autor não pôde deixar de produzir nele um relampejar da mente, um clarão de conceitos que, regularmente registrados e depois publicados, têm dado lugar a várias interpretações. No princípio, no período explosivo da primeira trilogia, esse clarão foi tão forte, misterioso e imprevisto, que tomou o aspecto de verdadeira mediunidade. O autor foi, pela necessidade bem humana do enquadramento, catalogado logo no campo mediúnico (primeiro período das ***Mensagens*** e de ***A Grande Síntese***). Mas, saberemos nós o que seja, verdadeiramente, a mediunidade?

O autor passou, pois, a procurar por si mesmo, tentando aprofundar a visão nesse abismo, que é o mistério da. personalidade humana, que está, até hoje, bem longe de ser plenamente conhecida. Assim, começou a compreender o seu caso e procurou defini-lo (segundo volume: ***As Noúres***) Pôde, então, precisar que se tratava de mediunidade inspirada, ativa e consciente. Nenhum transe, inconsciência ou cessão passiva de seu próprio eu a qualquer entidade incorpórea ou forças estranhas. Ele, permanecendo consciente, captava a onda (noúre), registrava, escolhendo com pleno conhecimento, como a antena que capta porque quer sintonizar-se com a transmissora que conhece e que quer livremente ouvir por relação voluntária de ressonância. A mediunidade torna-se assim inspirativa, isto é, não mediunidade de efeitos físicos, nunca praticada e sempre evitada pelo autor como barôntica[3], mas ultrafania, embora mesmo sem transe, mas ativa e consciente. E assim foi ele tido por ultrafano. A vista disto, os seus escritos foram considerados suspeitos pela Igreja e aceitos no campo espírita.

Mas, eis que no fim do primeiro período, com o seu terceiro volume ***Ascese Mística***, o autor supera também o campo ultrafânico e deixando atrás o espiritismo, que o havia catalogado entre os seus, se transforma em inspirado e, enfim, em místico, entrando num campo apropriado, sobretudo, às religiões.

Os trabalhos que compõem a segunda trilogia perderam a vestimenta mediúnica, ultrafânica ou inspirativa e falam a linguagem normal. Assim é o presente volume. Ora, muitos perguntam se esses novos livros que se expressam como falam todos e não com tonalidade extra ou sobrenatural, são ou não inspirados. Os leitores, em geral, estão habituados, como os demais, a tratar com o homem normal de tipo único e constante, de enquadramento estável e não com o tipo múltiplo, em contínua evolução, que não pode ser, por isso mesmo, enquadrado em esquemas fixos, como é o nosso caso.

Em se tratando desta trilogia, era necessário responder a esta pergunta, esclarecendo dúvidas. O autor agora se acha cônscio de haver completado seu misticismo na forma ativa de sua missão e tem estudado em si mesmo, com auxilio de outros místicos, de tal maneira que o seu caso embora esteja ainda longe de tocar o fundo de um mistério (que aliás não pode findar) através de um contínuo controle racional do fenômeno de sua intuição e dos seus produtos, por ele registrados, transformou a sua própria inspiração em técnica regular de pesquisa, que ele chama o método da intuição, não tendo mais o que fazer com a ultrafania em transe e muito menos com o mediunismo de efeitos físicos. A finalidade da vida do autor, como acima ficou dito, não é de nenhuma maneira o estudo dos fenômenos mediúnicos e o espiritismo lhe interessa relativamente. Sua vida é missão e seu escopo não é a experimentação espirítica, mas a evangélica, não a indagação do além-túmulo, mas a ascensão espiritual. O grande problema é a conquista da felicidade e o que transforma tudo em nós, para o bem e a alegria, não é o além-túmulo, mas a evolução, a catarse da vi-

[3] De natureza densa, inferior. (N. do T)

da, elevando-nos do plano animal humano ao super-humano. O que importa é a sublimação, sem a qual tudo permanece cego, inferior, doloroso, seja aqui ou acolá E o mediunismo de efeitos físicos ocupa-se bem pouco da sublimação. Ele visa problemas particulares, secundários mesmo, em relação ao problema de apresentar sempre o melhor como contribuição para a salvação do mundo, na atual e tremenda hora histórica.

Se o misticismo é, para o autor, o vértice da ascensão, o método da intuição (isto é, a inspiração reduzida a método) é a sua disciplina que organiza e racionaliza a inspiração, dirigindo-a metodicamente à conquista do conhecimento para resolver os mais variados problemas, inclusive os da ciência, com o objetivo de melhorar o homem, para seu próprio bem. A sublimação atua então em dois sentidos: o do sentimento levando ao misticismo e o da mente levando à disciplina orgânica e racional da inspiração: disciplina da técnica receptiva, após haver feito a sua análise, e organização de uma doutrina racional, com os dados obtidos pela inspiração. Nesse trabalho múltiplo e complexo se cumpre a missão do autor. Com o progresso da sua maturação, ele, enquanto, por um lado, se sublima como paixão no misticismo, por outro se assenhoreia cada vez mais da técnica receptiva e da sistematização orgânica e racional dos resultados, de modo a poder expô-los em linguagem normal. E isto, ainda que não possa agradar aos espiritistas, era necessário dizer para que estes escritos fossem aceitos pela ciência, pela cultura séria, pelos que têm prevenções antiultrafânicas e para os quais todas as coisas expressas em tais roupagens inspirativas não são sérias nem aceitáveis.

Certo é que a inspiração subsiste ainda na segunda e terceira trilogias, mas é normalizada em veste comum A mesma característica não mais explosiva (primeira trilogia) mas reflexiva, de assimilação e análise (segunda trilogia) leva a esta conclusão. Não é por isto que o autor perde o contato com a fonte da inspiração. Ao contrário, na sua ascensão mística, o seu contato é normalizado, a sintonia estabilizada, a distinção no uníssono das vozes se torna, assim, sempre menos sensível. A catarse é, de fato, uma sublimação também neste sentido: é sempre mais estreita a união com a fonte. A recepção, que no ultrafano é em geral salteada e inconsciente, aqui é contínua e consciente, é um colóquio, um contato, uma comunhão que tende à unificação. A recepção aqui se torna prece, religião, misticismo, amor de Deus. A terceira trilogia, que representa a fase da sublimação, não pode acabar senão em pleno misticismo. Assim, sempre progredindo, fecha-se o caminho iniciado com manifestações que foram chamadas mediúnicas, alcançando resultados que são bem diversos como técnica receptiva, e longínquos, como conteúdo, da mensagem ultrafânica usual em função de certa entidade. Aqui, a mensagem é uma obra orgânica, racional que já atinge o oitavo volume; a mediunidade é uma missão que se apossa de uma dada hora histórica e de toda a vida de um homem. Como se vê, os conceitos espíritas comuns não são mais suficientes para conter estes resultados.

Chegamos aqui a uma disciplina consciente e racional, que analisa e põe em ordem, organicamente, os produtos da intuição. Em geral, todos, mais ou menos, possuem intuição, mas de um modo vago e sumário, sem a crítica e a precisão de um método. Em nosso caso, a intuição não só se faz método de investigação cientificamente exata e vasta ao ponto de fazer compreender e orientar todos os problemas do conhecimento, mas, ainda, o seu natural funcionamento, por clarões sintéticos e intermitentes, é traduzido em termos de exposição contínua e de análise racional. Tudo, se antes é sentido por via intuitiva, como síntese, conclusão e solução dos problemas deve ser, depois, analiticamente demonstrado pela força da lógica para uso da forma mental corrente, que não é intuitiva. Trabalho reflexivo, de coordenação, útil e necessário para ser compreendido, precisão analítica e cultural, sem o que a mensagem inspirativa ficaria confusa e distante. A mensagem provém de superiores dimensões conceptuais e é necessário reduzi-la à nossa dimensão racional. Trabalho, antes, de audição e compreensão, e, depois, de elaboração dos dados da inspiração, desconhecido assim do ultrafano comum.

Em nosso caso, a inspiração, embora se possa dizer que controla como guia a mente do sujeito, todavia é por este controlada. Mais do que de recepção, pode-se, neste caso, falar de colaboração consciente de ambas as partes, sem, com isto, desconhecer quanto mais sábia e potente é a transmissora. Quando se fala do fenômeno, que não é novo, da união mística, e quando ele pela catarse do sujeito se torna progressivamente sempre mais intenso, compreende-se como se lhe torna sempre mais difícil distinguir o

transmissor do receptor, fundidos que estão num mesmo ritmo de pensamento, difícil de isolar-se de uma fonte em que a sua personalidade, distinta no sentido humano, se sente como que diluir em sublime alegria. De fato, uma das mais perturbadoras sensações que a elevação mística produz, é da dissolução do próprio eu como unidade egocêntrica. Na alta psicologia, como na alta matemática, os conceitos comuns não têm mais sentido. Tudo isto transforma o fenômeno, neste nosso caso, distanciando-o cada vez mais da ultrafania e aproximando-o da inspiração do artista, do sábio, do místico, daquele enfim que cria no espírito em todo campo. Em nosso caso, a sensibilidade ultrafânica veio tornar-se um método preciso de pesquisa, que encara os problemas com o velho método experimental analítico só num segundo tempo de controle, mas, num primeiro tempo, os perlustra por vias intuitivas, sintéticas, alcançáveis só por um hipersensitivo, tornado tal pela evolução do instrumento humano. Este será o método de indagação do amanhã, que só um tipo humano mais evoluído saberá empregar.

Mas não há só este trabalho de controle da recepção, da coordenação e organização dos resultados, de precisão analítica racional e cultural. Em geral, os leitores crêem que a inspiração representa qualquer coisa concedida gratuitamente; no entanto, ela é conquistada com trabalho e fadiga. É necessário procurar ardentemente, porque Deus não se revela senão àquele que o procura e o chama. É preciso subir com o próprio esforço para chegar a escutar, é preciso duramente maturar-se e merecer para ter resposta. É necessária uma fé positiva, que saiba vencer todos os obstáculos. E quando a inspiração chega, é preciso segui-la a todo custo e em qualquer condição, no seu arremesso impetuoso, ainda que estejamos atordoados por tantas exigências de um mundo que pretende andar por estrada bem diferente.

Ainda que haja sofrimento, é preciso escrever; se extenuado ou doente, mesmo assim é preciso escrever; se há falta de tudo, escreve-se; se os interesses materiais estão a caminho da derrocada, se os involuídos roubam tudo, não importa, escreve-se; se a casa cai, se o mundo explode, não importa; se se está perto do fim, escreve-se, até o último suspiro. É necessária uma vida concentrada toda em um ponto: registrar esse pensamento que nasce dentro de clarões, de turbilhões, como um furacão que grita, canta, arrebata e atordoa. Registrar tudo, nos mínimos detalhes, na potencialidade como na doçura, seja como conceito, seja como paixão. Deve-se muitas vezes exprimir o inexprimível; abandonar-se ao irresistível e no entanto manter-se em forma; viver as teorias expostas, fazer-se campo experimental e com as provações trazidas por elas confirmar á exposição. Com uma vida elevada de sacrifício, se deve manter em permanente sintonização, fazendo de tudo isto uma missão para o bem dos outros e vivê-la em abrasamento, como o cumprimento de um destino. Levar tudo isto adiante, ardendo sempre mais e não ceder nunca, fiéis a Deus até à morte.

* * *

Agora, que vimos o significado da terceira trilogia, relativamente à maturação do autor e à natureza de sua produção intelectual, observemos tudo isto e vejamos a conexão que pode ter com a atual hora histórica, como contribuição e como missão.

Em nosso caso, não há só a catarse do autor, a criação efetuada pelo fenômeno inspirativo, mas há também o fato da compreensão sempre maior por parte do público. De que deriva isto? Nota-se que, no leitor que lê estes volumes, nasce um senso íntimo de convicção que não é apenas racional. Quem lê, geralmente muito mais do que pelos processos lógicos, fica persuadido pela ressonância intima, pela convicção segura de quem escreve, pela sua sincera paixão, pela misteriosa formação daquelas sintonias que estão na base da compreensão e sem a qual esta não se verifica. Que é então que determina o aparecimento dessa sintonia? De onde desponta essa vibração que une quem lê e quem escreve?

O fenômeno inspirativo ao qual se deve a primeira gênese destes escritos coloca o autor em uma posição especial que não é aquela do escritor comum, que exprime só a si mesmo, quando não faz coisa menos sincera e verdadeira, como uma criação de fantasia. Em nosso caso, a inspiração permite ao autor

colóquios diretos com a vida, com o pensamento de Deus, ouvindo a voz de todos os seres, em todas as suas formas, da pedra ao gênio, sempre mais alto, pelas sendas do misticismo até às dimensões do super-concebível. Aquele que aqui escreve não inventa nada, mas simplesmente, lê no grande livro da vida universal, é o espectador da sabedoria infinita de Deus que ele contempla em visões, que exprime em livros. Quando, assim, não é o indivíduo, mas a própria vida que fala, o pensamento não envelhece. O mundo está repleto de idéias cansadas, que têm exaurido seu dinamismo e sua função. Lá onde é a vida que fala, a idéia é sempre jovem e viva. Sendo aquele que escreve simplesmente um revelador do que já está escrito e que instintivamente fala, ainda que de modo impreciso, no íntimo de todos, é natural que o fundo comum, o elemento base da sintonia, já preexista, e poderosamente. Então o leitor sente em seu instinto, no qual a vida fala, reconhece aquela voz como sendo a voz da verdade e, se ainda não pôde compreender o porquê, aprova com um irresistível senso de íntima convicção. Eis a sintonia e o consentimento pleno. O leitor, mais do que isso, sente alegria ao encontrar um intérprete exato de seus vagos sentimentos, que ele mesmo tentava precisar, mas que não conseguia levar à plena luz de sua consciência, sente-se feliz em encontrar feito o esforço que a vida lhe pedia, de levantar o véu do mistério, regozija-se por encontrar pronta uma resposta a tantos porquês que o torturavam, por ver assim resolvidos os seus mais tormentosos problemas.

Parece então ao leitor tornar a ouvir a sua própria voz, clara e engrandecida, tão perfeita é a sintonia dada pela mesma lei de vida que a todos anima. Há uma aproximação com aquele que lê, um retorno de alma para alma, que pela sintonia e convicção que se seguem, se reforça em admiração, gratidão, simpatia, amizade. Estes livros terminam assim em afetuoso liame, em vínculo não só de compreensão, mas de ação e de missão. No campo social, esse é o resultado do terceiro tempo, da trilogia com a qual a obra se concluirá, e essa é a estrada pela qual o autor, pelo caminho da livre e espontânea convicção, quer dar a sua contribuição para o advento da nova civilização do espírito.

Mas há mais. A expressão da voz da vida, captada pelo autor por via inspirativa, não é vaga e genérica, mas, sim, precisa na forma do atual momento histórico, falando aos homens do amanhã próximo, em função de acontecimentos iminentes. Eis então que todos os sensitivos que já verificam o fermento da hora prestes a soar, se incendeiam na leitura como diante de uma revelação. O fato é que estes livros são estreitamente ligados ao nosso tempo, são expressões da vida, que tem de dizer alguma coisa de muito grave, e se apressa a dizê-lo aos que têm ouvidos para ouvir. Estes escritos são ligados à história e à evolução biológica cujo drama atual exprimem e às quais desejam dar uma contribuição efetiva. Eles, mais exatamente, são os reveladores das correntes biopsíquicas que dominarão no dia de amanhã, que o anunciam e o preparam. Quem os escreve realiza a função de antena biológica, isto é, a de captar a antecipação do futuro. Muitos já o pressentem, mas não conseguem precisar tudo; porém estão aptos a reconhecer qual é a voz da vida, porque esta fala neles e eles, com ânsia, já aguardam quem se levante para exprimi-la e com paixão a abraçam quando se encontram com a sua revelação. Os homens respondem a um apelo somente quando ele já se acha neles e a vida já lhes está bradando no interior. De outro modo ficam mudos, sem compreender. Somente então se forma a corrente coletiva, que é uma corrente das forças da vida que quer atingir, assim, os seus objetivos, corrente que pertence a todos e a todos vai arrastando. O revelador da idéia, que parece o seu criador, não é mais que um expoente exterior, não é mais que o representante de um pensamento que não é seu, que ele tem a função de sentir antes, para depois exprimir e divulgar. Não é outra coisa. Na vida, mais que o indivíduo, importa a sua função.

Se alguns não ouvem o chamamento da vida, se estão fora de tais correntes, que impelem a evoluir, não podem sintonizar-se com ela, e enfim, se são surdos a ela, não importa. A grande massa dos involuídos, daqueles que, podemos dizer, servem como lastro, a vida não tem confiado funções de antecipação e criação. Esses têm que ser impelidos, para depois chegarem por último. Os inferiores são os que mais opõem resistência e, no entanto, são os que mais precisam ser ajudados para evoluir.

Se compreendermos a estrutura e a gravidade da atual hora histórica, justamente porque involuída, veremos que tal contribuição é hoje necessária. Os valores do domínio autoritário da vitória baseada somente na força, se é que há ainda quem pense ter domínio próprio, já substancialmente caíram, porque, depois dos

desastres gerais, para vencedores e vencidos, na última guerra, diminui sempre o numero dos que neles acreditam. Os valores da riqueza subsistem ainda, mas sob a ameaça de tamanhos golpes, que já vacilam, inspirando sempre menor confiança. A que valores se prenderá então o mundo assim abalado, senão aos únicos que restam, os do espírito? Onde se poderá achar de outra maneira aquela solidez e invulnerabilidade que a humanidade demonstrou não possuir? O mundo está desiludido e tem fome de uma fé, porque não se pode viver sem esperar alguma coisa e sem crer no amanhã. As filosofias não servem, as religiões devem se adaptar às massas involuídas e supersticiosas. Mas o motivo do espírito já desponta nas conclusões dos grandes intelectuais da ciência que começa a emergir de seu velho materialismo. Eis aí alguns sintomas, que não são os únicos.

A vida é uma viagem. Parar é morrer. Mas não se pode conceber caminho sem meta. A vida tem, portanto, absoluta necessidade de uma tábua de valores e de subir para planos mais elevados a fim de realizar a evolução, que é o imperativo absoluto. A culpa mais grave e que se paga mais caro é a de furtar-se à ascensão, é a de não atender à lei da evolução.

A nova aristocracia não poderá ser, por certo, a da força ou a da riqueza, porque de tais aristocracias, até hoje, o mundo já teve superabundância. Tais formas têm exaurido a sua experiência e dado o seu rendimento biológico. A vida não alimenta senão aquelas formas que têm uma função e um objetivo definidos; liquidará, por isto, esses tipos de classes dirigentes. Ela tem necessidade de outras formas para outro trabalho. O tipo dos novos condutores não será o bélico, político ou econômico, mas um tipo completo, que além de religioso, seja sábio e justo. Depois da falência dos chefes armados, o advento dos chefes espirituais, o dos profetas desarmados. A vida tem necessidade também dos valores hoje mais desprezados, que são os da vida interior. Deles tem necessidade para reequilibrar-se, justamente porque deles hoje há extrema carência. O homem tem fome deles. As novas classes dirigentes não poderão, pois, formar-se segundo o nascimento, o poder, ou apenas inteligência, mas deverão basear-se nos valores espirituais, naqueles que superam a animalidade, nos valores da sensibilidade psíquica e moral, da sabedoria, da sensatez, do altruísmo, da caridade e do amor, da bondade, do desprendimento das riquezas, da renúncia a toda forma de excesso. A vida pede ao homem muitas vitórias, principalmente sobre o ódio e a cobiça que hoje envenenam a vida. Deve aparecer um novo tipo de lutador, o evangélico, desprendido e desarmado, mas inteligente e consciente, muito mais poderoso que o rude e violento de hoje. Há bem maiores revoluções para fazer do que aquelas que o homem atual concebe.

Tudo isto, hoje, pode parecer muito longínquo, e, portanto, de escasso interesse. Mas todo amanhã é feito para tornar-se depressa o hoje. Quando o homem tiver realizado as suas necessidades e desejos de hoje, que fará? Quando o homem, com a máquina e a técnica, com suas novas teorias econômicas e distributivas tiver resolvido o problema do bem-estar material para todos, quais os problemas que encontrará pela frente? Quando o progresso científico e social houver podido reduzir, para todos, o dia de trabalho a poucas horas, e as dificuldades da vida material resolvidas para todos, ao menos quanto a um mínimo necessário, como ocupará o homem o supérfluo de seu tempo e de suas energias? É certo que ele se aproveitará disto para abandonar a luta, e em vez de continuá-la em um plano superior para conquistas mais altas, deixar-se-á quedar no ócio, em busca de prazeres e vícios, chegando assim ao destino de todas as aristocracias e dos povos ricos e preguiçosos, que é o do esfacelamento. A vida fere quem dorme sobre as conquistas feitas. Ela hoje caminha com rapidez e essas conquistas estão mais perto do que possa parecer. Todo futuro é feito para tornar-se presente; assim a utopia se transforma em realidade. Nenhuma utopia é maior que a do Evangelho; entretanto, se ele foi pregado, não o foi, decerto, para permanecer como utopia, mas para se transformar em realidade.

A atual hora apocalíptica prepara, através de grandes lutas e crises, novas condições de vida. Entre tantos homens que pensam somente no presente, é necessário que haja alguém que enxergue mais longe no futuro e tenha a intuição desse futuro, o anuncie, o prepare. Decerto há outros problemas além dos atuais, do dinheiro e do estômago, e os problemas são feitos para encontrarem solução, e esses também a encontrarão. E depois? Nas grandes voltas da história, quais as de hoje, não bastam os homens de ação que seguem

perspectivas imediatas e realizações vizinhas, os administradores, mas é necessário que ainda haja homens de pensamento, capazes de se orientarem segundo óticas mais amplas em correlação não só ao que é contingente, mas a todo o funcionamento orgânico da história e da vida. É da compreensão da extrema gravidade da hora, da necessidade de preparar um amanhã que se avizinha rápido, é da consciência do dever de dar a contribuição necessária, que nasce em alguns pioneiros de sensibilidade apurada e aptos para esse fim, o senso de missão. Missão que lhes confiou a vida, que neles escolhe os seus meios para fazer ouvir a sua voz. Meios que, por serem evoluídos, hão superado o egocentrismo animal e somente sabem viver fundidos no amor ao próximo. Missão fatal para eles, que outro conteúdo não sabem dar à vida, senão esse.

Eis em particular o significado deste volume: ***Problemas do Futuro*** e da terceira trilogia que ele inicia, como de toda a obra. Com o novo milênio, o homem entra em um novo ciclo histórico e biológico. É preciso fazê-lo compreender essa imensa realidade e o que o espera. É necessário incendiá-lo, enfim, com uma fé e com um impulso proporcionado ao esforço que hoje a vida lhe pede para que saiba conquistar essa realidade. A vida nunca dá presentes, mas ajuda-nos e convida-nos a merecermos tudo. Há perigos, mas há também, ilimitados horizontes. É preciso orientar o homem. Ele hoje procura sua realização e alegria fora de seu verdadeiro lugar e fica desiludido. É preciso transformá-lo de involuído em evoluído. Quem escreve deve ter vivido, antes, pessoalmente a sublimação da vida para depois ensiná-la aos outros, oferecendo-lhes gratuitamente a sua conquista biológica, um precioso produto experimental, fruto de tremendas lutas.

O nosso mundo atual está em estado de colapso espiritual. O homem moderno, enfunado de descobertas, é um abstêmio do espírito. A fase de onda atual representa a inércia das qualidades mais nobres da alma. A imprensa gosta de destacar os delitos e todas as piores baixezas humanas. A arte se está degenerando em todos os seus aspectos. Mesmo debaixo das aparências mais intelectuais, respira-se sempre um ar de depravação. Parece mesmo que tudo há de ter hoje esse sabor fundamental. Mas é preciso reagir e salvar-se. Há uma quantidade apreciável de valores superiores que nos podem tornar muito poderosos e ricos. O que é preciso é descobrir esses novos continentes do espírito para desfrutá-los. É preciso aprender a substituir por esses valores superiores os inferiores da riqueza material, para tornarmo-nos independentes dela o mais que pudermos, de todos os dissabores que dela se originam. Dá-se tanto valor ao dinheiro, que não se pode resolver o problema espiritual se não for antes resolvido o material. É verdade. Mas o grande erro consiste em considerarem-se as coisas do espírito como artigo de luxo, supérfluo, ao qual se recorre somente quando se está saciado de tudo e não se sabe mais desejar outra coisa; entretanto, são elas as coisas de primeira necessidade. É ainda verdade que o bem-estar econômico por si só não basta e que o problema da vida não é de solução assim tão simples, como o crê a moderna psicologia utilitária e materialista. Nenhum problema está isolado na vida e nada se resolve isoladamente; assim é com o material e com o espiritual, tanto que se pode dizer o contrário do que dizem todos, isto é, que o problema material não pode ser resolvido se antes não foi resolvido o espiritual. A riqueza pode ser nociva para quem dela não sabe fazer bom uso.

Hoje não se crê senão ela e se tem horror da pobreza. Hoje não se compreende uma pobreza que não é miséria, mas um estado de poucas necessidades materiais e de grandes riquezas espirituais, a ponto de poder, aquele que as possui, tornar-se mais rico do que os ricos. Essa pobreza de vastos horizontes, bem diversa da miséria que o é também. de alma, pode transformar-se em terreno das grandes conquistas espirituais que são afastadas pela riqueza, porque esta nos adormece nas comodidades. É necessário que falte alguma coisa em baixo para sermos induzidos a procurá-las mais no alto. Quem está saciado, não procura. Para progredir é preciso viver com o ânimo vibrante e não satisfeito. Para poder superar a matéria e enriquecer-se mais elevadamente, não é preciso gozar-lhe os enlevos; para formar desejos e exigências mais espirituais, é preciso que a alma encontre fechada a porta para os gozos materiais. Essa pobreza pode ser um estímulo para alcançar intuições, de outra forma inatingíveis; ela nos ensina a caducidade do nosso apego às coisas terrenas; a riqueza é um resultado vitorioso, mas efêmero. A pobreza a vence neste seu ponto fraco que é a falta de segurança e de paz. E assim é o nosso mundo: sem segurança e sem paz. É preciso vencer e superar esses pontos fracos. Hoje nada se compreende disto e se vive desesperadamente numa luta feroz. Este é o tormento que nos impõe a nossa cobiça. É preciso compreender o valor positivo, o lado que é

conquista dentro da renúncia e do desprendimento. Infelizmente o conceito tradicional de virtude nô-lo mostra no seu lado negativo, de perda e pobreza material, em vez de conquista e riqueza espiritual. É a nossa vacuidade interior que despreza a vida simples e pobre, enquanto esta pode ser ao contrário um meio de superar e de libertar, criando formas de vida superiores, mais ricas e mais poderosas.

É preciso fazer com que o homem suba da matéria ao espírito. Só aqui há salvação. O materialismo centralizou a nossa mente nos bens materiais. A ciência, conquistando e desfrutando as forças naturais, criou uma psicologia de prazer e de poder, em vez de sacrifício e renúncia, roupagem para os tolos e os vencidos. Dai resultou uni homem moralmente fraco, sem resistência nas adversidades, um homem que se sente sempre mais pobre. Uma artificial multiplicação de necessidades inúteis e nocivas está anulando a elevação do nível econômico, o que significa empobrecimento, porque, a riqueza não é absoluta, mas uma relação entre meios e necessidades. Em meio a um bem-estar crescente, adveio um maior senso de miséria, uma vida mais difícil, enfim um estado de angústia pela falta de espaço vital, um abandono das necessidades superiores, única saída da alma assim comprimida, para restringir-se na satisfação de necessidades inferiores, insuficientes para nos satisfazerem, porque se multiplicam a expensas daquele outro estado de alma muito mais vital. Isto é patológico, é anti-vital. Há uma descida para as necessidades mais elementares, que invadiram todo o campo dos desejos humanos. Há uma riqueza econômica que não compensa a carência dos bens espirituais. Há uma capacidade de saber procurar os primeiros e uma incapacidade de saber usufruir os segundos, ainda que vizinhos e gratuitos.

E assim vai tudo por água abaixo. A indústria, com a publicidade, faz do homem um consumidor, das nações um mercado a ser desfrutado. É preciso produzir e depois vender, fazer consumir. Mas é preciso pagar tudo isto, ainda que seja inútil ou supérfluo com o nosso tempo e o nosso fadigoso esforço, com a nossa paz. Cultiva-se assim o consumidor, cria-se e educa-se ele com a propaganda e há sempre novas necessidades, a escravidão das necessidades artificiais. Isto se chama bem-estar e civilização.

Atrai-se o consumidor com prazeres fictícios; ele está viciado e persuadido de que sua alegria e seu bem estão no deixar que o explorem. Assim, novos hábitos sociais vão nascendo, uma determinada moda para cada coisa, sempre mutável para encher tantos cérebros vazios. Na medicina, essa moda e essa psicologia de exploração do consumidor chegam ao ponto de representar um atentado à saúde e um perigo para a raça. A nossa civilização, que é tão sábia no particular (hoje também a ciência é especialização) está desorientada nas grandes linhas, falta-lhe diretriz geral, falta-lhe um guia inteligente. Por ora, o progresso, além das conquistas materiais, não atingiu a alma, onde está o verdadeiro homem, imitando-se a um espantoso excitamento das cobiças animais, com todas as suas conseqüências.

É preciso ensinar ao involuído atual que as alegrias que ele procura no fumo, no álcool, na cocaína, no vicio e, enfim, no furto e no delito, as encontrará, mais belas e mais poderosas, mais no alto, em realizações novas que o moderno caçador de êxitos, sempre ansiado e agitado, perseguido pelo tempo, não conhece. O crescimento do ser em direção da alegria, é direito sagrado, mas deve ser dirigido para volúpias diversas, não precárias, mas vitais, em ordem ascendente e não descendente. É preciso analisar e demolir esses prazeres que intoxicam e desfazem o homem, para ir em busca dos grandes prazeres do espírito. É preciso substituir os gozos destrutivos pelas grandes alegrias construtivas, substituir o sucesso exterior, vão e fictício, em que hoje se crê, por aquele outro, vindo do próprio valor intimo e substancial. O evoluído não renega a vida, mas a enaltece muito mais. Os tempos são maduros e é necessário aprender novos modos de viver. É necessário começar a preparação do terreno para uma nova civilização, fazendo compreender ao homem que ele é muito mais do que um simples animal, é o dono de um destino radioso; fazê-lo compreender que o universo não é somente um campo a ser explorado, mas um sábio organismo de pensamento e de matéria fundidos entre si.

O homem hoje não se realiza, dispersa-se. A felicidade da posse, que ele tanto procura, é primitiva e traidora. Ela é própria de uma dada fase do desenvolvimento e não das fases sucessivas, mais elevadas. Hoje, é preciso aprender a conhecer a felicidade superior que está na criação. Muda, desta sorte, a atual concepção

da vida. Assim como o conceito de materialismo, uma vez tido por definitivo, perdeu todo o valor no seu velho significado sensório, assim muda o conceito de trabalho. Este, no nosso mundo de hoje, é condenação; exige, por isto, um salário. Daí as maiores lutas do nosso tempo, daí Capitalismo e Comunismo, guerras e destruições. O trabalho é condenação e sempre maior condenação, porque o temos privado do espírito animador cujo sopro é alegria. A máquina, a indústria, a organização e a cobiça levam ao cálculo do dinheiro e do tempo, ao horário e à escravização. A descida na matéria sufoca na limitação, que é seu elemento; a elevação no espírito dá liberdade, fora da limitação. A involução humana reduziu o trabalho, que é o mais alegre recurso do ser, a uma condenação oprimente conquanto, realizando e nos desenvolvendo, está entre os mais ativos instrumentos de evolução, isto é, de libertação para a felicidade. Nessa opressora miséria assim se transformou o que acima tínhamos chamado de livre e alegre ato da criação no qual o homem, não só se realiza e se desenvolve, como, também, é chamado a colaborar no funcionamento orgânico do universo e a operar, à semelhança de Deus, imitando-O na sua perene ação criadora.

A evolução é lei de vida e o mundo deverá percorrê-la, como teve de a percorrer quem escreve. Chegar-se-á, com a ascensão, a uma grande transformação de valores. Deve-se logo compreender que se o bem-estar material é muito, por si só não basta para dar felicidade. Na vida há necessidade de muitas outras coisas que hoje matamos, como a fé, o belo, a poesia, a paz interior, o amor elevado, a esperança. e mundo de hoje cresceu no plano físico, como corpo; urge um paralelo desenvolvimento no espírito, porque é extremamente perigoso que um tão grande corpo fique sem o guia de uma alma adequada, em poder de uma mente tão limitada e primitiva. É, exatamente, a hipertrofia técnica e científica que exige, para equilibrar-se, um proporcional desenvolvimento espiritual que assuma a direção, sem o que tudo ameaça acabar em desastre. A ditadura da ciência materialista e da sua psicologia é uma fase superada e o mundo, desesperadamente, invoca uma sistematização diversa, espiritual e moral.

Entre tantas revoluções que o homem moderno deseja, há também aquela contra a asfixia espiritual, contra a nivelação numa animalidade universal, contra o embrutecimento geral, próprio do Capitalismo como do Comunismo, nos problemas do ventre.

Bem outras revoluções hão de realizar-se, não para a conquista dos bens materiais, mas dos bens espirituais, continente inexplorado de riquezas infindáveis, lugar ao sol também este, sol da mente e do coração, de que o homem tem extrema necessidade. É preciso rebelar-se contra a imersão na massa nivelada, opondo-se aos gostos podres das maiorias. A verdadeira revolução far-se-á chegando a compreender os valores de substância, substituindo-os, na própria vida, aos de superfície e de forma, da abastança ou do sucesso, hoje tão em moda. Preciso é conquistar uma potência superior de domínio espiritual e lançá-la à face do mundo como um desafio. Potência de uma riqueza que não é a do dinheiro ou do poder, riqueza que permite ter piedade dos ricos e dos poderosos. Deve-se contrapor à riqueza econômica, hoje supremo ideal, a riqueza da inteligência e do coração, que hoje falta. É preciso mostrar tanto aos ricos do capitalismo, como aos pobres do comunismo, a sua vacuidade espiritual, que os iguala: os mesmos homens em luta no mesmo terreno, com os mesmos fins egoístas e os mesmos instintos de avidez.

É preciso ser os pioneiros de um ideal diverso, de destaque e de libertação, para subtrair-se à obsessão econômica que é o tormento moderno; preciso é ensinar a desfazer as falsas miragens dos prazeres oferecidos por traição pela nossa chamada civilização, a rebelar-se contra a prostituição e o sufocamento do espírito, que ela nos quer impor. É necessário enriquecer-se bem diversamente da maneira como hoje se anseia. É preciso saber colocar-se nesse terreno utilitário tão diverso e compreender-lhe as vantagens superiores. É preciso ensinar a gozar em planos mais altos, a sermos possuidores de alegrias mais refinadas e gratuitas que provêm do íntimo e não do exterior. É preciso alijar o peso do trabalho-pena para amar o trabalho-função e missão, que não é fadiga para uma paga, mas livre espontânea realização. É preciso conquistar a riqueza da tranqüilidade e a riqueza do tempo, hoje perdidas, especialmente pelos ricos. “Não tenho tempo” e a frase moderna, é a sua pobreza. E não há obras de beneficência que permitam doar essa mercadoria, ajudando em sua miséria esses desgraçados pobres de tempo! Essa carência de tempo é uma vingança da matéria que escolhemos como padrão, enquanto o espírito se mantém fora do tempo. Somente

no alto há liberdade, que se deve conquistar elevando-se e não roubando a outros escravos seus grilhões de ricos.

A grande luta social hodierna se reduz a esse desejo intenso de roubar esses grilhões, isto é, de roubar aos ricos o tormento imposto pelo medo de perder os próprios bens, pela paixão de aumentá-los, pela necessidade de conservá-los. O mundo atual anseia por essa prisão dourada, que segura e enquadra em seus muros e da qual, depois, é tão difícil e penoso sair. No entanto, também ali dentro se está roído pelo tédio e pela saciedade de tudo, roído pela fome do espírito privado de alimento. Pouco dinheiro valoriza tudo; quanto mais as alegrias são moderadas, tanto mais são prelibadas. Muito dinheiro desvaloriza tudo, alegrias abundantes e repetidas terminam em náusea. Sábias compensações, justas vinganças da vida.

A atual máquina social funciona, em grande parte, pela força. Precisamos ser os pioneiros de um ideal diverso, de amor, convicção e colaboração. Só assim será possível alcançar a ordem necessária, subtraindo-se ao peso da coação Cada forma de poder, hoje, é mais ou menos uma forma de coação contra a precedente, somente para se impor; a autoridade, mais que uma função social a serviço da coletividade, é uma vantagem pessoal a serviço de quem a conquistou. O egoísmo que foi até ontem um elemento útil e necessário para as conquistas materiais e a que estas têm sido devidas, como o é o progresso humano, hoje aquele egoísmo, quando a vida humana entra na fase social orgânica, torna-se um elemento antivital, porque é antisocial, sendo destrutivo e inaceitável na nova coletividade. Hoje, que a técnica tanto progrediu, a caridade se encontra em pleno retrocesso. O progresso não consiste, como hoje se crê e se quer, em uma vã multiplicação de necessidades a que, depois, se ofereça satisfação: isto, assim, redunda numa custosa escravidão da qual é necessário pagar, logo após, o custo com trabalho forçado.

O atual desenvolvimento dos valores mais baixos não é progresso, mas atraso, não é vitória, mas derrota, que o mundo está pagando caro. Qual o uso que o homem sabe fazer hoje dos melhoramentos econômicos? E se não os sabe empregar no bem, mas só no mal, então não é melhor para ele a pobreza? Quando o homem, com a ciência, a máquina e a justiça social, chegar ao bem-estar material, que uso dele saberá fazer com sua psicologia? Certo é que se não for educado a tempo, não fará mais do que multiplicar e estender a sua atividade abusiva. E se a finalidade da vida é bem outra, o alcance desse tão desejado bem-estar não pode representar, para a humanidade como a de hoje, um dos maiores perigos?

Este é um quadro sumário das condições do nosso tempo. A finalidade destes livros é demonstrar com a razão; o escopo da vida do autor é demonstrar, com o exemplo, a realidade, a utilidade de uma vida superior, no espírito, mais rica e mais feliz. Se, depois disto, outros quiserem compreender com a sua razão e proceder com o seu exemplo, então a idéia de uma nova civilização não será mais utopia.

Já foi afirmado que estes livros não representam nada de novo e que não são mais do que repetições de coisas que já foram ditas. Certamente, não pretendemos oferecer descobertas no sentido moderno, particular e analítico, como invenção técnica e utilitária, como solução de casos isolados. Se isto acontecer, não o será mais que incidentalmente, como conseqüência da realização fundamental, que é bem outra. Esta é o antípoda da atual **"forma mentis"** humana, e tende, não ao resultado utilitário, no particular, mas à síntese, à orientação, a uma utilidade de conjunto, a uma nova compreensão da organicidade da vida. Há descoberta, mas em sentido diverso do corriqueiro, e é aquela da onipresença de uma lei que tudo guia. A novidade consiste em que, embora essas verdades sejam repetidas muitas vezes, isto se faz mecanicamente, por tradição, por quem não as vive, e que por isso, embora as repita desse modo, não as vivifica, mas as mata.

Dizendo-as e repetindo-as, assim, por hábito e sem senti-las, chega-se ao resultado de torná-las fastidiosas, falsas, inaplicáveis. Entretanto, são aqui ditas por quem as faz viver também em quem as escuta, em vez de serem ditas por quem não as vive e, por isso, as faz morrer em quem as ouve. Esta é a novidade e a descoberta que tentamos fazer. Elas consistem em superar aquela mentira que, enfim, tem invadido toda a nossa vida.

Há, aqui, mais uma coisa nova, e é o método de comando e de governo. Aqui saímos fora do plano humano e de seus sistemas tradicionais; trata-se, portanto, não mais das habituais revoluções de forma, mas de uma revolução de substância. Hoje a sociedade, em geral, é regida por emersão, com o sistema representativo ou totalitário de um chefe que trabalha, antes de tudo, para si; outrossim é regida por um grupo de homens que se coligam em torno dele por força de seus próprios interesses, prontos a se desembaraçarem dele tão logo não satisfaça mais àqueles interesses. O princípio do comando hoje é, no fundo mais ou menos como aquele tradicional da alcatéia de lobos ou da associação bélica, em que é aceito um guia porque serve como colaborador, porque a união faz a força e se torna útil na luta. Baseando-se nisto, a lei humana que nasce de tais associações é, naturalmente, fruto de partido e está, por isto, contra quem está fora do grupo; essa lei, por essa razão, logicamente é fraudada por quem está do lado de fora, quase com um sentido de justa defesa.

A novidade, pois, dos princípios aqui expostos, consiste num método todo diverso. O indivíduo se põe sozinho em face da Lei do ser e deve fazer a sua descoberta chegando a senti-la como atividade própria e em tudo à sua volta. A sociedade não vem a ser regida por nenhum chefe físico e muito menos por suas leis, que temos visto o que são, e tampouco pela força de que ele dispõe. Em face da Lei, que tudo sabe e tudo pode, esses menores poderes humanos não conservam mais do que um valor relativo e subordinado. Se o espírito de grupo subsiste, ele é baseado nas afinidades, com finalidade orgânica de colaboração criadora, segundo as normas da Lei, sem interesses materiais para defender, sem fins utilitários que excluam os que estão fora do grupo. Não se baseando na coação, a força não serve mais, mas somente a convicção. A liberdade que antes havia somente para quem comandava, agora é de quantos são capazes de compreendê-la. Ninguém pensa em fraudar a Lei. Aqui o chefe não tem corpo, mas é uma Lei onipotente e onipresente situada no imponderável que, portanto, não se pode liquidar quando mais não sirva, não se pode coagir ou fraudar, porque ela é a alma das coisas e também o rebelde é formado por ela. Não se pode matar esse chefe por revoluções ou por atentados, não precisa ele de polícia porque é imaterial e indestrutível: é o próprio princípio da vida. A polícia desse governo é perfeita porque em face desse chefe-Lei, cada um deve responder e pagar pessoalmente, se tem violado as suas normas. Essa é uma responsabilidade da qual não é possível eximir-se. O indivíduo, ainda que agindo em coletividade, se acha sempre só e despido diante da Lei, sem poder descartar-se de nenhum modo das suas ações. Cada um, sem hierarquia, está sempre em contato direto com o chefe-Lei que nele sempre funciona. Aqui, o proselitismo com o fim de engrossar a fila, e, com isto, a força do próprio poder contra os contrários não tem sentido, porque os seres não se podem unir, senão fraternizando-se para o bem de todos. Esse bem, qualquer que seja a sua forma humana, que aparecerá como coisa secundária, será o verdadeiro governo do homem evoluído do futuro.

Concluamos. Dissemos que a idéia dominante desta terceira trilogia, que aqui se inicia, é: sublimação. Temo-la aqui projetada em relação à maturação do autor, ao desenvolvimento da exposição e ao do destino do mundo. Sob este aspecto tríplice continuaremos o seu desenvolvimento no presente volume. Esta sublimação que o autor viveu e que tenta exprimir nesta terceira trilogia, está, pela fatalidade da hora histórica, segundo a intuição que tem, para ser projetada no destino do mundo. É uma sublimação da vida que entra em uma de suas mais altas fases de evolução e que arrasta primeiramente os mais sensíveis; é o ingresso do homem em um novo plano de vida, o plano evangélico do Reino de Deus, é a aproximação da nova civilização do Espírito. Este é o significado da sublimação no campo social. Este é o coroamento desta obra, como da vida do autor.

Ter compreendido a hora histórica, explicar o seu significado e a sublimação, lendo os seus traços escritos nas leis da vida, viver essa sublimação e projetá-la nos outros, fazendo-os participar da maravilhosa nova realidade alcançada, oferecer, assim, gratuitamente, uma contribuição para o advento da nova civilização do Espírito; realizar essa sublimação no próprio destino, como no do mundo, eis a significação de toda esta obra em volumes, eis o cumprimento do destino do autor, a realização da sua missão.

I

A VERDADE

Não! Nada é verdade! Com este brado de desespero, abre-se este volume. O ideal, que dos escritos precedentes perseguimos até aqui, é uma ilusão, a verdade sonhada é utopia, as nobres afirmações são falsas e, já que não correspondem, por nada, à realidade da vida, constituem uma traição. O leitor foi enganado. É preciso ter a coragem de confessá-lo e mudar de rota a tempo! Os fatos desmentem em cheio as conclusões destiladas pelos trabalhosos raciocínios! Esses fatos se repetem a cada passo, em quotidiana evidência, que não é o bem, mas o mal que vence e domina em nosso mundo, que o mais forte e o mais astuto é que triunfam e não o mais justo; e quem crê de outro modo é um néscio que sonha e pagará caro o seu sonho, porque será subjugado e eliminado. Mas é preciso ser cego para não ver que a realidade biológica zomba de todos os ideais e de todos os idealistas, para não compreender que, enquanto estes últimos intentam construir com palavras as suas belas teorias, a vida os circunda e assalta com os fatos para os esmagar e suprimir! Mas quem é que não sabe que enquanto eles sonham bondade e justiça, na prática a realidade biológica premia com alegrias imediatas o mais ousado e egoísta que, livre dos liames do dever, sabe procurá-las com todos os meios? Mas o próprio instinto da vida, que fala e se revela na mulher, naquele momento decisivo para a seleção e para a raça, da escolha sexual, ri-se do homem honesto e sábio, escravo do dever, aplaudindo o audacioso para o qual tudo se faz licito quando demonstre saber vencer. Isto prova que a vida marcha para a bestialidade e não para a espiritualidade.

Mas que evolução! Na terra há que pensar em não se deixar subjugar. E quem esquece, morre. A vida nos quer fortes, audazes, egoístas, sem escrúpulos, sem moral, e pune como fracos os que não o são. o ideal biológico terrestre, que a mulher adora e o homem respeita, é o delinqüente, naturalmente aquele astuto, esperto, que vence, não aquele que perde. Hoje caiu também a medieval tentativa da Cavalaria, que procurava disciplinar e nobilitar o furto e o assassínio; aqueles que saibam perpetrá-los legalmente, e com êxito, são admirados, dando prova de engenho. Estes são os valores da vida real: os outros, aqueles tão declamados do espírito, são falsos. De fato, na prática, quem neles crê, quem os usa? São usados como uma bela mentira com a qual os astutos, que são aqueles que mais valem, sabem cobrir o seu jogo para sua vantagem e para dano dos que neles acreditem. Mas que ideal! Enquanto sonhas bondade e justiça, o próximo te espia e estuda como te possa despedaçar e, apenas te distraias da luta para seguir o ideal, salta sobre ti para acabar contigo. O mundo não está sob um controle moral de sabedoria, mas sob um controle brutal de força. O Evangelho se apresenta inerme. E quem hoje pode tomar a sério quem está sem armas? A vida é de ferro e quem não é forte deve perecer. É inútil querer dar-nos a entender outras verdades. Esta é a única verdadeira. As outras são astúcias para esconder a luta pela vida, são uma das tantas armas sutis para subjugar e vencer os ingênuos e os fracos.

A realidade é que o indivíduo quer egoisticamente viver e crescer, que a fêmea é prêmio ao esforço do macho que a quer possuir para gozá-la e multiplicar-se, que as alegrias da vida se exaurem na terra e que só aqui hão de ser procuradas, que as superações, as evasões, o céu são utopias para loucos, que o homem são se lança pelo mundo contra todos para robustecer-se na luta e colher, com qualquer meio, todas as alegrias que quer. Não importa se o herói é um semeador de carnificinas, basta que vença. Não importa quantos vêm a ser prejudicados por ele. A grandeza humana consiste justamente em saber pisar nos outros e elevar-se sobre as ruínas: ela deve ser fabricada sobre o sangue. Oh! a ingenuidade de proceder por persuasão e por fé em um mundo onde não existem senão vencedores e vencidos! Para o forte, tudo. Para o honesto não restam senão belas e estéreis palavras que lhe são jogadas pelo filantropo por compaixão simulada, extremo insulto da hipocrisia humana. Assim é que o justo é defendido com belas palavras por todos os paladinos do bem, que se regozijam do seu ato magnânimo, distribuído gratuitamente. Isto chega a dar-lhes ótima aparência, não oferece perigo, porque quem o recebe não sabe e não se pode defender, e

enfim, fornece-lhes a ilusão de ter feito alguma coisa em desagravo da própria consciência. Como renunciar a tantas vantagens? Florescem, assim, os teóricos do amor fraterno e os idealismos confortantes que hipotecam o futuro e o outro lado da vida em que acham, para os outros, compensação para a derrota e a escravidão terrena de que, no entanto, se aproveitam e gozam. Para melhor e mais longamente aproveitar-se deles, adormecem-se as vítimas com o narcótico do ideal. Assim, os bons são preciosos, porque mais desfrutáveis, os sinceros são preferidos e amados porque, com astúcia, são enganados, tornando-se úteis e poupados à fadiga da luta. A exploração do honesto organiza-se então como uma indústria, este homem é procurado (a caça ao simplório): querer-se-ia criá-lo em uma cultura intensiva se a própria exploração não tivesse, ao contrário, a tendência de eliminá-lo; chegar-se-ia a curá-lo e a protegê-lo como se faz com os animais domésticos, para melhor utilizá-lo. Desse modo é que se formam as religiões e as respectivas castas sacerdotais; dessa maneira se formam o estado, os governos e respectivos grupos dominantes, bem como o poder, a autoridade, as instituições, as leis, tudo. E todas essas coisas para dominar, sempre a expensas de alguém, um ente mais fraco a ser dominado. Cada um desses grupos tem o seu tipo-modelo e outros tantos campeões que se exploram, tornando-os estandartes e tudo isto para manter e multiplicar o tipo do simplório que acredita neles, e, assim, obedece e serve. Mas o povo-rebanho começa a despertar e a inquirir das razões mais verdadeiras que lhe impunham obediência, que não aquelas que até hoje bastaram para dominar; e os dominadores não as sabem dar. Novas astúcias eles terão que estudar para que não se descubra o seu jogo.

Outro significado não pode ter o pregar honestidade e bondade num mundo no qual o esmagamento ao próximo é prova de valor e a culpa do furto não é atribuída ao ladrão que é considerado esperto, mas ao imbecil que se deixa roubar. Qual iluminar e melhorar! A ignorância deve ser mantida nos outros, a fim de que se possa explorá-la. Qual sanear o mal de tanta algazarra humana! É preciso pisar os outros e triunfar, embora semeando lágrimas e sangue. Que importa? Tudo isto é para os outros. A vida nos quer vencedores, isto é, heróis da destruição, mestres da esperteza. Mas certo é que a bondade é útil na terra e por isso tanto a proclamam e inculcam; justamente porque desarma, domestica e serviliza, e, inculcando-a, melhor se comanda. E de outro modo, para que serviria? Diante do caminho tortuoso das mentiras humanas, não é bela a pura simplicidade dessas palavras?

Assim é a vida. Cada um há de trazer a sua máscara de mentira. O vencido mais que o vencedor. Este, quando triunfa, joga-a e mostra-se à admiração de todos como o belo campeão que a luta pela seleção criou. Mas o vencido nunca a joga. Sob a máscara o seu rosto está em chagas. Na terra, ai dos vencidos e ai deles se se exibem! A máscara lhes é imposta; a dor é uma derrota e deve pudicamente ser escondida. A dor não é conhecida como um instrumento de redenção, isto é, como uma força e uma glória; não. Ela é uma derrota. Ai, pois, de quem a descobre. O vizinho a goza e está pronto para dela aproveitar-se; se percebe que és um vencido, salta-te logo ao pescoço. A verdadeira face, quanto mais chagada está e sangrenta, tanto mais há de ser cuidadosamente coberta com sorrisos floridos. Quantas máscaras macabras andam assim desconsoladas pelo mundo! A dor que não pode expandir-se escava sempre mais por dentro. Tudo isto para o triunfo do tipo biológico do vencedor, para fazê-lo grande, para que a vida seja sua, toda sua e de nenhum outro. Mas sabe ela sobre quais ruínas avança esse macho triunfador? Parece que nada lhe importa mais do que ele. Os vencidos sofrem e morrem; eles não pesam na balança. A grande aventura da vida está aberta para todos; se tantos não conseguem vencer, pior para eles! Se ao menos morressem! Ao contrário, a luta pela vida, ao lado de poucos selecionados, a quantos não deixa quase como mortos, estropiados fisicamente e, ainda mais, moralmente! É que nem no vencido a vida quer morrer, e a tudo se adapta e deforma-se até à monstruosidade e, assim estropiada, continua, seja mesmo na sombra, à traição, por despeito, nutrindo-se de ódio e de veneno, mas continua, subterrânea e em espasmos, para vingar-se um dia, quem sabe quando, do vencedor. Assim a vida oculta a reação por séculos, adiando-a por gerações à espera da desforra; assim o impulso do mal fixa-se no sangue e nos corações e torna-se instinto, um automatismo do subconsciente. Tudo grava-se em nós e a nós retorna, até que os longínquos descendentes do vencedor sejam um dia esganados pelos descendentes do vencido. Na realidade, não se chega, assim, à seleção do melhor, mas a uma multiplicação de adaptados, de mutilados, de feridos, de malvados, de monstros. O resultado não é um número de selecionados, mas de estropiados na luta. E o vencedor mesmo não é o mais forte, porém o mais astuto e traidor. A vida, pois, segue para o mal e não para o bem. Abala-se o edifício da evolução. Essa luta

não e, então, instrumento de seleção, mas, um atentado à vida, um esforço para subjugá-la, deformá-la, pelo que ela se dirige para o pior, em vez de para o melhor. Os poucos vencedores triunfam enquanto há uma multidão de vencidos que os sustêm no alto, de cuja derrota eles se fazem grandes; o herói é sempre, mais ou menos, um carrasco; cada alegria é extorquida de um desgraçado, que paga o seu quinhão por conhecê-lo; é um carro triunfal que avança por cima de todos os outros que ficam abatidos ao longo de um caminho de dores. A luta não representa mais que um assalto das forças negativas da vida, a que ela própria freqüentemente fica submissa; representa a sua negação culminante na morte. A vida assim decai e não se eleva. Isto prova como todo ideal de ascensão humana seja falso e absurdo.

Evolução! E quem paga o seu custo? Onde está, na economia da vida, a compensação para um esforço similar? Longínquo e hipotético. O problema da evolução é um problema de energia. Quando, para o dever e a virtude, nos impomos limites, sacrifícios e obrigações; onde e como achamos compensação? A vida não se lança para tentativas de novas criações senão quando há a margem de superabundância de energias e de meios. E deveríamos arriscar um capital biológico precioso e duramente conseguido em semelhantes aventuras com o risco de tudo perder? Evoluir é a mais ousada experiência da vida, na qual se investem e se arriscam todos os capitais acumulados com o perigo de estragá-los; e depois sabemos que, para quem estiver assim enfraquecido, não há piedade. Se perdermos a força, única defesa nossa, a vida nos pune sem perguntar se aquela força a gastamos por um ideal. Não. A luta para viver é um trabalho mais que suficiente para tudo absorver, sem que haja necessidade de acrescentar-se-lhe mais. Não há margem de energia supérflua para isto, e nos raros casos em que possa haver, nós preferimos aproveitá-la para gozar, mais do que para evoluir; o sábio se recusa a lançar-se nas aventuras da evolução. Por que se há de encontrar fadiga para o que constitui uma incógnita? Nenhum homem até agora experimentou o futuro e o que está fora da experiência não merece crédito. A vida é prudente e a sua prudência ensina a não conceder antecipações de confiança. Quem garante que o seu resultado valha a fadiga que custa? A dura experiência ensinou ao homem a desconfiança. Ele não possui reservas e recursos que possa dissipar em especulações espirituais. É melhor não tentar o ignoto. Tudo em torno não é senão mistério que pode conter infinitos perigos. É melhor não sair das velhas sendas que, embora pequenas, são conhecidas e seguras; melhor é desinteressar-se das grandes coisas, tanto se sabe que não são feitas para o homem comum, que não está preparada, nem encaminhado para elas. Esta, embora seja a psicologia do involuído que se fecha no seu egoísmo, é a única que oferece segurança.

Mas, que liberdade! O homem está adaptado e apto para esta vida terrena que é a sua, com suas alegrias e dores e outra coisa não quer. Para que voar quando não se sabe voar, quando tentá-lo é perigoso e para tanto não se tem nenhum desejo? O involuído não sabe o que fazer do paraíso dos místicos, das glórias do herói, dos triunfos do gênio. Essas ascensões vertiginosas perturbariam a sua consciência. Ele sabe contentar-se com alegrias bem menores, seguras e ao alcance de sua mão, sem necessidade de grandes fadigas Ele diz: — "Há um limite para o conhecimento e a conquista. Respeitemos o limite, não nos arrisquemos, não dissipemos em pompas e grandezas de super-homens, contentemo-nos, permaneçamos no certo, nunca antecipemos nada por simples confiança". Não são belas estas palavras cheias de bom senso?

Que evoluídos e super-homens! Loucuras. A humanidade é feita de almas pequenas, míopes, fracas, apegadas a coisas pequenas. Cada um tem o que lhe basta para o seu pequeno drama da vida, da sua dor a suportar, do seu problema a resolver, do seu destino a cumprir. Ninguém sente a necessidade de trazer para casa o super normal, o mistério, os enfados e os perigos das ascensões espirituais. Está fora de propósito propor um esforço evolutivo, um aumento de fadiga, o peso dos ideais, do dever, da virtude. Para evoluir é preciso sofrer e já se sofre demais! Qual sofrer! A vida, ao contrário, quer gozar. Por que se deveria ir contra isto, que é o seu instinto fundamental? Quando a vida alcançou os seus fins, ela se recusa a tentar novos caminhos e a cumprir novos esforços. O normal está satisfeito no seu mundo, acha nele tudo o que deseja e não faz caso da evolução. Aliás, que faria ele num mundo sábio, no qual fosse eliminada a sua principal ocupação de subjugar na luta o próximo para submetê-lo, no que encontra a sua alegria! Que faria ele num mundo melhor, não sabendo fazer nada melhor? A sua miséria e baixeza, as rivalidades dos atritos já se tornaram ingredientes naturais da sua vida, fazem parte do equilíbrio desta, certas resistências estúpidas lhe

são necessárias. A libertação alteraria aquela certa ordem que de qualquer modo se formou entre as forças da sua existência no seu plano. Muitas vezes houve pobres que tirados da miséria a que estavam habituados, se sucumbiram por isso. Demais, para evoluir há de se ter tanta vontade, audácia, tenacidade, esforço, inteligência, e quem dá ao homem tudo isto? Mas como pretender que estes escritos incendiários possam sacudir o animal humano que, por hábito milenário, está curvado na terra onde está o seu pasto? É natural que ele não compreenda e jogue para longe essas fastidiosas questões e torne a olhar para a terra onde estão todas as suas alegrias das quais não pretende abrir mão. O mundo do evoluído é para ele super-concebível, que não lhe desperta nenhuma ressonância, nenhum desejo. É inútil mostrar a um jumento os quadros de Rafael. Estes não lhe dizem respeito, estão fora da sua órbita e ele voltaria para a sua cocheira. E para ressurgir no espírito, coisa longínqua e incompreensível, teria o homem de enfrentar a consumação do corpo até à morte, daquele corpo que para ele é toda a vida? Loucuras.

Mas quando o evoluído pretende escapar da dor, escapará de verdade? Como escapará se a sua vida é a mais espinhosa, se é toda feita de renúncias e de dores? Que vida é a sua, se se baseia na destruição de tudo o que é humano? Começa-se não com um abrandamento, mas com um redobrado peso de sacrifício. A dor fica, aumenta até; a evasão é um sonho, ninguém foge. Começa-se mal e a coisa ameaça acabar pior. Como se pode pretender que gente de bom senso siga semelhante caminho? É natural que ninguém pense assim. As ilusões da terra podem ser ilusões, mas também o são as do céu e então tudo dá na mesma e uma coisa vale a outra. O evoluído diz que vence. Mas vence verdadeiramente? A vitória vem depois da morte, no mistério, em um mundo muito problemático. E se, ao contrário, ele perde? Quem controla tudo e nos assegura algo? Quem nos indeniza dos danos? Que lástima então haver-se sacrificado por nada! Ao menos quem gozou, gozou e isto conquanto seja pouco, ninguém lhe pode tirar, seja o que for que depois aconteça no futuro. É tão intrincado o problema da vida! Nada há de seguro. Tem razão então o epicurista em arrancar os maiores prazeres que possa desta vida avara. e amarga, em querer gozar logo, haja o que houver depois. Há uma lógica e que lógica na sua filosofia! E, depois, tanto para o evoluído como para o involuído, tudo tende a resolver-se na dor. O gozo será uma alegria roubada; mas dado que outra coisa não é possível obter e que uma felicidade completa e eterna não é alcançável, faz-se o que se pode. Enfim, tudo é ilusão para todos. Se a evolução, em lugar de uma alegria longínqua e hipotética do lado de lá, com uma barreira de dor maior, oferecesse logo uma alegria vizinha e segura, acima de tudo segura e sem aquela barreira, é natural que todos correriam para ela. Mas essa evolução se opõe à natureza humana e aos seus instintos fundamentais. Lógico é que, assim, seja evitada, pois que não oferece senão fadiga e dor. Dessa mercadoria temos superabundância. Formou-se a natureza, humana para ser levada à alegria. Como se pode pretender que vá para uma alegria que, ao menos nos seus primeiros graus, é feita de dor? Esse é um contra-senso inaceitável. É natural que o homem ache que a evolução é extremamente repugnante. Nem é sua a culpa se o mundo e ele próprio foram construídos assim.

Mas, enfim, somos feitos de estômago. Para que negá-lo? As nossas principais funções são animais, não espirituais. O corpo, se o temos, templo para o gozar, não para atormentá-lo ou sufocá-lo. É verdade que, à força de experimentar com esses meios e nessa linha, um dia nos cansaremos e a humana insatisfação procurará algo, além. Mas que importa o amanhã! Somos positivos e atentamos no que é hoje e hoje é assim. Que nos importa se num dia longínquo virá um reino do céu, onde impere o bem? Hoje vivemos no reino da terra, onde impera o mal. Já que aqui estamos e não escolhemos para aqui vir, devemos aprender a saber viver neste reino do mal. Mas que heroísmo haveis de pretender desses homens que não são mais que ventres ambulantes! A maior parte das pessoas, a parte sã e equilibrada da sociedade, nem cogita desses problemas. Ela é como Deus a fez, carne que vegeta. As vezes aparece aqui ou ali uma pequena chamazinha de espírito, mas é logo utilizada com bom senso, para fins práticos e utilitários! Sim! Há os ideais, mas exatamente porque se tornam utilíssimos para enganar a gente. Quantos não se fazem seus intérpretes e divulgadores com esse fim! É tão lógico isto, tão justificado, em um mundo utilitário como o é o nosso! Tudo deve servir para dominar e para tanto os ideais são utilíssimos. Assim, é natural que cada um sustente só aquele ideal com que se pode enaltecer, condenando-se os outros, desde que tudo deve servir para si e não para os outros. Também é natural que dos princípios do bem se haja de fazer estrita observância da e execução, sobretudo nos outros; que a aplicação da virtude comece sempre neles, para, assim, serem facilmente subjugados. Há as

religiões, dádivas do céu, para guiar os homens para a salvação. Mas nesta baixa atmosfera terrena, se querem sobreviver, também elas tiveram que se adaptar à baixeza humana que, aqui embaixo, queira-se ou não, é a mistura de todas as coisas. Não é conveniente destruir essa acomodação que é resultado de um trabalho milenário de tantas gerações e que corresponde ao fim, que aliás não é facilmente alcançado, de tornar suportáveis na terra as utopias do céu. Não falemos de tantos espiritualismos, reduzidos hoje a um aristocrático esporte de moda, a um substituto erótico, para distração de salões.

Dizeis vós, idealistas, que possuís a verdade e a anunciais ao mundo. Mas que verdade? Ela é bem diversa nos fatos. O mundo possui uma verdade sua, e bem diversa. Na terra ela é simplíssima: destrói-se quem a contraria e dela discorda. A verdade está em que o vencedor tem razão e quem perde está errado; possui a razão só pelo fato de ter sabido com a força fazer calar o mais fraco. Este não tem mais voz, não pode mais falar, é inútil, enfim, que ele tenha um pensamento próprio. A vida discute, despedaçando; faz calar, estrangulando. Lógica estridente. As proposições do raciocínio constituem outros tantos golpes e se alcançam as conclusões esmagando o antagonista. Método persuasivo. O direito de ditar lei e fazer as normas compete ao vencedor; dele é o direito de fazer a verdade a seu modo e a vantagem de impô-la. A única verdade dominante na terra é a do vencedor. Não existem verdades absolutas e universais, mas só particulares, relativas aos interesses de quem possuí os meios para impô-las, são feitas por ele e para ele. Será esta a lógica da besta, mas o vencedor com qualquer meio, aquele que há demonstrado ser o mais forte, é o que verdadeiramente tem razão na vida. Ele representa a verdade, e por quê? Somente porque venceu. A obediência lhe é devida, pertence-lhe de direito. Segundo a lógica animal do plano biológico humano, compete-lhe a fixação dos valores. A vida procura o vencedor e tudo lhe concede porque dele espera tudo. Biologicamente a verdade é a afirmação egoísta do próprio eu. Por que se deve condenar e combater o egoísmo num universo egocêntrico por sua própria natureza, no qual tudo vai ter a Deus? Não é o homem feito à sua imagem e semelhança? Pois bem, na sua pequenez, ele o imita. O homem que, com qualquer meio, triunfar sobre todos, será o herói e virá a ser deificado. Os vencidos beijarão seus pés Esta é a lei da terra. A ele pertence o direito de ter razão e de fazer a verdade, de modo egoísta e exclusivista, deus da luta e da vitória, intransigente e ciumento como o antigo Deus da Bíblia. Uma vez, também, o Deus único era feito assim. Pois bem, igualmente o homem pode ser feito assim, conforme as mesmas leis. Diante dele a vida prostra-se e adora pelo mesmo princípio único do mais forte; princípio que na fase involuída o homem aplicou a si como a Deus, a quem o homem faz à própria imagem e semelhança. Os mais fracos, os vencidos, ficam verdadeiramente persuadidos, nesse mundo, que o mais forte, o vencedor, é o melhor e possa, enfim, representar a verdade. E ainda em nossos tempos, igualmente involuídos, o vencedor com o poder da imprensa, do rádio e de todos os meios de divulgação do pensamento, tem razão pelo simples fato de ter sabido fazer a coisa e por ter demonstrado, assim, ser o mais forte e o mais esperto. Basta isto para que ele adquira o direito de lançar as idéias que mais lhe convêm, não importa que tenham ou não qualquer valor ou significação, e de incutir nas massas as verdades que quer, não importando redundem em proveito ou em malefício. As massas não possuem idéias próprias, não compreendem por si mesmas, nem distinguem qualquer verdade, estão indiferentemente prontas a aceitar tudo; aceitar enquanto debaixo delas haja a do vencedor, a real, aquela que as massas bem compreendem por instinto e pelo que lhe dão razão, aquela que está debaixo de todas as verdades e que as sustenta, isto é, o fato de que aquela e a voz do mais forte, daquele que venceu. Eis a verdade.

Esse é o mundo real, sólido e resistente e o querer refazê-lo constitui verdadeira loucura. Se está feito assim, é sinal que assim deve ser feito. Uma das provas está em que não se deixa mudar. Não pode dar-nos altruísmo, porque está construído sobre o egoísmo; paz, porque se baseia na luta; verdade, porque é feito de mentira. Não peçamos a esse mundo justiça, porque nele reina a força, nem uma economia de justiça, porque nele os bens vão naturalmente às mãos dos maiores ladrões. Como pretender ordem e disciplina se nesse lugar o maior merecimento está em rebelar-se e estar na oposição? Esse poderá ser o reino do mal. Mas onde está o reino do bem? Sim! Consumir-se-á o justo no caminho do dever; não obstante, tudo acabará em destruição. Inútil. Tenta-se o vôo para recair na terra. Procuram-se vitórias, libertação, quer-se sair da prisão da vida e sempre se recai nela. A vida é esta. Inútil debater-se. Além dos seus limites não se pode ir. Ela é tudo para nós. Não se sabe viver senão dela. Idealismos piedosos e ridículos! As grandes verdades não

servem para nada. A vida esconde o seu mistério. Ela age sem falar, sem nos dar explicações. Quando quer, fere como quer, sem nos dizer o porquê. É inútil pensar, não se subtrai nada. O pensamento é uma doença do espírito, o psiquismo do evoluído é uma hipertrofia patológica, um desequilíbrio. É preciso matar o espírito, suprimir o olho da consciência que nos enfada com as exigências morais e investiga tantos males humanos, tão-só para assim torná-los mais sensíveis, sem, porém, saber oferecer remédio. É inútil pretender poder e saber intervir num mundo de leis fatais. Tem razão a nossa civilização que tende a nos estupidificar com a mecanização da vida e a nos barbarizar completamente, cientificamente, com todos os meios da técnica e da razão. O pensamento desenvolve-se para acabar providencialmente suicida. A inteligência superior que nos conduz para fora da realidade terrestre não só não serve, mas é um perigo para a vida. É preciso vencer no plano material onde hoje está toda a vida. Vencer de maneira mais elevada não tem sentido; é inútil para quem deve viver na terra. Importa resolver primeiramente os nossos problemas imediatos e depois os do universo, que estão longe. Este deve estar em função nossa e não nós em função dele. Melhor, pois, é não pensar, não revelar, não descobrir. Tanto assim é que os resultados da ciência não servem senão para destruir. Melhor é gozar. Tudo o que existe vale tão-só enquanto serve ao nosso prazer. As grandes coisas do espírito estão afastadas, as pequenas da terra estão perto. Na prática, estas são as maiores, porque estão vizinhas. E preciso nutrir-se, viver e gozar. Há tantos meios para gozar e olvidar! Quando tu, que queres subir, tiveres gasto todas as tuas energias pelo ideal e ficares abatido na terra, o ideal abandonar-te-á, a vida rir-se-á de ti, como é natural para com os vencidos, e esmagar-te-á. Besta és e a besta torna à terra. O brado da tua alma é vão. A vida escarnece das tuas explosões. E na luta entre a besta e o anjo, pode acontecer que, em vez de o anjo matar a besta, a besta mate o anjo.

Era tempo de abandonar os sonhos e de não enganar mais o leitor com utopias. Era tempo de dizer esta verdade, mais verdadeira, que além das palavras está nos fatos. As religiões, a cultura, a política, toda atividade material e espiritual, individual e social, tudo é uma mentira, um pretexto, um modo de camuflar a luta pela vida em procura do único fim, o próprio bem-estar. Todas essas coisas são astúcias para mascarar com um jogo simulado o jogo verdadeiro. E os ideais fazem parte do jogo. Forma-se assim um consenso universal no desejo de nô-los dar a entender, sem qualquer êxito. Um consenso na mentira, em vantagem própria que daí deriva, está formado e isto basta para constituir a base de tantas instituições. Assim, a autoridade e poder que, em teoria, deveriam ser função e missão, na realidade não são senão meios de exploração. Não se explicaria de outro modo como as posições de comando são tão cobiçadas e se travem tão ásperas lutas para conquistá-las. Isto não se faz por certo, por amor ao próximo. É assim que autoridade e poder muitas vezes são parasitários, não obstante aqueles que os detêm procurarem dar a entender serem úteis, protetores e produtores insubstituíveis, justamente porque só assim podem, aparentando função e missão, justificar suas posições. Se depois os ocupantes do poder caem, fica-se deveras surpreendido pela verificação de que as coisas prosseguem igualmente mesmo depois de desaparecidos os tidos como insubstituíveis.

Assim se prega fé, honestidade, ordem, confiança, sacrifício, altruísmo, porque são úteis para o domínio. O ideal verdadeiro é o rebanho a mugir, rebanho passivo que se comanda com menor esforço. O próximo não é um irmão, mas um inimigo. O próximo que mais se ama é o mais imbecil, é aquele que é mais facilmente vencido. Qual fraternidade e amor! A vida é rivalidade desapiedada. Para alcançarmos um posto devemos tirá-lo do vizinho. Ao menos confessamo-lo, não mentimos, temos a coragem de jogar com cartas descobertas. Se Deus existe, Ele está no céu; por certo que não está na terra. A sua ordem, harmonia e bondade não estão aqui embaixo Ele está longe de nós e nós d'Ele. É preciso saber viver sem Ele. Chamais-nos de involuídos? Pois bem, este é o nosso orgulho. Somos feras, mas fortes e audazes como as feras. É com a força que o homem conquistou o mundo e não com a piedade. Seremos demônios, mas também é grande a nossa força e belo este nosso poder selvagem. Esta é a vida do nosso nível e como tal a aceitamos. E, com alegria, pomos o calcanhar sobre a cabeça do idealista que, traído por seus sonhos, cai na terra desfalecido... Temos esse direito, porque no nosso mundo onde vive, ele é um vencido. Esta é a verdade. Hoje estamos na época da liquidação dos idealistas, liquidação dos que crêem em qualquer coisa que não seja o próprio desapiedado egoísmo. É inútil ser forte no espírito. Quem é fraco no plano animal na terra onde está a vida, há de ser esmagado e suprimido. A destruição material, pela guerra, nada é comparável à

destruição maior, que é a das almas. Se há loucos que seguem em sentido contrário, pior para eles; tão logo estejam cansados, acabaremos com eles. Quem pretende sair dos limites assinalados biologicamente, do ataque e da defesa para sua vantagem, para se gravar, então, com o peso inútil do ideal, biologicamente passivo, luxo inadmissível, vai contra a vida e justo é que esta o elimine.

A verdade destas afirmações é evidente, muito mais do que as elevadas construções dos volumes precedentes. Muitos leitores regozijar-se-ão agora ao verificar o arrependimento do autor. E irão dizer: finalmente compreendeu também ele ter errado Não é um espetáculo comum de um autor, réu confesso, reconhecer o seu erro. E assim, tudo caiu de chofre, do grande sonho nada resta, a realidade da vida retomou as rédeas e fez valer os seus direitos, nivelou e devorou a superconstrução tentada Foi uma ilusão, uma mentira. Enfim, a loucura não é grande culpa. A ilusão lubrifica a vida; a terra é lugar de traições. O homem pode encontrar-se em quatro posições: a de vencedor que acredita vencer, do desgraçado que se perde, do imbecil que se contenta, do evoluído que se sacrifica. Pois bem, cada posição se resolve igualmente em uma traição. Também o autor foi traído; é natural. Mas, dessarte, desceu do céu e compreendeu uma realidade que antes lhe escapava, sobre a qual ele hoje baseia a sua novíssima concepção da vida.

II

A PERSONALIDADE OSCILANTE E A VISÃO DE OUTRAS VERDADES

Qual é a significação do capitulo precedente? Que é que aconteceu? Arrependimento, evolução, contradição? será outro o autor que fala? Que significa no lógico desenvolvimento construtivo resultante dos volumes precedentes, essa tão diversa voz destruidora, que lembra Nietzsche e parecida com a do mal? Ela exprime uma mentalidade que se encontra nos antípodas daquela dos escritos anteriores, uma psicologia não de quem se eleva, mas do homem que se encerra no seu egoísmo e tudo encara em posição egocêntrica. Como, depois de tanto caminhar, encontramos aqui, aceita e levada a primeiro plano, como verdade, a filosofia do involuído?

Observemos o fenômeno. Não podemos, por ora, demorar-nos na refutação das observações precedentes. Somente o leitor superficial pode vir a ser persuadido. Basta aprofundar um pouco a questão, para obter pontos de vista e soluções diversas e mais satisfatórias. Essas são dadas a cada passo nos volumes precedentes, dos quais este é a continuação. O problema que agora se nos defronta é o de explicar como o autor possa ter possuído, seja mesmo naquele breve tempo, uma verdade tão diversa da sua habitual, como lhe puderam parecer verdadeiras por um pouco as vias da descida, em vez daquelas da ascensão, em que geralmente se move. Assim, é bom esclarecê-lo, as páginas do capítulo precedente não constituem ficção literária, mas foram verdadeiramente sentidas como verdade, por quem aqui escreve. Devo também explicar que falo de mim mesmo na terceira pessoa, pois que me separo completamente do meu caso, que observo, destacando-o de mim e tornando-o independente, como se o fenômeno se passasse com outra pessoa. Para compreendê-lo me é necessário saber mudar a posição psicológica, observando as coisas sob diversos pontos de vista. Agora o problema está em conhecer como uma mesma personalidade possa existir sucessivamente em diversos planos do concebível, tomar deles exata consciência e chegar, enfim, à visão de outras verdades. Para chegar a isto é necessário, primeiro, compreender o fenômeno da personalidade oscilante.

Os fenômenos biológicos são rítmicos. A onda, segundo a qual a trajetória do seu desenvolvimento caminha, desenvolve-se por vértices e depressões, por máximos e mínimos de intensidade e, períodos de

atividade e de repouso. Essa é uma lei de oscilação que já observamos no desenvolvimento e decadência das civilizações, no nascimento, juventude e senilidade-morte do indivíduo etc. Tratando-se de um sistema de forças equilibrado, há de haver proporção entre as duas fases que, se são opostas, são, também, complementares. É natural, enfim, que quanto maior é a altura atingida pelo vértice da onda, tanto maior é a profundidade da sua descida. Ora, as superiores realidades do espírito não se atingem senão nas horas de graça, em que a vida oscila de tensão e potencial até alcançar o ponto mais alto da evolução atingida, isto é, no período de máxima intensidade psíquica, no vértice da onda; período ao qual deve, depois, seguir a descida da luz nas trevas, um precipitar da consciência, o desabar de um mundo. O ciclo completo resulta do período evolutivamente elevado, da afirmação, e o baixo, da negação. De resto, a consciência não é fenômeno constante e, segundo o princípio da dualidade que rege tantos fenômenos, compõe-se da sua fase lúcida e da obscura, que se completam reciprocamente, com funções opostas, a primeira de intuição sintética, a segunda de elaboração analítica e de controle.

Assim, as grandes verdades e os ideais representam uma alta meta longínqua, uma antecipação da evolução, a ser atingida acima da realidade biológica em ato; representam mais o futuro que o presente, e o cântico do futuro é um som débil no presente. Para ouvi-lo é preciso aguçar a audição psíquica, é preciso levar a própria consciência até ao alto potencial e às altas freqüências de onda, somente nas quais se podem perceber as grandes vozes longínquas. Para antecipar o futuro biológico, para registrar a visão do mundo espiritual do futuro, é preciso atingir a alta tensão nervosa que abrasa e esgota. Só quem vive esses fenômenos pode compreender que dinamismo biológico e que ímpeto de sensações eles representam; porém, se eles o enchem de entusiasmo, dando-lhe na hora inspirativa o senso de uma inusitada plenitude de vida, deixam-no, depois, desfeito como incinerado pelo incêndio vivido. Não é o espírito que se cansa, a parte do ser que está no ápice da zona evolutiva, mas é a parte orgânica, inferior, que está situada no fundo dessa zona evolutiva. Cansaço pelo trabalho da catarse que mais sensível é onde a vida vem a ser abandonada, embaixo, em correspondência com a que paralelamente é conquistada no alto. Mas o equilibrado dualismo do fenômeno não se faz sentir só nessa direção. Pela mesma lei de equilíbrio e dualidade, esse estado de hipertensão deve depois compensar-se em um estado de hipofunção, isto é, o período de alto com o de baixo potencial. Assim, à alta tensão que, prolongada, queimaria o organismo físico, segue um período de relaxamento e de repouso. Tudo isto é lógico e de acordo com leis da vida.

Um tipo normal, em geral, é evolutivamente inerte e estático, equilibrado, portanto, estavelmente na sua fase animal e não na fase de transformação intensa; não é lançado para formas de vida mais elevadas. Não se ressente, enfim, de oscilações e desequilíbrios que, se podem parecer anormais, são os verdadeiramente criadores. O tipo corrente, que não toca as alturas do espírito, não pode, mesmo, cair nesses estados de depressão, que são bem outra coisa do que patológicos; somente quem não compreendeu o fenômeno pode fazer esta afirmação. Para o homem comum, as oscilações da onda são levíssimas, a sua consciência se mantém mais ou menos estática no mesmo nível e, portanto, a sua visão é constante, de uma realidade que assim lhe aparece única e sem contradições. A sua inteligência não tem oscilações entre o supernormal e o subnormal. Ela é para ele quase exclusivamente o instrumento da luta pela vida, e esgota a sua função na defesa do corpo. Ele está armado para esta e não para as conquistas biológicas, construído para conservar-se tal qual é, mais que para se arriscar nas grandes aventuras da evolução. Ele é mediocremente inteligente, mas o é, mais ou menos, constantemente, a todo momento. Ele não encontra na experiência das suas sensações esse fenômeno de oscilação, devido a posições de transição e a tensões criadoras que estão fora do seu campo biológico.

A verdade do capítulo precedente é, também ela, uma verdade, mas exclusiva do mundo inferior da terra. O autor a sentiu verdadeira numa hora de baixa tensão, na qual ele viveu naquele plano evolutivo. Isto nos antípodas das horas inspirativas em que ele pôde, ao contrário, sentir e registrar as verdades superiores do espírito, as que fazem parte do futuro da evolução, expostas em ***A Grande Síntese***. Ora, se essas oscilações de potencial nervoso e psíquico não estão corretamente adaptadas para ajudar na luta pela vida, todavia são condição necessária para atingir planos evolutivos mais altos, de onde os normais, equilibrados no seu plano, são excluídos, ao menos até alcançarem superações biológicas no futuro. Se essa oscilação

pode ser também dolorosa pelo permanente sentido de tempestade que dá a vida, pelo contínuo acúmulo de criações e de ruínas, num estado de elaboração ascensional que, se queima as etapas da evolução, queima também a vida orgânica, todavia, somente assim, por esse excepcional esforço é que pode nascer a possibilidade, de outro modo muito afastada, de atingir diversos aspectos da consciência em diversos planos evolutivos, e, enfim, a visão de mais verdades e o seu confronto. Lá onde o homem comum está fechado na concepção de uma só verdade, limitada ao seu plano de vida com poucos elementos de apreciação, em nosso caso podemos obter uma vastíssima escala.

Com o avançar na evolução, essas ondas, em que se acumulam os períodos de luz e de treva, se elevam sempre mais, embora conservando a sua amplitude, o que lhes permite atingir vértices sempre mais altos, avançando assim de conquista em conquista para verdades sempre mais vastas e profundas. O pobre organismo físico segue, arquejando, esse vertiginoso curso de ascensão que se faz cada vez mais cerrado e dessa forma, para adaptar-se às novas exigências da vida impostas ao espírito, também ele deve sofrer a sua catarse. Mas essa, por sua vez, permite ao espírito avançar sempre mais, pois que devendo arrastar consigo um corpo ao qual está ligado, este, transformando-se pela adaptação, torna-se sempre menos inapto para a respiração nas altas atmosferas rarefeitas e à vida de alta potencialidade. Quem escreve fala de experiências vividas, por ele controladas experimentalmente cada dia, pois que esta é a grande aventura biológica que forma o conteúdo da sua vida. Trata-se todavia de sensações e experiências intransferíveis de homem para homem e quem não se encontra nessa posição evolutiva não pode experimentá-las. Por isto, elas fogem à ciência positiva de hoje.

Assim se explica a contradição entre a verdade exposta no capítulo precedente e as que nestes escritos foram expostas anteriormente ou o serão depois. A contradição é dada pelo contraste entre posições diversas, o que é coisa tão natural que normalmente constitui a base da percepção. Só assim se podem perceber verdades evolutivamente futuras, a que a maioria chegará somente mais tarde. Mas justamente porque o autor não é estático em nenhum plano, nem mesmo no alto, a sua consciência pôde completar a oscilação que o levou ao máximo de depressão da onda, isto é, ao plano da consciência terrena daquele homem que é, ainda em grande parte, animal. Porém não sendo este para o autor senão o ponto mais baixo da sua oscilação, o próprio fenômeno o leva logo a remontar aos planos mais Altos e à sensação e afirmação de verdades superiores. Ao leitor oferecemos, justamente, junto à análise do fenômeno, a possibilidade de assistir a essa retomada ascensional de consciência. Veremos, assim, no desenvolvimento conceptual que segue, reconstituir-se lentamente a tensão e reaparecerem sempre mais nítidas e vizinhas as verdades do espírito, de que se havia afastado, apenas, por um momentâneo colapso. O exame de tal desenvolvimento constitui o esqueleto deste volume, cujo andamento por isso é ascensional; será assim, a exposição de ângulos visuais progressivamente salientes ainda que, mais adiante, acabado o estudo do fenômeno psicológico, não nos ocuparemos mais da causa que o determina, mas somente de pôr em evidência o seu resultado conceptual.

Veremos, dessa maneira, uma verdade continuamente progressiva, que se eleva, aos poucos, até o vértice em que contemplaremos no seu conjunto o Criador e a Sua criação, para descer, depois, aos problemas particulares, da síntese a análise. Isto porque a consciência não pode se manter longamente na alta tensão da síntese máxima e deve, depois, relaxar-se para repousar nas menores visões da análise. Na ascensão, o espírito aponta para a unidade, o absoluto, com concepções sintéticas; na descida, ele vê, mais que o conjunto, o particular, o relativo, com concepção analítica. No fundo ele não faz mais que percorrer, ao longo da escada da evolução, o caminho de ida ou de retorno que o ser percorre ascendendo para Deus ou descendo d'Ele. Nesse caso particular que agora observamos neste volume, vemos refletido o esquema da estrutura do universo, o que confirma quanto dissemos muitas vezes, que ele está construído por esquemas únicos, de modo que o esquema máximo Deus-universo, o vemos reaparecer reproduzido em todo caso menor e em toda altura. O crescendo conceptual que se seguirá não é, enfim, mais do que a expressão da maior lei da vida, que é a ascensão de todos os seres para Deus.

Mas se esta é a meta, para a qual se caminha, pela própria mutação das visões que se obtêm na

ascensão, poderemos dar-nos conta da relatividade da nossa verdade. Não dizemos, com isso, que não exista uma verdade absoluta e que ela mude à medida que progredimos. A verdade absoluta existe, mas o que muda é a nossa percepção dela, é o aspecto subjetivo daquele fato objetivo. Assim é que para cada plano evolutivo que atravessamos, achamos para nós uma verdade relativa diversa, dependente do nosso ponto de vista e da sua variação. Essas verdades relativas parecem contradizer-se; entretanto, completam-se. É preciso compreender esse conceito da relatividade das nossas verdades, que estão em função do ponto de vista dado pela nossa posição ao longo da escala da evolução. A verdade absoluta, total, completa, nos escapa. Ela está em Deus, não no homem. É a visão contemporânea de todos os pontos e posições ao longo da escala da ascensão. O homem situado no relativo não pode perceber mais que uma verdade particular e relativa, aproximada e progressiva, mas, justamente por isto, em movimento e relacionada com a outra, que é absoluta e imóvel. O homem não pode, dessa forma, compreender, se não por sucessivas aproximações, a mesma única verdade que está somente em Deus.

Dessa maneira, todo plano tem a sua verdade, a qual na sua forma relativa continuamente se retifica e aperfeiçoa. Assim uma forma que em dado nível pode ser justa pode tornar-se injusta em outro mais elevado. Os valores e, pois, os juízos são diversos nos vários planos. Quem é sábio no plano da matéria, pode ser tolo no do espírito e ao contrário. Dessarte, um não-valor pode se tornar um valor máximo e ao contrário, segundo a altura evolutiva da qual é observado e o mundo ao qual ele se aplica. É assim que se explica a inversão evangélica dos valores. O que na terra é dor e derrota, mais no alto pode significar redenção e salvação. Evoluindo, o valor das coisas muda, como muda a verdade da qual ele depende. O corpo pertence a um mundo, o espírito a outro plano de vida. Eles têm duas verdades e leis diversas O antagonismo que está em nós, quando o espírito é forte, pode assumir violência tremenda. São duas vidas em luta, na qual a mais poderosa vence. Na maior parte dos casos, o espírito dorme e, se acorda, é para o serviço do corpo. Mas no caso contrário, em que o espírito domina, nascem tempestades apocalípticas que o homem comum não imagina.

A psicologia do capitulo precedente é a terrena, é a do involuído que ignora as leis da vida, que está cego diante da grande harmonia do universo, que é incapaz de agarrar as maiores forças que lhe fogem, que está fechado em uma pequena verdade limitada ao plano terrestre animal da evolução. Para poder fazer confrontos e dar-se conta de uma parte maior da verdade universal, o autor devia conhecer também aquela, atravessando-a toda, mesmo que fosse por um momento. Somente essa sua possibilidade de ter consciência em planos evolutivos diversos lhe pode permitir coligar as diversas verdades e levar para o plano humano verdades próprias de planos superiores, que naquele momento parecem erradas ou parecem ser utopias, com isso se pode ajudar a evolução, antecipando verdades que hoje estão ainda evolutivamente longínquas, próprias de um futuro biológico não ainda alcançado. O produto da vidência de alta potencialidade pode ser imitado nas concepções mais turvas e menos ativas do plano de baixa potencialidade ou de cegueira relativamente àquela vidência.

É natural que a verdade mais baixa se revele feroz e infernal quando vista de um plano mais alto, enquanto pode parecer justa para quem, por evolução e sensibilidade, está proporcionado àquela ferocidade. Assim se explica como a terra pode se assemelhar a um inferno aos mais evoluídos e como, da terra, o céu pode parecer utopia; e explica-se como a verdade inferior, que parece tão verdadeira no seu plano, caia para o absurdo, tão logo fique em contato com realidades superiores. E que faria a primeira por si só? Permaneceria sem esperança, sem futuro. E esse futuro está fatalmente implícito na instintiva insatisfação humana que exprime o impulso da evolução e quer, cedo ou tarde, que tudo seja superado. A vantagem está em saber achar a passagem da verdade inferior para a superior e essa é a função e missão dos mais evoluídos, condenados a viver no inferno terrestre. Trata-se de passar para mais elevadas formas mentais e nisto só pode consistir o progresso para mais altas civilizações.

A medida que se evolui, a vida torna-se mais vasta e potente, se ampliam os horizontes do conhecimento e, portanto, do domínio. O involuído vive, dia a dia, das pequenas coisas imediatas, imprevidente, impulsivo, sem sabedoria e sem senso. O evoluído domina a vida, sabe e calcula causas e

efeitos longínquos, é previdente, reflexivo, sábio e sensato. O campo do seu conhecimento e, portanto, de seu domínio, é muito mais vasto. Ele sente, enfrenta e resolve problemas dos quais o involuído não cogita. Este nem mesmo suspeita a presença de um mundo imenso que está além da sua pequena consciência. Nele há algum germe, apenas assinalado, não ainda conquistado, perdido no inconcebível. Se bem que ele não compreenda tudo o que o evoluído faz e diz, ainda assim este tem muitas coisas a dizer-lhe, porque ele vê onde o outro ainda não vê e está mais adiantado no caminho da evolução que todos devemos percorrer. Ainda que estranha, incompreendida e desprezada, a palavra do evoluído tem o valor e a potência de uma revelação, porque manifesta novas zonas do pensamento do universo, traz para a luz o que está recôndito e descobre o mistério. E o saber nos guia ao poder. Conhecer os porquês da vida, possuir a solução dos problemas, agir com ordem, em vez de ao acaso, orientado e não desorientado, representa uma posição de grande vantagem também para Os fins práticos da defesa e da conquista. O involuído que se apoia na força não sabe que o pensamento é o maior poder, capaz de vencer a própria força. Esta é obtusa por si mesma, é um desencadeamento brutal sem rendimento, perdendo-se em erros e atritos. E a inteligência vence. O pensamento é criador e, pertencendo a planos mais altos, domina tudo o que lhe está abaixo porque, evolutivamente, inferior. O poder que procuramos com tanta fadiga na terra vem a nós espontaneamente assim que saibamos subir.

Dessa maneira, o evoluído pode representar, em favor dos involuídos, uma verdadeira função biológica, antecipadora e criadora de valores. A vida o produz para esse fim e lhe confia a correspondente missão. Desse modo, ainda que o seu sacrifício pela utopia possa parecer tolice, é sempre um testemunho necessário para dar impulso à vida. E se esta o deixa morrer, é somente para fazê-lo frutificar. Assim a vida salva a melhor parte e para seus fins universais consegue o rendimento maior. Desse seu método de agir se conclui qual a importância dada à evolução. Se nenhuma posição é criadora mais do que a do macho, ninguém mais do que ele se arrisca a ser esmagado. E ninguém é mais macho do que o evoluído, que representa a potência ultra-viril do pensamento, a função criadora e diretriz, colocada na direção da ascensão, sem a qual as outras duas grandes funções da vida, a conservação e a reprodução, tornar-se-iam estéreis.

A evolução tem os seus arautos que ela manda à frente, armando-os mais do que os normais, a fim de que tentem o ignoto com risco e perigo seus. A natureza não os protege exteriormente, modificando o ambiente para eles, mas os mune e premune interiormente. A vida faz deles especializados em funções evolutivas, como antenas investigadoras e antecipadoras. Para esse fim, ela produz poucos exemplares de exceção, enquanto prudentemente a maioria se mantém em posições mais recuadas e mais seguras. Ela depois os lança para uma luta que não é a da competição recíproca entre homem e homem para a formação de qualidades humanas, mas é uma luta direta contra o mistério e as forças biológicas, para avançar conquistando campos inexplorados. Assim é que o progresso avança com a colaboração entre os mais e os menos evoluídos. A vastidão e a profundidade aos problemas que o homem se propõe e que resolve, a elevação dos mundos com que ele chega a ser pôr em contato e a viver, são índice de seu grau de evolução. O que significa ainda o grau de autonomia, de poder, de segurança e de felicidade que o homem alcançou. A vida é sempre utilitária e o progresso, que também custa fadigas e riscos, deve trazer uma melhoria A sabedoria e a sensatez não constituem um fim em si mesmas, mas um meio para vir a serem modelo, dado que o poder e domínio não podem ser concedidos senão a quem deles fizer bom uso. É dessa forma que a Lei quer que a vida floresça.

Com a evolução, o jogo da vida, de curto e míope, qual é para o involuído limitado aos planos inferiores, se transforma em um jogo sempre mais amplo e complexo de longas e amplas realizações. O homem, então, passa a viver em função de um sempre maior círculo de seres. A sua esfera de ação se expande no espaço e no tempo, e desce sempre mais profunda para a essência das coisas. O involuído é impotente para viver uma vida assim vasta. Ele não sabe usar senão dos poucos elementos de que dispõe e nada mais. Enquanto ele, assimilando as experiências tão necessárias, não estiver amadurecido para novas formas de vida, delas estará excluído. Ignorando o jogo complexo das forças do seu destino e a técnica do seu funcionamento, ele deverá aceitá-lo sem o compreender nem assimilar, como inexorável fado, enquanto, quem sabe, dele é senhor. Ignorando os fios que ligam causas e efeitos não sabe estabelecer aquelas

conexões que explicam tantos fatos e que para outros permitem a previsão. O homem de hoje ignora a solução dos problemas fundamentais da vida, de modo que possui bem poucos meios para defender-se dos dolorosos efeitos de seus contínuos erros. Estes, dessa maneira, não são resolvidos e eliminados, ensejando venham continuamente sendo semeadas novas causas. O homem de hoje as vai procurando, quem sabe onde, nos outros, também em Deus que chama de injusto, e não sabe que elas estão nele próprio. Ele cria à sua volta um caos, perde toda a confiança na ordem do universo, na bondade e sabedoria das leis da vida, e procura a salvação na psicologia da vantagem imediata. Então resultam posições instáveis, porque usurpadas, desequilíbrios e ruínas, ilusões e dores. A vantagem imediata, o sucesso rápido, e que não foi ganho antes, não pode ser senão traição. Assim, em baixo, há sempre mais o estridor da luta, enquanto, no alto, a Lei exprime as grandes harmonias da criação.

III

EXPERIÊNCIAS EM BIOLOGIA TRANSCENDENTAL

Depois de haver sumariamente traçado no precedente capítulo a direção do nosso caminho e a via ascendente que, à semelhança do grande caminho evolutivo do ser, nos propomos seguir neste livro, é necessário, antes de continuar, completar o que acenamos no começo, com mais exata documentação psicológica do fenômeno da personalidade oscilante entre vários planos de evolução e de consciência com a visão de várias verdades. Esse salto do Eu, do vértice da onda para a profundidade das suas depressões e ao contrário, essa precipitação da alta à baixa potencialidade e a subida em sentido inverso, além da visão dos diversos planos da verdade, quais as sensações que produz em quem vive o fenômeno, como acontece esse fato, como se explica, qual o seu significado biológico na economia da vida? Quem escreve procura documentar aqui, através da própria experiência, o estranho fenômeno por ele vivido, aprofundando assim o complexo problema já tratado da personalidade humana, para o qual enviamos os leitores, indicando-lhes o fim do precedente volume: ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***[4]. Tornar-se-á assim mais aclarado o fenômeno inspirativo, já examinado no volume: ***As Noúres***.

O mundo ideal que o evoluído antecipa nas suas visões não é uma realidade que haja alcançado sua manifestação em nosso ambiente terrestre. Aqui, aquele mundo superior não existe senão como miragem, utopia, no estado potencial de futuras realizações, como é o da árvore no sêmen, isto é o estado de uma coisa que poderá ser, mas que ainda não é. Não existindo em nosso mundo como realidade concreta e objetiva, essas verdades superiores não são suscetíveis de exata percepção e de experimentação, o que as torna irreais, fantasias, ilusão. De fato, na terra elas são uma miragem, uma projeção de uma realidade longínqua, porém, plenamente objetiva em planos evolutivamente superiores e para quem saiba conscientemente encontrá-las. Essas realidades espirituais podem ser então percebidas exatamente e experimentadas, em estados de consciência de alta potencialidade. Então, enquanto o observador fica nessas condições, é possível a exploração daquele mundo ignorado, da mesma forma como é possível com os sentidos comuns, em relação à realidade concreta do nosso mundo terreno. Isto pode ser bem compreensível para todos, desde que não há quem não saiba que tudo o que nos circunda toma uma certa aparência somente em função dos nossos meios sensórios e que, se esses mudam, pode mudar completamente essa aparência.

O método inspirativo ou intuitivo aqui usado por quem escreve, como meio de pesquisa que lhe é permitido por suas qualidades de sensibilidade por evolução, é justamente o que lhe permite atingir conscientemente planos superiores de vida e, num estado supernormal de percepção, levar a cabo

[4] **Cap. XXVII e XXVIII. (N. do T.)**

observações, experiências, crítica e registro das soluções dos problemas focalizados. As melhores páginas de toda a obra, da qual este volume faz parte, foram obtidas com esse método. É verdade que ele não pode ser usado por todos como os comuns meios de pesquisa. No entanto é compreensível a contribuição que ele pode trazer para o conhecimento, esse inusitado instrumento que é metodicamente usado desde alguns anos, numa produção orgânica conceptual, que haverá de ser compreendida somente quando a obra for completada. Tratando-se de um caso de exceção e não tendo a ciência resolvido tais problemas, esse método veio a ser confundido com a mediunidade, com a ultrafania em transe, com o espiritismo etc. Mas aqui não existem fenômenos físicos, nem transe, e o transmissor se funde em colaboração com o receptor numa obra orgânica em que cientificamente é enfrentado, seja mesmo em síntese, o campo do saber humano, para dar orientação e solução aos problemas mais árduos e vitais.

Nada de estranho que nessas condições especiais e com esses meios se haja podido alcançar o conhecimento de outros planos de vida, onde o real e objetivo não é a matéria, mas o espírito, e obter a expressão daquela realidade imaterial que está atrás de todas as formas, que as rege e de que estas não são mais do que a manifestação exterior. É assim que o imponderável emerge do mistério e, visto com os olhos do espírito, assume a solidez com a qual a realidade concreta aparece aos olhos comuns. Então a vida, percebida com outros meios, revela-se diversa e o significado e o aspecto das coisas mudam completamente. O nosso mundo, que a nós se nos apresenta como realidade em face do espirito que nos parece sonho, se torna ilusão enquanto aparece como realidade o mundo do espírito.

Nós nos movemos de fato entre duas realidades, cada uma das quais parece ilusão se observada de ponto de vista diverso. No final do volume precedente: ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***, descrevemos os dois caminhos que levam para as duas realidades, a primeira por direta percepção exterior, a segunda por inversa percepção interior. As chamadas criações do espírito não são mais do que percepções de realidades evolutivamente mais elevadas, registradas por meio dessa percepção interior. Dessa maneira o gênio em todo campo científico, como artístico, sem transe e com potência e resultados que superam aqueles de comum ultrafania, nos mostra haver tido contato com realidades que não são da terra; e as que sempre tocamos com a mão, se observadas com a análise penetrante da ciência moderna, se desfazem no imponderável. Veremos isto melhor no capitulo: "As últimas orientações da ciência". Desse modo a estabilidade da matéria se reduz, no fim, à simples estabilidade dos princípios diretores abstratos que a regulam. Isto confirma o conceito acima exposto da completa relatividade do nosso conhecimento, visto ser óbvio que os axiomas que pomos como base de seu edifício estão em função dos nossos meios sensórios e são dados por um consenso derivado da identidade, ou quase, desses meios. A compreensão entre os seres se dá enquanto e porque são feitos do mesmo modo; de outra forma eles se não compreendem mais. Certo é que há de haver uma realidade última que seja objetiva em si e por si. Mas que ela seja na sua absoluta objetividade, além de todas as formas, o ignoramos. Esta última realidade verdadeira, que está além de todas as aparências relativas, deveria, ao menos, possuir todos os aspectos (objetivos), todos relativamente aos meios de observação, quantas são as reações e reflexões que podem produzir em todas as possíveis formas de consciência. Não vemos, assim que mude o nosso estado físico e psíquico, que o mesmo fato nos produz sensações diversas? E não o julgamos, então, como uma realidade diversa? A absoluta realidade nos escapa completamente. Não somos senão caminheiros no relativo, para nele caminhar sem parada, sem nunca poder exauri-lo. E mesmo avançando em nosso caminho evolutivo, enquanto o campo do nosso relativo não muda, não possuímos nele senão alguma oscilação que serve para experimentar a nossa vida. Verdades definitivas e estáticas, pois, são impossíveis na terra, onde há somente progressivas aproximações do inconcebível absoluto, de que não pode aparecer-nos mais que algum ponto de referência; mas dele, caminhando no relativo, procuramos sempre mais avizinhar-nos.

As duas realidades, exterior da matéria e interior do espírito, são os dois extremos do atual concebível humano, entre os quais ele está fechado e para o qual se move, em ascensão e descida, a observação da personalidade oscilante aqui estudada. Embora, por razões sensórias, a primeira realidade da matéria venha a ser considerada a mais verdadeira, perguntamo-nos a que ficaria reduzida a sociedade humana se houvesse supressão das realidades imateriais, do mundo moral e ideal onde estão o bem e o mal,

o sentimento, a fé, o pensamento, a arte e a própria ciência, produtos que são de um outro mundo que, mesmo perdendo-se no imponderável, não se pode negar que se projete em manifestações bem sólidas e tangíveis também em nosso mundo material. Os símbolos, as bandeiras, as imagens, veneradas representações do imponderável, não são criações ou convenções arbitrárias, mas sinais e formas nas quais a maioria reconhece uma realidade interior, outro tanto verdadeira. Se o consenso não se houvesse formado antes em torno de uma substância interior, ele não seria possível depois em torno da forma exterior que a representa. Certas afirmações de fé coletiva não são artificiais; elas estão além de todo poder humano de criá-las e mantê-las e têm uma resistência que muitas vezes falta na realidade concreta. Podemos até perguntar-nos se não será mesmo essa realidade interior que está relegada entre as ilusões, a que plasma o mundo humano e, através desse, também o físico. Não está, talvez, nesse íntimo imponderável Eu, que tudo deseja plasmar e marcar sem limites, a maior força do ser? Se pudesse, não quereria dar uma expressão própria em todo o universo?

Era necessário, com tudo isso, explicar como as afirmações ideais que iremos expondo respondem, ainda que pareçam utopias, a uma potente e objetiva realidade interior. E esta que em qualquer caso sustém tudo. Sem esta realidade interior, que é a alma das coisas, a forma cai como coisa morta. A instintiva necessidade de evoluir faz com que também o involuído procure essa realidade interior nas coisas, cuja existência somente ela justifica. Em todos está radicado esse instinto de procurar em tudo uma substância espiritual, repelindo-se tudo o que não se torna vivo e vital por essa substância. Somente nisto é que está a potência destes escritos. A base do consenso que se forma e sempre mais se formará em torno deles é dada pelo regozijo de tantas almas ao se encontrarem nesse mundo interior de onde surge a vida. Uma fantasia, criação individual, não mantida por uma completa aderência e maior potente realidade interior, não acharia eco nem correspondência nas almas e ficaria incompreendida e não ouvida. O consenso, além de todo raciocínio, é dado pelo instinto que super-racionalmente sente que aqui não é um homem que fala, mas é a vida universal que responde. É neste mundo interior que quem escreve se colocou e conduz os seus leitores. E estes, inconscientemente, vibram reconhecendo em tantas afirmações eles mesmos, isto é, a própria vida que fala. Eles percebem ter encontrado quem soube exprimir a voz que sentem vagamente ressoar também neles.

O organismo que opera tais percepções e registos é o espírito, situado no plano da realidade interior, no polo oposto do corpo, situado na realidade sensória exterior. Sendo o espírito um organismo imponderável, a sua anatomia ainda nos foge. Podemos todavia sumariamente concebê-lo como uma unidade dinâmica radiante existente em uma dimensão superior à nossa de espaço e de tempo. Trata-se de um organismo de forças equilibradas e hierarquicamente coordenadas, segundo leis que podemos analogicamente deduzir do funcionamento dos outros infinitos organismos do universo, incluído o físico humano. O ignoto pode sempre ser explorado, assumindo como segura hipótese de trabalho a indicada pelo princípio de analogia, porque o universo é unitário, regido por esquemas únicos reconduzíeis a um tipo central único que se repete em todas as alturas evolutivas e em todas as formas e combinações possíveis.

Já explicamos em ***A Grande Síntese*** a evolução das dimensões. Podemos assim dar-nos conta de qual seja o plano de existência em que devemos procurar o espírito. A sua característica principal é o dinamismo. E isto é natural, já que a potência aumenta, com o elevar-se do grau evolutivo. Esta unidade é vibrante. Nisto está a sua vida, o seu modo de existir, nisto está o elemento fundamental da sua individualização. O espírito por sua natureza é teletransmissor e tele-receptor e definível, não por uma sua forma física, mas por uma freqüência de vibrações e por um tipo e comprimento de onda. No futuro a personalidade humana não será individualizada por caracteres somáticos, mas psíquicos. A identidade de cada um será expressa por um diagrama exprimindo o tipo, por trajetória e freqüência, da onda individual. Um novo mundo de radiações, que hoje não imaginamos, invadirá a nossa vida quotidiana. A posição do indivíduo será determinada pelo próprio tipo de vibração, resultante dos pensamentos e atos dominantes, e a convivência social será, em grande parte, um problema de sintonia. Esses são os primeiros passos da futura evolução humana. A nossa existência tornar-se-á sempre menos física e sempre mais psíquica, nervosa, espiritual. Trata-se de uma expansão imensa da personalidade humana que lembra aquela do ser que, da

imobilidade da planta, alcançou a mobilidade do animal, realizando assim a possibilidade de infinitas novas experiências, base de novas amplíssimas ascensões. O ser existe até onde alcançam os seus meios de percepção. Ampliando o campo com o tornar-se sempre mais espírito, alcança-se assim uma imensa expansão da personalidade, que de tal modo agiganta o seu campo de ação e o seu poder de domínio. Quantas realidades, quantas experiências e, com isto, quantos novos meios de elevação poderá amanhã realizar um ser que, além das atuais escassas possibilidades sensórias, poderá alcançar uma telepercepção e uma telecomunicação radiante! Então, os atuais limites do concebível se ampliarão para dar lugar a formas de existências hoje insuspeitas. Os evoluídos, que já se encaminham por esse lado, sentem o corpo mais do que como um meio de expansão e de experimentação, como um limite à vida, como uma prisão de que se deve evadir. A evolução representa, para todos, em todo nível, uma expansão vital.

Procuremos observar sempre mais a fundo essa biologia transcendental, na qual a própria vida do corpo gradativamente evolui para a do espírito, que dela é o resultado e a meta. Podemos fazer isto dispondo dos princípios, dos meios e dos métodos acima expostos. Certo é que essa catarse biológica pode implicar, como efeito colateral e secundário, um turvamento do equilíbrio da normal e medíocre "**mens sana in corpore sano**"[5]. Isto porque a transformação se dá com dano do corpo (atrofia), em proveito do espírito (hipertrofia). Desequilíbrio, porém, feito para se reequilibrar gradativamente em equilíbrios diversos, para atingir o superior equilíbrio de uma nova fase evolutiva. Procuramos dar a documentação experimental de tais fenômenos de biologia transcendental como as vive o autor. No homem de tipo médio, funcionamento orgânico e psíquico se equilibram e o diagrama do tipo da onda psíquica individual exprime uma trajetória e freqüência medianas e quase constantes. A psique esgota a maior parte das suas funções em atividades relativas à vida física do corpo. A personalidade é estática sem saltos evolutivos. Os planos superiores da vida estão, por isto, fora do concebível e da experiência.

Mas logo que, por maturação, ao término de longos períodos experimentais, quando o registro e assimilação dos seus resultados estão completados e há saturação do dinamismo daí resultante, no campo dado pelo organismo de forças que o espírito representa, a que só por maturação se chega, então se inicia um deslocamento de equilíbrio naquelas forças, pelo que o baricentro tende a deslocar-se evolutivamente para mais alto. Esses conceitos espaciais constituem pura imagem, dado que o fenômeno se verifica em dimensões superiores. Substancialmente deve tratar-se de deslocações cinéticas da substância, nas quais ocorrem aqueles registos de experiências que depois formam as qualidades adquiridas, instintivas e idéias inatas, depois inseridas na personalidade como suas características que a individualizam. Não entramos aqui no problema de como somos, assim, filhos dos nossos pensamentos e ações no passado, nem naquele outro, de que já tratamos, do nosso destino, que é a sua conseqüência.

É assim de fato que se inicia a hipertrofia psíquica encabeçando a evolução para aquele determinado tipo. Hipertrofia, porque a vida é uma contínua experimentação que nutre o ser em sentido evolutivo e o que se nutre armazena dinamismo e deve, por isto, desenvolver-se. Mas, pelo dualismo e equilíbrio universais, no polo oposto, isto é, na cauda da evolução, deve atuar-se um correspondente afrouxamento no metabolismo vital, um hipofuncionamento, tendente à atrofia de qualidades e órgãos correspondentes que o exprimem. Tudo isto ficará abandonado no passado, do qual não sobrevivem senão ruínas no organismo físico e no subconsciente. Veremos, mais adiante, que o último elemento da matéria não é mais do que um pequeno feixe de ondas e que, se reduz a uma freqüência ondulatória, a uma vibração. É, pois, uma onda que pode formar a vida e os vários tipos biológicos. Então, a todo salto da personalidade para diante em direção a futuras formas sempre mais psíquicas, a onda individual conquista uma freqüência, um potencial (intensificação cinética e potência dinâmica) e com isto um vértice evolutivo e sempre mais alto. Maior tensão biológica nesse plano, à qual corresponde uma paralela depressão no plano físico. O organismo físico sofre então agonia e morte, gasta-se ardendo, para ressuscitar como organismo psíquico, num processo que lembra a histólise do inseto. O fenômeno foi vivido por muitos pensadores, artistas, místicos e santos, os

[5] "Espírito são num corpo são". (N. do T.)

quais, porém, não se deram ao trabalho propositado de observar introspectivamente com psicologia analítica e orientação científica moderna. O conceito de morte e ressurreição, de sacrifício da vida física para o triunfo da espiritual, é fundamental nas religiões e especialmente no Cristianismo. Se a humanidade o sentiu, fica provado que ele tem um significado biológico universal.

Ora, se nesse processo a vida no plano físico vem a ser sufocada, no plano espiritual ela cresce em triunfo. Isto é totalmente lógico para quem conhece os métodos e a economia da vida: compensação, equilíbrio, sempre criar, não procurar uma renúncia senão para compensá-la com uma conquista. E é justamente nos momentos de graça em que se alcança nesse processo a fase de hipertensão, do máximo da freqüência, que o sujeito pode perceber, por intuição, o que ao equilibrado normal está impedido. Mas pelas mesmas leis mencionadas, a vida deve retrair-se das posições demasiado avançadas que, se persistissem, ameaçariam definitivamente a estrutura, e a retomada é possível somente depois do reequilibro das posições mais embaixo. Assim a tensão deve voltar a descer, seja embora para se elevar novamente mais tarde e, nessas oscilações, as novas posições instáveis devem estabilizar-se gradualmente, depois de haver assimilado experimentalmente todos os elementos constitutivos. Entretanto, por compensação, deve se dar uma queda que é ignorada pelo tipo normal; deve haver uma descida, proporcionada à subida, para um nível inferior ao normal, uma caída em hipotensão, depressão ou colapso, no qual o sujeito é menos inteligente do que o tipo médio. Ele, então, aparecerá como um vencido na luta e o seu caso será tido como patológico. Mas ele não o é diante da vida, que o retomará num lance ainda mais potente, sempre mais no alto, enquanto o normal ficará adormecido na sua mediocridade. Dos dois tipos, somente o primeiro é o verdadeiro vencedor.

Assim a evolução avança para uma progressiva expansão da personalidade, por contínuos ensaios e estabilizações em mais altos níveis espirituais. A oscilação entre máximos e mínimos do concebível não é estéril, porque ela nunca se repete idêntica, mas cada vez toca um vértice mais alto e desce a uma depressão menos baixa. E desse modo todo o sistema caminha para formas de vida mais elevadas. Essa oscilação, se de um lado significa conquistas sempre mais vertiginosas, de outro lado é constituída de quedas pavorosas. Se temos os momentos de expansão paradisíaca, temos igualmente os de desânimo e agonia. Quem vive o fenômeno sente esse respiro evolutivo da personalidade nas duas inversas fases de expansão e contração de consciência. Primeiro um dilatar-se, quase um explodir do Eu além dos limites comuns da vida com uma triunfal expansão de alegria; depois um abismar-se, um precipitar-se, retraindo-se nas formas comuns da vida. Esse retroceder involutivo é terrificante. A superconsciência atingida primeiro, parece desfazer-se em cinza e dá ao Eu uma angústia sem nome, uma sentida saudade do grande bem perdido, como conhecimento, poder, liberdade, num choro salutar porque nele se aninha o desejo criador de novos ímpetos e a necessidade de realizá-los a todo custo.

Então purificado por essa dor necessária, transformado, livre das escórias, tornado digno de novas ascensões, o Eu ressurge de suas cinzas para se lançar sempre para o alto. A elaboração evolutiva consiste exatamente nessas anulações e reconstruções do Eu. Há como que uma desintegração e reintegração da personalidade. Definir tudo isto como patológico é extremamente fácil, mas nada se explica. Entretanto, sendo muito estranho e desejável um estado patológico de que resultam estados criadores de tal porte, seria como definir patológicas as dores do parto. Permanece o fato de que a reintegração da personalidade se processa regularmente e para um nível sempre mais elevado. Para bem compreender, seria necessário introduzir, em biologia, o conceito de evolução das dimensões. Entretanto, parece que, além dessa destrutibilidade de superfície, haja uma mais profunda indestrutibilidade de substância, isto é, que o fenômeno obedeça a uma intima e inesgotável potência criadora das coisas, que está em Deus. Essa potência é mais forte que toda destruição, que não a detém completamente, da qual ela ao contrário se serve para transformar o ser, destruindo a cada passo o velho para reconstruir um novo sobre suas cinzas. No fundo desse respiro destrutivo-criador sente-se a imanência de Deus, continuamente presente e criador, chega-se ao contato sensível com o Seu poder, já que este é que diretamente nos plasma. Só quem o experimentou pode dizer quanto tudo isto seja tremendo.

Assim a alma caminha, entre os extremos da alegria e da dor. No fim de cada volume, pode-se dizer

que para o autor se verifica uma dessas destruições e que cada novo volume exprima uma sua nova ressurreição e elevação para mais altos planos. Atrás da exposição conceptual dos mais diversos temas se esconde esse fenômeno de sua evolução espiritual, com a qual seus escritos estão estreitamente ligados e da qual são conseqüência. De modo que, atrás da exposição dos mais variados problemas gerais, há um fenômeno real, o da sua particular metamorfose que o leva, de um plano biológico, para outro mais alto. Aqui a vida está realmente trabalhando, aplicando as suas leis a um caso particular, para produzir um tipo biológico conforme os seus fins. Desse modo nos encontramos em face de fenômeno que a vontade humana de terceiros não pode deslocar; por isso, toda dificuldade interposta para a divulgação destes livros, e também a sua completa destruição, consumaria um dano para os leitores, mas quase nada para o autor que trabalha, sobretudo, em contato com as leis da vida. Quando ele pode dizer a Deus ter feito todo o possível para cumprir a sua missão, não pode ser tido como responsável do restante. Ninguém pode impedir que haja sacrificado a sua vida para esse escopo e, com isto, de haver cumprido a É sua tarefa, o que significa realizar a sua transformação biológica e alcançar, independentemente de todo ser humano, a mais alta finalidade da vida. Se isto constitui a evolução do Eu mais do que a transformação do ambiente, o que importa é o esforço levado a efeito mais do que a realização alcançada. O sucesso exterior, pode-se dizer, será um produto secundário.

Não haja estranheza com esses desfazimentos de consciência. Esta nunca é um estado fixo, estável, definitivo, mas é um flutuar continuo de formações em evolução. Geralmente, chamamos consciência somente o seu lado afirmativo, isto é, a sua metade positiva, esquecendo que cada individualidade é o resultado composto de duas metades inversas e complementares. A consciência completa tem dois pólos, é dúplice por lei de dualidade, e cada unidade é formada não só do consciente, mas ainda do inconsciente. Assim, se uma parte do Eu funciona como consciência, uma outra parte deve existir e funcionar como inconsciência, coisa bem diversa de um estado de nada, mas é um funcionamento inverso e complementar, subterrâneo, de maturação e preparação, condição do outro. Na primeira posição o Eu trabalha ativamente, projetando-se para o exterior, vivendo no ambiente e o sentindo segundo as suas reações; na segunda posição o Eu trabalha passivamente, projetando-se para o interior, assimilando as experiências, com elas se elevando. Essa elaboração advém de um estado que é de inconsciência em referência à consciência exteriormente ativa, mas que não é senão uma consciência diversa, que assim parece só porque é vista de outro seu polo e ao contrário. Quanto de nossa vida transcorre e o nosso Eu funciona, como corpo e como espírito, sem intervenção de vontade e de consciência! Parte de nosso tempo passa no sono, outra parte de nossa existência está submersa no olvido. Quanto da nossa consciência se aprofunda nas trevas! Ela se apaga toda noite, no fim de cada dia, e no entanto sempre ressurge e se reconstitui das suas próprias cinzas com os sepultados elementos do passado. Toda noite nós nos anulamos no sono e cada manhã nós nos reencontramos como éramos à tarde. Assim, a cada morte, se anula a consciência terrena num sono que não é senão uma morte diversa, a consciência no seu lado negativo, a qual, em cada renascimento, reencontramos tal como a tínhamos antes de morrer. Sempre o mesmo ritmo. Assim, a consciência emerge e se aprofunda, dos céus aos abismos e ao contrário, oscila entre dois mundos opostos para realizar trabalhos complementares. Nada pode anular-se em substância. Tudo continua sempre a viver e a funcionar, a trabalhar e a amadurecer. Não é a memória o único índice de uma atividade cumprida no passado. Quando a possuímos, ela é tão imperfeita que bem pouco prova com fatos. Como se pode pretender, então, que a falta de uma lembrança precisa constitua uma prova contra a nossa existência em vidas precedentes? Como se pode pretender que além de uma lembrança intuitiva, que permanece, mesmo para quem sabe percebê-la no espírito, permaneça ainda uma lembrança cerebral e sensória, quando cérebro e órgãos sensórios foram destruídos?

É surpreendente observar que enorme trabalho é feito nos períodos de sono e de repouso, na fase negativa, na inconsciência e como desta ressurgimos mudados. Deve haver, também nisto, um outro ritmo de duas atividades opostas. Enquanto o Eu fica imerso no esforço de lutar e experimentar, a Lei o guia de longe, deixando-o com o seu cansaço. Mas quando percorreu essa primeira fase do fenômeno criador, então é ele que se abandona à Lei, a qual, automaticamente, realiza nele, por sua vez, o trabalho de assimilação e maturação. Assim, ritmicamente, agem, em posições inversas e com funções complementares, a livre iniciativa de cada um e o sistema de princípios e forças da Lei. A atividade consciente do primeiro dá livremente

um impulso inicial, que deve ser seu como suas serão as conseqüências. A Lei recolhe depois esse impulso, automaticamente o desenvolve e o faz reencontrar o seu despertar, purificando-o das escórias e do supérfluo, destilado no essencial, de modo que ele, com esse novo material feito seu e elaborado para ele pela Lei, possa retomar sobre essas novas bases e com esses novos meios o seu novo caminho. Assim progredimos em parte pelo nosso impulso, em parte arrastados pelas suas conseqüências. Na fase de inconsciência se continua e se caminha do mesmo modo, porque é a Lei que então intervém para maturar os germes e as causas que nós mesmos provocamos. O ofuscamento, pois, faz parte do fenômeno da consciência e do seu desenvolvimento, como a sombra faz parte do fenômeno da luz. Isto porque o ser é composto do ser e não-ser, e é, enquanto pode não ser. O existir é dado justamente por essas oscilações entre duas fases opostas do existir. O nada não é mais que uma posição de reverso e as duas posições se condicionam uma à outra. Sem o ser não pode existir o não-ser, como sem o não-ser não pode existir o ser.

Com isto temos orientado o nosso caso em relação à fenomenologia universal, explicando assim sobre bases amplas o fenômeno acima exposto de expansão e contração de consciência e o seu andamento ondulatório que estamos estudando. Essa oscilação da personalidade se enquadra e se liga com o funcionamento universal e nele se acha o seu significado e a sua justificação. Esse exame nos prova que as quedas de consciência são aparentes e que, na realidade, na profundeza do esfacelamento, depois da destruição do estado de graça, a consciência fica igualmente viva e operante, mas em uma posição diversa. Trata-se de um fenômeno evolutivo progressivo com uma respiração rítmica, oscilante entre expansão e contração, do alto ao baixo potencial e ao contrário. O que é esforço e atividade de elevação se equilibra, compensando-se com um correspondente repouso ou inércia. Não devemos atemorizar-nos com essas quedas de consciência, pois sabemos que depois ela se reconstitui sempre mais no alto. O Eu não pode morrer senão em sentido relativo, como dada forma de consciência e somente para ressurgir em uma outra. As noites do Eu são os dias de uma outra sua vida subterrânea que também faz parte da sua maior vida que compreende essas oscilações do consciente ao inconsciente. Não temamos. Reencontraremos sempre em nós o fruto do nosso passado. Quando um trabalho nos deixa desfalecidos, abandonemo-nos, confiantes à Lei. Ela então trabalhará por nós. É a sua vez. Ela é sábia e boa, é a expressão de Deus.

IV

UM CASO VIVIDO

Depois de haver completado a critica poliédrica do fenômeno, concluamos com a descrição das sensações que produz no sujeito. Quando se avizinha a fase da retomada de alta potencialidade, ele é advertido como por um longínquo ribombar de trovão no meio de uma calma que prenuncia tempestade. Aquele ribombar lhe diz que está iniciado um trabalho interior, passou da fase latente no inconsciente. para sua fase atual no consciente Há, nisto, qualquer coisa que se assemelha ao despertar da vida na primavera, depois do seu sono de inverno, isto e, um "quid" de apocalíptico que se sente surgir no relativo vindo do absoluto. Percebe-se, então, que alguma coisa age profundamente em nós, proveniente das fontes do ser. É uma gênese, uma criação, uma nova manifestação divina que vem à luz. Sente-se, então, que a vida, e nela o nosso pobre Ser, é um canal através do qual o pensamento divino abre o caminho para a sua expressão, que o nosso pobre Eu é um instrumento de qualquer coisa de vertiginoso que o transcende e que quer operar através dele. E eis que a mente se torna túrgida de conceitos. É uma floração interior, intuitiva, irresistível, não preparada, não buscada. Acumula-se, assim, pouco a pouco, um punhado de pensamentos, em que navegam visões, problemas, soluções e conexões com o todo, em uma orquestração sempre mais vasta e

complexa. Assim, os simples motivos iniciais se dilatam, entrelaçando-se em uma completa organicidade. Os germes conceptuais se esboçam e vêm a desabrochar quais gemas e flores. O pensamento se diferencia e se desenvolve como na multiplicação celular do embrião e, assim crescendo, faz pressão de dentro para manifestar-se à luz como feto maduro que quer nascer. Esse é o período de mais intenso e cansativo trabalho. A consciência lança-se ávida sobre todos estes conceitos para registrá-los, mas eles ainda lhe fogem na sua integridade. As visões são ainda fragmentárias e evanescentes. A mente não tem ainda o poder da penetração dado pela alta freqüência e persegue como em corrida laboriosa esse primeiro vertiginoso turbilhonar do pensamento. Essa ascendência conceptual não assume a mesma forma: alguma vez é racional, científica, outra vez mística, e emergem assim as soluções dos mais variados problemas de qualquer gênero, conforme o que foi proposto ao espírito, nos ciclos precedentes. Influem ainda as estações. O outono, em nosso caso, está mais adaptado aos trabalhos racionais, como a primavera o é para a inspiração mística, culminante no período pascal. O verão ardente de sol é negativo para esses estados de alma, que similarmente refogem de dia para florir à tarde até alta noite.

Dessa maneira a pressão interior se faz sempre mais intensa Ela quer explodir tomando a forma de uma exposição orgânica completa no seu campo Cada conceito tem uma face e uma voz. O leitor pode imaginar uma maré subindo de um oceano feito pela mole de imensas massas de vultos e pelo estrépito das infinitas vozes da vida. Estas começam a falar submissas como o murmúrio da floresta, feito pelo sussurro de infinitos seres que despertam ao sol da primavera. E verdadeiramente o espírito tem a sensação de ser tocado por uma radiação que ilumina, aquece e vivifica. Mas gradualmente aquele murmúrio se torna voz possante, e a radiação que aquece se faz abrasadora. Tudo, pouco a pouco, se agiganta, se levanta, se põe adiante imponente e ameaçador. A ânsia para seguir, para tudo agarrar, para estreitá-lo e mantê-lo em seu poder, se torna tensão em que o espírito parece despedaçar-se. Esse é o momento crítico da ascensão e o da transformação de potencialidade. O ser o supera com angústia, sentindo-se preso e envolvido por um turbilhão de forças, como por um furacão que tudo abala. A consciência é perturbadora porque se desloca o centro vital para um plano mais alto. Ela sente-se presa no turbilhão de uma vida sempre mais intensa. E uma sensação de vertigem e de amedrontamento, como a de cair em um abismo de fogo.

Superado esse ponto crítico o Eu reencontra-se em um plano mais alto, onde não há mais a agitação das mutações, mas onde só há a grande alma da alta potencialidade. Então o Eu toma plena posse do seu novo estado, reconhece-se qual era o cume do ciclo precedente, reencontra a sua potência e lança-se com ímpeto e alegria no vórtice da criação. A vertigem do estado de transição é superada; todo problema é encarado e resolvido por visão, como um novo sentido da verdade, que dá a orientação na organicidade universal e em cada problema particular. A consciência encara, sem mais tremer, os abismos do infinito que, agora, é o seu elemento natural e com o qual está em plena sintonia. A consciência sente-se senhora dele, lança-se em vôo nessa nova atmosfera e, como um ser aéreo destacado da terra, encontra a calma potente das altas velocidades. E a exposição conceptual surge, calma e alegre, límpida e vibrante, por escrito, nos profundos silêncios da noite. Estando tudo já completo na elaboração interior, a redação torna-se simples fato mecânico. Tudo se reduz a um registro de visões conceptuais. Para estas, a preparação cultural não serve, nem os livros humanos, porque se lê somente no grande livro da vida, no qual está escrito o pensamento de Deus. Trata-se de um trabalho absolutamente livre, ao qual são inaplicáveis as normas dos trabalhos comuns, obrigatórios e com pagamento. A maior obra criadora não se pode fazer senão além dos meios e das leis humanas.

Enquanto o organismo espiritual assim se inflama, o físico diminui o seu metabolismo, estaciona em calma, vive em regime reduzido, fugindo do alimento, enquanto o sono representa para ele mais do que uma continuação da maturação do pensamento. O sono prepara o pensamento que no estado de vigília é registrado. Uma vez formado tal estado de alma em plena eficiência, as distrações exteriores não têm o poder de estacioná-lo; porquanto, tormentosas elas podem, quando muito, retardar o parto espiritual, mas não impedi-lo. Assim nascem os volumes, um depois do outro. O espírito arde, mas não se queima. Sabe que o instante é precioso e que foge; sabe que, se produz, se, como a mãe, ele obedece aos fins da vida, cumpre a sua missão que o valoriza, embora o seu organismo físico no incêndio naturalmente. se gaste. Mas não

importa. Esse, para ele se torna sempre mais uma escória a ser abandonada. O corpo não segue completamente essas tensões; as exigências materiais da vida não diminuem portanto o seu quotidiano tormento. Enquanto o principal ator desse drama se sente enlevado em um trabalho conceptual que se torna prece e mística união com Deus, o homem comum, sem nada compreender, o enfrenta com a sua psicologia, tendendo, conforme as leis do seu plano biológico, a fazer com que ele se exercite na forma da luta pela vida. Exercício útil somente para as finalidades de uma seleção animal. Pode-se imaginar como essa atividade se torna sem sentido para ele, enquanto é bem necessária para fazer evoluir quem vive no plano normal. No entanto, o sujeito deve pensar em se defender de todos, deve escutar os ociosos, não se deixar roubar, vigiar as astúcias dos outros, trabalhar para viver, consumir as suas energias para opor resistência a quem está cheio de forças porque não tem nada a fazer, deve lutar na vida banal de todos. Mas, nem por isto, pode apagar-se aquela atmosfera de incêndio. Enquanto algum novo motivo se movimenta em turbilhão arrastando a consciência aturdida, diante de improvisos, abismais rasgos do infinito, escancarados e cegadores, também a pequena ofensa do vizinho que arranha a epiderme, pode tomar, naquele estado de hipersensibilidade, a potência de um cataclismo. O centro da vida, para o sujeito, está deslocado e o normal acha que se encontra em frente de um fraco inepto, fácil de se vencer Como não se aproveitar desse grato convite para dele tirar vantagem? Para quem está nesses estados especiais, o espírito está no céu, o corpo ainda na terra, com os pés no lodo. A posição é cheia de riscos e o contraste pode tornar-se sofrimento agudo. Mas, não há outro caminho para quem quer verdadeiramente progredir na terra.

Da descrição acima exposta compreende-se que o fenômeno inspirativo não é tão simples como sói ser considerado. Já o havia enfrentado e descrito, no meu caso vivido, no volume: As Noúres. E longe de crer haver conseguido com isto esgotar a complexa questão, quis agora voltar a ela com uma diversa maturidade, para redescobrir novos aspectos. Era necessário por isto ter antes separado o problema da personalidade humana e muitos outros com ele conexos. Como se vê, estamos longe daquele fenômeno que se chama ultrafania, que se crê poder simplesmente reduzir a uma receptividade passiva do sujeito em transe, recebendo o pensamento de uma entidade transmissora. Em nosso caso, não há nenhum transe ou passividade, mas antes, um estado de hiperconsciência e hiperatividade espiritual, ao qual exclusivamente se deve poder o sujeito elevar-se a mais altos planos de consciência, e pôr-se em comunicação com correntes de pensamento situadas em dimensões superiores à normal humana. Não se trata, pois, de um contato esporádico, limitado a poucos conceitos morais, mas de um contato de retorno periódico, para registrar sistematicamente uma visão orgânica do universo que abraça e orienta todo o saber humano. O fenômeno ultrafânico que alguns querem encontrar neste caso, não é mais que um particular; na realidade, há coisa bem diversa, que escapa das órbitas do campo espírita das comunicações mediúnicas, é a catarse biológica, fenômeno imenso que toca toda a vida, do seu polo físico ao seu polo espírito, fenômeno do qual médiuns e ultrafanos pouco se ocupam e que, pelos seus resultados interessa mais à ciência, à religião e à filosofia do que à ultrafania. Para o sujeito, ele não termina na mediunidade, mas no misticismo, no caminho da união com Deus. Que pretende, de fato, a vida alcançar através desse fenômeno? Parece que o espírito, esse novo imponderável organismo, centelha de Deus, na qual Ele se manifesta através da evolução humana, quer continuá-la da sua fase orgânica à psíquica. E parece que, em certo grau de maturidade biológica, o que é o resultado do funcionamento do organismo físico e da sua experimentação registrada na psique, venha a tornar-se um filho adulto, avançado demais para poder ainda exprimir-se nas formas da animalidade. Então o espírito, sentindo no corpo, mais que uma casa, uma prisão, tenta transcendê-lo nas suas manifestações supernormais, transbordando das limitadas vias de percepção sensória, até o ponto de quase libertar-se dele, destacando-se do seu velho suporte corpóreo. Eis o que acontece quando o ser, percorrida toda a fase terrena da animalidade humana, se apresenta no limiar de mais altos planos de existência. As oscilações observadas na personalidade não são mais que periódicas, rítmicas e graduais oscilações de adaptação a novas posições biológicas. Assim se explica o andamento ondulatório e progressivo do transformismo evolutivo que examinamos. Dessa maneira se compreende como a vida se retrai dos vértices alcançados, mas por toque dos mínimos sempre menos baixos para se lançar em busca de vértices sempre mais altos, depois de se ter apoderado, através desses percursos, das posições atravessadas. Tais são as leis da vida e cada um as encontra a seu tempo, quando chega a sua hora e fase. Nos grandes momentos da vida, nas passagens

criticas, é o ritmo da Lei que nos aferra e nós nada podemos fazer, senão segui-la. Assim o nascimento e a morte, a fome e o amor, o crescimento físico e a ascensão espiritual, têm o seu ritmo e suas voltas fatais nas quais não se pode mandar. O nosso livre arbítrio é uma pequena liberdade enquadrada em uma lei absoluta, mas boa, que nos comanda somente para nos impor o nosso bem que, ignorantes, não sabemos encontrar. Por sermos livres, devemos sempre viver todos no âmbito da Lei de Deus.

Que acontece ao corpo nessas transformações biológicas é fácil imaginar. Mas pela Lei de equilíbrio e justiça é preciso pagar a alegria da nova ressurreição no espírito com a dor de uma agonia de morte no corpo. Porém, se o corpo embaixo grita desesperado a sua lenta consumação, no alto o espírito canta triunfante a sua maior vida. A transformação deve alcançar o ponto em que se tornará secundário o que hoje, para o espírito humano, é o principal meio de sua expressão, isto é o corpo. Os atuais meios sensórios devem ser superados por uma sensibilização que abre novos canais perceptivos e com ela a via para novos contatos. Mas as leis da vida são benignas também para o corpo, por isto nunca forçam o fenômeno, amadurecem sem romper, pois que o fim é transformar para criar e não para matar. As forças da vida sabem operar essas profundas elaborações que do espírito penetram até no metabolismo celular, transformando a composição química e atômica, isto é, harmonicamente em todo o complexo orgânico, do pólo-espírito ao pólo-matéria, estreitamente conexos e comunicantes. Se o espírito é redutível, na sua mais profunda substância, a uma estrutura cinética, como o é o organismo físico e a matéria que o compõe, encontramos naquela fundamental estrutura que é o denominador comum ao qual se pode reduzir o ser de um pólo a outro, a possibilidade do mencionado transformismo evolutivo. Assim se concebe como, através dessas oscilações progressivas, se possa formar o organismo espiritual, até ao ponto de, no fim, se poder reger com vida autônoma, independente de uma sua expressão física. Entretanto, o corpo é veículo necessário aos fins dessa elaboração, qual instrumento de experimentação no denso ambiente terrestre. Todavia, a sua energia vital é absorvida em favor do espírito; em outros termos, a intima atividade cinética constitutiva se desloca do corpo para o espírito, abranda-se no primeiro pólo e se torna mais ardente no segundo. É necessário que a reconstituição vital venha a ser contemporânea e paralela de modo que no conjunto não haja nenhuma destruição de vida, mas somente um deslocamento de centro para o pólo-espírito ao qual pertence o porvir, uma vez que essa é a direção da evolução.

Esta íntima análise do fenômeno explica o verdadeiro significado da experiência do místico que, na renúncia ao mundo, sobe para Deus, e do gênio que, na alta tensão do espírito, revela os mistérios do ser. Neste sentido a virtude é verdadeiramente a morte do Eu inferior e por isto repugna; o erro está em concebê-la somente neste seu aspecto negativo, enquanto o seu valor e sua alegria estão no seu aspecto positivo e criador de expansão vital. É justo que o Eu se revolte contra uma virtude somente negativa que destrói embaixo, sem construir no alto; tudo o que destrói sem criar é contra a Lei de Deus. Jamais é lícito matar, nem mesmo o Eu inferior, senão como condição para a construção do Eu superior; a morte não é admitida pela Lei senão como condição de um paralelo renascimento. Nenhuma dor é admitida senão para conquistar uma alegria, nenhum limite senão para alcançar uma expansão. A virtude apenas negativa, que destrói sem criar, transformada em perseguição e ódio à vida, é um erro biológico que se deve pagar. Sadia e salutar é somente a virtude que, enquanto sufoca uma parte do ser, desenvolve-lhe uma outra, melhor e mais alta. A vida é utilitária e econômica; tudo deve produzir um valor no bem, que é uma alegria e não uma demolição, no mal e na dor. Ai de quem se mata com a renúncia sem saber ressuscitar! A virtude sadia e positiva é construtiva e se inflama no espírito, deixando cair em esquecimento os instintos inferiores, sem se encarniçar contra eles, provocando o resultado de assim os reforçar por reação. Primeiro construir e depois deixar cair o resto, pois que os construtores nunca são destruidores. Tudo o que toma o aspecto de perseguição, ainda que sob a veste de ódio ao mal, é mal. A vida deve ser incitada a elevar-se, nunca agredida para a suprimir. Porque então ela se revolta, se adapta à força por meio da mentira; mutila-se, mas não cede, porque ela não pode abandonar uma sua forma, enquanto não possuir uma melhor.

É um erro muito difundido esse de ver o lado-morte no pólo inferior, e sempre o lado-vida no superior. Daí os escassos resultados espirituais de tanta prática de virtudes e renúncias. O homem que se reconstrói no espírito, ao contrário, vê tudo positivo, não fala de renúncia, mas sempre de conquista. Assim,

por exemplo, os três votos franciscanos: pobreza, castidade, obediência, perdem o sentido negativo para adquirir o positivo. Não são mais: não-riqueza, não-amor, não-comando e não-poder, mas riqueza em Deus, amor em Deus, poder em Deus. Tudo depende do fato de encararmos as coisas mais do ponto de vista humano que do super-humano e do fato de que, também na virtude, sentirmos a perda dos bens e alegrias terrenas, às quais a nossa mente continua sempre a volver, em vez de olhar mais no alto para sentir a posse dos bens e alegrias super-humanas, no espírito. A nossa alma fica sempre na terra, e nós devemos sair dela. É preciso cuidar de se firmar no mais alto, antes de se mutilar embaixo. Esse comportamento tira-nos a vida sem nô-las devolver, quando ela deve expandir-se e não se contrair. Não devemos declarar-nos pobres, olhando sempre para a riqueza do mundo, mas devemos declarar-nos ricos, olhando para a riqueza de Deus. É preciso ir ao encontro da vida e não contra ela, viver em sentido positivo, não retirar-se em sentido negativo. A verdadeira virtude, antes de ser renuncia, é conquista; se dela fazemos uma renúncia sem conquista, uma privação que empobrece, em vez de uma aquisição que enriquece, fazemos dela uma maléfica forca anti-vital. De tudo isso se compreendera o caráter ativo e positivo de quem evolui. A ação negativa da perseguição e destruição do Eu inferior lhe interessa muito menos do que a ação positiva da criação do Eu superior. Quem evolui, se expande. A renúncia, mais do que virtude como luz, é a sombra da virtude. Certo é que o negativo é condição do positivo e que a conquista começa onde acaba a renúncia, e a alegria, onde acaba a dor. Mas nem por isto se deve fazer do meio o fim.

Concluamos o exame do nosso caso vivido, observando as sensações do sujeito no período da descida. Quando o estado de graça se prolongou o bastante para permitir um registro orgânico, como pode ser um volume ou parte dele, segundo o trabalho a cumprir e o grau de resistência do indivíduo, então a natureza, econômica e prudente, retrocede para os planos evolutivos inferiores, o potencial desce, a freqüência diminui e a vida se reequilibra mais embaixo. Extingue-se então a centelha do pensamento, tudo enlanguesce e se precipita, numa agonia lenta, em um abatimento de morte. A vida se retrai, caminhando para trás. Reaviva-se a obtusa razão, míope e analítica. A base da descida involutiva é dolorosa para o espírito, porque é um regresso ao limite, um novo encarcerar-se no contingente de que antes tinha evadido e que volta a ser senhor. É uma descida de todo o ser na dura realidade da matéria. Fibra por fibra, vibrações mais grosseiras, mais desarmônicas e violentas o penetram, ferem-no, sufocam-no. Se tão alegre foi a sensação da subida, dolorosa é aquela de descer. Tais são, no um, as sensações, os resultados experimentais do movimento vertical ao longo das dimensões dos vários planos evolutivos, seja em direção evolutiva, subindo, seja em direção involutiva, descendo. Domina sempre um sentido de imensa tempestade em que turbilhonam, levantadas desde as profundezas, as forças da vida.

Este é o Getsêmani de quem aqui escreve. Na tempestade, subir. Cada volume é um degrau, é uma das séries salientes das visões que parecem querer dar a escalada ao céu. Mundo do qual é depois dolorosamente necessário precipitar-se na terra. No fim de cada sondagem no mistério a personalidade cai e se desfaz para reconstruir-se para a seguinte, e assim por diante. Andando, como as ondas do mar, como quer a Lei, fatalmente, como quer a maturidade, quem sabe há quanto tempo preparada no tempo, pelo próprio destino. A personalidade cai e se desfaz. No entanto, é preciso saber ficar senhor do fenômeno e não ser arrastado por ele; é necessário não perder-se na queda e permanecer impassível externamente, para que os outros não vejam; saber continuar a vida normal de trabalho e de relações sociais com todos, pois que bem se sabe que eles não podem ter piedade para com o que não podem compreender. Tudo isto implica uma força de espírito mais que normal, mas se está adestrado para bem mais. Ao despertar na terra, imediatamente é reencontrada a sua realidade desapiedada e infernal e, único conforto em tanto esforço, representa-se a dura face do contingente, a preocupação das necessidades materiais, o desprezo de quem reina em seu plano, onde é senhor. É preciso, então, ouvir o apelido de louco e sentir repercutir no coração, em cada pensamento e ato desse homem, o grito: "Não é verdade", porque somente a sua suja realidade na matéria, como ele quer, passa por verdadeira. Então com o olhar invocador, ainda ofuscado pelas visões do espírito, é preciso olhar para as pequenas coisas terrenas, que quereriam para elas toda a alma. Sente-se redobrado o peso da luta pela vida, a sua estupidez para quem, superados os seus fins de seleção, não sente mais o seu significado. Sofre-se, então, cegos e mudos, sem a grande compensação do espírito que antes fugia da terra, vitorioso na sua evasão. Ele, agora, agoniza, sozinho, num mundo que lhe é estranho. As portas do céu estão fechadas. As

pontes para o retorno lá em cima parecem cortadas, para sempre, sem esperança. O fenômeno está cansado, o ciclo está ligado à sua descida, agora sua lei, os impulsos ascensionais estão esgotados. Não há mais força para subir. A hora da graça passou e o céu ficou lá em cima, no alto, longe, apagado, inatingível.

Tudo parece acabado para sempre. No entanto, deixou-se lá em cima, no céu, um farrapo sanguinolento de si mesmo e se sentiu a voz de outros mundos dos quais por um pouco se gozou a cidadania. Isto é uma ponte, um liame, uma chamada. Despontará a ascensão. Tudo será árduo, mas o ser está desesperadamente ligado à batalha, na qual se tempera e se revela, em que está a vida. Mastiga-se, então, com raiva, a glória que o mundo queria dar como compensação. O destino sopra tremendo sobre os cumes, e, entre as tempestades, sente-se a morte. Mas que importa a dor quando ela é criação e nos leva ao céu? Que importa sofrer? É preciso criar e a vida vale só enquanto se cria. Urge lançar a semente. A vida dá a cada um o que deve cumprir e ai de quem trai uma missão! Semear na tempestade, para aqueles que virão! Se a dor bate às nossas portas, é para que o espírito expeça suas centelhas. Este é o drama. Quem chegou lá em cima, no céu, deve dar tudo. Para ele não há piedade, porque a piedade o faria fraco e vil, não há ajuda, porque esta o tornaria indolente e inepto. Que ele siga para a frente, taciturno, solitário, desesperado. É necessário que ele sofra para que a sua alma cante. O trabalho deve ser o seu único refúgio, a bondade, a sua única vingança, a criação, a sua libertação.

V

A ECONOMIA SUPERNORMAL

As diversas verdades do autor, sucessivamente apercebidas nas suas oscilações de consciência, não são um produto subjetivo, mas têm uma sua existência própria objetiva, independente dele que mais não faz senão vê-las, segundo suas mutáveis capacidades. Estas pertencem, simplesmente, a planos evolutivos diversos e cada um lê as que pode, conforme as condições de sua receptividade. Qual é, pois, a verdade verdadeira? Mas cada uma é verdadeira relativamente a cada um. A verdade absoluta é outra coisa e, mais que a soma, deve ser a fusão orgânica de todas as possíveis verdades relativas aos infinitos pontos de vista dados pelas infinitas posições do ser. Cada absoluto está, naturalmente, além do concebível humano, onde não podem permanecer senão os fragmentos e aproximações progressivas dados pelo grau relativo da evolução. Que os homens pertençam a verdades diversas, segundo a natureza de cada um, é um fato demonstrado todos. Os dias pelos seus conflitos, que sucedem todas as vezes que um homem, com a sua verdade, se põe em confronto com o homem de uma outra verdade. E se há formação de grupos humanos, deve-se isto à identidade ou finalidade de verdades, o que significa natureza e plano evolutivo iguais ou afins. Cada um se reagrupa sempre com os seus semelhantes e dessa maneira se revela o seu tipo biológico. O indivíduo comum não tem de fato as possibilidades dadas pela personalidade oscilante e se mantém, com escassas variantes, mais ou menos na mesma verdade sem mudar de tipo biológico.

Uma boa parte dos homens atuais representa uma verdade que não é aquela ínfima da absoluta humana animalidade involuída, nem mesmo a do evoluído do porvir. Muitos se encontram numa posição mediana, em que os dois extremos aparecem como que à margem, um embaixo e o outro no alto. Assim o homem se debate em uma fase de transição, na qual lentamente se vai operando por evolução a passagem de um tipo biológico e relativa verdade para outro tipo biológico e verdades superiores, tendentes ao modelo elevado A característica da hora atual é a de estar a cavaleiro de duas civilizações, uma que morre e outra que nasce. Disto deriva um contraste entre elementos em esfacelamento e outros em formação, efeito da visão de uma verdade que está para submergir no subconsciente e da visão de uma outra verdade que

alvorece no superconsciente, que representa a formação da nova consciência do porvir. Hora de grande fervor na obra criadora da vida. As duas posições estão se defrontando e se desafiam. A velha verdade luta para não morrer, forte na posição já conquistada, mas corroída pelos séculos, correspondendo sempre menos às novas necessidades do espirito sempre mais exigente, portanto, biologicamente condenada. A jovem verdade luta para conquistar a vida na consciência, é jovem e nua, mas forte e com todos os recursos dos jovens, fresca e plena de ímpetos, destinada pela lei da vida a vencer, pelo seu direito de existir. Temos assim como sempre, mas nunca viva como hoje, a luta entre o novo e o velho: temos uma quantidade de formas petrificadas somente explicáveis historicamente, um contínuo trabalho de desgastamento operado, como sempre, pelas idéias novas, e o estado de formação de novas concepções da vida.

Observemos o choque entre as duas forças antagônicas, em seu campo de batalha que é a consciência humana em evolução, observemos o dinamismo da sua transformação de uma na outra, esse estranho paralelismo de impulsos ativos e recalcitrantes, que, mesmo lutando, se abraçam porque uma é filha e a outra é mãe. Quem tem ouvidos ouve o potente martelar da vida que pulsa para explodir das incrustações do passado que a envolvem, sente o frêmito da gênese na superação. Ainda que uma dada civilização caia em ruínas, a "civilização" nunca morre, porque, como a vida, ela renasce sempre alhures e maior. E se hoje triunfa a destruição em todo campo material e espiritual, é porque a vida está lançando os fundamentos de mais altas construções. Aos olhos superficiais tudo parece caos, porque produtos de desfazimento e germes vitais estão materialmente misturados. Mas cada um desses tem a sua lei e a segue, sem que possa haver confusão. Se, na superfície, a maioria tremendo, enxerga ruína, quem sente profundamente, vê ressurreição. Regozija-se, pois, em seu coração. A sua psicologia é "a priori", enquanto a comum é "a posteriori" e treme depois e não antes do desastre. Antes da última guerra poucos temiam, e temem hoje por psicose de conseqüência. Tremer depois é trabalho inútil. Quem, ao contrário, sente e sabe que esta é a hora decisiva para os futuros milênios, em vez de ensandecer para esquecer ou perder-se no pessimismo, colabora com as forças da vida que com ele querem a salvação de todos. Ele bem sabe que não se pode parar a vida e que ela venceu sempre todas as guerras. O homem comum, aturdido pela voz de mil verdades diversas em que tantos exprimem a si mesmos, se confunde. Ele é sensório e, para ele, a verdade é o que faz mais barulho, atingindo maiormente os seus sentidos. O verdadeiro, pois, lhe parece inatingível, porque não encontra senão um rede-moinho caótico de contradições e vive de imitações, não sabendo pensar por si mesmo. Mas a substância do vórtice é dada por leis sábias com as quais cada uma bem sabe alcançar organicamente a sua meta. Que visão titânica representa, ao contrário, o destino humano, qual é marcado na evolução das leis da vida! As verdades que parecem utopia para as consciências ainda não amadurecidas para isso, existem e amanhã serão de todos.

Para fazer compreender o que hoje parece utopia, isto é, as formas de vida mais elevadas, começamos por lhe descrever a economia, a que aí regula a distribuição dos meios e forças e preside ao abastecimento para a vida material, a qual é sentida por todos. Confrontaremos essa nova economia, inteiramente diversa, com a nossa atual. Observaremos as duas economias e como possa advir a passagem de uma para a outra. Presumimos o conhecimento do capítulo sobre a Divina Providência desenvolvido no volume precedente, ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***, argumento que aqui retomaremos para levá-lo mais adiante. Subindo evolutivamente aparece à consciência uma verdade mais alta, na qual a economia se revela completamente diversa da normal. Na terra os bens, segundo a verdade inferior, aparecem limitados de modo a tornar necessária e justificar uma luta contínua, sem piedade, para procurá-los. Subindo, vê-se, ao contrário, que na realidade a limitação não existe para o homem, senão no ambiente da sua forma mental e modo de agir. No universo os bens são infinitos e sempre mais livremente acessíveis à medida que o homem progride. E porque, na sabedoria da Lei que tudo rege, é necessário que antes o homem evolua e dê prova, com o conhecimento e sabedoria conseqüente, de ser capaz de fazer bom uso das coisas e do poder, sem o que ele não é admitido à sua livre disponibilidade, o que poderia não ser-lhe útil, mas prejudicá-lo. A um selvagem, uma lei previdente não pode conceder senão os meios mínimos proporcionados à sua inconsciência, se não se quiser que ele, com a sua psicologia, destrua tudo, inclusive a si mesmo. E o perigo da nossa atual fase de transição, é justamente este: crescente disponibilidade de meios, com a ciência, e isto nas mãos de um homem não ainda sensato o bastante para saber bem usá-los. Quanto mais o homem é involuído, tanto mais todo poder deve permanecer sepultado pela sua ignorância; quanto mais será feroz,

tanto mais será pobre os meios. Como com a saúde ou a doença, assim também com a miséria, tudo, antes que efeito, é causa situada dentro de nós. Assim também quanto mais se evolui, tanto menos se faz sentir o perigo de mau uso, e maiores podem ser os poderes concedidos. Então a riqueza se faz sempre menos egoísta e exclusivista, mais universal e gratuita. O limite a tão cobiçadas posses, pelas quais hoje o mundo tanto se atormenta, é propriamente dado por nós. Somos nós que com o nosso egoísmo fazemos a nossa pobreza. Quem compreendeu isto, compreendeu também a verdade superior, que ao involuído parece um absurdo, isto é, que a riqueza se conquista não fazendo ricos a si mesmos e pobres aos outros, mas fazendo ricos aos outros e pobres a si mesmos. Comportando-nos segundo o primeiro caso, adquirimos para nós, em vez de riqueza, pobreza.

Essa nova e estranha economia é bem outra que a comum e resolve de fato o problema econômico. Mas ela pertence a um mundo que o homem atual não pode ainda compreender. Trata-se da mesma lei pela qual quem faz o mal aos outros o faz a si mesmo, e quem faz bem aos outros o faz a si mesmo. A grande descoberta que a ciência ainda não imagina poder fazer, é esta, da presença de uma lei universal que tudo rege. Lei boa e justa. É perfeitamente estúpido e contrário ao fim de alcançar a nova felicidade o sistema de querer forçar as portas. Essa lei é a alma de todas as coisas, é o divino pensamento que as rege todas em um admirável funcionamento orgânico. É necessária uma quantidade enorme de ignorância para crer que aquele grãozinho de areia, o homem, possa tomar o comando dessa lei. Eis a grande verdade que se descobre, evoluindo-se. Para alcançá-la não há outro caminho senão a ascensão; o resto não vem ao caso. É necessária uma inteligência muito mais ampla que a racional; uma inteligência equilibrada no ponto de partida, feita não somente de conhecimento, mas de sabedoria, não só de saber, mas da arte de saber usá-la bem, uma inteligência regida pelo senso moral das coisas. O homem atual que parte do apriorismo dogmático absoluto do Eu, que se faz centro do universo, inventou sua posição já no início, e, assim, não pode alcançar senão resultados invertidos. Desse modo ele não pode compreender o ponto fundamental e elementar, isto é, para entrar não se deve tentar arrombar as portas, porque então se nos fecham sempre mais solidamente, mas é preciso tornarmo-nos aptos e conformados de modo que possamos entrar. Em outros termos, sendo impossível transformar a Lei, nada há mais, senão nos transformar-mos. Então as portas se abrem e nos convidam a entrar, como é de nosso direito, espontaneamente e somente assim, o justo desejo, que não podia cumprir-se por erro de método, pode ser plenamente satisfeito. No entanto, em frente a um problema de tão simples compreensão e resultado, devemos presenciar o homem moderno partindo a cabeça contra uma muralha e que faz um inferno da terra que poderia ser um paraíso. De tudo isto se deduz a importância do trabalho de dissipar a sua ignorância e de induzi-lo a civilizar-se.

Diante do quadro terrificante de tantos seres reduzidos ao desespero pela avidez da disputa de meios e substâncias, das quais a terra está cheia para todos, que maravilha representa a visão dessa Lei, que tudo sabe, que é justa e boa e como tal, ainda quando tentamos fazer o mal, rebelando-nos ela nos protege e nos salva! Para conseguirmos isso, bastaria harmonizar-nos com ela, pois nos quer salvos, livres e felizes. Como nos ama Deus, que tudo criou, através dela! Como haveria a perfeição, se o homem com suas inauditas loucuras, retrocede ao mal e à dor, embora não consiga, substancialmente, destruir nada, não fosse constrangido por forças invisíveis a avançar para o bem e a alegria? Que ímpeto sente quem compreendeu a sabedoria e a bondade dessa Lei, e que paixão de se harmonizar com os seus ditames, o que se pode também exprimir na frase: fazer a vontade de Deus! Quantos cuidados maternos nos vêm prodigalizados, sem que o vejamos nem o compreendamos, a cada momento! Quantas catástrofes nos são poupadas a cada passo, com que ritmo de compensação, com que harmonia de equilíbrios são musicalmente coordenados para mais altos e alegres fins, todas as dissonâncias e os conflitos da vida! Quantos auxílios não notados, que economia para nós poupar-nos as forças para trabalho mais útil! Se há um esbanjamento para a reprodução que chama os seres para o banquete nupcial, ou para a luta que quer selecionar o melhor, digno do seu mundo animal, é porque isto representa as vias mestras nas quais a vida caminha, onde se atira com uma exuberância de meios, justificada pela importância do fim. Ela bem sabe ser rica, mas nem por isto é loucamente pródiga, mas o é somente quando o fim a ser atingido o merece e requer. Mas quanta economia, ao contrário, por exemplo no fato que deixa ao consciente somente a fadiga das novas construções, enquanto confia aos automatismos do subconsciente a função de conservar para cada necessidade, sem a fadiga de conscientes

elaborações, em forma de instinto, o resultado do trabalho cumprido e já assimilado! Mas uma exemplificação nos levaria demasiado longe.

Como se vê, a visão de verdades mais elevadas, próprias de mais altos planos de existência, não é coisa que se encontre longe de nossa realidade quotidiana, que, pelo contrário, delas recolhe apoio e salvação. O homem de hoje não compreendeu que ele foi criado para ser senhor e não servo e que basta saber ser senhor, para o vir a ser. Mas ele, com a sua ignorância, se coloca, ao contrário, na posição que pertence ao inconsciente: a de servo. Não há outro remédio senão o de fazê-lo compreender como funciona a vida. É preciso mostrar-lhe que o mesmo poder criador que Deus usou na criação do universo e que está no pensamento, está também no homem, que foi feito à Sua imagem e semelhança. Como Deus é a causa perene de tudo, assim o homem é causa do seu pequeno mundo, que ele faz para si, em si e ao redor de si, como inferno ou paraíso, a sua vontade. A habitual inversão de todas as coisas, leva também aqui a ver a causa onde está o efeito, e ao contrário. É inútil encarniçar-se contra os efeitos, quando não se sabe manejar e remover as causas. Isto vemos em nossa medicina, que não consegue curar senão aparente e momentaneamente, pelo que as doenças, quanto mais são tratadas, tanto mais se renovam. A razão está em que se curam os efeitos exteriores do mal e se deixam intactas as causas, as quais são profundas, dependentes da psicologia, direção e regime de toda uma vida, sobre a qual o médico, encontrando tudo pronto, ainda que penetrasse naquele campo, bem pouco poderia fazer, sobretudo como resultado estável. A saúde não se improvisa com intervenções imediatas, com guerra antimicrobiana, mas pede uma preparação a longo prazo. O que pode curar a fundo uma medicina materialista que ignora o espírito, quando as causas estão todas exatamente no espírito, isto é, num campo que lhe escapa? Do espírito e da sua estrutura falamos alhures. A causa é ele, que constrói o seu corpo como sua expressão, como Deus construiu o universo como sua expressão. Tudo isto que advém do corpo é, pois, o efeito do que antes já esteve preparado no espírito, e o saneamento duradouro não se pode obter senão saneando primeiramente aquele. E sanear o espírito significa harmonizá-lo com a ordem da Lei, defronte à qual o homem, ao contrário, com o seu egocentrismo rebelde representa o impulso da desordem, origem de todos os males. E estes, ele semeia em seu caminho a mãos cheias. Que se pode pretender quando ele, ávido de prazeres, em vez de aderir às sábias leis da vida procura dobrá-las ao seu desejo? E ainda aqui, como quem monopoliza os bens, semeia miséria para si mesmo, e quem faz o mal aos outros em seu benefício, o faz a si mesmo, assim quem vive em desordem de espírito deve arcar com as doenças físicas que dela decorrem, pois atormentam igualmente o espírito. Também a saúde do corpo depende, pois, como tudo, do saber harmonizarmo-nos com a sabedoria da Lei que nos rege e nos guia.

A saúde do corpo é dada pela harmonia. Isto quer a Lei e quando nós nos revoltamos, então nos negamos a harmonia, isto é, a saúde. Eis uma outra porta a ser fechada por nós contra a alegria de viver, alegria que a natureza quereria bem nos dar como pacto da nossa compreensão e obediência. Rebelião, aquela de Lúcifer, o grande destruidor, é a nossa culpa e a causa de nossas dores. O homem é feito para mandar e tudo que lhe é inferior é feito para obedecer-lhe. Ao contrário, a nossa grande infelicidade consiste justamente nisto, que as coisas muito raramente correm conforme os nossos desejos. Mas por que acontece assim? É porque desejamos o mal, contra a lei que representa o nosso bem. É justo e útil, portanto, não sejamos atendidos. Para nos salvarmos, constrangendo-nos a compreender nosso erro e como devemos proceder, a Lei nos faz sofrer. E como fazer de outro modo, para um ser que deve permanecer livre? A dor é o único raciocínio que todos compreendem. E então é justo, lógico, e faz parte da perfeição do sistema, que tudo corra às avessas no mundo de hoje.

Qual é, hoje, a nossa vontade? Que desejos, este impulso construtor proveniente do espírito transmite, para os fazer sentir àquele operário, que é o subconsciente? Ele é o animal que vive no homem e que deve ser usado como uma besta domesticada pela fadiga, qual servo, obediente executor das ordens do espírito iluminado e consciente. Mas é o espírito que no homem de hoje dirige com conhecimento e sabedoria, ou é aquele animal que comanda e serviliza o espírito? Também aqui tudo está invertido, como em qualquer parte. Que capacidade diretriz pode ter a parte animal? Que pode desejar senão coisas materiais, portanto ilusórias, transitórias e mortais? Que pode um tal chefe transmitir ao subconsciente, como motivos

construtivos? Somente motivos de ilusão, de decadência e de morte. Eis as doenças físicas e as dores também morais. Estando isto contra a Lei e, portanto, sendo danoso para nós, a Lei sábia se apressa em destruir tudo, demolindo-o e, enfim, liquidando-o com o negar-lhe toda nutrição vital. Ela não pode proceder de outro modo, para o nosso próprio bem. A força de gerarmos o que é mortal, deveremos, sem desfalecimento, suportar as conseqüências da destruição, até que o espírito imortal compreenda um dia ter errado o caminho e saiba encontrar o novo, o melhor, o único bem.

Quando ao contrário, é o espírito que guia, então os seus impulsos criadores se dirigem todos para as coisas imortais, reais, eternas. E quando àquele operário, que é o subconsciente, sejam transmitidos motivos de trabalho desse gênero, a sua construção se dará em correspondência, um efeito similar à causa. E então a Lei não nos oporá mais obstáculo; mas ela mesma nos tomará sobre suas asas para nos levar ao alto como é seu desejo. Dessa forma a morte não será mais o fim do senhor, o Eu, isto é, de tudo, mas somente o fim de um servo que nos deixa, cansado do serviço cumprido. Assim, não somente desaparecerão doenças, dores, misérias e escravidão, mas nos encontraremos repletos da alegria de viver, que não consiste na posse, como a louca psicologia hodierna acha, mas num equilíbrio de todo o ser em todo aspecto e atividade, no mais pleno acordo com o querer indestrutível da Lei. Então tudo nos virá ao encontro, festivamente, riqueza, saúde, amor, afetos, conhecimento, êxito. E pensar que os métodos modernos crêem resolver a vida com uma justiça econômica poluída na origem, pelo método da extorsão violenta, com uma tal perversão do Evangelho! Mas o que não está invertido hoje, na época de Satanás?

Essa é a realidade sólida da vida, a filosofia que exaure e convence, sem abstrusas elucubrações acerca de particularidades e sem intelectualismos inúteis, a filosofia feita para viver. É verdadeiramente piedoso o espetáculo desta pobre humanidade, vítima da sua ignorância das mais elementares leis da vida. Não se trata de compreender o funcionamento de um mecanismo. É natural que um primitivo procure abrir as portas, arrombando-as. Porém é um sistema desastroso, sobretudo para ele. Quem viu verdades mais elevadas, isto é, o mecanismo segundo o qual aquelas portas funcionam, com um ligeiro e hábil movimento de dedos, gira a chave, abre e entra. Assim o homem, tão justamente ávido de domar e dirigir, para tornar-se senhor de tudo, em vez de começar a saber comandar a si mesmo, como a Lei impõe, procura comandar os outros, incitando a resistência e a revolta. Ele segue assim o único caminho para não se tornar senhor de nada. E, infelizmente, com pobre domínio, contrastado, mal seguro e sempre pronto a cair, tiveram de se contentar todos os imperadores do mundo, porque a quem ignora e viola a Lei, nada pode ser concedido, senão o pior. Os impérios duradouros não podem ser senão os do espírito.

Diz-se que o espaço esteja fechado, conforme uma transmissão curvilínea da luz, da energia, que retorna ciclicamente sobre si mesma. Essa hipótese física nos pode dar a imagem do sistema de retorno das forças que o Eu, centro genético, lança qual fonte, pelo que cada Eu, à semelhança de Deus, é centro de um Seu universo em que todo efeito retorna à sua causa. Trata-se do mesmo princípio repetido do plano físico ao espiritual, por universal lei de analogia. E também em Deus e Seu universo, tudo, toda criatura, retorna ao Criador. Assim nós qual centro irradiante nos construímos e ao nosso ambiente, à nossa imagem e semelhança, e fazemos a nossa atmosfera, como queremos. Esta, pois, nos liga qual nosso fatal destino. O pensamento tem verdadeira potência criadora. Todo o universo é baseado sobre esse princípio. Mas potência criadora somente enquanto e até aonde se vai conforme a Lei, e não contra Ela. De outro modo se tem uma potência destrutiva. O princípio de destruição não representa senão o caminho percorrido por Satanás, inverso do percorrido por Deus. Que o pensamento no bem ou no mal, plasma as coisas, para o belo, o bem e a vida, ou para o feio, o mal e a morte, vemos em nosso organismo, no qual é evidente a construção ideoplástica, por exemplo nas impressões maternas, que se podem imprimir no feto. Que seja o espírito que modela o seu corpo, o vemos no fato de que uma idéia fortemente sentida e constantemente vivida, se imprime em nosso rosto que assim acaba por revelá-la debaixo de qualquer máscara. Assim a idéia dominante se torna um caráter somático. Atrás de um impulso enérgico e tenaz do espírito, também os ossos e os tecidos se plasmam.

Eis, em breves traços, o que aparece quando se alcança a visão de verdades mais elevadas. Desponta,

então, uma economia universal supernormal, que sabiamente regula a vida em todo campo. De tudo isso se vê quanto está fora do caminho o mundo moderno na procura da felicidade, e quando esteja longe de a poder alcançar. Assim se compreendem as suas infinitas desgraças que, como dissemos, constituem fenômeno lógico e justo num organismo universal onde quer que seja e sempre perfeito. Não há mais que uma fórmula para entrar no reino da alegria, que é a do Evangelho: "Ama o próximo como a ti mesmo". Ela representa a retificação divina da perversão satânica. Mas que pode compreender de tudo isso nosso mundo de hoje, se nada sabe do funcionamento orgânico do universo e ignora, não somente a estrutura da Lei, mas a sua. própria existência? Que podemos pretender, quando o homem moderno, com o seu materialismo, nega francamente o espírito e em lugar de partir deste que é o princípio genético, causa de tudo, inversamente parte do mundo físico e do corpo, que são simples efeitos? Que conclusão pode tirar uma ciência assim invertida, senão a universal destruição? Entretanto, tudo isso já foi dito, há tempo, pela filosofia hindu, que é a mais antiga e profunda que o homem conhece. A moral está em que nosso século é um período de transição, que tem a função de liquidar, numa destruição geral, a atual pseudo civilização, construída às avessas, isto é, sobre a matéria em vez de ser sobre o espírito; tem a função de desembaraçar, com isto, o campo para uma civilização nova, corrigida, construída sobre o espírito em vez de o ser sobre a matéria. Frente a essa nova grande civilização do terceiro milênio, a atual tem, apenas, a função de preparar a parte mecânica que possa depois prover automaticamente a execução dos serviços materiais, de modo que o homem se dedique a algo mais importante. Resolvidos os dois maiores problemas que hoje, nos atormentam, quais são a paz universal sob um governo único e a justiça econômica e social, problemas que a história nos propõe para uma iminente solução, o novo mundo poderá começar a utilizar os resultados da ciência atual, não mais para destruição da guerra, mas para o próprio bem-estar. Então por estes servido, ele poderá superar a luta pelas necessidades materiais, primeiro problema de hoje, para enfrentar lutas e problemas superiores, próprios de um mais elevado nível biológico, hoje não compreendido, onde domine, não a matéria, mas a grande potência do espírito.

O mundo de hoje escolheu o caminho na direção descendente, para o relativo e o particular, em vez de escolhê-lo para a unidade. Por essa razão o saber é divergente, a ciência é analítica, a concepção da vida é materialista e se exaltam, não os valores centrais genéticos do ser, mas os periféricos da forma; por isto o conhecimento perambula penosamente por entre uma miríade de efeitos, sem ser capaz de penetrar as causas. Tudo assim se constrói ao reverso, o trabalho se torna contraproducente, o construir vem a ser destruição e tudo se pulveriza nas mãos de pseudo-construtores. É verdade que no fundo da obra do homem está a obra da Lei preparando a correção salvadora. Mas, o mundo caminha com a cabeça para baixo. Vive-se em uma atmosfera de esmagamento. O tempo, isto é, o limite, se tornou o senhor, o tirano. Tudo se secciona, se fraciona, se subdivide. A idéia de superar o tempo com a velocidade é um delírio. Do tempo não se evade, não se supera acelerando o passo, mas vivendo fora do tempo, sem qualquer movimento no espaço. São bem escassos os lucros de tempo dados pela velocidade; trata-se de pequenos deslocamentos de correlações e o tempo fica e com ele o limite. Um certo alargamento de horizontes e o espírito permanece sempre fechado numa prisão, que é somente um pouco mais ampla. Pequenas expansões que não podem saciar a ânsia do infinito que está na alma. Nunca houve tanta falta de tempo como agora, quando se dispõe de tão rápidos meios de comunicação! A nossa ansiosa corrida sem paz, que chamamos dinamismo, não é uma vitória, mas uma derrota, não é a nossa força, mas a nossa fraqueza. Exaltâmo-la como uma nossa nova virtude e potência, e é um defeito nosso e inferioridade. Estamos fechados em um sistema virado às avessas, no qual quanto mais se corre tanto menos se chega, que em vez de nos ajudar nos esmaga. E o preciosíssimo tempo se esmaga e pulveriza em mil coisas, sem nada nos trazer de concludente. Que felicidade construiu essa corrida contínua? A nossa era foge das idéias centrais sintéticas, unitárias. Quem se coloca na circunferência está obrigado pela sua própria posição a uma afanosa corrida contínua, para dominar apenas uma parte daquilo que, quem está situado no centro, domina sem se mover absolutamente. Daí a nossa necessidade de correr. Mas é sempre um correr periférico que não alcança a meta. Os imóveis sábios orientais, reclusos nos conventos do Tibete, podem bem olhar com piedade para a nossa vertiginosa sociedade, que em cima do edifício das suas conquistas vê apresentar-se o suicídio atômico. E no entanto a corrida do "tempo é dinheiro", é a sua punição. A presença do nosso erro é revelada pela nossa ansiedade.

Quem encontrou, não procura. O tormento e a pressa são índices de vácuo interior, de fome de espírito, de ameaçadoras carências. As mais altas verdades satisfazem a fundo, a sua compreensão dá calma, o que é índice seguro para reconhecê-las. Encontramo-nos, ao contrário, num redemoinho de filosofias, de relativas interpretações da vida. Os seus princípios fundamentais entretanto não mudam e são eternamente idênticos aos da busca vã de soluções e da sua vã procura. A contínua necessidade de novidades é a primeira característica da nossa posição periférica e relativa. Todavia, o homem atual deve viver e percorrer a sua fase biológica. Que outra coisa podemos hoje esperar dele? Chegará, no tempo próprio. Cada coisa está sempre perfeitamente em seu lugar.

Neste ponto surge espontânea em nossa mente a pergunta de como seja possível, por evolução, a passagem da nossa mente para uma fase mais elevada, bem como a correção do nosso mundo pervertido, num mundo melhor, para curá-lo de seus erros. Não é possível negar que, mesmo a nossa economia normal, não tenha as suas leis e equilíbrios. Como se pode demolir a premissa axiomática do egocentrismo que, se existe, é porque tem a sua função? Como se pode passar da economia egoísta do "do ut des"[6] à economia altruísta do "ama o próximo como a ti mesmo"? Certo é que, à primeira vista, parece bem estranho, tanto está fora da nossa psicologia, esse sistema de obter as coisas, não enfrentando-as para as agarrar, mas em as deixar vir espontaneamente a nós. O que nos parece muito estranho é, entretanto, uma realidade experimental que se verifica com todos aqueles que se apresentam, além do limite do nosso plano de evolução, em outros superiores. E quem pode negar uma realidade experimental, os fatos dos quais também a ciência se faz escrava, só porque não chegou até lá, não vê nada, e, não podendo compreender, nega? Se posso falar longamente dessa economia supernormal, é porque vou largamente experimentando-a. Limito-me a indicar aos meus semelhantes as observações objetivas, por mim controladas racionalmente, feitas explorando a sua realidade pouco acessível. Mas certo é que, para quem as alcança, elas possuem a potência das coisas mais vizinhas, atuais e concretas, tanto de se poder fazer depender delas também o contingente da própria vida.

A passagem da economia normal à supernormal torna-se possível e compreensível, quando se chegou a sentir que a essência da vida e do criado é Amor. Ele é a maior força do universo, que o rege e, no fim, tudo vence (v. ***Deus e Universo*** cap. 15 e 16). Por isto é lógico que o Amor abra todas as portas, e que, ao contrário, o egoísmo as feche. E uma verificação de fato, para quem vê, que essa é a mecânica do sistema. Para poder, pois, atingir as infinitas riquezas das quais o criado extravasa, é necessário passar pelo caminho do Amor. Eis que o Evangelho pode ser também o mais seguro método para enriquecer e com que riquezas! Não se quer com isto dizer que num mundo de justos todos estariam bem como conseqüência da honestidade de todos. O fenômeno é pessoal e os resultados são acessíveis em qualquer mundo. A riqueza não nos vem, somente, pelos efeitos que o sistema produziria se coletivamente aplicado, mas nos vem porque o indivíduo põe então em movimento algumas recônditas forças da vida que o compensam e o premiam, porque ele caminha conforme a Lei, que é Amor. Em suma, o cálculo econômico não é o resultado de trocas de meios entre homens, mas de forças entre o indivíduo e a vida. O próprio semelhante aqui não tem entrada, e se aparece é como meio, freqüentemente inconsciente, manobrado pelas forças referidas. A conversa não se faz com o homem, mas com Deus, com base nas próprias ações e no real mérito próprio.

Trata-se de uma economia superior que dista da normal como o cálculo infinitesimal da aritmética elementar. A vida funciona com os princípios das várias economias, conforme os planos de evolução. Quanto mais alto se sobe, tanto mais ela opera segundo a divina lei da criação, que é o Amor. Quanto mais se sobe, tanto mais o rudimentar princípio de equilíbrio "do ut des" se torna completo, passando da lei do talião para a lei do altruísmo, dois graus de justiça diversos. O universo está regido por princípios dados e fixos. Estes representam a estrada sobre a qual os seres podem caminhar como querem, mas a estrada está traçada. Somos livres, porém teremos em proporção do que tivermos dado. Se usarmos com egoísmo quanto nos vem dado pelas fontes da vida, ou seja, contra a lei do Amor que tudo rege, maior será a contração das forças que regulam a distribuição dos bens. Quanto mais egoísta for o indivíduo, tanto mais se restringirá o canal, que

[6] **"Dou para que dês". (N. do T.)**

tende a se fechar, até que a fonte não flua mais e todo auxilio seja negado. Nesse sistema os bens podem vir a nós mais do que na medida dada pela nossa capacidade de extorsão, na medida dada por aquilo que merecemos. É difícil experimentar isto em nosso mundo apressado, porque o mérito não se conquista em um instante, mas com longa preparação. Este depende, como a saúde, do tipo biológico e do regime constante de ação. Por essa mesma lei do amor, um trabalho feito somente com a finalidade do pagamento, isto é, egoisticamente, é muito menos criador e vital do que o trabalho fecundado pelo Amor que aumenta a sua potência genética e diminui a fadiga, até que, nos planos mais altos, se torna livre e alegre ato criador que reflete o divino ato da criação. É a nossa involução que faz do trabalho uma condenação, uma fadiga, uma escravidão. Subindo, tudo se liberta, se alivia na alegria, se torna potência a um só tempo no seu rendimento. E a ascensão se cumpre no Amor.

A dificuldade no inicial tal novo método é dada por um agravamento da fadiga, que já é tanta em um baixo plano de evolução. Quanto mais se está embaixo, tanto mais se é pobre e onerado, sendo então muito mais necessário e maior o esforço para se tornar livre. Não há mais que iniciar o trabalho com paz e tenacidade. A evolução não se força e não se precipita. Ela é uma lenta marcha de resistência. No princípio, teme-se uma nova limitação e o egoísmo se revolta. Acaso será possível se desatarem os nós, continuando-se a estreitá-los, ou, pelo contrário, afrouxando-os pelo caminho inverso? Somente invertendo-se o caminho da involução é que se pode evoluir. A princípio somos desviados pela ilusão que nos faz temer uma piora de condições. Mas se se viesse claramente, saber-se-ia que o egoísmo em nada sofreria, porque a vida é sempre utilitária e quer o nosso bem. O sistema é verdadeiramente vantajoso. Os obtusos responderão que não se deixam lograr por esses especiosos e capciosos raciocínios e ficarão pobres e cansados servos do que puderam agarrar. Naquele plano é muito difícil compreender o Evangelho, quando diz: "Pensai nas coisas do Espírito e o resto vos será acrescentado". Entretanto, essa coisa que parece tão absurda, posso testemunhar que para mim foi experimentalmente verdadeira. Somos filhos de Deus, Pai amoroso. Ele, infinitamente rico, nos proverá de tudo, se nós estivermos com Ele. Os seus escrínios são sem limite e sempre cheios, a chave para abri-los é o Amor, e tudo se pode deles tirar em proporção. Quanto mais se ama, tanto mais se dá, e quanto mais os escrínios se abrem, tanto mais recebemos. Quanto menos se ama e se dá, tanto menos eles se abrem e tanto menos nos darão. Com a avidez e a força, eles não se abrem, mas se fecham, e nada se toma, porque a vida, em face do egoísmo e da violência, se contrai, defende e nega.

O caminho para sair de toda limitação está somente no iniciar progressivamente uma série de ações positivas em direção altruísta, isto é, expansionista. É o caminho dos santos. A maioria se retrai amedrontada. Assim aconteceu ao jovem que perguntou a Cristo que deveria fazer para tornar-se perfeito. Quando ouviu responder-lhe: "Si vis perfectus esse, vade, vende universa"[7], ele se retirou triste, sem aceitar o conselho. E assim os caminhos das maiores riquezas se fecham. É bem difícil despedaçar o circuito dos vínculos terrenos em corrente e é necessária uma energia pouco comum. Estamos embaixo e, somente se tivermos a força de subir por nós mesmos, poderemos ver a luz e provar a felicidade. Estamos embaixo e o mundo procura o conforto ao descer ainda mais para baixo, criando assim nova dor, fechando-se assim sempre mais nos limites da involução e na prisão do egoísmo. Mas a saída está no lado oposto. O homem deve tentar e sofrer muito ainda, para a encontrar. E. lei que não se possa subir para a felicidade senão através do sacrifício e do Amor, os grandes princípios sobre os quais se apoia o universo. Infelizmente, isto não se faz ou não se quer fazer. E então, na expectativa de saber subir, ficam na terra a dor e a miséria, herança própria desse plano de vida. Não há remédio senão no saber e querer fazer o esforço para sair dele. Esta é a estrutura do sistema. Se não quisermos subir, ficaremos na dor e na miséria, como é justo em um universo perfeito.

---

[7] **"Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens". — Mateus, 19:21.**

VI

LUTA E SELEÇÃO

Já dissemos que as diversas verdades vistas pelo autor, através do fenômeno da personalidade oscilante, não constituem um produto subjetivo a ele limitado, mas que elas têm uma existência própria subjetiva, dele independente, isto é, correspondem aos vários planos evolutivos da vida, representando, assim, uma universal realidade biológica. O caso pessoal ficou, dessa maneira, dilatado numa significação muito mais vasta que interessa toda a vida. As diversas verdades nos aparecem como expressões de diversas fases evolutivas ou planos de existência. Destes vimos alguns aspectos gerais no capitulo precedente, descrevendo-lhes as características, as condições do nosso mundo atual e a técnica da passagem para fases superiores. Observemo-los, agora, mais de perto, de um ponto de vista mais particularmente biológico, em referência às teorias que hoje vigoram nesse campo. Em substância, nada mais fazemos do que aprofundar sempre em maior escala o grande problema da ascensão humana, aquele que contém as soluções de todos os problemas. Com isto, já se delineia o ritmo ascensional deste volume que, partindo do inferno humano e subumano, nos quer levar, fazendo sentir todo o contraste, ao paraíso super-humano e divino. O estudo psicológico particular onde iniciamos nosso movimento, não serviu senão de motivo inicial para a descrição dessa ascensão universal. É natural que, para poder falar com conhecimento desse fenômeno, o autor deva antes tê-lo experimentado no seu caso particular, que, porém, é de todos, é um momento da universal lei da vida. Vejamos como penetrar o pensamento diretivo, que guia a nossa evolução.

A interpretação, que hoje domina nesse campo, nos provêm do materialismo ainda dominante, que Viu as coisas a seu modo. Ponto de vista relativo a um dado plano de evolução, idéia, pois, destinada a ser superada. Idéia, entretanto, hoje aceita na psicologia corrente como verdadeira e definitiva. É bom observar até que ponto esta corresponde ao verdadeiro pensamento diretivo da vida. Comecemos por observar que, enquanto a forma mental dominante continua a mover-se por inércia na direção materialista, proveniente da orientação científica do último século, e isto até suas últimas conseqüências práticas, o mais recente pensamento diretivo da ciência levou tão além, nas profundezas, a visão da matéria com a nova química atômica e física quantística, que aquela concepção materialista fica sendo primitiva e superficial. Ela foi levada, pela ciência mais moderna, segundo as mais recentes orientações, tão perto do espiritualismo, que, no final, aquela concepção quase não pôde mais ser distinguida deste. Mas, disto nos ocuparemos mais adiante. Portanto, o materialismo representa o tipo de conhecimento científico do nosso tempo e nada mais. Mas a direção, ainda que, embaixo, nas massas, continue imperturbável, no alto, no elevado pensamento diretivo, já se inverteu. Assim, por lei biológica, é lançado o impulso que, prolongando-se depois, como sempre, inverterá a rota do pensamento moderno, levando-o para uma nova civilização de tipo oposto. Não se tratará por certo do espiritualismo de hoje, vago e não demonstrado, mas de um espiritualismo que provará e aplicará o que agora é somente fé ou teoria filosófica.

Na biologia, o materialismo de Darwin viu a evolução das formas físicas ou efeito, sem imaginar a presença de uma evolução do espírito ou causa das formas. Acima, falamos dessa tendência à inversão de tudo em nossa fase atual. Assim, justamente, viu-se às avessas: a causa no que é somente o efeito, isto é, na forma. Segundo essa orientação, a evolução se processa através da técnica da luta pela vida e a seleção do mais forte; o mais forte, que em filosofia vemos reaparecer no super-homem de Nietzsche. Tudo isto é verdade, mas somente no plano biológico animal, num mundo inferior ao qual ninguém pode impedir que o homem pertença. Mas, isto não é mais verdadeiro logo que, evolutivamente, se haja subido. Em suma, quando se fala dessa coisa imensa que é a vida, é preciso distinguir e precisar a que biologia nos referimos,

porque todo plano evolutivo tem uma sua própria, com leis próprias, que não são as dos outros planos. Ora, a biologia normal humana, se olhada do ponto de vista de uma biologia supernormal, pode aparecer toda como um erro de perspectiva e ao contrário. E aqui podemos aplicar o conceito das verdades relativas. pelas quais as teorias do materialismo servem e valem para a sua biologia e não além. Não se pode compreender o pensamento diretivo da vida, observando-a num só de seus momentos, relativo a uma só fase, tanto mais que aquela evolutivamente superior nos aguarda, é o nosso amanhã e nós justamente percorremos a atual para nos preparar à sucessiva.

Como se comporta a vida no plano animal e humano? Ela escancara as portas para a reprodução e lança fora indivíduos em grande abundância. No plano animal, estes não estão inteiramente juntos na fase orgânica coletiva, não sabem, pois, fraternizar-se em organismos coletivos e colaborar em unidades superiores. Isto está muito alto para eles e representa o futuro. Eles se devem preparar através de infinitos contatos recíprocos, que no princípio são choques sanguinolentos. Apenas nascidos, eles se tornam rivais e inimigos e os motivos psicológicos dados por sua forma mental não faltam: o espaço vital, a exuberância de energia, o instinto de invadir e submeter para se expandirem, na natural insaciabilidade do desejo, a conquista dos bens para viver, da mulher para se reproduzir. Eis subitamente a luta. É a mecânica do sistema. Basta olhar em torno, para ver funcionar automaticamente, em pequena e em grande escala, como num grupinho de rapazes que, de repente, litigam entre si, como povos sempre em guerra; esta, antes que no comando dos governos, está no instinto dos homens sem o que ninguém poderia impô-la.

O primeiro passo é a produção dos seres, o segundo é a luta, o terceiro é a seleção. Resultado final é a evolução; finalidade é a elevação para o bem e a felicidade. É uma sucessão de finalidades, de proposições num raciocínio. Eis porque, como título deste capítulo, ligamos as duas palavras: luta e seleção. A primeira é condição da segunda. Sendo pacifico que a vida trabalha sempre com inteligência e com um fim a atingir, ela oferece logo a esses seres, para o fim evolutivo a que tende porque este leva ao seu bem, um trabalho proporcionado à sua capacidade e sensibilidade; gênero de trabalho que seria inútil, absurdo, destruidor e insuportável em planos de vida superiores. A vida dá, pois, imediatamente, a esses seres do plano animal e humano, uma ocupação digna de si, manobrando-os através de seus instintos, a que eles obedecem, crendo obedecer a si mesmos. A vida nos faz sempre trabalhar para nos fazer subir. A quem está mais alto aquela seleção animal pode parecer um trabalho bestial. Mas, uma atividade mais refinada e complexa, o ser daquele plano não a saberia cumprir e não seria proporcional à sua capacidade. Trata-se verdadeiramente da seleção do mais forte, como é hoje compreendida, uma seleção animal em que é preciso, todavia, usar e desenvolver os sentidos e a inteligência. Naquele plano o trabalho coletivo orgânico e as conquistas espirituais são inconcebíveis. Porém, em nosso mundo, a luta já se está transformando de muscular e física em nervosa, conquanto esta ainda seja feroz. O progresso já é visível. A forma de luta é índice do próprio plano evolutivo. Diz-me como e por que coisa lutas e te direi quem és. A luta, condição de conquista, não se extingue nunca na vida. Mas por ela mudam, com o evoluir, a forma, os fins e as realizações.

Hoje, em nosso mundo, se começa a compreender, como não acontecia no passado, o disparate desse gênero de luta animal, que não sabe atingir os seus fins senão lançando os homens uns contra os outros para se matarem e para destruírem tudo o que é mais útil e custoso, e isto para a seleção. A hodierna impopularidade da guerra demonstra que o homem hoje caminha para superação da fase animal. Um estado de coisas, de fato, não se pode perceber quando se está fundido nele como num todo homogêneo, mas somente quando se começa a emergir, dele se diferenciando. Hoje, na realidade, se começa vagamente a compreender, sem ainda saber atuar, as suas conseqüências lógicas, o disparate desse perene odiar-se uns aos outros, quanto seja antivital esse nunca acabar de punir-se reciprocamente, que é o que faz, verdadeiramente, da vida uma punição. Esta é criada e desrespeitada pelo homem e não por um deus vingativo. O homem está hoje bastante sensibilizado para começar a sentir quanto se há tornado inaceitável esse tipo de luta e seleção animal. Formas mais civis de existência fatalmente o esperam. O mais desenvolve-se do menos. Assim como no começo a propriedade era filha do furto e a primeira forma de organização social foi dada pelo império do senhor sobre o servo; assim como, para se chegar à sociedade, dos estados, se deu

início aos imperialismos escravistas, dominadores dos povos; assim como se chegou ao conhecimento, partindo-se do terror do próprio dano, e à ciência (por causa da necessidade utilitária, assim não é para se maravilhar se possa chegar a um novo tipo de seleção, partindo do atual, embora seja este bestial. Não devemos, pois, nos escandalizar se a vida sabe atingir os seus fins evolutivos mesmo através de todas as velhacarias humanas.

Procuremos compreender o verdadeiro significado desse método para nos fazermos evoluir, usado pela vida com a luta e seleção. A que tende verdadeiramente esse triunfo do mais forte? Trata-se aqui, mais que de uma lei de todas as fases biológicas, somente daquela limitada a um dado plano inferior? Quais são os fins da maior biologia universal? Propõe-se ela, verdadeiramente, fazer triunfar esse tipo do mais forte, que pode ser, ainda, o mais prepotente ou injusto, ou é esta uma fase de transição admissível somente em planos inferiores, enquanto a finalidade da vida é de criar um tipo biológico completamente diverso?

A lei da maior biologia universal é que a luta, em todo plano, é um meio de construção da consciência, uma forma de atividade imposta aos seres pelos seus instintos, pelo ambiente e pela Lei que domina tudo isso, para chegar, através da experimentação, ao desenvolvimento de qualidades sempre mais espirituais. É natural que nos planos inferiores o trabalho e as qualidades sejam de caráter inferior. Mas tudo tende a atingir trabalhos e qualidades superiores. Nos animais e no homem inferior, a luta servirá para o refinamento dos sentidos e para o desenvolvimento egoísta da inteligência utilitária. Mas no homem superior ela servirá para o triunfo de uma idéia e se transformará numa colaboração qual instrumento consciente da Lei. É ainda lógico que no plano animal, as experimentações, os contatos e as reações do ambiente devam assumir uma forma brutal e violenta, porque, com modalidades mais refinadas, o ser, não ainda sensibilizado por evolução, nada perceberia. A luta parece brutal e violenta a quem está mais no alto mas não a quem está naquele nível. Tudo é proporcionado pela divina sabedoria da Lei. Assim o animal e o homem inferior não são ferozes senão para o evoluído. Para si mesmo, ele está equilibrado no seu plano, e não vê senão o fim a atingir e não a ferocidade do meio, que somente de um mais alto ponto de vista se revela ofensivo de outras leis que o inferior ignora. Assim o selvagem não se sente selvagem, nem o verdadeiro delinqüente, delinqüente. No entanto, também este ser deve evoluir. Então são necessárias para ele experiências bem duras, as que, para o evoluído, seriam cataclismos mortais. Assim as grandes dores que dominam na terra são proporcionais à insensibilidade humana, e o prova o fato de que a maioria ama esta vida tão miserável. Quem está mais adiante não a pode aceitar como prazer, mas somente em outro sentido, isto é, como expiação, ou dever, ou missão.

A vida não se propõe, pois, por nada, como último desígnio, o triunfo dos mais baixos campeões da raça Somente o materialismo e a sua filosofia podem pensar assim. O triunfo do mais forte neste sentido pode ser sobre os primeiros degraus da estrada ascensional, mas a via dos triunfos é longa e vai longe. A luta no alto assume outras formas e outros fins, isto é, a formação de um ser, não mais forte porque dominador e mais violento, porém mais potente porque mais inteligente, sábio, enfim, justo e bom. Ele, então, como veremos, penetrará no funcionamento da Lei, como conhecimento e como atividade, pondo em movimento novas forças e podendo atingir riquezas imensas, antes ignoradas. Ele é potente, bem diferente de um fraco e falido, como o julga o homem inferior que toma sempre a bondade por fraqueza. Sua luta e experimentação assumem um caráter de todo diverso. A forma de luta dos planos inferiores, aquela do tormento da fome, da ofensa e da defesa, lhe é poupada, porque é superada. Então a vida se harmoniza e a própria Lei pensa em defender o homem que a ela adere, poupando-lhe esse duro trabalho, para ele já inútil, e que, no entanto, é fundamental e necessária ocupação para os inferiores. É lógico que o trabalho útil, imposto a tipos biológicos tão diversos, deva ser diferente. É lógico que, quando se há superado o nível de vida visto pelo materialismo, o campeão visto por Nietzsche no seu super-homem torna-se um delinqüente, um selvagem rei de selvagens, um ser anti-social, destruidor da unidade, desagregador e antivital.

O Evangelho, que é construtivo, nos indica, ao contrário, bem outro tipo biológico. A sua inversão de valores não significa mais que a passagem de um plano inferior a um superior nível biológico. Nisto

consiste a grande boa nova, isto é, o anúncio que para o mundo hoje chegou a hora da grande transformação evolutiva, que o levará para uma nova civilização, a de um novo tipo humano. O Evangelho enfrentou diretamente a lei do piano animal, contrapondo-lhe uma outra lei, de um plano superior, em que pela evolução a primeira deverá fatalmente inverter-se. Isto, com o Discurso da Montanha, que é a inversão dos valores humanos em outros opostos, em que os vencidos aparecem vencedores e os fracos, fortes. Eis a maior biologia que o materialismo não viu. Assim, da fase onde o arbítrio da absoluta vontade do vencedor, que tudo se pode permitir, porque é vencedor, porque como tal lhe cabe fazer a lei, chega-se lá onde isto, ao contrário, é injustiça condenada pela Lei, única senhora, em cuja harmonia somente é lícito viver. No primeiro caso o ser é deixado às suas forças somente para sofrer os erros que perpetrará e dessa forma chegar a compreender e aprender. Mas, conquistada, com esse trabalho, a consciência, ele percebe que vive em um todo orgânico, bom e sábio, e que a violência não serve mais para nada, não para vencer, mas para perder. Então a vida, localizada na ordem divina, torna-se outra coisa: de inferno a paraíso.

Interroguemos ainda o pensamento diretivo da vida, como ele funciona na realidade biológica. É um fato que a natureza não se opõe à geração dos fracos e doentes. Procura remediar os seus defeitos para salvá-los, reforçando-os como pode, mas não se opõe ao seu nascimento. Deixa assim vir ao mundo uma quantidade de infelizes, doentes da mente e do corpo. Ela os deixa lutar e sofrer. Por que? Se a finalidade principal da vida fosse a seleção do mais forte, nesses casos aquele desígnio seria completamente frustrado e a natureza seria a própria contradição. Entretanto, vemos quanto ela é sábia e benévola protetora. Por que os deixa, então, se debaterem na dor? Se, pois, a vida se comporta assim, dado que nunca age loucamente e não está acostumada a errar, isto significa que o seu objetivo é bem outro, que não é a seleção do mais forte, com o abandono dos outros. A natureza não é partidária e não abandona nunca ninguém. A finalidade é a formação da consciência, enriquecendo-a de todas as possíveis qualidades, através de todas as possíveis experiências. O insucesso do fraco e do doente, dos vencidos da vida, não pode então ser interpretado como uma derrota, mas sim, como uma útil posição de trabalho para a aquisição de preciosas qualidades novas, das quais o vencedor, ao contrário, dada a sua diversa posição, está excluído. A finalidade da vida não é, pois, senão em casos particulares, a da formação de um mais forte e prepotente. Nas grandes linhas a vida quer criar um ser sempre mais ativo, mais complexo, mais orgânico, mais sábio e tudo isto, mesmo através da fraqueza, da derrota, da dor. Eles não constituem por isto, uma falência e uma perda da vida, como crê o materialismo, mas uma das tantas vias de experimentação e um meio de conquista. Se não fosse assim, a vida, que é mesmo tão forte, sábia e boa, seria vencida, estulta e cruel no permitir a geração dos fracassados. Ela, ao contrário, não se opõe completamente e são muitos os que deixa nascer. Somos nós, portanto, que não compreendemos a natureza e não é a natureza que não alcança os seus fins. Quanto mais formos capazes de compreender, tanto mais encontraremos no universo um organismo perfeito. Dizer o contrário significa nada haver compreendido.

Todo plano de existência tem as suas leis e não se pode compreender e julgar o plano superior permanecendo no inferior, enquanto, nos planos mais altos, os mais baixos são compreendidos e julgados ferozes e selvagens. Temos assim, uma série de níveis evolutivos, dos quais cada um possui uma sua verdade relativa, que com eles evolui sempre mais para o alto. Planos, pois, e verdades em evolução. Esse é o movimento das formas e do concebível no relativo para ascender, sempre mais se acercando do absoluto. O mais pode compreender e julgar o menos, mas não o contrário. Sobre todos os planos impera a Lei única através dos infinitos aspectos da verdade, relativa a cada determinado grau de desenvolvimento ou fase evolutiva em contínua transformação progressiva. Todos os meios são usados sempre em proporção à natureza do ser. O método da seleção do mais forte não representa senão um caso, um grau, uma lei, uma verdade relativa. Depois a fase é superada e se passa a uma ordem de formações e aquisições diversas, com outros métodos mais evoluídos, de diversa característica, proporcionais a um diverso tipo de vida. Os experimentos são os mais disparatados. A natureza não tem limites de meios e de ambientes, a aquisição de qualidades no desenvolvimento da consciência no desenvolvimento da consciência deve ser infinitamente múltipla.

Desse modo, o ser se move guiado pela lei ao longo de canais assinalados por uma rede de princípios em todos os níveis; ele encontra sempre, a cada passo, o trabalho que lhe é adaptado. Como poderia orientar-se e guiar-se no universo, ignorante de tudo? Ele nunca está só, nem abandonado. Sem essa imanência de Deus, o ser estaria perdido. Também os golpes adversos têm um significado útil e construtivo, há sempre a proteção, mesmo no fundo do aparente abandono e a salvação no fundo de qualquer derrota. Em cada ser há a vida que nele se defende a si mesma. Tudo, também o mal e a dor, é nas suas mãos instrumento para a ascensão. A vida é força positiva, sempre construtiva ainda que através da destruição. Ela nos quer educar sempre para nos fazer subir, embora através do fracasso. Tudo é salutar saudável, tudo é sempre perfeito, tendente ao melhor pelo caminho do mínimo meio, com o mínimo esforço e o máximo resultado. O nosso ponto de vista humano é muito limitado para nos permitir compreender e julgar. A vida nos sabe salvar também através da morte. Queríamos impor-lhe os nossos pequenos fins imediatos e ela trabalha para fins longínquos que não vemos, com uma sábia hierarquia de finalidades, das quais, nos míopes, não enxergamos senão as próximas. Mas ela é justa. Cada dor é paga, cada esforço é compensado, cada experiência nos enriquece, cada fadiga é premiada. Se somos alguma coisa hoje, é porque a vida nos impôs primeiro o trabalho de ganhá-la Ela quer e deve formar o ser. E ainda quando açoita, o faz para o nosso bem. Com isto Deus está presente em cada coisa e em nós. A profunda consciência da Sua constante presença em cada coisa, e em nós, será o nosso conforto e a nossa força.

A palavra vida não exprime um conceito genérico e abstrato, mas uma realidade que vive, goza e sofre, através de nós. Toda nossa vibração nos transcende e pertence a alguma coisa maior do que nós, com a qual estamos em continua comunicação e que é um organismo imenso e perfeito, complexo e sábio. A vida, autopunindo-se, corrige-se através de nós e assim nos protege. Suas, também, são as nossas alegrias e as nossas dores. Em nosso plano e ambiente, nós somos a vida, como o é todo ser no seu: um caso particular, do infinito existir. Somos a sua expressão particular, concretizada em uma dada forma, expressão de princípios e forças universais. Que profundas raízes tem, pois, no infinito, cada ser! Somos a expressão exterior de uma fonte inexaurível que está no íntimo e que tudo alimenta e rege. Se, na periferia onde estamos como forma, há caducidade e morte, no íntimo do ser os poderes genéticos de renovação são infinitos e inexauríveis. Evoluindo, ele se avizinha sempre mais da riqueza dessa fonte e dela pode gozar. Assim se explica como a economia supernormal seja muito mais rica que a normal, como vimos. O segredo para enriquecer é, pois, o saber tornar-se vivo, sempre mais em profundidade, sempre mais perto da fonte, Deus. Eis que potente significado vital pode assumir esta palavra para quem está mais avançado no caminho da evolução. É nessas profundezas que, com estes escritos, aqui procuramos despertar a vida É por isto que aqui sempre se insiste sobre o evoluir, sobre a ascensão para Deus, e com tanta paixão dela se fala, pois que, verdadeiramente é este o problema dos problemas e com ele tudo se resolve. Há, entretanto, um caminho para eliminar a dor, conquistar conhecimento e sabedoria, riqueza e potência, é o caminhar para Deus. Se o mundo compreendesse a significação dessas palavras e as soubesse aproveitar! No entanto, ele passa perto de tudo isso sem compreendê-lo, como um selvagem olharia o mais precioso instrumento científico sem conhecer-lhe o valor, e o destruiria, não sabendo que fazer dele. A ignorância é a muralha mais difícil de superar para alcançar-se a felicidade.

Dessa maneira, a vida funciona por impulsos interiores, lançando as suas forças do íntimo do ser. Deus não age do exterior, mas de dentro do ser, através dele que é o instrumento da Sua manifestação. Assim a vida não nos defende externamente, mas do interior, partindo do centro e atingindo a periferia através de nós, não modificando o ambiente, mas munindo-nos com recursos interiores faz-nos adquirir qualidades e defendendo-nos com a outorga de poderes de resistência. A nossa vida devemos conhecê-la, e as nossas forças, conquistá-las. As fontes são inesgotáveis, mas devemos atingi-las com meios que devemos conquistar. Com isto, a Lei nos quer instruir. Ela exige a nossa colaboração, ainda que seja fadiga, mas a Lei nos ajuda, orientando-nos, reagindo contra o nosso erro por meio da dor, indicando-nos a verdadeira estrada; não nos arrasta gratuitamente, mas nos obriga a fortalecer as pernas para não ficarmos preguiçosos, tornando-nos inábeis com a supressão dos obstáculos, que estão ali, justamente, para que aprendamos a superá-los. Eis a razão da dura luta pela vida e porque o vencedor é premiado. Mais no alto do plano animal-

humano, diversa será a luta e o tipo de vencedor, mas ele é sempre premiado. Assim o é o conquistador com o domínio terreno, como o é o gênio com o domínio do pensamento e o santo com o amor de Deus.

VII

O MAIS FOR'I'E

Se, mais no alto, há leis superiores, isto não tolhe que a luta pela seleção do mais forte seja a lei verdadeira, a vigente no plano animal-humano. Limitada a esse campo inferior e relativamente a ele, a formação desse tipo biológico pode ali representar a finalidade da vida, porque nada de melhor se pode pretender de um ser que está imaturo para mais altas expressões. Para poder melhor passar à ascensão para planos mais elevados, procuramos pôr em foco a nossa observação sobre o animal-humano, que está mais perto de nós. Podemos assim delinear o fenômeno da ascensão espiritual, também de um ponto de vista biológico e ver a que tipo diversamente forte a vida quer chegar nos níveis mais altos. Todo plano evolutivo produz o seu modelo, ou obra-prima. O reino mineral produz os cristais geometricamente perfeitos, o reino vegetal produz a flor maravilhosa e a árvore soberba, o reino animal produz a besta ágil e forte, o reino humano produz o herói condutor de povos, o reino super-humano produz o gênio e o santo. Assim, cada fase alcança a sua finalidade, ingressando, depois, na sucessiva, para alcançar outra mais elevada, subindo, assim, aos poucos, os degraus da evolução, que não representa senão a gradual, exterior manifestação de Deus, a progressiva realização do Seu pensamento no Seu universo. Todo novo impulso ascensional só se pode tomar da base que antes se haja alcançado e onde estejamos consolidados. Toda forma é o resultado do passado e das conquistas precedentes que resume, e não se pode subir para a sucessiva sem ter cumprido, elaborado e assimilado as precedentes. Dessa maneira a construção continua além do gênio e do santo, limites máximos da nossa atual concepção e perfeição. É sempre a vida que se enriquece através de miríades de experiências nas individuações que a personificam. O que é da vida é nosso e somos feitos de tudo aquilo que vivemos. Como de outro modo se pode conquistar consciência, senão através das próprias experiências?

Que imensa dilatação de horizontes este viver nesta maior vida, sem limites de tempo e de formas! Que senso profundo lhe dá esse conceito de um desenvolvimento, guiado por uma lei sábia, para uma meta radiosa, ainda que ela esteja além do nosso concebível! Que conquistas faz, assim, conosco a vida, e que indestrutível patrimônio ela constrói! Que alegria é pensar que em qualquer posição, de vitória ou de derrota, cada um de nós nunca nada perde, mas trabalha sempre utilmente para a construção de si mesmo! Que gigantesco edifício é uma alma! Nada mais de inútil acontece, tudo fica indestrutível, tem o seu peso, as suas conseqüências, é útil sempre para alguma coisa, cada dor nos enriquece de uma consciência maior. E à medida que subimos nos mudamos e a vida muda para nós; que nos pode roubar a velhice e a morte, quando somos uma alma imortal em ascensão? Que importa a crucificação lacerante, se depois a ascensão nos torna gloriosos? Muitos deliram acerca do fim da humanidade. A terra poderá ser o féretro do seu corpo, mas não do seu espírito. Apagando-se o sol, o nosso planeta não poderá mais hospedar a nossa vida de hoje. Mas esta não terá mais necessidade daquele suporte físico, porque a humanidade terá alcançado uma outra vida mais elevada, fruto da presente, e a viverá em um novo ambiente mais adaptado. Então todos os restos terrenos da nossa civilização humana serão somente produtos de refugo, deixados para mundos inferiores, para que eles os utilizem no seu plano, como acontece com todo cadáver em desfazimento. E a nossa humanidade será sempre viva e jovem, expressa em formas mais elevadas e mais felizes.

Em que fica, diante de uma visão assim tão vasta, a nossa pequena biologia, com os seus fins limitados à sua fase e relativos modelos? Em que fica, na biologia universal, o nosso "mais forte", obtido por luta e seleção? O mais forte nessa biologia o é em sentido todo diverso, e aquele tipo se forma através de

uma luta e uma seleção bem diversas. A maior luta não é contra o semelhante para o submeter a servidão, pobre emersão de uni bruto entre brutos, mas é para a conquista de qualidades superiores de sabedoria, decisiva emersão fora da animalidade e da ignorância. O mais forte nessa biologia universal e o mais evoluído, que é verdadeiramente melhor dotado, porque é mais rico em qualidades, para vencer as batalhas da luta pela vida. Ele vence sempre melhor que o involuído, de mente obtusa, embora materialmente forte. Os grandes monstros paleontológicos, quais os brontossauros etc., bem gigantescos, pereceram por sua estupidez, enquanto sobreviveram animais menores e menos fortes, porém mais inteligentes. O homem os está chefiando. É lógico que a vida dê a vitória ao mais evoluído, que representa o seu produto melhor. E ele merece, porque há mais tempo provou o seu valor e sofreu e, como tal, é o mais rico de experiências e qualidades. A vida é sempre econômica e justa. Mais no alto vence não o homem de corpo mais forte, mas aquele de espírito mais potente. Defronte ao seu dinamismo de alto potencial, a brutalidade é somente estúpida destruição. Que pode a ferocidade contra um explosivo? É belo observar a luta apocalíptica entre o anjo e o bruto. Ela não é senão um momento da maior luta entre a luz e a treva, entre Deus e Satanás. E Deus e a Luz vencem.

Em qualquer nível a vida exalta e faz triunfar aquele que é o melhor em relação ao seu ambiente. Assim ela obedece ao seu campeão, vencedor do próprio plano. Dessa maneira, nos limites deste e relativamente às próprias capacidades, ele é admitido à colaboração na Lei com a direção de fenômenos, porque como campeão ele merece confiança. o tipo físico domina só a matéria, o dinâmico domina a energia, o tipo espiritual domina o espírito. Hierarquia de potencialidade e de domínio; pois que, no fundo, o mais forte é quem está mais no alto na evolução, porque é aquele que mais manda. Ele opera nas causas profundas de que, depois, tudo deriva, opera com o espírito que dirige a energia e através desta, termina na matéria e sobre ela atua. O primitivo que crê somente na força não pode compreender que a justiça, se vence mais tarde, vence mais profundamente do que a astúcia; que inteligência e bondade vencem afinal toda violência; que uma idéia, quando responde a uma função biológica, é mais potente do que um explosivo. O mais forte no sentido materialista deve compreender ser como é somente no seu campo animal-humano, além dele, é um fraco e inepto. Passando de um plano a outro, as posições se invertem. O Evangelho demonstra ser, também, uma escola de fortes, mas de uma força diversa. Por isto os vencedores pela violência a esta se apegam desesperadamente, porque sabem, despojados desse meio, estão perdidos. Subindo, os vencedores tornam-se vencidos. Assim o são sempre os juizes defronte aos mártires por eles condenados. Em um plano mais alto os inferiores tremem ao aventurar-se porque se sentem desarmados. E então se desafogam sobre os mais evoluídos, golpeando-os pelo lado material. Mas estes são invulneráveis no seu plano espiritual, onde triunfam. Esta é a história de todos os mártires, até ao maior, o Cristo.

Tudo isto obedece às leis que permanecem iguais à distância de milênios e de uma ponta a outra do mundo. Elas tornam a aplicar-se todas as vezes que o ser se encontra em um dado grau de evolução. A ascensão apresenta-se livre para todos, mas quando se quer percorrê-la, a rota é inalterável. Toda nossa atitude, qualquer seja, nos prende sempre a um sistema do qual precisa, depois, exaurir e absorver todos os elementos componentes, até à ultima conseqüência. Desse modo quem se empenha no plano da força, é verdade, tem no começo a vantagem de ver tudo permitido: o lícito e o ilícito, o justo e o injusto. E assim ele pode escarnecer de todas as leis morais do plano evolutivo superior. E tudo vai bem enquanto ele tem na força seu único apoio. Porém, uma vez colocado sobre este terreno, se perde este seu único apoio, para ele não pode existir piedade. Então, a justiça que ele violou lhe fará pagar tudo aquilo que com a força ele tomou injustamente. A queda de tantos grandes da terra nos mostra quão seja perigoso usar esse método, que está sempre pronto a nos trair. A astúcia é força de caráter psíquico, e igualmente tenta subjugar, por isto está sujeita às mesmas leis. Quando, após muito tempo, a mentira se descobre, para o astuto não há mais piedade e então ele paga por tudo. Cada um está ligado ao seu sistema. Porém, o mais sólido é o da sinceridade e da bondade, único para construir estavelmente, sem antecipações e débito, que depois se hão de pagar. Então se suporta violência e astúcia, e simplesmente se deixa que o mundo saiba. Este então vê no justo condenado, o mártir, pois que a Lei está escrita na alma humana que, queiram ou não, tem o senso do bem e do mal. Princípios verdadeiros em ponto pequeno e grande, do indivíduo mais humilde aos povos e nações.

Há uma invisível hierarquia de seres e valores, uma ordem que ninguém pode subverter. Conquanto inerme, e condenado ao martírio, possa parecer o evoluído na terra, ele pertence sempre a um plano de vida superior, da qual nenhuma condenação terrena poderá jamais arrancá-lo. Cada um é ligado às leis do seu sistema, também o evoluído que por ele finalmente é exaltado. A hierarquia é inviolável. Os vários reinos, mineral, vegetal, animal, humano, super-humano, estão sobrepostos como os planos de um edifício e cada um se eleva sobre o outro, dominando-o. Este é o equilíbrio da imensa construção do universo. Direito, pois, à obediência dos inferiores, como dever de obediência aos superiores. Ao comando estão ligados os pesos e a responsabilidade da direção; nele, pois, nunca arbítrio e abuso, mas sempre função e missão. A Lei é um regime de justiça. Cada um gravita segundo o próprio peso específico, no próprio plano evolutivo, isto é, se encontra a viver na posição que merece, conforme as próprias qualidades e real valor, no sistema, enfim, de força proporcionado e adaptado a ele como vantagem e dever.

Para ascender a um plano biológico superior é necessário haver antes percorrido e assimilado as experiências dos planos inferiores, haver resolvido os problemas que neles nos atormentam. A este propósito, muitos economistas afirmam que não é possível educar os povos para um mais evoluído nível de vida, sem antes ter resolvido o problema das necessidades materiais. Afirma-se, como acima já indicamos (Introdução), que com essas preocupações, não se pode pensar no espírito. O fato de o homem moderno haver situado a questão nesses termos, revela a sua miopia, isto é, significa não ter compreendido qual é o fim da vida, ou seja, a evolução. O erro está no exagerar a importância do problema econômico e em crer que a sua solução signifique resolver todo o problema da vida, que é bem mais amplo que o do estômago. E, então, perguntamos a nós mesmos: que saberá fazer do seu bem-estar um homem que, havendo resolvido o problema econômico e achando-se satisfeito em todas as necessidades materiais, por haver pensado sempre e somente nisto e não saber pensar em outra coisa, não possui nenhuma preparação para um gênero de vida superior? Eis, então, o perigo já alhures notado. Não é lícito ignorar os fins da vida e limitar-se aos do estômago A vida não pode parar ali e, se aceita essa meta, isto só se dá para subordiná-la a um fim mais alto. O nosso mundo materialista se detém nessa etapa, ignorando o resto, sacrificando tudo por ela. Ai de quem trair os grandes fins evolutivos da vida! Esta quer ascender, não quer por nada criar um gordo involuído, mas um evoluído, não importa se magro. Em suma, para a vida, o problema do nosso bem-estar é secundário defronte ao da nossa ascensão, enquanto o homem inverteu os termos, tornando principal o secundário e secundário o principal. E então acontecerá que, se o homem não for preventivamente educado a saber fazer bom uso, para atividades mais elevadas, da abundância dos bens, do tempo livre e das energias disponíveis, dadas pela reduzida necessidade de trabalho, então, o mais alto nível de vida se reduzirá somente a multiplicar os seus defeitos, excitando a cobiça de gozar, a avidez de possuir, o ócio fatal. O novo poder do bem-estar, por um tipo não preparado, em vez de ser uma vantagem, pode resultar em prejuízo. Não é pueril crer que se possa satisfazer à insaciabilidade humana somente com uma mais eqüitativa distribuição de bens? No fundo da alma de quem mais grita hoje contra a injustiça social não está o desejo da eqüidade, mas o de se substituir aos atuais ricos para lhes imitar os feitos e de maneira mais desastrada.

Há pois um outro perigo: o bem-estar material adormece o espírito, amortece a luta, o que faz parar a evolução e nos distancia da salutar fadiga, que é o meio para alcançar os mais elevados fins da vida. Que fizeram, historicamente, todas as classes sociais que se asseguraram o bem-estar, senão apodrecerem até à ruína? Não basta, pois, por si só, para evoluir, a solução do problema econômico, como sustentam as modernas teorias igualitárias. Ninguém lhe nega a importância; mas é necessário compreender que isto "por si só" alcança uma bem pobre solução, se ela não se faz acompanhar por uma paralela educação e preparação espiritual, para saber viver em condições melhores, fazendo de tudo bom uso. Venha, pois, também a justiça social e a elevação econômica das classes menos abastadas. Mas, tome-se em conta que se elas não forem compensadas por um paralelo progresso moral e intelectual, tudo isto pode levar a uma ruína maior que a miséria atual, quando tantas coisas se podem perdoar, mas que, depois, em condições melhores, seriam imperdoáveis. E hoje, é mesmo esta sabedoria que falta, quando os bens não são meios para fins mais altos, mas somente fins para si mesmos e, com isto, motivo de ódios e destruições. Que real vantagem evolutiva o

bem-estar econômico pode levar a esse tipo humano? E que serve melhorar economicamente, quando se é imaturo para disto fazer um meio para progredir para planos de vida mais elevados?

As finalidades da vida estão acima das teorias humanas. Elas querem levar a humanidade para o espírito, onde há maior poder e felicidade, e não fazer dela um rebanho de animais que pastam. Todas as leis humanas e em qualquer campo devem existir somente em função dos escopos da vida. É preciso compreender os seus planos e segui-los, se não se quer ficar derrotado. Enquanto, na terra, os homens lutam para monopolizar egoisticamente tudo, a vida é sempre universal. Nenhuma classe ou indivíduo pode vencer isoladamente. A vida é já coletivista, há muito tempo. Se os mais evoluídos podem tirar da fonte, é porque devem irradiar para os outros. A justiça social que hoje tanto se procura, já existe na vida. Tudo nela está proporcionado; fadiga, méritos, poderes. Quem não é digno, usurpa ou abusa, recai nos planos inferiores onde mais se serve, e é excluído dos planos superiores onde mais se comanda. O vencedor deve pagar a sua vitória em favor do vencido, que deve ser pago pela sua derrota. Depois de ter cumprido a justiça (naquele plano) de fazer triunfar o mais forte, a vida cumpre a justiça de ajudar o mais fraco. Tudo é harmonia no conjunto, tudo é equilibrado com justiça. As derrotas são compensadas, como as vitórias são utilizadas, a força é apertada e a fraqueza excitada, e cada um é exposto conforme a posição dada pela sua natureza, pois que é esta que estabelece e atrai os assaltos. A natureza, nunca madrasta, compensará o servo à custa do dono e o débil à custa do forte. Este, mais dotado, crendo dominar, prestará ao outro o serviço de guiá-lo; e o fraco servirá o senhor, e este será o educador do servo. As barreiras sociais são artifícios humanos passageiros, já que a vida tende à unidade e, além dos antagonismos, tende à simbiose. Na realidade o senhor não comanda e o servo não depende senão formalmente, mas eles convivem, influenciando-se reciprocamente, adaptando-se um ao outro; vencedor e vencido nada mais fazem senão executar funções complementares das quais cada uma tem a sua compensação. O dominador, com o bem-estar, se desfaz, e o servo, na sua dura posição, torna-se astuto e aprende a traí-lo. Assim, alguns povos são mais inteligentes porque se tornaram astutos em milênios de servidão Dessa maneira, em qualquer posição em que estejamos, a vida nos faz mestres e alunos um do outro. No fundo de todas as dissensões e competições sociais, a vida já estabeleceu as suas harmonias, as faz funcionar e as põe em atividade. Cada elemento tira do outro e cada um acaba por dar o que tem. Quem crê comandar serve aos servos, e quem crê servir se faz servir pelos senhores. O mais forte não pode deixar de irradiar e de se expandir nos outros; o mais fraco, porque é mais pobre, absorve. Assim o mais forte, ligando-se ao mais fraco, lhe permite viver. Tudo se reduz a uma universal convivência na qual cada um, conforme sua natureza, atende a fins diversos, com objetivos complementares, formando a única grande orquestração da vida. Não há posição que não se compense, de qualquer modo do peso que a grava. Assim o explorado explora como pode o explorador, numa rede de desforras, e tudo se reduz a trocas fraternais. A vida utiliza todas as suas células, e, quer queiramos, quer não queiramos, a convivência no mesmo ambiente torna irmãos todos os seres.

Qual é a sorte e a função dos fracos na sua economia? O número é a sua força. Assim a natureza os protege. Por isto eles se reúnem em grupos para se apoiarem uns aos outros. Sentem-se seguros somente entre as filas dos iguais, isolados, estão perdidos. Não sabem pensar e agir sozinhos mas pensam e agem coletivamente, como se fossem construídos em série, vibram em paralelo. Desprovidos de qualquer autonomia, eles não sabem funcionar senão por imitação. Para saber pensar e agir por si próprio, é preciso ter uma personalidade. As massas vão assim, como rebanhos, à procura de pastores. E a sociedade já tem os seus homens-guias e normas-guias: instituição e chefes, leis e costumes, civis, religiosos, em todo campo. O forte não vive na grei; ele emerge e se isola. A massa dos fracos é necessária para fornecer ao forte o material com que trabalhar; mas um trabalho que serve para se cumprirem, para todos, os fins da vida. Tudo se reduz a uma distribuição de funções. Assim o povo tem necessidade de chefes, como os chefes do povo, os inteligentes têm necessidade dos ignorantes a quem ensinar e estes dos de quem possam aprender, os bons dos malvados para os ajudar e estes daqueles, para evoluir

Esses seres se combatem e entretanto não podem viver sozinhos; lutam para se conhecerem, chocam-se para se combinarem, para encontrar uma fórmula de sua simbiose E se não é possível encontrá-la, a

adaptação sabe, em geral alcançá-la, então o mais forte destrói o mais fraco e o substitui na vida. Se isto parece cruel e desapiedado, é a esse sistema que a natureza deve a sua força nos planos inferiores. Assim cada ser tem o seu natural inimigo, segundo sua natureza, e nele o seu continuo exame de prova. "Diz-me com quem lutas e te direi quem és". Os grandes são solitários. Eles não aceitam a luta pelas pequenas coisas terrenas e não é com esta que se ligam aos seus semelhantes, mas somente por missão de bem. Eles não agridem os fracos, mas deles sentem piedade. O fraco tem sempre a vantagem de ser menos odiado, pois não se odeia o inferior, que se pode dominar, ele obedece e não oferece obstáculos. Odeia-se, ao contrário, quem, sendo mais forte, representa uma ameaça e por isto é temido. Cada assalto, na natureza, é, no fundo, uma defesa. Todo ser é levado a agredir quem para ele representa um perigo. Quando a simbiose não é possível, então um dos dois deve perecer, isto é, o menos dotado. Dessa maneira a vida alcança os seus fins seletivos no plano animal-humano. Ela elimina os ineptos. Se isto parece ferocidade nos planos mais altos, não o é em relação àquele em quem se verifica e à sensibilidade dos seres que toca. O que justifica a vida é a função. Se cai esta, aquela é inútil. As células imperfeitas dos grandes organismos são sacrificadas para vantagem e perfeição das outras. Esta é a condição do triunfo final.

Assim é a sabedoria da vida. O que é destrutivo, no fundo é criador, e o que é negativo, assume um valor positivo. E a harmonia do conjunto, no caso particular, o indivíduo inepto não é destruído senão na forma, enquanto o principio espiritual reencontra a vida em uma forma mais adaptada; ele é eliminado do ambiente que lhe é menos profícuo. A vida segue aqui um seu método geral e lógico para a eliminação dos valores fictícios e das passividades. Permite que na desordem das revoluções, na decomposição dos enquadramentos sociais, aflorem os extratos inferiores. Então a história, momento da biologia social, está em crise. A vida procura, pois, superá-la para dela sair mais forte e imunizada como acontece nas doenças. São esses os momentos em que os micróbios patogênicos, que em patologia orgânica como na social são os involuídos dos planos inferiores, prosperam, só porque encontram o ambiente adaptado, da demolição. Micróbios sociais que não afloram senão nas horas patológicas das revoluções. Depois eles são repelidos para os planos biológicos inferiores, seu ambiente natural, porque é no próprio plano de vida que cada ser acaba sempre recaindo, por peso especifico, equilíbrio e sintonia. Assim os filhos da desordem são depois retornados no ciclo de forças do seu mundo, pois que ninguém pode resistir longamente fora do seu elemento. As posições fictícias, não correspondentes aos valores reais, logo caem. Desse modo os vencedores das revoluções raramente são os que as fizeram e depois se restabelece uma ordem diversa da qual eles são expulsos. Se, em princípio, as revoluções são destrutivas, e então a vida mobiliza a ralé incumbida dessa destruição; exaurida, porém, essa sua função, a vida se desembaraça desses elementos agora inúteis, para chamar à ação os mais evoluídos. Dá-se, assim, um como que processo de decantação ou depósito, pelo qual as unidades mais grosseiras e de maior peso específico, gravitando para baixo, aí retornam para se encarregarem de funções inferiores.

Semelhantemente, a guerra é o grande catalisador, isto e. representa a ação decisiva, na química dos povos. Tudo isto a vida faz para voltar aos valores efetivos e para se garantir com a eficiente função de cada um. Exame periódico de tudo, indivíduos, castas, povos, leis, instituições, para reformar, desfolhar, liquidar, deixando somente o útil e o bom Com esses meios a vida trabalha para se livrar das escórias das incrustações, das superestruturas que lhe impedem o caminho. Poda-se a árvore social, obra essa em que todos colaboram a seu turno. O pensador lança a idéia, o homem de ação a apanha e a aplica, as massas a fixam. Eles sentem, não analítica e racionalmente, mas intuem por instinto, em cujo fundo é a vida que fala; são guiadas pela psique de seu núcleo vital. Os fracos, reunidos em grupo, sentem qual é a verdade que pode executar a função biológica de ajudar e salvar e a ela se apegam. Tal é, por exemplo, a materna e protetora função biológica das religiões à qual mais do que todos, se agarram os fracos à procura de ajuda, os deserdados, os vencidos para superar a dor, esperando e crendo. Eis o rebanho reunido e sectário. Poucos são os fortes capazes de dar, em vez de pedir. Os demais procuram apoio, uma defesa da vida, e os meios que os auxiliam cumprem uma função biológica.

O que observamos numa rápida visão não é senão um dos aspectos da infinita sabedoria da vida. Dilatar os princípios, acima expostos, em ulteriores conseqüências, nos levaria agora muito longe do caminho até aqui trilhado das ascensões humanas.

VIII

A METAMORFOSE

Depois de examinada a seleção no plano animal humano, observemo-la nos planos mais altos. Defrontamos agora o problema que mais de perto interessa o nascente tipo biológico do futuro, isto é, o problema daquela profunda transformação que leva o ser humano do seu atual nível biológico para um evolutivamente superior. Procuremos observar o fenômeno da metamorfose do involuído em evoluído, explorando os desusados caminhos da futura biologia supernormal. Daremos assim um novo passo para diante, sempre mais progredindo no caminho da ascensão do ser. Poderemos, então, paralelamente, ascender para verdades sempre mais vastas e profundas. Aqui a particular experiência de um caso vivido, já exposta, torna-se visão das leis gerais do fenômeno. Completaremos, por visão, as normas que regulam o desenvolvimento do ser nessa nova fase da sua evolução, distanciando-nos sempre mais do plano humano atual. Mundo supernormal, que não se pode explorar experimentalmente com o método objetivo, mas somente por visão interior, com o método da intuição. É necessário apegar-se a esta, já que o campo é inacessível à investigação racional. O mundo do espírito não se pode explorar com instrumentos materiais, mas somente com meios espirituais. Para o ser não sensibilizado, incapaz de conceber os conceitos que seguem, bem como de obter sua visão por intuição, não podemos senão expor-lhe o resultado racional sem outra possibilidade de controle. Como prova se pode oferecer a concordância de todos os fenômenos observados nestes volumes e que convergem para as conclusões neles expostas. Quando tudo quadra e logicamente tudo se explica, a razão pode ficar satisfeita.

O problema da evolução do ser humano nos leva para fora do campo dominado pela biologia normal, no seio de uma outra biologia que domina um campo mais elevado. Temos dito que ela muda com o ascender evolutivo de grau em grau. Não é de se maravilhar, pois, se em um universo em contínua ascensão, a utopia de hoje pode representar a realidade do amanhã. O fato é comum na história da vida. Vejamos se compreendemos a estrutura do tipo humano do futuro e as leis da nova biologia supernormal na qual ele se move. Enquanto o homem atual é, com prevalência, assinalado pelos seus caracteres físicos, o do futuro o será por caracteres psíquicos. Confrontando as duas biologias que evolutivamente são contíguas e comunicantes, podemos dizer que aquele que é hoje psíquico, tomará amanhã o valor e a precisão anatômica do que hoje é somático. Enquanto hoje o homem é considerado pela ciência, com prevalência, como organismo animal, amanhã ele será considerado como organismo espiritual.

Como se dá a criação de novas formas de vida? A existência é devida a uma contínua restituição e troca, isto é, a um movimento, que tendo naturalmente uma direção, significa caminho evolutivo. No íntimo de cada forma está a perene imanência do pensamento de Deus que impele o ser a percorrer aquele caminho. A forma define e precisa toda sua posição sucessiva, e para não se imobilizar, torna-se destrutível e ao mesmo tempo suscetível de contínua renovação. Esse perpétuo morrer e renascer de todas as coisas é o que torna possível o transformismo evolutivo, de outro modo impossível. Assim o existir é um tornar-se, mas ascensional, um relativo, mas sempre em evolução. O pensamento de Deus, ao movimentar-se progressivamente, faz pressão do interior para se manifestar na forma, sua expressão. É evidente o que a vida nos diz: a expressão que nos dá forma e a tudo existente, vai do material ao espiritual e além. De modo que com a evolução aquela forma se faz sempre menos concreta e mais abstrata, tornando-se, assim, expressão

sempre mais transparente do íntimo pensamento criador e mais semelhante a ele. Temos visto nos precedentes escritos como se dá o desenvolvimento da personalidade por expansão de consciência, por força da contínua experimentação que é o fruto da vida. Esta é a parte expressa pela colaboração humana que, com a sua fadiga, segue o íntimo divino impulso criador.

A ciência pergunta se a função cria o órgão ou o órgão cria a função. Recordemos que o órgão é forma transitória, formada, sustentada e transformada continuamente pela função, que é a atividade na qual gradativamente se exprime o íntimo pensamento criador. O que é real na vida não é a forma, mas a trajetória do seu tornar-se. E neste tornar-se que o íntimo impulso do pensamento criador, em que o ser, com o desejo, repete em ponto menor o gesto de Deus, tenta o primeiro esboço do órgão. Cada ato, expressão daquele pensamento, vem logo experimentado pelas resistências do ambiente, é repetido se houver êxito, e com isto fixado e desenvolvido no crescimento do órgão, seu meio. Toda formação atual da vida não é senão repetição de atos iniciais, bem sucedidos, confirmados na prática, consolidados em órgãos estabilizados, que permanecem, até que não haja evolução ulterior para a formação de novos. Se assim é a função que cria o órgão, não se pode negar que seja depois o órgão que permite à função fixar-se e agir sobre ele para o transformar, aperfeiçoar e desenvolver até ao ponto de conseguir meio superior àquela forma e de utilizar-lhe o funcionamento para fazer uma nova para si. Então é de novo a função que cria um órgão sempre mais perfeito e assim em diante. Mas a este ponto ela não pôde chegar, se não porque pôde primeiro manifestar-se e agir por meio do órgão já formado. Dessa maneira, tudo está concatenado em continuação num lento transformismo, e os dois meios de expressão, o órgão e a função, se escoram reciprocamente para chegar ao mesmo fim de evoluir. Pois que toda função tende a formar um órgão sempre mais complexo e perfeito e todo órgão permite haja expressão de uma função sempre mais complexa e perfeita. Reciprocamente, causa e efeito, órgão e função, são como duas pernas sobre as quais caminha a evolução.

Se esta agora se encaminha para o espírito (que sabemos representar um grau maior de liberdade, conhecimento, potência e expansão), é lógico que o íntimo impulso criador tenda, através da mencionada mecânica evolutiva, a transformar o organismo físico em organismo espiritual, através de um funcionamento que, de físico, expresso por órgãos materiais, tende a fazer-se sempre mais espiritual, expresso por órgãos imateriais. Já no atual grau de evolução o homem começa a representar um funcionamento que se faz sempre mais nervoso e psíquico. Eis a fase de transformação do velho organismo físico e de formação de um novo organismo espiritual e isto por graus até que este último, fixado em novas formas, terá construído os meios e os órgãos para uma atividade superior. A palavra alma é genérica e o espírito não é uma quantidade constante, mas um edifício em construção. O tipo biológico do porvir pode representar, em face do atual, uma hipertrofia psíquica, uma elefantíase espiritual, uma hipersensibilidade, uma dilatação de consciência e de conhecimento, hoje inconcebíveis. Se confrontamos o crescido funcionamento cerebral e intelectual moderno com o do homem pré-histórico, podemos bem imaginar o que ele poderá vir a ser no futuro, continuando esse caminho. Ninguém pode negar as novas condições de vida do homem moderno em um ambiente de velocidade e de máquina. E ninguém poderá impedir que essas condições de vida, que são um desenvolvimento do passado, se continuem a desenvolver no futuro e a influir sempre mais sobre o gênero de experiências e, pois, de funções, que completarão a nossa vida de amanhã. Essas funções, tenazmente aplicadas ao organismo atual, não podem, senão por longa repetição, transformar esse gênero para criar um organismo novo, mais adaptado à sua atuação. Com a mecânica evolutiva oscilante entre órgão, e função, se chegará ao novo tipo biológico de características com predominâncias espirituais, não mais físicas.

Aqui nos propomos observar esse fenômeno, concebendo-o não pelo lado ideal, mas biologicamente. Queremos ver o espírito, não como vaga aspiração, mas enquadrado na biologia supernormal do futuro. Trata-se de uma nova biologia do espírito, na qual o homem se prepara para ingressar, com suas respectivas leis. Já dissemos alhures que a humanidade atual, em face desse novo plano evolutivo, se encontra psiquicamente na sua fase paleontológica de incertas formações e precipitados esboços. É a fase dos ensaios e das tentativas. Construções espiritualmente monstruosas, que aguardam, para fixar-se, a verificação na experiência. Elas representam um primeiro funcionamento desordenado que está plasmando o seu órgão, a consciência, hoje rudimentar. O fenômeno é solicitado pelo íntimo impulso criador, amadurecido por todas

as construções precedentemente completadas, potenciado por todas as conquistas já feitas. As experiências sociais, artísticas, bélicas, intelectuais etc., de hoje, representam, também, exercício de novas funções psíquicas tendentes a formar órgãos espirituais novos, derivando-os daqueles rudimentares hoje existentes.

Trata-se de uma verdadeira grande volta da evolução, que quer levar a humanidade para um mais elevado plano de vida, que, assim, desloca o seu centro de gravidade. Nenhum período histórico foi mais intenso e ativo na transformação e assim se explica a destruição dominante e o universal dinamismo do nosso tempo. A maioria tem somente o sentido da ruína, mas, no fundo dela, por lei da vida, está sempre a ressurreição. Se a civilização européia está morrendo, como tudo que morre, ela deixa uma semente, e cada filiação repete a vida precedente em um grau mais elevado. A cada novo rebento seu há um imperceptível deslocamento para um ciclo maior. E como o fruto se destaca da árvore quando é maduro, e o filho da mãe, apenas crescido, como o novo se destaca do velho que abandona, apenas a função esteja amadurecida e fixada, assim a nova civilização do espírito se destacará da velha materialista, que cairá abandonada como inútil. Toda vida é um ciclo que se renova e se dilata no seguinte E como a vida percorreu e superou o ciclo mineral, vegetal, depois animal e, enfim, humano, agora pela Lei que a lançou por esse caminho, ela deve percorrer o ciclo sucessivo, o super-humano do espírito. E, como no desenvolvimento, o ciclo mineral está para o vegetal, este para o animal e este para o humano, assim o humano está para o super-humano, que dele se distancia em um ciclo mais alto, progredindo com o mesmo ritmo de ascensão e desenvolvimento. O espírito, fruto da experimentação por meio do organismo material, tenderá a destacar-se, sempre mais, da matéria em cujo seio é elaborado, para formar órgãos de expressão mais adaptados à sua nova estrutura, mais refinados para suas novas funções. Esta é a grande metamorfose dos futuros milênios.

Sendo tal metamorfose uma revolução biológica, é natural que ela se verifique numa atmosfera de destruição e de renovação. A sua testa estão os ideais e quem os professa; na sua cauda estão os instintos animais e Os involuídos, que os vivem. Tais são as forças biológicas em contraste. Essas atividades, que fazem a nossa vida, representam as várias funções formadoras de órgãos. A matéria, forte na sua formação do passado, resiste, mas o espírito já está em ação e isto significa que está em ato o processo de formação dos novos órgãos de sua expressão. A permuta da vida e a assimilação dos frutos da sua contínua experimentação não pode parar. O mineral alcançou a construção do seu edifício geometricamente orientado, a planta conquistou a sensibilidade e permuta, o animal, o movimento e o instinto, o homem, a inteligência e o domínio. Assim o super-homem alcançará, com a intuição, o conhecimento e a sabedoria. A progressão em potência e libertação é evidente e o futuro não pode ser senão a continuação do passado na mesma linha de desenvolvimento.

Na metamorfose evolutiva o novo homem espiritual deve substituir o atual homem animal. As experiências da sua vida se tornam sempre mais psíquicas e sempre menos físicas. A nova função já está começada e as suas experiências no novo campo não podem deixar de desenvolver o meio apto que as exprima e as fixe. Esse novo gênero de atividade se faz sempre mais difundido e profundo na raça humana; resulta disto que se destilam sempre novas qualidades no imponderável, que, assim, amanhã, tornar-se-á de pleno domínio humano. Dessa forma, os novos organismos imateriais se desenvolvem e se potenciam até se elevar à forma autônoma e, na sua coordenação, até constituir um organismo em que, do plano material, se virá a transferir o centro do sistema de forças da vida humana. Assim, a função psíquica, derivada da que foi gerada pelo funcionamento orgânico e da luta pela vida animal, torna-se dominante e determinante de um diverso organismo, derivado do primeiro. De modo que o organismo físico, em função do qual, antes, existia a psique, se torna de principal, secundário, e acaba por viver em função do psíquico, tornado dominante. Enquanto agora o espírito é, para a maioria, uma antecipação rudimentar de evolução, e enquanto o corpo é toda a sua vida, amanhã toda a vida estará no espírito e o corpo não representará senão um apêndice abandonado na cauda pela evolução, resíduo do passado em processo de lenta atrofia. Um dia, como hoje se dá com alguns órgãos, todo o atual organismo será uma sobrevivência atávica, um resíduo de formas vividas e superadas, que o ser se prepara para abandonar definitivamente nos mais baixos degraus da evolução. Então o homem viverá em plena biologia supernormal. A esta conclusão nos leva toda a lógica do sistema.

No estado atual o homem está em fase de transição entre as duas biologias: animal e espiritual. Isto corresponde ao universal transformismo físico-dinâmico-psíquico. Em um primeiro tempo a psique, produto do funcionamento orgânico, está a serviço deste; em um segundo tempo, quando aquele produto, elaborado pela vida orgânica, se tornou adulto, então o equilíbrio do sistema de forças constitutivas do ser se desloca e tudo começa a gravitar para outra extremidade. Então o corpo, de senhor, torna-se servo, de fim, um meio e a sua atividade, em vez de subordinar a si o espírito, como no tipo corrente, subordina-se ao espírito, como nos mais evoluídos. Isto desloca todos os valores da saúde e da doença, do bem-estar, da vida e da morte. As velhas formas da vida ficam mais esvaziadas do conteúdo normal e com significado de todo diverso. Então elas devem ceder o passo a novas formas; daí um contraste penoso, mas criador. Devem dar-se, então, profundas transformações na íntima estrutura cinética da substância orgânica, para registrar e fixar os resultados de um metabolismo diversamente orientado, para novas formas biológicas: as espirituais. Todas as energias e os recursos da forma física devem ser cedidos à outra que surge, todas as qualidades, já adquiridas, devem ser postas em serviço e orientadas para o seu crescimento pois que, sem morte, não pode existir ressurreição, sem renúncia, nenhuma conquista.

É uma estranha sensação o sentir-se renascer em outro plano de vida, com recursos e poderes diversos. Cai então o conceito da pequena e breve vida humana e nos sentimos viver em uma imensa vida eterna. O senso fundamental de alegre expansão, próprio de todo desenvolvimento, nos diz que estamos no caminho mestre da evolução. O senso de felicidade crescente nos diz que não erramos. O novo senso de orientação que nos dá consciência e sabedoria nos diz que sempre mais nos avizinhamos de Deus. É estranho e maravilhoso o sentir-se mudar, morrer para reviver em novas dimensões, além do espaço e do tempo, sentir que a própria vida física se atrofia, se contrai, para ceder a sua potência a qualquer outra parte do Eu, que ainda não se conhece e que foge no imponderável. Parece que a vida física se esvai absorvida pela voracidade do espírito. Se o corpo passa para os segundos planos e parece agonizar, ele é todavia sustentado, porém, não mais de fontes orgânicas, mas espirituais. Profundas alterações devem advir na permuta e na assimilação, para passar da normal do alimento, à da energia cósmica, devendo a íntima estrutura do metabolismo celular transformar-se toda. Mas as leis da vida sabem conduzir-nos a bom termo.

Então começa-se a ver o mundo com olhos diversos, tornando-se de natureza diversa o contato com o ambiente; aparecem por isso novos aspectos mais psíquicos do que físicos. Assim os contatos e as experimentações se espiritualizam, as trocas e abastecimentos dinâmicos seguem novos caminhos radiantes que não são mais os do alimento. A sensibilidade que exprime o grau de expansão vital e fornecendo os seus meios, iniciada com o ingresso do reino mineral no vegetal e acentuada no mundo animal e humano, se desenvolve até transformar o organismo em uma unidade vibrante. O evoluído é um sensibilizado. É um abrir-se de novas portas, uma queda de diafragmas, que permite comunicar e receber. Então, além do limite do espaço e do tempo, o mundo se torna imenso. Entra-se, depois, no domínio de novas leis, de um funcionamento orgânico e de uma química cujos elementos componentes são forças-pensamentos, entra-se num mundo dócil e plástico, no qual a concepção tem potência criadora. É, por certo, uma grande revolução passar da biologia normal à supernormal. A química do metabolismo de alta potencialidade, própria do extremo superior, dito espírito, deve, gradativamente, introduzir-se, substituindo a química do metabolismo de baixa potencialidade, própria do extremo evolutivo inferior, dado pelo organismo físico, que é assim, como queimado pela lenta combustão de uma potência e um ritmo de vida demasiado fortes para os seus meios e estrutura. O corpo assim emagrece, torna-se em feixe de nervos, mas de um dinamismo e resistência ao trabalho e doenças, superiores ao normal. Parece que a vida trata, agora, o organismo físico como uma inútil sobrevivência atávica, ou produto de refugo, a ser eliminado em cinzas. Certo é que a química do espírito se deverá basear em leis análogas às da química inorgânica e orgânica, e como a química atômica recorda a dinâmica astronômica, assim a química do espírito deverá lembrar a estrutura dos sistemas de forças, segundo as quais, freqüentemente, se organiza a energia. Um primeiro contato entre o extremo psíquico e aquele físico humano, o encontramos na influência que tem, na assimilação e permuta, um estado psíquico do sujeito, tanto que, se prolongado, ele pode incidir na estrutura orgânica e alterá-la. Isto prova que é possível, por parte da psique, uma influência transformadora na estrutura da célula.

Como se vê, a catarse espiritual não é somente fenômeno da alma, mas, para ser completa deve cometer todo o ser humano até o outro seu polo físico, com que se comunica. As duas biologias estão em contato, representam dois planos evolutivos contíguos e trocam entre si os seus produtos. Na prática podemos ter metamorfose muito diversas, seja por grau de evolução, seja pelo particular tipo biológico que as vive e, pois, qualidades a serem adquiridas. Que diverso conteúdo pode, pois, adquirir para os vários indivíduos a metamorfose! Em todo caso, porém, como velocidade, o transformismo é sempre gradual, é diluído no tempo, de modo a permitir os íntimos deslocamentos cinéticos necessários e a substituição das novas às velhas trajetórias. Mas tudo é sempre proporcionado aos recursos disponíveis e à maturidade atingida. Tudo se realiza com ordem, de modo que os equilíbrios são deslocados e não destruídos. Trata-se de instituir novos circuitos de forças, lançar pontes e suprimir outras, abrir ou fechar passagens, dissecando ou alimentando, atrofiando ou desenvolvendo este ou aquele ponto, ou vibração, ou corrente. Trabalho complexo no qual não há senão o confiar-se à sábia direção da Lei. A vida, que sabe, protege nesses profundos trabalhos evolutivos a criatura que, inexperiente, se aventura no inexplorado.

Velocidade do transformismo significa intensidade de elaboração, que não pode superar um dado limite relativo. A evolução tem um ritmo, que não se pode forçar. Pode, assim, haver necessidade também de pausas e repouso, ainda de momentâneos retrocessos, para que a evolução não se torne destruição. Problema vasto e complexo o da ascensão espiritual, porque diz respeito a uma biologia na qual o imponderável psicológico e moral se torna força dominante. Certas concepções absolutistas de um ascetismo não iluminado podem, em vez de ajudar, causar dano ao processo evolutivo. Este representa uma maturação de todo o ser, por isto também do corpo que não deve ser inutilmente perseguido e esmagado como um inimigo, mas tratado como um aliado colaborador na árdua obra construtiva. Os dois pólos são comunicantes e cada impulso desconsiderado pode gerar reações prejudiciais. Nenhum dos dois extremos pode trabalhar sozinho, mas sempre em função do outro. Trata-se de uma sábia distribuição de trabalho. É necessário haver proporção e equilíbrio a cada passo, porque o desequilíbrio, que o transformismo implica, deve ser enquadrado no equilíbrio geral do sistema. É necessário saber dosar o esforço evolutivo em relação aos recursos dos quais a vida, no caso particular, dispõe. Que a ascensão seja uma metódica e consciente conquista e não uma louca aventura. Evoluir significa revolucionar os equilíbrios da vida, o que, se mal feito, pode resultar, em vez de progresso, em retrocesso. Para se fixar na alma é necessário haver mais perseverança e disciplina do que ímpetos precipitados e desordenados. É preciso ter em conta que a evolução espiritual não é somente um fato moral, mas que ele penetra todo o organismo, também o físico, com o qual precisa fazer as contas, e que o fenômeno se desenvolve entre duas biologias.

É muito difícil formar um conceito exato e são de virtude, especialmente no caso particular das aplicações práticas. De toda maneira ela deve ser, sempre, um auxílio e não uma ofensa à vida, uma atividade positiva e construtiva e não de prevalência negativa e destrutiva. Lembremos que Deus é sempre construtivo, e que o trabalho de destruição foi deixado a Satanás, que o executa. Tudo o que é destruidor não pode, pois, vir de Deus e exprime o princípio satânico do mal. Não façamos da virtude, na luta pela vida, um meio para oprimir e vencer o próximo. Por outro lado,. ministrar ideais muito elevados e absolutos, significaria oferecer um alimento não assimilável. É desta desproporção entre ideal e homem, que nascem as degradações dos princípios por adaptação, como observamos tão freqüentemente. Então, em vez de elevar o homem ao nível do espírito, se abaixa o espírito ao nível do homem. Em vez de efetiva colaboração entre os dois, nasce luta e atrito, destruição e deformação. É da forçosa imposição da virtude que nasceram em tantos imaturos os arranjos e as mentiras.

A evolução é mudança profunda, que requer infinitas experiências, mesmo do mal, do erro e da dor, operadas no espírito como no corpo. Para que a vida, que deve viver, não se rebele com razão, antes de a destruir embaixo, é preciso desenvolvê-la no alto. Antes de seu sufocamento no corpo, a ascensão espiritual deve ser expansão no espírito. Somente então a vida se lançará deste lado e o resto, tornado inútil, cairá por si. Ai de nós, se dermos à prática da virtude um conteúdo negativo antes positivo. A vida não se pode destruir, o que seria contra a Lei de Deus, além de ser um suicídio. Então, se quisermos tirar antes que dar, ela reagirá, reforçando-se embaixo para não morrer, e obteremos por reação o efeito contrário, isto é, a

involução. É preciso sempre ter em conta a que tipo biológico um ideal é aplicado. Assim é que se explica como, na prática todo ideal representa uma afirmação teórica que pede cem, sabendo que recolherá, apenas, um. É a natureza das massas que estabelece a dosagem para a assimilação dos princípios pregados, aos quais, por isto, não se pode lançar a culpa de uma aplicação falha, porque esta depende do terreno no qual a semente cai É preciso recordar que a evolução é uma grande transformação e que a vida sabe qual esforço e risco isto representa para ela. Ela caminha lenta e prudentemente, quase explorando o ignoto futuro com desconfiança; das energias acumuladas, não arrisca o necessário à vida, mas somente o supérfluo; expõe, aos perigos do novo, somente alguns pioneiros da evolução, deixando o grosso atrás, mais em segurança, para aprovar ou seguir os pioneiros somente quando eles tiverem experimentado sozinhos, com risco e dor própria, a forma futura. Então esta pode ser seguida pelos outros, porque somente ai ela dá segurança. E então os pioneiros ficam glorificados, porque utilizáveis para a vida.

Podemos, pois, encontrar-nos com diversíssima velocidade de transformismo evolutivo: da rapidíssima do super-homem já lançado, que percorre, a grandes passos, o seu caminho, às mais limitadas e lentas dos normais, funcionando em série, como massas. A vida não pode ingressar nos planos superiores da evolução se antes não percorreu os precedentes e não estiver consolidada neles. É a vida, e com ela o pensamento de Deus, que aperfeiçoa a sua manifestação, dando evolução à forma pela qual se manifesta.

Mas também as massas conhecem as crises evolutivas, as quedas e as reconstruções; a história também para elas tem voltas e metamorfoses. Eis como tudo isto acontece. A fecundidade da vida é tal que produz em exuberância, além das necessidades para sua continuação. Logo que, nos períodos de paz, há trégua na luta viril, destruidora e construtora, o elemento negativo ou feminino, produtor, protetor e conservador da vida, trabalha e produz no seu campo que é o da acumulação de material. Então se verifica de repente uma superprodução que, não somente repara todas as perdas passadas, mas acumula material biológico em abundância. Logo que se haja formado uma suficiente reserva, elaborada até a um dado grau de evolução, então, a vida, como lá fez no mundo mineral para chegar ao vegetal, neste para chegar ao animal e neste para alcançar o plano humano, pode, em sua economia, arriscar o sacrifício desse material excedente ao necessário, para fins, não mais de conservação, mas de evolução. Então a vida queima esse seu combustível e o consome em revoluções, usa-o para alimentar um esforço excepcional de ascensão, destruindo, a um tempo, com as revoluções, as suas construções biológicas menos eleitas e deixando sobreviver, das cinzas do incêndio, os mais selecionados tipos biológicos, aptos para mais altas formas de vida. Completado o ciclo da paz e construção dos seus produtos, entra em campo o princípio positivo, másculo, destruidor e criador, cuja função é a de utilizar o combustível acumulado, queimando-o para renovar e evoluir as formas da vida. Assim, nas revoluções, se cumprem as metamorfoses dos povos. Mas essas não podem vir senão depois de períodos de preparação, de paz, e requerem outro tanto depois, para elaborar e fixar os resultados atingidos com as revoluções. No entanto se acumula novo material de reserva ou combustível para as queimas, para novos deslocamentos evolutivos, e assim por diante! Dessarte, de metamorfoses em metamorfoses, também os povos progridem.

Esse processo faz parte do sistema criador em que Deus perpetuamente está presente e opera, manifestando-se na forma. Assim a produção exuberante como quantidade, mas de qualidades inferiores, destila-se no seu equivalente, menor como quantidade, mas de qualidade superior, em um plano biológico mais elevado. Dessa maneira, aumenta a potencialidade da expressão, porque o valor passa de um grande número de exemplares de escasso valor, a um mais exíguo, mas de maior potência e mais elevado grau evolutivo. Esse é o ritmo da ascensão dos povos e civilizações. Primeiro paz, trabalho, desenvolvimento demográfico, construção material e espiritual, isto é, expansão em sentido horizontal sobre a superfície do próprio plano evolutivo; depois aquela formação horizontal é utilizada para o único fim possível, isto é, para uma formação vertical. Então a primeira se desfaz e, do que resta, porque é mais resistente e vital, se faz um edifício em altura, isto é, em direção evolutiva, em potência Utilizando os resultados do ciclo precedente, toma-se o impulso para um novo, podendo assim chegar bem mais no alto, ao utilizar somente o valor intrínseco e a potência das conquistas feitas, sem trazer consigo o peso dos particulares elementos determinantes. Assim, de revolução em revolução, caminha a história e evolui a vida. Dessa maneira, por alternada

vicissitude entre paz e guerra, entre períodos de legalidade representando a fase de estabilização e assimilação, e períodos de ilegalidade representando a transformação, caminham os povos. Fases ambas necessárias e complementares, elas são como uma respiração a dois tempos, a respiração da história. Elas não são senão duas posições inversas, uma no positivo e outra no negativo, da mesma perene atividade criadora de Deus na humanidade.

No seio desses movimentos de massa, os indivíduos seguem ciclos pessoais. Aquele pára, aquele caminha, aquele retrocede, aquele procede lentamente, cada um segundo sua natureza e condição. Mas é sempre por revoluções ou metamorfoses que se ingressa em formas de vida mais altas, é sempre pelo mesmo incêndio que se ascende, tanto para o indivíduo como para as massas. Quando num plano se experimentou suficientemente, tendo absorvido todos os recursos, então o ser, saturado daquela ordem de forças, transforma-se e aporta a um plano mais elevado para experimentar outras formas de vida e poder assim continuar, com novos elementos, a sua construção, e assim por diante. Observando o processo das metamorfoses do humano ao super-humano, temos delineado a trajetória dos grandes ritmos da evolução, isto é, das oscilações periódicas dessa grande respiração criadora de Deus. Podemos assim ver algum aspecto da técnica da criação, que é contínua. Parece que estamos contemplando a ascensão de uma escada, da qual todo degrau é um plano de evolução O pé do ser que sobe pousa sobre um deles, ajeita-se e somente depois, consolidada a sua posição, pode tomar impulso para subir ao degrau seguinte. A ascensão de um degrau representa uma revolução, a formação de uma nova civilização para os povos, a metamorfose para o indivíduo. Mas assim como, feito o esforço e realizada a ascensão, os povos se acomodam nas novas posições para as fixar, assim o indivíduo repousa nelas, para retomar depois, como o faz o pé subindo, um novo impulso para um degrau mais alto. Os superados são abandonados embaixo como formas de vida já inúteis, mas os superiores, pelo fato de os dominar os resumem em síntese e os contêm todos. Assim nada se perde e a conquista continua

Nesse movimento vivem dois processos paralelos: um de destruição na cauda e um de construção na cabeça, à guisa de vermes que caminham, desintegrando-se de um lado para reintegrar-se no outro. Assim este, mesmo progredindo, fica inteiro, enquanto se muda, pois que readquire em nova forma o que perde. Na substância nada se cria e nada se destrói, mas tudo se elabora. No homem que ascende há sempre qualquer coisa que se deixa e qualquer coisa que se adquire, em um movimento paralelo e proporcional que o desloca para o alto. Essa técnica é igual para todos, em todo nível, relativa ao passo de cada um, seja ele involuído ou evoluído, caminhe inconscientemente somente como célula em função de uma massa, ou como autônomo e consciente, autodirigindo-se.

Evoluir é o motivo dominante neste e nos outros volumes, observado em todos as aspectos e níveis do nosso concebível. Vimos isto alhures como fenômeno inspirativo, psicológico, místico, filosófico. Aqui quisemos observar como fenômeno biológico. Quando um primitivo resolveu o problema da fome e da reprodução, está satisfeito com suas conquistas. Outros querem alguma coisa a mais: honras, poder, riquezas. Outros ainda mais: a cultura e o bem coletivo. Outros enfim um pouco mais: a visão do universo e o amor de Deus. Mas todos apressam o passo para alcançar qualquer coisa, e nisto cada um se revela quem é, pois que não se sabe desejar e não se conquista senão conforme a sua própria natureza. Assim, há trabalhos e conquistas fundamentais para alguns, que para outros estão no inconcebível. Há coisas tremendas para as quais o inferir não tem a mínima ressonância; há necessidades espirituais como as do conhecimento, que para outros são fundamentais e que para o primitivo não tem sentido, enquanto para ele são fundamentais as do corpo. Ele é surdo e cego em face das grandes alegrias, tempestades e criações do espírito. Cada um está fechado no próprio concebível, nas dimensões do próprio plano evolutivo, limitado pela própria forma mental, que lhe define a natureza. O que está além do próprio nível, o latente, não ainda desenvolvido, representa o nada. É a estrutura da nossa consciência que estabelece os confins do Eu. A verdadeira servidão é dada por esses limites, a verdadeira liberdade consiste somente em superá-los. Todo ser está fechado nos limites constituídos por seu próprio tipo biológico. É inútil abrir-lhe portas: se não está amadurecido, não sabe passar por elas. É inútil mostrar-lhe novos mundos: não tem olhos para vê-los. É inútil oferecer-lhe novo alimento: não sabe nutrir-se dele. É inútil dizer-lhe tudo nos livros: não os sabe ler. Ele está integralmente preso às experiências do seu plano. Até que tenha percorrido toda a estrada necessária, um passo depois do outro, não

poderá chegar àquele dado grau de evolução, de liberdade e de potência.

Na atual fase evolutiva humana, hora histórica de grandes transformações, os dois tipos biológicos pertencentes às duas biologias, normal e supernormal, estão-se defrontando. O segundo, se bem que raro, já existe para se multiplicar e se afirmar, e eles se podem medir na luta pela vida. A primeira vista, pode parecer que o primitivo, mais simples e menos sensibilizado, seja o menos vulnerável, o que tem maiores probabilidades de salvação. Mas não é assim. Ele se move por tentativas nas trevas da sua ignorância e fora dos imediatos problemas nada mais sabe resolver. O evoluído é autônomo, autodirigindo-se em relação ao funcionamento orgânico do universo que ele conhece. Suas previsões e defesas alcançam muito mais longe. A inteligência é uma grande força na luta pela vida, a sabedoria é uma força ainda maior. O primitivo é estúpido. A sua violência pode triunfar no momento, mas perde no jogo mais longo e complexo do qual é feita a vida. Ele deve suportar as reações de leis que não conhece e que loucamente viola em seu dano, o que o evoluído que sabe, nem pensa fazer. Quem sabe proceder em harmonia com o todo arrisca-se muito menos a errar e a sofrer. As vitórias do primitivo são imediatas, mas efêmeras. Afirmações, defesas e conquistas, tudo não pode superar os limites do próprio plano, os quais são sempre tanto mais acanhados, quanto mais em baixo se desce, e sempre tanto mais vastos quanto mais se sobe. As mãos do ser evoluído alcançam muito mais longe. Está-se inexoravelmente ligado à própria natureza, resultado do nosso passado e se recai sempre nos limites do próprio prejuízo. Nenhuma liberdade humana pode dar a verdadeira liberdade, que não se pode conquistar, senão através da própria transformação. As verdadeiras prisões que encarceram os homens, as cadeias que os têm escravos, ligados a dados pontos fixos, são os seus instintos, que sempre a eles os levam. Os verdadeiros muros de contorno que limitam a cidade do Eu são imponderáveis, e, no entanto, invioláveis; todos estão inexoravelmente fechados dentro deles e não os vêem. Não suspeitam sequer que deles se possa sair e vão gritando liberdade, uma liberdade que quer dizer direito de obedecer aos próprios instintos, isto é, de ficar nas cadeias da própria escravidão. Assim todos obedecem, ainda quem crê ser um rebelde, à Lei que mantém todos, não importa que o saibam ou não, enquadrados na sua ordem. Para se moverem, livres e autônomos, não há mais que conhecê-la e depois segui-la. Para se tornarem sempre mais livres e autônomos, para derrubarem os invisíveis muros que cingem a cidade do Eu e arrombar as portas que os fecham, não há mais que compreender a Lei, harmonizar-se com o seu funcionamento, vivendo-a, não há mais que subir evolutivamente, operando a própria metamorfose.

IX

A TÉCNICA DA EVOLUÇÃO

Iniciamos este volume partindo da psicologia do involuído Desse ponto é que se iniciou a nossa ascensão, estudada anteriormente a um simples caso vivido, experimentalmente observado. Depois, para tomar o impulso a uma ascensão mais vasta, dilatamos a observação a todo o plano inferior da animalidade, para ver suas leis de luta e seleção para a produção do seu tipo mais forte, de acordo com a biologia daquele plano. Enfim, no precedente capitulo, para passar ao plano mais alto e à sua biologia, pusemos em foco a observação do fenômeno da metamorfose do humano ao super-humano, mas não mais, como antes, numa particularidade, mas estendendo o estudo até à visão das leis gerais do fenômeno que o regulam para todos. Alcançado esse ponto, podemos estender o nosso exame à mais íntima técnica do mais vasto fenômeno de toda a evolução. É maravilhoso observar o método pelo qual funciona e se cumpre, pois que ele exprime a técnica do processo da criação, o sistema com o qual se realiza a perene ação criadora de Deus. Este, pois, além de transcendente, é também imanente e presente, qual pensamento que sempre mais perfeitamente se exprime na forma evolvente, em que ele se manifesta. Também este fato é aqui relatado por meio de visões percebidas por intuição. Elas assim se fazem sempre mais vastas e profundas, à medida que o argumento se

desenvolve, fazendo-nos ascender de plano em plano, que nos levará a compreender o espírito e a sua estrutura. Do fato que tais concepções são obtidas, não por análises com método racional objetivo, mas por síntese com o método da intuição, deriva a sua força, segundo a qual elas são aqui apresentadas. Enquanto a mente moderna se demora na investigação do particular e na infinita casuística, aqui se concebe por grandes linhas de orientação, indo, assim, diretamente às soluções dos problemas e às raízes dos fenômenos, mostrando seu funcionamento substancial. Assim sendo, a nossa exposição não pode assumir, conforme a hodierna forma mental objetiva, a forma periférica aderente aos efeitos, mas é central, aderente as causas As deduções, as aplicações ao caso particular, o íntimo e incomunicável controle experimental que o autor fez por si mesmo, depois qualquer um poderá fazê-lo em si e por si.

O precedente exame da metamorfose humana ou catarse físico-espiritual, nos tem levado plenamente ao fenômeno da evolução, de cuja técnica nos propomos agora aprofundar a observação. Devemos aqui presumir o conhecimento do problema da personalidade humana tratado no precedente volume: ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***. Trata-se aqui de desenvolver aqueles conceitos, especialmente com relação à evolução. Vimos que espírito e corpo são os dois extremos de um mesmo organismo, os pólos inversos de uma mesma unidade. As características do corpo são físicas, as do espírito, psíquicas. De um lado qualidades materiais sensorialmente ponderáveis, de outro lado qualidades imateriais, imponderáveis. Assim é pelo princípio universal de dualidade e por lei geral de equilíbrio, simetria e complemento, pelo qual cada individualidade é uma unidade equilibrada e simétrica feita de duas unidades inversas complementares. Essas duas partes do organismo único dividem entre si, conforme sua natureza, o trabalho e a função da vida, sendo opostas e ambas necessárias. Assim, o dinamismo biológico, base da evolução, se divide em dois. O corpo trabalha no exterior, em uma forma de atividade periférica e sensória; ocupa-se pois do registro das experiências e da transmissão ao centro que está no outro polo do ser. O espírito, que é íntimo, central e sensitivo, é o ponto de chegada daquela atividade. Ele trabalha no interior, em forma inversa que completa a primeira, que, sozinha, não teria finalidade. Ele elabora e fixa os registros que lhe são transmitidos, os assimila e os transforma assim em material construtivo da personalidade. Somente dessa maneira a vida física assume um significado e uma meta; e esta é a evolução, que significa contínua conquista da vida.

Os dois termos são necessários um ao outro; o corpo como instrumento do espírito, e o espírito enquanto dá significado, valor e direção à vida do corpo. A colaboração é possível enquanto os dois termos e os seus trabalhos são opostos e, ainda que rivais, não valem senão enquanto ficam ligados para se completarem. Esses princípios gerais definem logo a estrutura do complexo humano, no seio da qual podemos assim ver já como funciona o dinamismo biológico do qual se desprende a ascensão evolutiva. Temos então dois campos de força opostos que, como no amor e no ódio, que é o amor no negativo, se abraçam para se sobrepujarem, logo que um dos dois seja menos forte. Também, como nos dois sexos, nenhum pode operar isolado. O espírito sozinho não teria expressão e contatos no plano físico que, embora sendo ilusório, através da ilusão dos sentidos, tem de transmitir à consciência experiências que no seu campo são bem reais e necessárias à consciência para a sua formação. Sem o espírito ao corpo faltaria o dinamismo animador e não seria senão um cadáver. Como sempre, todo trabalho genético não se pode verificar senão por junção dos dois termos contrários.

Que correlação há entre os dois termos? Eles estão, na correlação de causa e efeito, em íntima colaboração, se bem que contrários. O motor, o princípio centralizador, o Eu uno, sempre o Eu uno através das suas contínuas transformações, é o espírito, intuitivo e sintético. O seu meio e expressão é o corpo, imerso no múltiplo, relativo e contingente, constrangido a uma contínua troca e renovação para suprir a sua caducidade, feito de um contínuo tornar-se e sensorialmente analítico. É justamente essa contradição que os obriga a se unirem e se completarem. É erro, pois, considerar o homem somente como espírito, ignorando e desprezando o corpo como fazem alguns espiritualistas e místicos, ou considerar o homem só como corpo, ignorando e desprezando o espírito, como fazem os materialistas. A vida nunca é unilateral, desequilibrada, assimétrica. E se há contraste entre os dois termos, assim é para um escopo construtivo, uma luta que se deve resolver com a evolução. Se para o normal vigora a norma áurea da "mens sana in corpore sano", para quem vive a metamorfose biológica, a luta é necessária entre espírito e corpo para chegar à vitória do primeiro e

passar além da vida do segundo.

A atual biologia se detém no corpo, isto é, no efeito e não penetra as causas que estão em outra biologia, transcendental ou do espírito. Assim a ciência não vai além da que é a forma material, a expressão no mundo físico. Todavia, sendo o corpo uma projeção do espírito, a ciência, adiantando-se sempre mais na observação da íntima estrutura das coisas, não poderá fazer menos do que encontrar o espírito. O corpo existe enquanto há uma causa em si, que ele exprime e revela, como o universo físico exprime e revela o divino pensamento que o anima. O corpo é manifestação do espírito, como o criado é a manifestação de Deus. Ora, se no homem o espírito, que é causa, precede o efeito ou forma que ele plasma à sua imagem e semelhança, o efeito, por sua vez, reage e se torna causa, cujos efeitos depois estão no espírito, tornando-se por sua vez em nova causa e assim prosseguindo. Já vimos isto a propósito do órgão e da função. A vida do corpo é um meio de experimentação que elabora o espírito, mas podemos também dizer que é a potência do espírito que elabora para si o seu corpo. Se é verdade que o espírito se serve do corpo para armazenar os resultados experimentais de um exterior feito de tenazes resistências, ele também os transcende e no seu seio os transforma em qualidades do Eu e em valores espirituais. Estes modificam, assim, a estrutura do campo de forças da personalidade e do dinamismo causal, que lançará correntes sempre diversamente plasmadoras da forma, fazendo assim evoluir também esta como conseqüência da sua mesma evolução. Desse modo, passando-se da causa ao efeito, deste depois se volta à causa como nova causa, e desta, assim modificada, passando-se de novo ao efeito para o modificar ainda, como acontece por ação e reação entre órgão e função e ao contrário, com esse processo lentamente se opera a transformação evolutiva. Os dois impulsos contrários continuam assim a se moverem um para o outro, invertendo as suas posições a cada passo, sempre porém enlaçados numa corrente que é contínua e que forma um mesmo caminho evolutivo. Se no seu íntimo a estrutura do fenômeno é oscilante entre dois pólos opostos de vaivém e ao contrário, no seu conjunto representa uma ascensão constante em que o ritmo interior desaparece.

Assim o dinamismo da vida parte do pólo positivo que é o espírito, ativo, e como corrente positiva, vai para o pólo negativo, que é o corpo, passivo por sua natureza. Daqui aquela corrente animadora retorna em forma negativa ao pólo positivo, fechando o circuito, e dessa maneira prossegue. A carne quer conservar-se e engordar. É fêmea e quer a gênese na carne. O espírito quer renovar e subir. É macho e quer a gênese no espírito. A primeira representa uma expansão horizontal, a segunda, uma vertical. No topo da escada, à testa do caminho evolutivo está sempre o espírito, enquanto no fundo da escada, na cauda do caminho, está a massa indolente dos corpos. O mundo físico está subordinado ao espiritual, como inferior deve ser o servo, e este arrastado por aquele o segue por último na sua ascensão. Sozinho, apodreceria na abundância. Desse modo, a iniciativa de todo movimento está no espírito; no entanto ele é uma conseqüência da resposta que o corpo deu à precedente iniciativa do espírito consolidada pelo meio físico, sendo por este formado o contato com o ambiente. Já vimos como órgão e função colaboram sem que se possa dizer qual dos dois precede o outro no respectivo desenvolvimento. O órgão está no corpo, a função no espírito e eles cooperam para o mesmo fim de fazer o homem. Através dessa alternada vicissitude se dão as mutações, as variações do indivíduo como da espécie, fixando-se antes no imponderável, e depois na forma física que o exprime. A adaptação é psíquica e orgânica a um tempo, sendo as duas formas conexas. A evolução, iniciando-se no espírito, o corpo depois deve segui-la, ainda que ele esteja sempre no final desse caminho.

Esta é a técnica da evolução. Ela resulta de dois movimentos em duas direções opostas. O dinamismo do espírito gravita para o interior, abre caminho para a substância. o infinito, o eterno, o absoluto, a essência de Deus; a do corpo gravita para o exterior e explora a forma, o finito, o transitório, o relativo, a manifestação de Deus. Quem compreendeu qual é a estrutura do universo sabe que este é constituído por esquema único, repetido em toda altura evolutiva e em todas as suas dimensões; acha, enfim, lógico, que no complexo humano, espírito-corpo, seja repetido o modelo do complexo universal, ou unidade dada por uma dupla de opostos complementares, nos quais Deus e universo, transcendência e imanência, se equilibram. A vida e a sua elaboração evolutiva são dadas pela continua troca dinâmica entre os dois campos de forças. Cada uma das duas é por sua vez agente e reagente. O dinamismo circulante entre eles inverte o seu sinal a cada passagem. Assim, fecha-se o ciclo, e o dualismo reencontra a unidade em um único circuito. Por

períodos inversos, o trabalho é contínuo porque, quando ele é ativo em forma positiva, na vida exterior, diurna, então está em calma, em forma negativa própria da vida interior, noturna e ao contrário. Positivo e negativo são duas posições relativas, que se invertem e se tornam em negativo e positivo, de modo que há sempre um positivo em ação. Desse modo, trabalhando alternativamente, espírito e corpo, a atividade é contínua, mesmo com funções inversas.

Um primeiro estímulo, que desloca os equilíbrios em um campo com todas as suas conseqüências, provém do campo oposto. Os choques do ambiente, através dos meios sensórios, continuamente bombardeiam o espírito, o que significa que os impulsos do ambiente tentam penetrar e se unir no seu sistema dinâmico que, mesmo oferecendo resistência às deformações, registra e se adapta e assim fixa na sua estrutura cinética novas trajetórias, isto é, assimila novas qualidades. Por sua vez, o sistema dinâmico que constitui o espírito, bombardeia, com o seu feixe de forças, o sistema atômico-molecular-celular, que constitui o corpo, o qual, resistindo às deformações, registra e se adapta e assim fixa na sua estrutura cinética novas trajetórias, assume, no mundo da ilusão sensória, novas formas orgânicas. Veremos mais adiante, no capítulo 17: "As últimas orientações da ciência", que a matéria se reduz a uma onda sem substrato material, isto é, àquele mesmo dinamismo ao qual se pode reduzir também o espírito. Encontrado esse denominador-comum entre espírito e matéria, esta interação entre espírito e corpo é também cientificamente possível e aceitável. Assim, trabalhando em dois campos diversos, o espírito constrói o corpo e o corpo serve para construir o espírito.

Ora, como podem os impulsos provenientes do sistema dinâmico-espírito atacar as forças do sistema dinâmico-corpo? Para que os dois campos se possam comunicar, é necessário que eles possam estar em contato, o que, no mundo dinâmico, significa vibração em uníssono, sintonia. Devendo as forças se unirem uma na outra e se fundirem, isto não pode acontecer senão onde elas encontrem a mesma freqüência, um igual número de períodos, à semelhança de duas centrais elétricas que se quisessem pôr em paralelo. Ora, a escala evolutiva se poderia exprimir dinamicamente com uma passagem da onda longa à curta, da baixa à alta freqüência e potencialidade. Então os dois sistemas dinâmicos espírito e corpo não podem comunicar-se senão onde estejam contíguos na escala evolutiva, tenham a mesma freqüência, a mesma potencialidade, períodos e comprimento de onda; isto é, poder-se-ia dizer, nas zonas mais baixas do espírito, nos seus extratos mais involuídos e nas alturas máximas do organismo físico, isto é, nos extratos mais evoluídos. O que significa que o contato não se pode dar senão no sistema nervoso e cerebral, que representa as células mais evoluídas, isto é, a zona organicamente mais elevada e ao mesmo tempo espiritualmente mais baixa, enquanto ela é a primeira materialização daquele organismo imponderável radiante e receptor, que é o espírito.

Tudo isto é possível quando se sabe que o universo, tal como aparece aos nossos meios sensórios com a sua solidez física, não é senão uma aparência. Quanto acima está exposto se torna concebível quando se sabe que a substância da matéria não é representada por algum substrato em sentido físico concreto, mas somente por trajetórias e relações, isto é, redutível à energia e esta a conceitos abstratos. Desse modo fica demonstrável a equivalência matéria-energia-espírito, afirmada nestes escritos. Assim como a matéria se pode reduzir a energia e a pensamento, é lógico que inversamente o pensamento se possa reduzir a energia e matéria, que ele seja criador de todas as formas antes dinâmicas e depois físicas. Dessa maneira se compreende como o só pensamento de Deus tenha podido construir um universo, cuja verdadeira solidez não está na matéria mas está toda na constância e inviolabilidade das leis que o governam, isso é, em princípios abstratos. Se a ciência já pode fornecer muitos elementos para demonstrar a equivalência do mundo físico, dinâmico e psíquico, em direção ascendente, quem conhece os grandes esquemas do universo deve concordar em que o ciclo se deva cumprir, equilibrando-se na sua segunda metade, pois se deve fechar percorrendo o caminho oposto em direção descendente. Esta é dada pela equivalência inversa, isto é, pensamento-energia-matéria, movimento trifásico que sintetiza a técnica construtiva do nosso universo.

Tudo o que existe é, como forma, a resultante de uma dada disposição cinética, e redutível a um movimento puro, denominador-comum de todas as coisas, dado pela energia que é pensamento em ação.

Certo é que para lhe compreender a substância é preciso penetrar além da ilusão sensória. Somente assim, reduzindo o fenômeno do ser ao seu funcionamento cinético, é possível compreender como as experiências obtidas no ambiente por meio dos canais sensórios podem modificar e enriquecer de qualidades o espírito, modificando e enriquecendo as trajetórias do seu sistema cinético; e é também possível conceber como essas qualidades, ou íntimas trajetórias, podem depois modificar as do sistema cinético que constitui a substância, da qual o organismo corpóreo não é senão a resultante perceptível por nossos meios sensórios. A mecânica da evolução se baseia sobre essa troca e assimilação de forças, isto é, registro e conservação de trajetórias na estrutura dos dois sistemas dinâmicos que são o corpo e o espírito. Na escala evolutiva, eles representam os dois extremos, o mínimo e o máximo, da zona ocupada pelo homem; este não só se comunica com todas as vibrações de tudo o que existe nesta zona, mas com o extremo máximo entra em contato com a zona superior e com o mínimo com a inferior. No circuito de forças entram, assim, as experiências e registros provenientes do contato com o mundo inferior, bem como com as provenientes do mundo superior. Assim o ser pode, conforme a sua capacidade, apresentar seus mundos inferiores da matéria como antecipar os superiores do espírito.

Para poder fazer a análise do fenômeno evolutivo em cada caso particular, seria preciso conhecer a trajetória de toda força que, entre as tantas em movimento no ambiente, vêm penetrar e juntar-se ao sistema dinâmico do espírito. Seria preciso, depois, conhecer de que trajetórias é constituído esse sistema, a resistência que suas forças opõem, a afinidade que apresentam com os novos impulsos sobrevindos, as reações que oferecem, para chegar, assim, a calcular qual será a resultante de tal encontro, o último termo residual da batalha, que representará o novo impulso assimilado no Eu, isto é, a nova qualidade por este adquirida.

Certo é que a nossa personalidade representa um organismo dinâmico já constituído, resultado do mencionado trabalho de experimentação e assimilação levado a termo no passado e exprimindo a sua atual fase de maturação e grau evolutivo. Representa a atual natureza do ser, efeito de tudo o que por ele foi vivido e já está fixado no sistema de forças, tendentes, fatalmente, por inércia, a continuar o caminho na direção estabelecida pela trajetória já iniciada. Representa também o destino individual e como uma sua vontade de se realizar como ele quis. Estamos na fase em que as precedentes causas se coagularam em efeitos, os quais são causas por sua vez tendentes a novos efeitos. Tudo isto forma as qualidades fixadas no Eu, constitui a estrutura do seu sistema de forças,. resultado de todas as trajetórias transmitidas e assimiladas no passado. O circuito, porém, está sempre. aberto e cada nova experiência ou contato, por meio do corpo e dos sentidos, com o mundo exterior, representa a possibilidade de imissão e assimilação de impulsos e trajetórias novas. Estamos aqui em. uma outra fase, de livre escolha e de formação do Eu, com que se pode corrigir o passado, iniciando novas direções. É preciso, porém, ligar tudo isto ao passado, às velhas causas tornadas efeitos fatais e, como tais, agentes de novas causas. Em outros termos, na imissão de novos impulsos e trajetórias, é preciso ter em conta a natureza e resistência dos precedentes impulsos e trajetórias já estabelecidos no Eu, aos quais as novas se devem sobrepor para se fundirem. Pode-se, em suma, semear no próprio ser o que se quiser, mas é preciso atentar-se para a natureza do terreno em que se semeia, isto é, da estrutura de tudo, porque disto dependerá, e não tão-só da semente, o que depois há de nascer.

Assim a evolução é gradual, livre e ligada ao mesmo tempo, num jogo de forças reguladas a cada passo por reações e equilíbrios, segundo princípios estabelecidos pela Lei. Aqui não é possível dizer mais além destes princípios gerais, suficientes, porém, para orientar o problema e as pesquisas neste campo. A questão está no saber conhecer a estrutura desses sistemas. Eles podem ser considerados como dinâmicos e por isto falei de forças; como cinéticos, e assim falei de trajetórias. Aprofundar demais o argumento far-nos-ia perder o fio da exposição, nem o método da intuição aqui usado é apto para a investigação analítica que qualquer um pode racionalmente realizar com base nesta orientação. Postos esses princípios gerais, é fácil tirar deles muitas conseqüências e controlar a sua aderência à realidade.

É muito provável que, por analogia, o organismo físico-espiritual do homem seja constituído, à semelhança do sistema atômico ou do sistema solar planetário, por um campo central de forças, positivo e

ativo, em torno do qual funciona em dependência um campo de forças periférico, negativo e passivo, isto é, de natureza, posição e sinal oposto. Os dois campos se influenciam reciprocamente. É inegável que o ser esteja em contínuo contato com o ambiente do qual recebe infinitas impressões, que tendem a penetrar na consciência e a formá-la com a experiência das coisas. Satisfaz a nossa mente o pensar que, assim, nada de quanto se vive é perdido, mas tudo se registra em nós e sobrevive à ruína do contingente, na forma de nossas qualidades adquiridas como nós quisemos. Somente assim a vida tem, em cada caso, um significado e um valor útil, num quadro em que tudo, também a dor e as derrotas, tem o seu significado e rendimento. Está satisfeito desse modo o nosso instinto e o da vida, que é o de sempre crescer se expandir porque o espírito se torna uma unidade em contínuo desenvolvimento, sem limites. Tudo então, e somente então, se torna satisfatório, lógico e justo porque se sabe que tudo é o efeito do que fizemos e que tudo se pode remediar no futuro. Então se compreende porque é necessária a prova da vida terrena na matéria, para que o espírito possa evoluir.

Essa transformação de forças e trajetórias no espírito deve produzir um aceleramento de freqüência e proporcional diminuição de onda, com isto uma elevação de potencialidade, o que significa uma potenciação do espírito, uma harmonização que leva a um rendimento maior. Isto se alcança por uma troca e luta, que são sempre elementos genéticos. Parece que o espírito possa, assim, armazenar em síntese os resultados da experimentação, os valores, os totais das operações feitas por análise, no particular, pelo seu organismo exterior. Parece que esse sistema periférico com a função de tentáculo deva alcançar, a um certo ponto, uma saturação de vibrações, que o force a extravasar o que mais não pode conter, no sistema complementar de forcas interiores, o que teria, justamente, a função de transportar em plano evolutivo mais alto, sem sensíveis embaraços de forma, somente a substância destilada do que se adquiriu. O sistema de forças de mais baixa potencialidade, constituído pelo corpo, conquanto mais adaptado para estar em contato com o mundo inferior externo, parece que eleva aquele potencial com a posse de forças do ambiente e, isto, até ao ponto em que, não podendo o seu sistema suportá-lo mais, ele o transmite ao sistema superior, espírito. Isto é bem admissível quando se compreendeu a íntima substância cinética de todas as formas e como no universo dinâmico, radiante e receptor em toda a parte, nenhuma delas se pode isolar e todas São comunicantes. Assim, também o corpo é necessário, enquanto funciona como transformador de potencial entre o externo e o interno, que diretamente, sem este intermédio, não poderia comunicar-se. O organismo físico é, pois, uma ponte entre o espírito e o mundo, e os seus meios sensórios são os canais de comunicação para que os dois possam ficar em contato. Sem esses canais nenhuma relação poderia haver. Somente assim as variações e choques de ambiente podem chegar da periferia ao centro.

A que se reduz, enfim, a evolução? A uma diversa disposição cinética da mesma substância, a qual em última análise não é senão o pensamento, o de Deus. É essa diversa disposição cinética que constrói todas as formas que, se são realidades como substância feita de pensamento, são ilusões como forma sensorialmente concebida. Há somente uma verdadeira realidade, a que tudo, por último, se reduz no universo, e é o pensamento de Deus. Espírito e corpo não são senão pensamento, mais ou menos evoluído, isto é,. mais ou menos puro e livre das formas! A evolução consiste justamente na purificação desse pensamento, isto é, no retorno de todas as mutáveis formas-efeitos, à imutável causa de todas as coisas. Isto significa a gradual libertação de todas as formas, vestes do pensamento, para que fique somente o puro pensamento de Deus. E não pode ser, senão através da elaboração da forma corpórea em que o espírito existe, que este pode livrar-se dela. A ele compete o esforço de fazer evoluir consigo aquela matéria que ele desposou. O universo é unitariamente compacto e nada se pode destruir nele; não é pois possível livrar-se da forma, destruindo-a mas somente fazendo-a progredir para o alto.

O grande respiro do universo é pois de dois tempos: 1.º, criação, fase na qual o puro pensamento divino se manifesta vestindo-se de forma e quebrando a sua unidade no transitório, múltiplo e relativo, isto é, involução; 2.º, evolução, retorno, em que aquele pensamento se livra da forma e reconstitui a sua unidade no eterno e no absoluto.

X

O PENSAMENTO CRIADOR

Quanto dissemos até agora não representa senão uma fenda que em minha mente se vai abrindo para o infinito em forma de visões progressivas, que vou registrando por escrito, para que elas não fiquem somente para mim. Dou-me conta de que, próprio de nosso tempo racionalista, este é um modo estranho de enfrentar o ignoto, com um tão desusado método de investigação: a intuição. Perguntei a mim mesmo se ele é pura fantasia e a que ignorado mistério da personalidade humana ele corresponde. conquanto tenha procurado analisá-lo com a critica mais demolidora, esse método permanece como um fato, seja pelos seus produtos racionalmente orgânicos, seja pela progressiva profundidade das visões que dele resultam. Sem que eu conheça ciência, elas correspondem aos seus últimos resultados. Por falta de pontos de referência pelos quais se pudesse enquadrar esse caso, ele foi entendido como "ultrafania" (V. Introdução a este volume e o livro: ***As Noúres***). Mas cada um vê quanto estamos longe da habitual mensagem de conteúdo moral, que nunca até agora, ainda nos melhores casos, assumiu o encargo, nem pela vastidão nem pela profundidade, de produzir um trabalho orgânico que toque e oriente todo o saber humano.

A atual geração se tornou muito audaz ao enfrentar o ignoto, que se vê assediado de todos os lados e com todos os meios. Entretanto, a ignorância não ficou destruída, somente foi impelida mais para trás. Porém, deu-se algum passo para a unificação de todas as ciências, para uma só lei e um só pensamento, o pensamento de Deus. Esse ataque cerrado deve levar a grande descoberta do terceiro milênio; a dos poderes do espírito, poderes verdadeiramente criadores. Agora me pergunto porque, ao lado do assalto movido ao ignoto pelos cientistas armados de ultramicroscópios, a condensação de Wilson e de tubos para bombardeamentos eletrônicos de alta potência, não deva ser admissível um paralelo ataque movido por outra via super-racional e super-sensória por parte de indivíduos sensibilizados em que parece que a misteriosa personalidade humana haja encontrado meios de percepções ainda mais penetrantes e de ordem diversa? Por que se deve recusar a **priori** esse novo método de investigação? Os seus resultados são aqui oferecidos ao público, fixados em volumes. Não são de caráter analítico, mas sintético; parecem complementares daqueles racionais da ciência, enquanto servem, não tanto para aprofundar um singular e particular argumento. quanto para orientação de conjunto; parecem feitos para oferecer um produto paralelo ao oferecido pela ciência e apto a completá-lo. E quem poderá dizer que, se a analise sensória da física mecânica de uma época se está tornando hoje, através da teoria da relatividade e da mecânica quantitativa, ondulatória e estatística, sempre mais abstrata até se fundir com o transcendental; quem poderá dizer que a ciência de amanhã não se torne atingível senão por meio de uma matemática transcendental intuitiva? Tudo se espiritualiza hoje, sem que disso nos apercebamos, enquanto o materialismo em ruínas, pelo fato que nos aturde com o fracasso de sua queda, parece triunfante. Não nos apercebemos que no fundo de tudo, até na matéria, há o espírito e é inevitável que, com o progredir da ciência, se chegue à sua descoberta. Se o progresso é fatal e se a estrutura da matéria é, em substância, espiritual, é impossível impedir que se dê a conjunção entre o campo da ciência e o da matéria, com o do espírito, em que a unidade fundamental de tudo já existe, e tem de ser, finalmente, compreendida pelo homem.

Já vimos outros níveis evolutivos de existência e que a cada um deles corresponde uma lei diversa, uma diversa expressão da única Lei universal. O universo está, assim, construído hierarquicamente como um edifício, no qual cada plano de existência se apoia sobre o inferior, dominando-o. E de um plano ao outro o ser passa por aquela metamorfose ou catarse evolutiva, cuja mecânica temos observado. A cada plano corresponde uma verdade diversa que é a sua lei, e o ser, evoluindo, sobe de uma verdade inferior a uma superior, tal como em todos os seus conceitos e valores. Assim vimos que da biologia animal se passa à biologia transcendental do espírito e da economia da justiça mecânica "do ut des" se passa à economia

supernormal baseada no princípio evangélico do "ama o próximo como a ti mesmo", pelo que quem rouba rouba a si mesmo e quem da aos outros a si mesmo dá. É assim que da mecânica clássica gravitacional, penetrando agora a ciência no mundo submicroscópico, se passa a uma mecânica atômica em que as leis da primeira não são mais válidas, mas são ultrapassadas em uma ordem de leis diversas, supergravitacionais. Que maravilha haverá então se, por evolução da personalidade humana, primeiro instrumento de observação, se passa do método sensório racional e experimentalmente indutivo, a uma técnica transcendental do pensamento em que funciona o superconsciente com resultados, não mais analíticos, mas sintéticos? Não é esta, como acontece para a ciência, uma mais profunda penetração do mundo dos efeitos ilusórios no das causas, não é um avizinhamento do plano da realidade e da substância? E não será, assim, possível resolver problemas insolúveis com outros métodos e alcançar conceitos de outro modo inatingíveis? Como, hoje, evoluindo se vai ao encontro de novas verdades, a uma nova biologia e economia, se vai ao encontro de novas concepções sociais e formas de organização coletiva e a novas formas mentais em todo campo, assim é lógico que se vá ao encontro também de novos métodos de investigação, filhos da diversa estrutura psicológica do novo tipo biológico que, hoje, a evolução se apresta a produzir. Estes são os grandiosos resultados daquele fenômeno de elevação humana que aqui estamos estudando. Assim se pode compreender sua importância e quanto ele interessa hoje à vida do mundo.

Somente poucos começam hoje a dar-se conta da grande revolução incruenta e silenciosa que se está realizando no mundo, por obra dos vigorosos impulsos da evolução criadora, que hoje impelem a vida para um plano mais alto. As revoluções políticas, demográficas e econômicas estão na superfície, muito rumorosas e visíveis, mas de mínimas conseqüências, em face a essa outra revolução, cujos eleitos serão bem maiores, porque elas são muito mais profundas. A ciência, chegada ao elétron, ao próton e ao nêutron, pergunta se estes são corpúsculos ou pura vibração. A um certo ponto não se sabe mais se o que observamos é matéria ou energia. Amanhã nos encontraremos defronte ao caso em que não saberemos mais se o que observamos é energia ou pensamento, o qual será individualizável por seu comprimento de onda e sua freqüência. Então acharemos que, no fundo, há uma equivalência de substância, em que matéria, energia e espirito se podem fundir e comunicar. E compreenderemos como tudo pode ser formado pela potência criadora do pensamento, o pensamento de Deus. "No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto a Deus e o Verbo era Deus Tudo foi feito por seu intermédio; e sem Ele nada foi feito de tudo o que existe"[8]. Assim, ao zero absoluto, isto é, a 273^0C sob a temperatura do gelo, todos os movimentos da molécula cessariam e a matéria mesma perderia, com isto, todo volume, seria reduzida a nada. Deste nada, somente um estado cinético seu a teria tirado, um dinamismo que tem pontes de comunicação com o mundo do espírito. Eis, então, que é concebível, neste sentido, uma criação partindo do nada, derivada de um puro pensamento. O método da intuição nos avizinha da solução dos maiores mistérios.

Vou, assim, percorrendo, junto com o leitor, que me segue, através de rasgos progressivos, a descrição da estrutura do universo. Eu mesmo, sem investigação racional, assisto à visão que se abre diante de mim. Vejo-me suspenso entre os planos de existências superiores que irradiam bondade, poder e conhecimento e os planos inferiores em que tudo vai involuindo, precipitando-se no negativo, a bondade em maldade, a potência em impotência, o conhecimento em ignorância. Existe em mim, como nos meus semelhantes, um sistema de organismos conexos em cadeia, que vão do reino mineral (sistema ósseo) ao reino vegetal (sistema vegetativo) ao reino animal (sistema muscular-nervoso), ao reino humano (sistema cérebro-psíquico) ao reino super-humano (sistema imponderável do espírito em dimensões hiperespaciais). Cada um desses organismos emite a voz do seu reino e isto me dá o sentido da hierarquia vivente dos planos do ser, entre limites além dos quais tudo se perde no inconcebível. Com o fenômeno da personalidade oscilante, o Eu pode perceber, desde o extremo-matéria ao extremo-espírito, as verdades relativas a cada plano. Delas se deduz, com o sentido da hierarquia, o de domínio de cada plano sobre o inferior e, pois, do poder criador do pensamento e das grandes conseqüências do próprio tipo de atividade espiritual em cada plano.

---

[8] **João, 1:1 e 3. - (N. do T.)**

No "Satapathabrahama" está dito: "Do desejo depende a natureza do homem. Conforme o seu desejo, tal será a sua vontade, tal será a sua obra: conforme a sua obra, tal será a sua existência que lhe diz respeito O pensamento é criador no homem em todos os planos inferiores ao espírito, como o foi o pensamento de Deus ao criar o universo. É com este pensamento, em princípio livre o fluido, que definimos em nós a matéria, isto é, as formas orgânicas e mais no alto, depois, o nosso fatal destino. No pensamento está a causa de tudo saúde ou doença, riqueza, ou pobreza, alegria ou dor. Sempre somos herdeiros somente de nós mesmos, isto é, daquilo que fomos, quisemos ou fizemos. O micróbio não nos assalta senão quando encontra debilidade e, pois, vulnerabilidade orgânica, a pobreza senão quando encontra incapacidade e preguiça, porque os capazes e ativos nunca são pobres, a dor nos assalta quando encontra erros morais a sanar. Qualquer pensamento nosso se escreve na estrutura do sistema dos nossos organismos conexos em corrente, gerando assim em cada plano posições munidas e potentes, ou pontos fracos e, com isto, predisposição a todo ataque. Eles são o ponto vulnerável onde a vida sempre ataca. Quem se tornou tarado, deve pagar, não por vingança da Lei, mas porque ela cura e fortalece. Tudo é espiritual antes de ser material. E o universal princípio de causa e efeito nos diz que tudo aparece por derivação e filiação.

Compreende-se assim como Cristo, depois de ter curado os doentes, dissesse a um deles: "Vai, não peques mais". O que significa o dever de não mais violar a Lei, se não quisermos mais sentir suas conseqüências no físico. Matéria e espírito são_mundos comunicantes e conexos e tudo se escreve nos arquivos da alma e o que está escrito deve, cedo ou tarde, alcançar o corpo e aí manifestar-se. Assim tudo se paga e tudo se recolhe. Ensinou Buda aos seus discípulos: "Como as árvores são diversas segundo a variedade das suas sementes, assim o destino dos homens é diverso segundo a diversidade da obra da qual suportam os efeitos". E ainda: "O que somos é a conseqüência do que havemos pensado". Mais tarde São Paulo dizia: "O que o homem semeou, isto mesmo ceifará". E Jó disse: "Deus dá ao homem segundo a sua obra e faz encontrar a cada um conforme o seu caminho".

XI

LIVRE-ARBÍTRIO E DETERMINISMO

Quem chega a penetrar no mundo das causas e nele descobre a substância das coisas, fica atordoado pela maravilhosa perfeição com a qual tudo harmonicamente funciona, do plano da matéria (equilíbrio) ao do espírito (justiça). Todavia o homem comum pode levantar muitas dúvidas a respeito da liberdade da semeadura por parte do espírito, da qual depois tudo depende de nós até à última conseqüência. A filosofia se debate entre os dois escolhos do determinismo e do livre-arbítrio sem saber se decidir exclusivamente por nenhum dos dois. O problema é solúvel somente tendo-se em conta que a evolução desloca a vida ao longo de vários planos de existência, e que há leis imperantes em cada um deles, pelas quais o determinismo próprio da matéria evolui na liberdade própria do espírito e ao contrário. A liberdade é concedida ao conhecimento, à consciência e sabedoria, o caminho forçado é ligado à ignorância, à inconsciência capaz de abuso. Determinismo e livre-arbítrio não representam senão os dois extremos da escala evolutiva que o homem percorre, a qual, partindo da matéria, atinge o espírito.

Já vimos no cap. 13: "Problemas últimos", do volume: ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio,*** que, se evoluindo se vai sempre mais para a liberdade própria do espírito, aumentando com isto, também, o conhecimento, essa liberdade sempre maior se resolve em uma sempre maior aderência à Lei. E vimos, também, que, se involuindo se vai sempre mais para o determinismo, próprio da matéria, e com isto se perde liberdade e conhecimento, ainda, deste lado, tende-se para uma posição sempre menos livre e mais determinista. A tendência de ambos os lados, seja na subida, seja na descida, é que a liberdade se resolva em

determinismo. Esta parece uma característica da fase experimental da evolução, quase um parêntese no universal determinismo da Lei. Porém os dois determinismos, o positivo do ser consciente que perde espontaneamente a sua liberdade para se fundir na vontade da Lei de Deus, e o negativo do ser inconsciente que a perde compulsoriamente, porque aniquilado qual rebelde à Lei de Deus. Estão nos antípodas duas fases extremas, igualmente resolutivas, mas em posições opostas. De modo que, como suspenso entre esses dois extremos em um universo determinístico, o ser oscila dentro de um campo de relativa liberdade limitado às necessidades da sua experimentação, formadora da sua personalidade. Acima dele, evolutivamente mais no alto, há o determinismo do evoluído que, tendo compreendido toda a sabedoria da Lei, não pode fazer outra coisa pelo princípio do mínimo meio e maior rendimento do que se uniformizar com ela. Abaixo dela, evolutivamente mais embaixo, o ser tem o determinismo da matéria que, nada sabendo da Lei, não pode dela fazer mais do que lhe obedecer cegamente, arrastado por ela.

É assim que, não obstante o desejo humano, ilimitado, de liberdade, ele encontra limites a cada passo. O primeiro limite ao livre-arbítrio é a nossa ignorância. Voltamos à dúvida inicial. Como escolher quando não se conhece? Pelo menos tudo é limitado ao pequeno campo do conhecimento humano. Se conheço o princípio de causalidade, não posso saber qual será o efeito preciso de uma determinada motivação minha. Embora eu preveja e calcule, nunca poderei saber com exatidão aonde, partindo daquele meu primeiro impulso, irei acabar, tantos outros impulsos desconhecidos agem sempre na determinação dos efeitos.

Um segundo limite é dado pelo desenvolvimento determinístico imposto pelo princípio de causalidade. Todo estado precedente, amadurecendo, tende fatalmente a produzir um efeito conseqüente; o que é conhecido e existe há de desenvolver-se na forma em que foi gerado e à qual está ligado. Uma força, uma vez lançada, não pode parar senão até chegar à sua exaustão. Desse fato nenhum livre-arbítrio pode fugir. Todo o passado, pois, nos liga ao que fornos e ao que fizemos. O que semeamos, devemos colher. Assim se forma a base determinística e fatal da vida, que se chama destino, que nós mesmos, no passado, deixamos como nosso legado, e que hoje reaparece ligado a nós, qual férrea necessidade.

Um terceiro limite é dado pelo determinismo de lei das coisas materiais. O ambiente representa um feixe de impulsos exteriores e estranhos ao Eu agente, os quais vão inexoravelmente pela sua estrada, muitas vezes lhe barram o caminho e lhe impõem desvio, atravessando a sua trajetória.

O que permanece livre dessas amarras constitui o livre-arbítrio. É todavia certo que o Eu representa um impulso autônomo, ainda que no seu manifestar-se deva ele sofrer tantas limitações. Mas que pode fazer uma força em ação entre outras tantas forças em ação senão agir, ressentir-se e reagir com elas, combinando-se? Ninguém, porém, pode impedir ao originário livre impulso humano dar à ação um cunho próprio, qualquer que seja depois a modalidade em que se deva desenvolver ou venha a ser torcido pelos limites que assediam o seu livre desenvolvimento. Todo ato nosso fica sem dúvida individualizado com características fundamentais, pelo primeiro livre impulso que, portanto, continuará a acompanhá-lo até o fim, se qualquer fato depois não vier desviá-lo da rota. Qualquer coisa de semelhante acontece na formação dos cristais, que mantém o seu tipo ainda que impedidos pelo ambiente. Assim das características originárias de todo ato nosso dependerá também a natureza das forças atraídas e das reações estimuladas, de modo que daquelas características nada se perde, ainda que devam depois ser alteradas. Em suma, há uma luta de forças e a mais forte vence. Se a nossa vontade fosse verdadeiramente potente e iluminada, então o livre-arbítrio poderia vencer tudo. Como se vê, esta não é questão abstrata de liberdade, mas também de poder.

Se refletirmos, veremos que esses limites são providenciais, desejados por uma Lei sábia que tudo guia para o bem. Se o primeiro impulso do livre-arbítrio humano foi lançado conforme a ordem das coisas, ele será enquadrado nessa ordem como num seu natural elemento e com isto encontrará todos os caminhos abertos para o seu desenvolvimento. Se, ao contrário, aquele primeiro impulso houver sido contrário à ordem das coisas, ele será contrastado por forças que o procurarão corrigir, forçando-o e levando-o àquela ordem.

Isto significa um processo de correção do erro; poderá constituir dor, mas é uma vantagem e uma salvação para o caminho do bem, que deve fatalmente triunfar conforme está estatuído. É preciso compreender que tudo está sabiamente dirigido por uma lei sábia e que ser reconduzido a ela embora pelo caminho da dor, significa salvação. Aquela central genética, que é a nossa livre vontade, não pode, não deve, para o nosso bem, produzir impulsos de desordem na ordem universal e, se os produz pela sua ignorância, eles devem ser corrigidos e reconduzidos para a ordem. Não pode ser permitido que eles invertam a ordem universal. Se o homem, nessa sua livre gênese de atos, repete o gesto criador de Deus, esse gesto deve ser disciplinado para colaborar no plano da criação e não tender a invertê-lo. Eis por que esses limites e liames do livre-arbítrio são salutares. Ele, pois, há de ser sempre entendido em função da ordem universal, que não é possível violar, e jamais como arbítrio desordenado e absoluto.

Como se vê, o problema está conexo com outros, como aquele do timbre e da potência do nosso querer (impulso originário), o da inflexibilidade da ordem da Lei, enfim, o que disto deriva, da responsabilidade e conseqüências. Certo é que o gesto criador do homem, que repete em ponto pequeno o princípio da criação, pode também assumir na sua liberdade a forma de rebelião, de anti-Lei e anti-Deus. Se o poder do querer da criatura é grande, então se torna também grande o conflito com a inflexibilidade da Lei e surge uma luta na qual esta vence e o rebelde, se não se modifica, fica autodestruido. E aqui o problema se coliga com o do bem e o do mal, bem como com a sua função final, conforme já temos tratado alhures. Agora, postos os dois termos, livre vontade humana e universal Lei inflexível, e a possibilidade de um conflito entre elas, dessa realidade deriva a responsabilidade humana, pela qual, se a liberdade ofende a Lei, esta corrige suas conseqüências. Essa responsabilidade nasce do princípio de ordem e de reação da Lei à desordem, o que conduz às sanções. A responsabilidade é proporcional à liberdade, isto é, a possibilidade de violação; mas se a liberdade for bem usada, não contrariando, mas seguindo a Lei, então a responsabilidade jamais conduz a reações dolorosas. Não pode ser de outro modo na lógica do sistema.

Um exemplo. O primeiro momento da ação é o desejo e a motivação. Um é dado pelo meu temperamento, a outra é limitada pelo meu conhecimento. Todavia nos limites desse determinismo dado pelo meu passado, do qual derivo, e dentro daqueles do meu conhecimento, sou livre. Escolherei naquele âmbito um determinado tipo de força e o lançarei em uma dada direção. Se esta escolha deriva dos meus precedentes, dela por sua vez dependem todas as conseqüências. Minha responsabilidade cobrirá o campo de todo esse interesse composto. E isto é justo porque, se tudo hoje se origina, como conseqüência, de precedentes aos quais está ligado o efeito por princípio de causalidade, no seu início aqueles precedentes foram sempre livremente desejados. Com isto determinamos os limites da responsabilidade, os quais, seja também na forma do interesse composto, não vão jamais além do que foi livremente desejado. Intervém, então, o determinismo do ambiente com a influência dos seus impulsos. Dar-se-á o encontro e a resultante será dada pela natureza e potência do meu impulso e pela natureza e potência dos impulsos do ambiente, tudo combinado juntamente. Toda força tende a seguir o desenvolvimento da sua trajetória, conforme sua potência e natureza, e todas interferem, combinam-se e não permanece senão a resultante de todos os seus encontros. O desenvolvimento é sempre e em todo lugar disciplinado pela Lei que ferreamente enquadra no determinismo universal toda oscilação do caso individual, a qual é admitida somente pela necessidade da experimentação indispensável à formação da consciência. Assim a ignorância de quem lança o primeiro impulso é prevista no sistema e, se ela leva para a desordem e o mal, é logo corrigida com a dor que ensina, educa e restabelece a ordem. É assim que se elimina a ignorância do ser que caminhou para o seu mal, sem o saber.

Desse modo, ele escolherá depois os melhores caminhos do bem, sempre mais, à medida que através desta escola cresce o conhecimento.

É assim que, evoluindo o ser, aumenta a sua possibilidade de agir livremente sem dano, isto é, conforme a Lei. Aumentando com a ascensão a potência e o conhecimento, também aumenta a liberdade, que de fato se sente ser uma qualidade do espírito e não da matéria. Mas trata-se de uma liberdade

consciente, por isto espontaneamente aderente à Lei, pela qual a evolução consiste na passagem do determinismo físico dos mundos inferiores ao determinismo espiritual dos mundos superiores através de uma oscilação, dita livre-arbítrio, permitida com fim educativo. Se o ser involui, está retrocedendo para um determinismo sempre mais férreo, de reações sempre mais enérgicas, mais adequadas à ignorância e insensibilidade do involuído que, dessa forma, pode ser abalado com golpes proporcionalmente violentos e que somente por estes pode ser induzido a evoluir. De fato, se o homem atual encarna na matéria, é porque ele ali encontra as resistências bem duras que lhe são adaptadas, para que nelas se possa exercitar e temperar. Disto decorre o quotidiano contraste, de todos bem conhecido, entre aspirações e ilusões em um ambiente que dificilmente se deixa vencer. De tudo isto se compreende que enorme vantagem represente, para alcançar a alegria e evitar a dor, o adquirir consciência da Lei, para saber depois movimentá-la, vivendo-a. Por isto é que nestes escritos se repisa tanto este ponto, que é o problema fundamental da vida e o único remédio a todos os males. Quem compreendeu não pratica mais o mal e assim se livra da dor. Eis a solução de todos os problemas. O homem é destinado ao domínio, mas é preciso que aprenda antes a mandar.

Compreende-se então como com o conhecimento aumenta a responsabilidade e com o poder a grandeza dos efeitos do erro. Mas igualmente aumenta a ilogicidade da prática do mal, o seu absurdo, que o torna sempre menos possível, porque quanto mais se sobe tanto mais se sabe que ele leva à dor e o instinto da alegria está escrito no ser. De modo que esse aumento de responsabilidade, que poderia produzir eleitos desastrosos para o involuído, que se entrega ao mal, na prática não é perigoso porque e equilibrado pelo conhecimento que tudo guia e ilumina. Com este o homem compreende a bondade da Lei e o próprio interesse em segui-la; torna-se desse modo, ao invés de antagonista de Deus, cada vez mais Seu colaborador. Esse é o sistema da Lei que, assim, tudo atrai a Deus. Dada esta estrutura, isto se torna fatal. É assim que o ser passa do determinismo coagido e inconsciente da matéria, ao determinismo livre e consciente da Lei de Deus, que impera e triunfa em qualquer parte. No fundo reina sempre o absoluto; e o determinismo que o exprime não faz senão mudar de forma. O ser que evolui em conhecimento tende automaticamente a limitar a maior liberdade que dele resulta e, em vez de servir-se dela para cair na anarquia, reorganiza os seus livres atos de acordo com a Lei. É assim que o maior poder e liberdade conexos ao conhecimento não se resolvem em desordem, mas em uma ordem sempre mais elevada. Tudo, pois, se reduz à passagem de um determinismo coagido e inconsciente, como convém a quem não sabe, a um determinismo livre e consciente, como convém a quem sabe. Então o ser faz para si a vontade de Deus, seguindo-a livremente.

O sistema é tão perfeito que a liberdade não pode nunca trazer desordem, pois que ela nasce sempre em proporção ao conhecimento. Logo que a liberdade, porém, seja usada em sentido contrário a ele, nasce o erro e, pois, a dor que reconduz o indivíduo para a Lei e assim, automática e fatalmente, toda liberdade de que se haja abusado fica mutilada e reconduzida aos mais restritos limites precedentes. Mas, por esta experiência de dor o conhecimento se dilatará, permitindo uma amplificação da liberdade que ficará dilatada se dela não se fizer mau uso, renegando o conhecimento adquirido. O sistema de forças, com suas sábias reações, constitui o trilho e contém a escala automática da evolução.

A liberdade, como é usualmente entendida, como arbítrio, sem conhecimento, não pode levar senão ao erro e à dor enfim à sua perda automática. Muitos procuram a liberdade no abuso e na licença. A sua ignorância os faz cair na cilada. A Lei de Deus os espera na passagem; espera-os o erro, a dor e a perda de liberdade. O melhoramento esperado torna-se ilusão. Dentro da Lei, com a força não se sobe, mas com o mérito; inútil é impor-se, quando não se sabe agir. Não se vê a lei, ela se esquiva ao ignorante; mas não se pode fraudá-la. O rebelde, pois, é destinado a recair na dor para aprender. Assim quer a Lei na sua bondade; repele-o para o seu plano, para o seu bem. A Ordem sempre vence Qualquer que seja a força e maldade humana, a justiça triunfa; Satanás, o rebelde, está confinado no seu inferno. Cada liberdade desproporcional, perigosa para o ser, porque é superior ao seu conhecimento, lhe é imediatamente retirada. Satanás tem poder apenas até onde Deus quer; é escravo do mal e é ignorante diante do céu. Logo que o ser abusa da liberdade, é levado de novo pelo seu próprio erro ao esforço da experimentação, porque através dessa única via ele pode subir pelo caminho do conhecimento e da liberdade. A quantas dores se poderiam libertar os in-

voluídos, se conhecessem esse simples mecanismo da Lei! E quanta bondade e sabedoria esta demonstra ao constranger o homem, sob o seu látego, a ascender em direção ao seu bem e à sua felicidade! Quanta sabedoria ao tirar dos inferiores uma liberdade que, sem conhecimento, seria para eles um perigo! É salutar que quem vai em oposição à Lei, mesmo quando domine, não encerre em seu punho senão ilusões. Negar liberdade aos inconscientes, significa salvá-los do perigo de um mais grave abuso, portanto de um desastrado erro e de uma terrível dor. Há nisto, ainda, uma admirável economia dinâmica. Nova liberdade é concedida somente quando o ser, por exuberância de forças, se permite esse risco; pode, pois, após um período de bem-estar, enfrentar novas dores construtivas (guerras e revoluções) quando então possui, em suma, uma margem de forças suficientes para submeter-se ao duro trabalho da experiência para conquistar nova consciência.

Esta nova concepção do livre-arbítrio, entendido como limitada oscilação da atividade do ser, num universo absolutamente determinista, nos permite compreender os últimos resultados da ciência. O problema do livre-arbítrio e determinismo pode ser situado, e a estrutura unitária e analógica do universo no-lo permite, também na mais moderna física estatística e quantística. Estabelecido o paralelo entre o mundo espiritual e material, poderemos dizer que a liberdade de ação do homem no seio das leis que o governam corresponde à liberdade de movimentos dos elementos componentes no mundo da física atômica. Em ambos os casos, trata-se de uma oscilação em campo limitado, de uma liberdade relativa que desaparece no determinismo, logo que a observação seja levada, do caso particular (observação ultramicroscópica) ao da unidade coletiva do qual ele faz parte (observação macroscópica). Eis que em_todo caso o livre-arbítrio, propriedade de cada elemento, está fechado em um determinismo macroscópico que aparece imediatamente logo se suba das pequenas diferenças individuais até colher as características comuns que reúnem em uma só lei todos os elementos componentes. Ela é a lei dos grandes números, própria da massa e não do indivíduo revelada estatisticamente. Assim se explica como, sob o determinismo da velha física mecanicista clássica. se esconda uma aparente livre desordem. O ser, deixado livremente à sua experimentação, É retomado na ordem do determinismo, em um plano mais alto. Assim, por exemplo, cada um come a seu modo. mas todos comem. Das folhas de uma árvore, não há duas idênticas, mas todas são do mesmo tipo, modelo e princípio. A oscilação individual não pode mais alterar o determinismo da Lei, na qual fica sempre enquadrada toda liberdade do indivíduo.

Tudo isto significa que, se na natureza individual estão escritas pequenas diferenças na aplicação e formulação da Lei geral, que é determinista, no indivíduo está, todavia, escrita, muito mais a fundo, também a substância da Lei que dessa forma reconduz todos a ela através das características dominantes, que a exprimem. Ora, pelo princípio das unidades coletivas, sendo as individualizações do ser ordenadas hierarquicamente, com os grupos, o são hierarquicamente também as respectivas leis, de plano em plano de existência, de modo que o campo de oscilação livre de cada caso é sempre relativo à unidade individual. Entende-se que, em qualquer nível, esta é individual diante da unidade coletiva do plano superior, enquanto é coletiva diante da unidade individual do plano inferior. Liberdade que está sempre enquadrada no determinismo da unidade superior, e que é livre somente enquanto é elemento inferior componente de uma outra unidade superior, que, relativamente ao inferior, é sempre determinista. Tal é a lei do grupo, enquanto livre é a do indivíduo. Assim em toda unificação se verifica uma reordenação determinista e cada ascensão para Deus constitui uma mais firme adesão à Sua vontade absoluta.

Tem-se, assim, aos poucos, o tecido que forma esse grande organismo, que é o universo. Como o elétron é o elemento componente do átomo, este da molécula, esta da célula, esta dos tecidos e estes do organismo, assim o pensamento de um indivíduo na sociedade humana é o elemento de um mais vasto pensamento coletivo no qual se somam as características psicológicas dominantes nos componentes. Teremos, então, u'a massa humana que sente com um pensamento e uma única psique, e muito mais de forma determinista que no caso do indivíduo singular. Uma observação macroscópica não nos daria senão os resultados deterministas da psicologia coletiva, enquanto uma microscópica nos daria aqueles livres da psicologia individual. Pode-se, portanto, observar com diversa amplitude visual, não somente a matéria, mas qualquer outra unidade coletiva, obtendo-se os mesmos resultados, quer dizer: livre e limitada oscilação no

caso singular da unidade inferior e determinismo no caso coletivo da unidade superior. Isto conforme a sua estrutura hierárquica, em todo nível evolutivo, para todas as unidades.

Compreendidos esses princípios, cada um os poderá controlar nos fatos e deles tirar conseqüências. Aplicando os conceitos sobre o livre-arbítrio à estrutura da matéria, pudemos conciliar, como acima mencionado, o determinismo da velha física mecanicista clássica com a indisciplinada irregularidade de ação que nos aparece no fundo da matéria, segundo a moderna física estatística e quantística. Pudemos compreender, outrossim, como se pode passar de um campo de forças regulado, conforme o princípio do livre-arbítrio a um regulado pelo determinismo. Com isto desenvolvemos estes dois conceitos já assinalados em ***A Grande Síntese***, no cap. 66: "Rumo às supremas ascensões biológicas" e em ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***, no cap. 24: "O nosso livre destino".

Uma última conseqüência que nos toca de perto. Tínhamos dito que um dos limites do nosso livre-arbítrio é o princípio de causalidade ao qual o nosso passado nos liga e o que semeamos devemos colher (segundo limite). Dado que todo momento é o efeito do precedente, como é causa do seguinte, nós não estamos, apenas, livres como causa, mas estamos, ainda, ligados como efeito. Esta é, em nossa vida, uma zona de determinismo. Ora esta se manifesta através dos instintos que representam as qualidades adquiridas, no bem ou no mal, no passado com a própria experimentação. A parte da vida mais sujeita a funcionar por instinto, a menos reflexiva, é a primeira, isto é, a juventude. Então, pode-se dizer que na primeira metade da vida o homem antes obedece fatalmente às conseqüências do passado e não está em estado de iniciar lançamentos de novos impulsos. De modo que, enquanto na juventude espontânea e irrefletida se age impulsivamente, como efeito do passado, aplicando-se somente os resultados ou os totais de fechamento do balanço da vida precedente, na maturidade, que é mais consciente e reflexa, se age mais como causa nova, semeando-se para o próprio futuro, mais que suportando-se as conseqüências do passado; age-se corrigindo as trajetórias e iniciando o lançamento de novos impulsos causais. As ações dessa segunda metade da vida obedecem, pois, melhor ao livre-arbítrio, enquanto as da primeira metade ao determinismo.

Como que sendo quase a confirmação de tudo isso, encontramos uma confrontação em correspondentes formas analógicas no plano físico. O indivíduo recebe por hereditariedade e adota um organismo para o qual a sua personalidade espiritual foi atraída por afinidade, mas que é o resultado da evolução biológica, uma espécie já de determinismo orgânico hereditário, isto é, um organismo físico já fixado em uma forma, como, em outro plano, é o seu destino que exprime o seu passado. Então, como no caso acima exposto, também aqui o indivíduo suporta essa forma física hereditária na primeira parte de sua vida, para transformá-la com a contínua pressão do seu espírito, pelo que as suas idéias dominantes acabam por se imprimir na carne, exprimindo-se em características somáticas. Assim, como é corrigido, conforme a nova vida quer, o precedente resultado espiritual agora fixado no destino, é corrigido também o precedente resultado material fixado no organismo físico. Sempre em qualquer parte, paralelismos e analogias. De modo que, como na vida a vontade pode corrigir um destino adverso, assim pode corrigir também uma fisionomia triste, fazendo nela transparecer finalmente a interior beleza, se esta verdadeiramente existe, e ao contrário. Assim a nova vida seja espiritual, seja física, se implanta diretamente nas conseqüências da precedente, e é lógico que a nova seja a continuação direta da velha, segundo um mesmo e contínuo desenvolvimento de forças. Desta sorte, a maturidade, mesmo recolhendo, fixadas no período atual de existência, as conseqüências da precedente, pode, na plenitude das suas forças e da consciência adquirida, melhor corrigi-las, seja guiando-as, seja sobrepondo-lhes iniciativas novas. Poder-se-ia, assim, chegar ao conceito que a massa biológica, isto é, dos corpos ou formas da vida, seja um material biológico comum que evolui porque progressivamente elaborado por todos os Eus que, sucessivamente, com eles vestindo-se em suas vidas, assumem a forma da sua manifestação. E isto exprimiria a ação evolutiva do espírito sobre a matéria e a razão da necessidade de esposá-la na vida física, porque o espírito está à testa e tudo ele deve fazer subir consigo para Deus. Quando se compreende a estrutura do sistema universal, tudo parece justo e lógico — e a limitada concepção de uma vida, curta, fechada entre a vida e a morte, é substituída por outra, vasta, de uma vida eterna.

Concluindo esta visão, antes de passar a outras, o livre-arbítrio nos aparece, pois, como uma pequena irregularidade que não viola o determinismo universal. É no seu seio e enquadrada no seu âmbito que é admitida esta limitada anomalia própria da imperfeição que deve ainda operar a perfeição e que através da incerteza da experimentação a vai procurando. Existem dois mundos, o absoluto e o relativo, o perfeito e o imperfeito. Parece que o determinismo próprio do primeiro se despedaça no segundo para escopos contingentes e transitórios, superados os quais ele volta a unificar-se no próprio determinismo. O livre-arbítrio domina a zona das formações e depois cessa, correspondendo à zona da consciência, que é também das formações, fechada também ela no inconsciente humano, subconsciente embaixo, superconsciente no alto, mas sempre inconsciente, isto é, abandonado à sabedoria da Lei. Semelhantemente, o infinito, verdadeira dimensão universal, se avizinha da nossa mente, deixa-se perceber e medir, tornando-se nosso domínio no breve trecho limitado do infinito, para depois fugir-nos de novo como infinito, do lado oposto de onde veio. O finito, como a humana consciência que, no fundo, diante da sabedoria de Deus, é inconsciência, como o livre-arbítrio, não é senão uma nossa dimensão relativa e transitória, diante da verdadeira, na qual ela está fechada e em que tudo recai e se completa. Eles não representam senão a dimensão-limite, diante da dimensão sem limite, que é o infinito, a consciência da Lei ou sabedoria de Deus, o determinismo. De um lado o limite e do outro o sem-limite. A nossa perspectiva parte do limite e o lado oposto nos aparece negativo, um sem-limite. Não sabemos conceber o infinito senão pelo lado negativo, senão como um não-finito Assim a consciência humana não pode conceber senão no limite. Ela representa um ponto de conhecimento que, diante de uma infinita sabedoria divina, é ignorância, como o finito é sempre inadequado diante do infinito. O verdadeiro, à semelhança dos aspectos observados, provindo do infinito da intuição, fecha-se diante de nós, em uma seção sua, em nosso pequeno campo racional, que lhe analisa os particulares, sem capacidade de síntese. Embaixo e acima do racional, há a intuição; embaixo, há aquela axiomática das premissas; no alto, há aquela sintético-conclusiva do gênio. Ela pertence ao segundo mundo, o do infinito, da consciência da Lei, do determinismo, do absoluto, de Deus.

XII

EQUILÍBRIOS

"A glória d'Aquele, que tudo movimenta no universo, penetra e resplende, numa parte, mais, noutra menos".

Em nossa ascensão tentamos, agora, por outra via, avizinhar-nos sempre mais da concepção de Deus e do univer**so**, que em breve teremos de enfrentar; concepção que sinto chegar e que vamos preparando e amadurecendo em nosso pensamento. Estamos bem longe da verdade do lº. capítulo.

O homem normal não forma a idéia do universo de maravilhosos equilíbrios onde ele vive. Acredita que as harmonias da ordem divina se encontrem somente no alto, no chamado paraíso. Não Aquela ordem, expressão de Deus, está em qualquer lugar, também no inferno terrestre. O homem a tem, pois, toda à sua volta, nas pequenas coisas do seu mundo, em meio às duras necessidades do contingente É verdade que a

maioria humana é involuída, nada sabe, dessa ordem divina, da sua beleza, da riqueza que ela representa, da potência que confere o conhecê-la e o saber harmonizar-se com ela. A maioria involuída está, pois, mais atenta a violar continuamente essa ordem, o que redunda em seu prejuízo e não da ordem que, na sua perfeição, possui essa característica: a de saber tornar automaticamente a reconstituir-se, não obstante toda violação. Assim o homem está ativamente ocupado em procurar, sem descanso, somente o próprio dano e a própria dor. Mas isto é necessário para que ele, mesmo ficando livre, aprenda. E assim, na sabedoria divina, a desordem voluntária da inconsciência humana se transforma em uma mais alta ordem futura, e a dor, que deriva daquela desordem, se torna um meio de ascensão para uma felicidade mais completa. De certo, o homem atual não imagina que haja no universo ao alcance de sua mão uma riqueza, poder e felicidade imensas Delas se acha afastado pela sua involução, que é ignorância; e para conhecer, é preciso evoluir, isto é, lutar e sofrer. A mente, que no aparente caos humano sabe recolocar cada coisa em seu lugar, verá um desenho maravilhoso de que ele faz parte, verá que tudo é lógico e ordenado para o bem, conquanto tristes possam ser as condições do indivíduo e do momento. O evoluído vê as metas de tudo e a íntima e tenaz reconstituição da ordem, a despeito da desordem vitoriosa, que está somente no exterior, na superfície, relativa e transitória. Otimismo, pois, um otimismo de ferro, de bases graníticas dadas por um profundo conhecimento científico da vida e de suas leis, otimismo em todo caso, ainda quando as coisas vão mal, ainda diante da triste verificação de que toda descoberta científica e todo progresso no conhecimento venham a ser usados pelo homem em primeiro lugar para praticar o mal. A Lei quer que, quem pratica o mal, involua, tenda a aprofundar-se em ignorância sempre maior e dor, até à autodestruição. E quer que, quem faz o bem, evolua, tenda a subir para uma sempre maior sabedoria e felicidade, até à fusão em Deus. Não obstante as aparências infernais de alguns mundos como a terra, tudo é ordem, é bem, é feito para a felicidade dos bons e o triunfo da justiça. Quem quer, esteja onde estiver, pode sempre salvar-se: Quem compreende, eleva um cântico de amor e gratidão a Deus e bendiz sempre a vida.

É desta ordem que, agora, queremos ocupar-nos aqui, não nos longínquos planos celestes, considerados de pouca utilidade, porque longínquos, mas nos seus reflexos terrenos, no seu funcionamento entre nós, humanos, nas suas conseqüências e aplicações práticas. Somente assim poderemos ser compreendidos. É lei geral no universo o princípio de dualidade, pelo qual cada unidade ou individualização do ser é dúplice, isto é, separada e no entanto soldada no seu intimo, em duas metades contrárias, inversas e complementares, que se combatem e se procuram, se anulam e se completam e, na oposição de dois termos opostos e contrastantes, se constitui em sistema equilibrado, isto é, em unidade e indivíduo. Lei já demonstrada em outros escritos meus. Mas há mais. Os dois elementos do dualismo, constituindo toda individualização, não assumem somente a forma estática, de equilíbrio estável, mas ainda a forma dinâmica de um sistema de forças, pelo qual os dois termos não são simplesmente contrapostos em equilíbrio, mas um deles, de valor positivo, se põe no centro do sistema e um ou mais elementos de sinal oposto ou valor negativo vem a rodar-lhe em torno, dispondo-se na periferia. O número deles é variável em relação ao seu potencial dinâmico e ao do elemento central. Quanto mais esse núcleo é potente, maior é a sua capacidade de irradiar e, portanto, o poder de reger um maior número de elementos satélites. Paralelamente, quanto menor é a amplitude ou capacidade negativa de receber carga positiva do núcleo da parte dos elementos satélites, tanto maior é o número que o sistema pode suportar. E por uma razão: cada um dos dois termos se põe, no sistema, em relação ao outro e, pela estabilidade e equilíbrio deste, eles se devem harmonizar.

Observemos como esse princípio, sobretudo em nossa realidade, tem influência. Comecemos pelo caso máximo. O universo todo é dúplice. Deus, princípio espiritual, positivo, está no centro; a forma matéria, negativa, está na periferia De um lado o motor, ativo, criador, do outro a manifestação, passiva, criada, efeito daquela causa. Os dois termos têm caracteres opostos. Deus é o espírito, o absoluto, o imóvel, o imutável, o pensamento diretor, o comando. O universo que vemos é a forma, o relativo, o móvel, o transitório, a expressão, a obediência à Lei. Transcendência e imanência não são senão os dois termos opostos de um par no qual eles se unem em estreita unidade, ligados no mesmo sistema em inseparável monismo. Esse esquema único ecoa e se repete em todo o universo, até à sua última pulverização, todo fenômeno é um tornar-se

ligado ao par causa-efeito. Assim todo pensamento ou ato contém em si, conforme a sua natureza, as suas conseqüências. Assim o efeito gira em torno de sua causa até que esta se exaure nele.

Casos menores. O sol, núcleo do sistema solar, tem, como verdadeiro macho no harém, nove esposas nos seus planetas. Elas o seguem obedientes em todo o seu curso através da Galáxia. O mundo atômico é regulado pelos mesmos princípios. Em torno do elemento central do átomo (núcleo) de carga eletropositiva, rodam tantos elétrons de carga eletronegativa, quantos o elemento central possa reger. Temos, assim, no microcosmo atômico, um verdadeiro sistema planetário em que o núcleo representa o sol. E todo sistema planetário não é senão o átomo de uma química astronômica do macrocosmo. Na terra temos 92 elementos, ou corpos simples, que vão do Hidrogênio (H) ao Urânio (U); unidades atômicas em que o número dos elétrons, que giram em torno do núcleo, sobe de 1 no H a 92 no U. Isto quer dizer que o núcleo de H representa um potencial capaz de reger um só planeta e o de U o de reger 92.

No mundo orgânico. A distinção sexual, antes de chegar às suas manifestações somáticas e psíquicas, existe na célula e precisamente conforme os mencionados princípios. A célula é um microcosmo formado como um sistema planetário, cujo centro é constituído pelo núcleo, elemento positivo, masculino, e a periferia, ou corte, ou harém eletrônico, é constituída pelo protoplasma, elemento negativo, feminino. Os dois dinamismos são inversos e complementares, reciprocamente contrários e equilibrados. E eis-nos chegados às aplicações práticas que mais interessam ao leitor.

A saúde, a resistência orgânica, que tanta parte representam na luta pela vida, dependem em grande parte do equilíbrio entre núcleo e protoplasma. Pelo mencionado principio, dado o seu dinamismo inverso, eles representam funções inversas e complementares. O núcleo é ativo, portanto, dinamizante, ao ponto de, se não encontrar no par o elemento contrário como função compensadora e de equilíbrio, torna-se destrutivo. Ele tende a transformar tudo em energia e, por isto, a queimar o material orgânico; é o verdadeiro motor da vida e agente da evolução, o catalisador, o princípio do vir-a-ser e da transformação. Ele tende a dissolver, a consumir e, quando não freiado, a queimar e destruir. A sua ação é oxidante e dissolvente da matéria nutritiva acumulada no protoplasma, para reduzi-la à energia. Ele é em suma o Deus animador da célula e, portanto, da vida, representa a função da combustão e da troca, a função de governo e de comando. Como o sol rege, guia e faz avançar os seus planetas, ao núcleo pertence a tarefa da direção e da ascensão. Essa função toda masculina e divinamente criadora recorda e repete num plano mais elevado o motivo da gênese da energia por desintegração atômica que se verifica nas mais complexas formas da individualização química. Como o sol, o núcleo arde, aquece e arrasta consigo todo o sistema que comanda, e se entrega, irradia e sustém. Ele representa e reproduz em proporção de sua potência o esquema geral do universo, esquema que é único em qualquer lugar; ele reflete e repete no seu plano as funções diretoras do principio geral do cosmo, que conforme a mesma e única lei (monismo) retorna em todos os menores sistemas componentes até à infinitesimal ramificação, os quais, por sua vez, irmanam-se por reagrupamentos graduais e progressivos, segundo a lei das unidades coletivas múltiplas, e se estendem todos no centro, para se reencontrarem e recomporem em unidade.

Que faz o protoplasma, pelo seu lado? Logicamente., as suas características e funções devem ser opostas. Ah, se o princípio da inovação não fosse equilibrado por aquele da conservação! Nem nos surpreenda reencontrar na estrutura da célula os princípios contrastantes do misoneísmo e do progresso, próprios da vida social. Para quem compreendeu a unidade do universo, são lógicas e verdadeiras essas relações entre a estrutura da célula e os movimentos coletivos e acontecimentos históricos, que também derivam da íntima constituição do ser humano. Pelo contrário, somente assim é que se pode verdadeiramente compreender a história. O poder do protoplasma é todo construtivo de material orgânico, integrante das perdas, fornecedor do combustível a ser queimado. Ele tende à economia, à conservação, a acumular as substâncias orgânicas, a armazenar reservas nutritivas, à engorda, em suma. O protoplasma é a fêmea a qual serve o macho, para que este, com o material recolhido por ela, possa, através do poder óxido-redutivo do núcleo, isto é, das oxidações operadas por ele como núcleo, criar a energia vital. Reencontramos aqui um

momento do físio-dínamo-psiquismo universal. O núcleo está incumbido de criar energia, destruindo matéria; é, no seu plano e sistema, o agente do transformismo fenômeno universal, em que a substância assume formas diversas. Em paralelo a essa função, o protoplasma é todo substância a ser plasmado, em expectativa de receber impressões para as conservar (misoneísmo), diante do agente é o material da vida, é portanto feito todo para a construção e reintegração deste, para preencher todas as perdas nele verificadas por força do incêndio produzido pelo núcleo.

Esta é a base do metabolismo orgânico. A vida se apoia nesses equilíbrios. A própria agricultura está sujeita a essas leis. A semente é o núcleo, princípio ativo, a terra representa o protoplasma, princípio passivo, acumulador de materiais que a semente toma em círculo no seu sistema. Há uma troca no terreno, regulado pelas plantas que nele vivem. A cultura intensiva, com base na adubação química, alterou, com a destruição da flora bacteriana essa permuta, pelo que hoje, ou se torna a fornecê-la à terra ou se deixará esta descansar, para ter tempo de reconstituir a flora e recuperar assim os materiais nutritivos dos quais a exploração intensiva a depauperou, ou teremos uma produção agrícola progressivamente menor.

No metabolismo orgânico o protoplasma trabalha para o núcleo, mas dele recebe a energia para trabalhar para ele. A fêmea é a serva do macho, mas dele recebe guia e defesa. Se os dois impulsos contrários não se compensassem e equilibrassem, e se, lutando um contra o outro, não se penetrassem e combinassem extinguindo a colaboração, seria o fim. O núcleo, sozinho, queimaria todo o material em energia, o protoplasma, sozinho, cristalizaria a célula, sufocando as reservas do núcleo e, paralisando assim a sua obra dissolvente e reduzida, apodreceria tudo, insensivelmente, na mais indolente das inércias. No primeiro caso, haveria uma troca demasiado violenta e, com isto, o rápido exaurir dos capitais da célula, das reservas do protoplasma, enfim, a ruína do sistema orgânico e a morte por consumição. No segundo caso, teremos uma redução de potencial vital da célula, e pois, afrouxamento das trocas e uma atividade celular orgânica reduzida. Isto produzirá excessivas e insuportáveis escórias na troca, auto-intoxicações, e preparará o terreno orgânico onde medram e prosperam os micróbios, ensejando o desenvolvimento de doenças infecciosas, a disfunção dos órgãos, até a morte.

Vê-se, pois, como temos em casa, antes em nosso próprio corpo, aqueles longínquos equilíbrios cósmicos pelos quais não nos interessamos, porque nos parecem muito afastados. Temos, ao contrário, em nós, e nos revelamos, como tudo, o mesmo esquema do universo. E a ordem está em nós e em todas as coisas e a essa ordem devemos nós, e tudo deve, a existência. Na admirável distribuição de funções da economia da natureza, é ao princípio masculino que cabe a ação de precipitar, neutralizar e expelir tóxicos, toxinas, qualquer inimigo, todo resíduo da troca. A ele é confiada a luta para a defesa orgânica. Por isto os temperamentos nervosamente fortes, de mais alto potencial nervoso, tem maior resistência orgânica. Mas aí, se a sua função não fosse freiada e equilibrada pelo princípio oposto! Vimos o que sucede logo que os dois processos celulares de síntese e redução não se equilibram. Também o nosso metabolismo orgânico é uma luta, mas uma luta equilibrada. O princípio de dualidade e o esquema desse sistema de forças centrais e periféricas são uma lei universal. É esta universalidade que dá a toda manifestação do ser a forma de luta. Compreende-se assim como o próprio homem não possa fazer nada senão em forma de luta e como toda atividade assuma e não possa assumir senão essa forma. Ela nos indica a impossibilidade e o absurdo de querer eximir-se do esforço de medir-se com o próprio antagonista e como cada ser tem, naturalmente, conforme sua natureza, o seu próprio. Assim se explica como sem luta a vida se extingue. A gênese das defesas e da força que nos robustece está na luta. Conforme o que cada um é tem o seu paralelo e proporcionado antagonista, que o atrai e se deve medir com ele, para que se forme logo a hierarquia de quem manda e de quem obedece, segundo o seu valor, porque sempre e em qualquer parte as forças se dispõem naturalmente segundo o mencionado esquema sideral atômico. Essa é a lei do cosmo. Não há, portanto, outro recurso senão sermos fortes e premunidos, como nos quer a própria luta. Ou lutar e lutando ficar forte e vencer; ou servir e suportar, adaptar-se e, no caso extremo, morrer.

Esse diálogo do núcleo e protoplasma não é senão o diálogo do sexo, isto é, do macho e da fêmea. E também esse é um equilíbrio cósmico que está em nós. Não é por acaso, mas é em harmonia e obediência a esse sistema universal, que o macho e a fêmea possuem determinadas características, distribuindo-se-lhes diversas funções. Não é por acaso. mas é conforme à lógica e à sábia economia da vida, que o macho está apto para a guerra e a fêmea para a reprodução, que o primeiro mata para criar, e a segunda gera e acumula para que ele possa matar e destruir para criar. Isto demonstra que a vida não é um fim em si mesmo, mas meio para evoluir. E se o primeiro é inovador até à distribuição, e a segunda é conservadora até à extinção por inércia, a divina sabedoria os colocou juntos de propósito para se compensarem. Uma humanidade toda de homens matar-se-ia na luta; uma humanidade toda de mulheres acabar-se-ia na estagnação. Nenhum dos dois princípios saberia viver e poderia sobreviver sozinho. E eis-nos entre as paredes domésticas. O homem trabalha fora e leva para casa o fruto do seu trabalho, a mulher trabalha em casa e elabora aquele fruto, nos alimentos, cuidados e criação dos filhos. Este é o modelo, segundo o esquema da vida. A mulher operária, empregada, política, que luta contra o homem, é um aborto moderno, contra a natureza. Que o planeta se torne sol, o elétron vá ao centro do átomo, que o protoplasma se faça núcleo, isto é patológico, é subversão. Mas há compensação também aqui e o equilíbrio é salvo. O século atual, em que as mulheres são machos, deve compensar o do século do Setecentos, em que os machos de perucas e empoados eram fêmeas. Mas isto passará e retornar-se-á ao romantismo e então rir-se-á da atual mulher-macho, como hoje se ri do macho-mulher do século dezoito. Tudo se equilibra.

A coletividade tem a sua forma de vida masculina e feminina. Nos períodos de grande esforço inovador e evolutivo, tudo se dinamiza e se torna macho. E assim a fêmea. Nos períodos de estagnação no bem-estar, em que se colhe o fruto do esforço precedente, se assimilam e fixam os resultados, tudo se harmoniza, embeleza e refina e se torna fêmea; e assim o macho. Enquanto antes tudo era forte, mas rude, depois tudo se aperfeiçoa, torna-se gentil, mas também se debilita. Primeiro, a guerra e as revoluções, a vontade e a conquista, depois na paz as artes, a beleza e o amor. Assim se alternam, como o dia e a noite, fadiga e repouso, criação e assimilação, e com alternado trabalho, cada um repousando enquanto o outro se cansa, avançam espírito e matéria. O contínuo alternar-se dos dois períodos históricos, clássico e romântico, responde precisamente à lei do dualismo universal que reencontramos nos dois sexos. Trata-se de desequilíbrios sucessivos, necessários para o movimento evolutivo, que, porém, se compensando, sempre se equilibram. O mundo está hoje dividido neste sentido. De um. lado um totalitarismo tirânico, revolucionário, guerreiro, pobre e conquistador, do outro lado as livres democracias, pacificas, fartas e acumuladoras. De um lado o princípio comunista para tomar, de outro o princípio capitalista para conservar.

Ora, considerada em posição de equilíbrio e não como fase de transição, a vida da mulher, por sua natureza, reflexa, procura todos os seus motivos no macho em função do qual, como verdadeiro satélite, vive e funciona. Essa é a sua posição natural, o seu equilíbrio a que ela, naturalmente, sempre tem tendência para retornar. Somente ao macho a natureza dá a iniciativa. Ao satélite-fêmea cabe a obediência. E se, transitoriamente, arrastados pelo prevalecer do impulso oposto, o macho se adapta a funcionar como fêmea e ao contrário, isto sempre se dá por substituição. O deslocamento é acidental e transitório. A verdadeira mulher ama, o verdadeiro homem conquista. Na evolução, à frente está o macho e, atrás, seguem os satélites. Na ponta do trem está a máquina e não os vagões que, ao contrário, se deixam arrastar. Já que há tantas formas de evolução e tantas diversas altitudes, o progresso depende do que esse macho compreende. Se ele é ainda um involuído, fará a luta do animal para a seleção de um mais forte tipo animal. Se ele for evoluído, fará uma luta mais inteligente e civil, para a seleção de um tipo biológico mais elevado. Mas, em cada caso, a mulher não pode senão inserir-se no sistema do macho, senão seguir passivamente o elemento ativo. Quando quer se tornar ativa, fica naturalmente fora de fase e, não sendo munida pela natureza para essa função e luta, vem a encontrar-se em condições de inferioridade e naturalmente sofre. Se é mulher, não pode funcionar como núcleo. Isto é inato nela até nas profundezas celulares do seu organismo. O fato de ser escasso o poder oxidante da sua célula e, pois, reduzido o volume de energia que dela brota, constitui uma carência natural, insuprimível, até às suas últimas conseqüências, também nos planos superiores da psique. Por isto a mulher,

essencialmente protoplásmica, tem necessidade de se completar, pedindo o poder dinamizante ao princípio nuclear masculino.

Eis-nos diante de novas e mais próximas aplicações do princípio de equilíbrio universal. Como compensa a mulher as suas reduzidas capacidades metabólicas, como vivifica a sua troca que é toda poupança, como age a sua célula acumuladora para tornar a se carregar de energia? Como pode comunicar com o princípio oposto para se recarregar? E ao contrário como pode aquele princípio oposto se descarregar nela? E qual o princípio regulador dessas trocas de opostos recursos e cargas? É evidente que os dois princípios opostos, o positivo e o negativo, para poder reciprocamente se compensar e, com isto, formar o equilíbrio, devem ser comunicantes. Vejamos como isto se dá. No mundo orgânico são os hormônios que, mais ou menos, excitam e, portanto, regulam o metabolismo e a atividade funcional de todo órgão. Eles são produtos das várias glândulas de secreção interna, mas sobretudo dos ovários e dos testículos. Os primeiros produzem os hormônios ovarianos aptos a excitar a função de reintegração e construção orgânica, os segundos produzem hormônios de grande potência oxidativa, dinamizante. A atração sexual é dada de um lado pela carência e, de outro, pela abundância desses hormônios e ao contrário para as de tipo oposto. Para atingir, através da compensação, o equilíbrio, eles tendem naturalmente para a troca. Reencontramos aqui, também nas leis do amor, aquele universal princípio de equilíbrio que tudo rege, nele reencontramos até o equilibrar-se da procura e da oferta, que é a base das nossas trocas e da ciência econômica. Para cada um, conforme o seu sexo e tipo, trata-se de adquirir de quem os possua em excesso os elementos necessários que lhe faltam, e de ceder os de que tem abundância a quem deles tem carência. Somente assim, cada um pode atingir um bom reajustamento da própria troca e de todas as conseqüentes funções vitais. Somente assim os dois desequilíbrios se reequilibram e as recíprocas carências se suprem e se saciam. Entre iguais (mesmo sexo) ou semelhantes (mesma família) não há atração, mas repulsão ou indiferença. É a troca que, através do ato sexual, em que se dá a absorção, permite a cada um dos dois sexos descarregar o próprio tipo de hormônios supérfluos e se refornecer dos hormônios de tipo e ação oposta. É através da troca sexual que a célula consegue pôr água no vinho e vinho na água, conforme sua natureza e necessidades, e assim regular o seu metabolismo, a sua vitalidade e funcionamento orgânico. Aqui não há espaço para expor em particular a modalidade dessa troca. Baste notar aqui as relações entre um não sábio uso do sexo e as alterações da troca e como, por excesso ou por defeito, se possa chegar a acumulações de escórias, a auto-intoxicações e enfim à debilidade e vulnerabilidade orgânicas, que, somando-se com a hereditariedade, vêm a constituir grande parte daquelas carências e predisposições ao assalto microbiano, que representam a hodierna delícia do mundo. Todo fato, também uma doença infecciosa, é sempre conexo às suas mais longínquas raízes.

Os erros, os abusos, em cada campo, justamente por essa lei de equilíbrio, é natural que se paguem. De qualquer natureza que sejam, exatamente porque são desequilíbrios, se devem reequilibrar. E reequilibram-se laboriosamente, saneando a própria desarmonia com esforço. Aquela é dor, este é fadiga e dor. Esta grande mestra da vida tudo sana e nos faz compreender. Essa é a medicina na ordem divina. Ela é amarga, mas é justa e cura. E nenhuma coisa é mais criadora do que uma dor compreendida. Onde quer que lancemos o olhar, encontraremos o bem e equilíbrio. Nestes exemplos, tomados ao acaso, temos visto atuar-se sempre o esquema universal de forças antagônicas e complementares, do problema máximo que parece ser o mais longínquo, ao sexual que está mais perto de nós. Somente enquadrados assim nos esquemas universais se podem compreender os problemas particulares.

Façamos uma última aplicação no campo espiritual. Todo chefe, em qualquer campo em que opere, é sempre um núcleo em torno do qual gravitam discípulos, súditos, exércitos, imitadores, clientes. Em toda manifestação coletiva, social, política, religiosa, econômica, intelectual, também as forças espirituais se distribuem metodicamente, segundo o esquema habitual de núcleo central e elétrons periféricos, rodando em torno à guisa de sistema planetário. O chefe, à semelhança de sol, sempre arrasta atrás de si a sua corte de satélites. O esquema de distribuição de forças no sistema do átomo, da célula, como no solar, é o mesmo, também nos sistemas políticos nos quais se ordena a sociedade humana. Os povos giram em torno de seu governo. Os dois são opostos e complementares, no âmbito da nação, eles lutam entre si, mas formam a

nação que é uma unidade. Para que o sistema de forças se possa formar, é necessário que os dois termos sejam reciprocamente proporcionais e qualitativamente afins, de outro modo o equilíbrio e a simbiose não se formam ou se desmancham. Por isso os povos têm os governos que merecem e ao contrário. No grande organismo coletivo, nova unidade biológica do porvir, hoje em formação, o povo representa o protoplasma, a massa demográfica acumuladora de carne e de bens. O chefe é o núcleo que tudo move e dinamiza, mas que está, também, pronto a tudo queimar, para o progresso, nas guerras e revoluções. Dessa forma os dois termos se condicionam, se freiam, se equilibram reciprocamente. Depois de um esforço bélico ou revolucionário, os povos se recusam ao movimento inovador e se concentram, exaurido o esforço expansionista, na função de acumular. Chefes e massas funcionam subordinados e, como macho e fêmea, não se sabe quem mais comanda. Algumas vezes os povos mandam e os chefes obedecem. Quem guia a história não são, pois, nem uns nem outros, mas as leis da vida que guiam todos. Não há vontade humana que nos possa fazer sair desses equilíbrios e ordem. No interior de cada unidade há sempre luta e contraste, cada Eu (núcleo) está abraçado à sua contradição, e quanto mais ele é forte, tanto maior é a sua atração e tanto mais numerosa é a corte dos seus satélites, que são seus sequazes e também inimigos. Ao vencedor, todos rendem o obséquio da fêmea ao macho. É a homenagem da vida ao seu mais válido princípio, positivo, dinamizante, aquele a quem é confiada a evolução. Quem vence, é rei. Esta é a lei em todo campo.

Como vimos, tudo gira em torno de um centro. Deus, centro máximo, se reflete em infinitos centros menores, para baixo, até ao infinitesimal. Assim toda individualização reflete a Sua imagem e Ele é verdadeiramente presente em qualquer parte, até à última poeira do universo. O mais absoluto monismo é expresso na repetição do idêntico esquema, em todas as gradações e planos do ser, em todas as alturas da evolução. Assim o homem é feito à imagem e semelhança de Deus e em Deus o universo diz: "Eu", embora espedaçando-se em infinitas formas. Mas é no próprio Eu que está em tudo o que existe, que o ser encontra o seu centro absoluto e eterno, a sua divindade, momento e reflexo da Divindade Suprema, não importa quais e quantas formas transitórias ele possa assumir no tempo. Dizer que a forma está na periferia e o princípio animador no centro, significa que a forma gira em torno da substância, a criação em torno do criador, a matéria em torno do espirito, a manifestação em torno do ser, o efeito em torno da causa, o relativo em torno do absoluto, o móvel em torno do imóvel, o transitório em torno do eterno, a obediência em torno do comando da Lei de Deus. É tão universal esse esquema do ser que Deus mesmo o representa e nessa forma se nos manifesta. Assim Ele tem o seu termo oposto e complementar em Satanás, que o combate e no entanto gira em torno dele, e por Deus único motor, é arrastado. Satanás é o mal, é a negação que não pode existir senão em função do bem, a afirmação. Assim o mal gira em torno do bem e o erro em torno da verdade. Eles se condicionam reciprocamente. O mal é a condição da afirmação do bem, enquanto este é a condição da negação e destruição do mal. O bem, a verdade, está no centro, na substância, em Deus; o mal, o erro está na periferia, na forma, em Satanás. O dualismo que traz cisão e luta está na base do universo. Ele é dor, mas é também possibilidade de movimento e de ascensão: Ele nos aparece como uma fratura, mas o universo, com a evolução que vai de Satanás a Deus, tende ao próprio saneamento. Veremos, assim, que Deus dolorosamente se despedaçou para dar vida, em supremo ato de amor, a uma infinidade de seres que, por sua natureza não podem, verdadeiros satélites, fazer mais do que rodeá-lo, sempre atraídos e desejosos de se fundirem nele, de cair sobre seu próprio sol. O próprio Satanás, no extremo periférico oposto, não pode existir senão em função de Deus. Tirai Deus de Satanás: que é que este negaria? Tirai o bem ao mal: que é que este destruiria? Satanás é atado a Deus pela sua mesma existência e não pode existir senão como executor da lei de Deus. É ela, que confiou a Satanás a tarefa negativa da resistência, é ela que lhe manda, o enquadra na sua ordem, o constrange para os seus fins. No fundo, Satanás é o servo de Deus, como o mal é o servo do bem. Se bem que ao avesso, em forma de ódio e de revolta, Satanás é sempre um satélite ligado ao seu sol, que é a sua razão de existir.

Um último esclarecimento, antes de concluir. Se o sistema de forças é equilibrado segundo o esquema mencionado, como pode ele permitir o transformismo da evolução? Na realidade os dois impulsos opostos nunca se compensam exatamente e o equilíbrio jamais é perfeito.. Neste caso, ter-se-ia a estagnação. O equilíbrio ao contrário é oscilante, donde nasce o movimento. Entre os dois princípios, não há

compensação perfeita, mas sempre uma carência que jamais se enche e se satisfaz, invoca o seu termo complementar, que persegue sempre sem nunca o alcançar. O que poderá parecer uma dor e uma condenação, é, ao contrário, a base do movimento e da evolução. O que parece um mal é um bem, porque representa uma infinita possibilidade de saneamento. A congênita insatisfação humana, essa dose de descontentamento que fica no fundo de cada prazer, está ali para nos indicar que ele nunca é o último termo da satisfação e que há outro mais adiante e que é preciso subir para uma felicidade sempre maior. Se houvesse a felicidade com que se sonha e a saciedade completa como se quereria, tudo então, pararia. No momento em que os dois opostos se atingissem plenamente, as carências e lacunas estariam preenchidas; naquele momento, cessaria o movimento, a vida, a ascensão, tudo. Um pequeno desequilíbrio é necessário no sistema, mas também este é dosado para atingir os fins para os quais existe. Se o sistema de forças se rege e "é", enquanto é equilíbrio, como unidade estática, ele se move e se pode transformar enquanto é também, numa dada proporção, desequilíbrio (unidade dinâmica). Proporção regulada por ela, resíduo dosado em relação aos impulsos do sistema.

Uma conseqüência, como conclusão. No nosso mundo tudo é carecente, incompleto, mas há ao mesmo tempo tudo quanto basta para suprir a carência e completar o incompleto. Basta procurá-lo. A solicitação é feita para ser satisfeita em grande parte, menos um resíduo de carência sempre não preenchido que forma aquele desequilíbrio e movimento necessário para evolver. Do completamento surgiria a felicidade que é a resultante da harmonia. Mas uma vez que esta nunca se alcança de todo, porém está sempre em formação, assim é para a felicidade. Se tudo existe e basta encontrá-lo, o caminho para suprir, se não todas, ao menos grande parte de nossas carências, está aberto. Ele é a vida das permutas. Dai a sua necessidade e utilidade. Todos têm necessidade de receber alguma coisa, mas têm também algo a dar. Procurar é achar. A permuta corresponde aos princípios de equilíbrio e harmonia que regem o universo. Trocas de todo gênero, agrícolas, econômicas, intelectuais, orgânicas. O isolamento egoísta mata. A permuta é genética. É através dela que a vida se recupera e reconstitui suas perdas. O principio utilitário corresponde, nesse caso, a um princípio de fraternidade e de solidariedade. O método evangélico corresponde à grande lei do equilíbrio universal e exprime uma insuprimível necessidade biológica. Sinergismo cósmico, divino monismo do todo. Cada um necessita do próximo e quem não o ama dele se afasta. Para receber, é preciso dar e ilimitadamente receberá quem ilimitadamente tiver dado. De um modo ou de outro, todos se procuram para se fundirem. E quando se odeiam e se combatem, é porque eles se procuram sem ainda se conhecerem; mas não reconhecendo ainda, não sabem fundir-se, porque não acharam a sintonia, a nota comum da simbiose. Também os dois sexos lutam para conseguir a fusão. A vida é regida pelo amor, e o ódio não é senão amor malogrado. Na luta corpo a corpo, como no amor, termina-se, igualmente, em abraços e com espasmo. A lei do ódio é a mesma lei do amor, seja embora do lado negativo, de corrente invertida, mas o princípio é uno. Tudo gira, no direito e no avesso, em torno de um mesmo centro e qualquer que seja a direção do seu giro, tende e quer, por lei divina, seja pelo caminho do amor positivo, seja pelo negativo, unificar-se em Deus.

XIII

EVASÕES

Sigamos ainda por outros caminhos a ascensão da matéria ao espírito, que nos leva para Deus.

Que o nosso mundo de hoje se faça sempre mais infernal, é coisa que todos compreendem. Sabemo-lo pela nossa dura experiência. Se os poucos que se encontram bem repousam satisfeitos, quem se acha incomodado se mexe na procura de uma posição melhor que o livre do seu sofrimento. Os inculcadores de

remédios pululam por aí, pela lei da procura e da oferta, já que os remédios são um produto solicitado. Floresce assim, nos tempos difíceis, a indústria do remédio, e isto tanto mais, pois os males são muitos, e quanto mais estes aumentam, tanto maior número de clientes e tanto mais a indústria é lucrativa. Sabe-se que os medicamentos não curam, o que não impede que as farmácias estejam apinhadas. Para qualquer parte que nos voltemos, um oceano de ais para todos. Os vencedores e os ricos não escapam, porque, se os pobres sofrem, eles tremem. E os remédios se reduzem a falatórios. O mal fica, e fugir da dor parece impossível. Estaremos, pois, fechados sem salvação na nossa prisão? E como o pássaro na gaiola, o homem sempre mais se debate à procura da evasão. Onde está a saída, o caminho da fuga? Os anunciadores de remédios os indicam numerosos e dizem: Ele está aqui, ou está lá. Mas a gaiola fica e nós dentro dela a debater nossas asas contra as barras da dor, até à desesperação.

Evadir! Ânsia irrefreável de liberdade, sonho supremo de quem sofre, palavra de ordem de hoje, espasmo do homem fechado no inferno terrestre. Cada um segundo a sua filosofia em que, de acordo com a sua natureza, se exprime a si mesmo, tenta a sua forma de evasão. Tentemos nós também a nossa. Ela será muito diversa da outra, parecerá utopia, mas, ao menos, por alguns minutos, sentiremos, em vez do contínuo acusar e agredir até em nome de Cristo, uma palavra de paz e de amor; ouviremos, em vez do caótico e infernal concerto humano, as harmonias da música divina, veremos aplacar o ódio em um amor superior dirigido a todas as criaturas. Para nós, trata-se de realidades cientificamente possíveis. Mas, para quem não pode compreender e fala de utopias, não será também doce o evadir em sonho tão belo?

Há dois modos de fugir do próprio plano de vida e condições inerentes; ou descendo ou ascendendo. O primeiro é caminho fácil, mas traidor; oferece antes o doce e deixa depois o amargo, parece presente e não oferece senão uma antecipação que, depois, é preciso pagar. O mundo atual é néscio e prefere este, que é o caminho do prazer. Quem é tolo, é justo que sofra até que aprenda. Assim quer a Lei para que ele se eleve. Há, depois, um outro caminho, mais difícil, que oferece antes o amargo, mas, logo após, deixa o doce, um caminho em que antes se paga e depois se arrecada. Experimentemos esse segundo caminho de evasão. Ele nos leva para o paraíso. Em vez de romper nossas asas contra as paredes do inferno terrestre, dirijamo-las para o alto. Desta parte a gaiola está aberta e a fuga é possível. Fujamos por esta parte e observemos o que acontece lá no alto, no paraíso dos mais evoluídos que superaram as formas de vida humana terrestre. A porta está aberta e é inacessível somente para quem não sabe subir. As suas barras invisíveis são dadas pelas forças de que se compõe aquele organismo dinâmico que constitui a personalidade humana. Estamos limitados e fechados somente pelas forças de que somos constituídos. Bastaria poder se modificar e apareceria a todos um universo de maravilhas. Saber mudarmos! E este é problema absolutamente individual, em que somos independentes do ambiente humano. Independentes! Mas não somos independentes daquilo que somos. Eis o problema. A gaiola não é a terra ou a vida, somos nós, é a nossa natureza que estabelece a nossa forma de vida. Bastaria que soubéssemos mudar-nos e a evasão estaria pronta e garantida. Problema individual, de destino, que cada um fabrica por si com as próprias obras. Imaginemos então, fugir da terra, embora isto pareça um sonho. Para nós é realidade vivida e por isto podemos explicá-la. Como se foge? Para onde? Para Deus, que é o centro da felicidade e do amor. Mas onde está Deus? Deus está em toda parte, mas é sempre mais manifesto e perceptível quanto mais se ande para o centro. A evasão da dor para a felicidade se realiza, caminhando-se para o centro. E como e vai para o centro? Evoluindo. O centro está no íntimo das coisas, no íntimo de nós. A evolução se cumpre, transferindo a zona consciente e ativa da nossa vida da periferia para o centro, da forma à substância, da matéria ao espírito, indo do extremo do todo que se chama imanência, ao extremo que se chama transcendência. No precedente capítulo "Equilíbrios", vimos como o criado gira em torno do Criador e como esse sistema, de esquema rotativo, seja o esquema geral do universo, do átomo aos sistemas solares, da célula aos sexos e aos fenômenos de psicologia coletiva. Deus está no centro. Tudo gira em torno d'Ele, seja como matéria, seja como energia, seja como espírito e, conforme este é mais ou menos evoluído e mais ou menos perto d'Ele, é também mais ou menos vivo, consciente, feliz. A fragmentação no relativo, o egoísmo, o transitório, o ódio, a dor, estão na periferia e diminuem à medida que nos acercamos do centro, andando para o qual se faz sempre mais manifesta a unidade, a fraternidade, a incorruptibilidade, o amor, a felicidade.

Precisemos. Transcendência e imanência são percebidos pelo homem atual como contraposições. Assim delas fazem duas teses inimigas. Em geral, quando os homens lutam em torno de um conceito, é porque se colocam em posições diversas, cada um num extremo diverso da mesma unidade, de modo a não perceber senão aquele. Isto acontece porque estão na periferia e quanto mais o estão, tanto mais o todo lhes aparece separado porque tanto mais eles estão imersos no relativo. É assim que a intuição que leva para a síntese está mais perto do centro-Deus do que a razão analítica. A nossa ciência da matéria é periférica, divergente por sua natureza, e, como hoje acontece, tende para a especialização, isto é, a fragmentar-se e dispersar-se sempre mais no relativo. Por essa razão, pelos homens do espírito ela foi considerada luciferina, isto é, portadora de luz satânica. E, de fato, ela demonstrou uma pseudo-ação construtiva, resolvendo-se, na realidade em destruição. Eis por que ela foi entendida como uma pseudo-luz tendente a obscurecer e confundir, como está bem expresso no conto bíblico da torre de Babel.

Quem pois vê Deus como manifestação periférica, sustenta a imanência, quem o vê como causa central, sustenta a transcendência. Na realidade, causa e efeito estão uma na outra e ao contrário. Ambos os juizes têm razão, e, no entanto, em nome da mesma verdade eles se acusam e se contrastam. E a sua relatividade e posição periférica involuída que lhes faz perceber a unidade como dúplice e separada. Se, evolutivamente, se ascende, vê-se mais profundo, de modo que a relatividade e a separação, próprias do nosso plano de vida, pouco a pouco se esvaem. Então, transcendência e imanência se revelam como os dois pólos do mesmo binômio. Agora se observa e compreende o universal princípio de dualidade e a contradição desaparece. A Ascensão leva a uma contínua pacificação de contrários, a uma progressiva unificação dos fragmentos do nosso relativo. O todo parece um, mas só no seu íntimo, se bem que divididas, em duas partes inversas e complementares que se contrapõem só para formar uma unidade. Contraposição não para se cindir como antes, mas para se equilibrar e, então, juntar-se. Eis um primeiro passo para a unificação.

Mas, se se ascende, isto é, se se vai para o centro, Deus, vê-se ainda mais profundamente. O binômio Deus-universo não se mostra somente como um par unido em inseparável monismo, mas se torna um único sistema de forças, em que a imanência gira em torno da transcendência e ambas são parte integrante no esquema da mesma unidade; não importa se, observando-se as coisas, pondo-se no centro, tudo possa parecer imanência. Então, a criação não aparece mais no aspecto exclusivo de elemento complementar do criador, mas é o mesmo Criador visto em uma sua posição e de um ponto de vista diverso: periférico, em vez de central.

Tudo gira em torno do centro, Deus, para Ele gravita e é a Sua manifestação, sem a qual Deus não possuiria, no universo, forma ou corpo. Como ocorre no homem, feito a imagem e semelhança de Deus, o homem no qual a matéria veste o espírito. O corpo também no homem é transitório, sempre mutável, é forma, expressão, manifestação periférica. No centro está a fonte da vida, de toda energia e riqueza, fonte que, como a alma ou o sol irradia e dessa forma tudo nutre e sustém, pulverizando-se e dispersando-se na periferia. O corpo é, de fato, um metabolismo, um tornar-se contínuo, enquanto nós sentimos que o Eu permanece constante no meio do mudar contínuo de todas as suas vestes ou corpos. O Eu é central no sistema, o corpo é periférico e cada um dos dois tem em si as características da sua posição, como no universo. As formas diversas que revestimos giram em torno do nosso espírito. Este é, no pequeno sistema da personalidade humana, o que é Deus no universo, isto é, o centro, a substância, o motor. Isto corresponde ao princípio monístico dos esquemas do universo, de tipo único, e à afirmação conhecida de que o homem é feito à imagem de Deus, e de que Deus se reflete em todas as coisas, de modo que em todas as coisas nós o reencontramos. E como Deus no universo, assim no homem o Eu está no centro e em todo ponto do seu sistema, em todo lugar do seu ser, até às últimas propagações da sua forma periférica. O Eu, trate-se de Deus ou do homem, está conforme o mesmo esquema, presente e ativo em todo momento da sua manifestação que, como sua emanação, é toda ele próprio. Centro e periferia, assim, são ligados e entremeados um no outro, tanto que o primeiro está todo no outro e ao contrário. Neste sentido se pôde dizer alhures (***A Grande Síntese***) que "Deus é a criação", que "tudo deve reentrar na divindade", que "Deus é também o universo físico". Como Deus fica imutável no centro do Seu universo que muda sempre de forma, assim o Eu humano fica constante no centro do seu ser físico, que, entretanto,. muda e se renova através de suas formas diversas.

Este é o esquema do sistema central periférico único em nosso universo e que encontramos repetido em todas as alturas e grandezas.

A evolução torna-se possível por essa estrutura do sistema, pelo que, a um contínuo girar ou metabolismo periférico, corresponde um paralelo poder central. Do fato que o Eu humano pode continuamente trocar veste nos seus corpos, nasce a possibilidade da elaboração através das suas experiências. O incessante bater das experiências da vida, através dos contínuos choques e dores, esse martelar sem trégua sobre nossa casca corpórea, têm o poder de despertar a divina centelha que em nós jaz adormecida Acontece, assim, que o próprio ponto consciente e ativo da vida se transfira sempre mais da periferia para o centro, progredindo para o íntimo, no profundo do ser, distanciando-se assim, pouco a pouco, do relativo periférico da manifestação ou forma, e subindo para Deus, para o centro que está na profundidade. Eis em que consiste o processo evolutivo. Pode-se descrevê-lo como um subir para o alto, enquanto se ascende para a perfeição e a potência, ou como um descer em profundidade, enquanto a vida se distancia da forma para o seu intimo ou como um progressivo acordar do latente que está em nós, ou ainda um movimento da vida da matéria para o espírito, isto é, um desmaterializar-se, um evaporar da sua forma. Mas, compreende-se que esses não são senão vários modos de ver e descrever o mesmo fenômeno sob diversos aspectos.

Está justamente neste evaporar da forma o segredo da nossa evasão, da libertação da dor, da ignorância e do erro do qual ela é filha; é o segredo para chegar ao distanciamento de todo esse oceano de ais que é, justamente, a característica das zonas periféricas, em que vivemos nós, humanos. Como se vê, trata-se de problemas vitais, também para os que, em tudo isto, não vêem senão utopia. Problemas que aqui são apresentados e resolvidos, com plena lógica e em harmonia com o funcionamento orgânico do universo. As soluções isoladas do todo não são jamais verdadeiras soluções. Mas precisemos ainda. Nós, humanos, como criaturas, giramos, segundo o mencionado esquema dinâmico, em torno do Criador; não estamos fechados, por isto, em um dado raio de rotação, mas, evoluindo, isto é, potenciando o nosso Eu e desmaterializando em proporção a sua veste corpórea, enriquecendo a nossa personalidade de conhecimento e sabedoria, qualidade e sensibilidade, através de nossas experiências corpóreas, transformando-nos, em suma, em bem, podemos ir girar sempre mais perto do centro divino, fato que implica na abertura de infinitas possibilidades novas. É com essa transformação evolutiva que poderemos deixar embaixo, nos planos inferiores de vida, sempre mais infernais quanto mais se desce, toda a desordem, o mal e a dor que os caracteriza. Pois que há infernos ainda piores do que o terrestre, lugar de pena onde só seres inferiores podem encontrar uma felicidade a eles proporcionada.

Evoluindo, podemos emigrar sempre para corpos mais livres dos pesos e dores próprios da matéria, corpos menos transitórios e imperfeitos, em formas de consciência menos encarceradas no relativo, menos segregadas do todo pelo egoísmo, em formas de vidas menos esmagadas pelo ódio e menos sufocadas pelas trevas da ignorância. Girar sempre mais perto de Deus significa sensibilizar-se e potenciar-se, enriquecer-se e satisfazer-se, significa tornar-se a gente sempre mais vidente, vibrante, dinâmica, resistente, luminosa e feliz. Por esse caminho a evolução nos leva sempre mais para perto de Deus. O ser passa gradativamente de um plano a outro de vida. Os vários níveis biológicos que conhecemos, que vão do mineral ao gênio, não são senão círculos concêntricos de rotação em torno de Deus, a cujos degraus o ser, evoluindo pouco a pouco, ascende. Não se trata de movimentos no espaço, mas de íntima transformação do ser, de movimento interno do todo, pelo qual se opera a progressiva reabsorção em Deus, de sua manifestação. O sol que lançou à sua volta, por impulsos centrífugos, os seus planetas, os torna a atrair por impulso centrípeto. Deus é o sol que, no centro do universo, atrai todo o universo e assim o rege. E o universo como os planetas tende a recair sobre o sol, continuamente restringindo, em obediência à força de atração, as suas órbitas de rotação. Um mesmo princípio rege tudo. Eis a evolução. Assim o ser vai do corpo ao Eu, do exterior onde reina Satanás ao interior onde reina Deus, da forma-matéria ao espírito-Deus. Por essa razão foi dito que o Reino de Deus está dentro de nós, o que pode ser definido como um despertar, porque nada se cria e nada se destrói e, fundamentalmente, a evolução não é senão um despertar do que em nós é latente daquele divino que está em nós, mas dormindo no fundo do obscuro cárcere do corpo fechado nos sentidos. Tudo deve desabrochar,

abrir-se, florir na vida, também essa centelha que está em todos Os seres e coisas e que anima todo o universo.

O homem atual deve somente à sua natureza involuída estar ligado às tormentosas condições do seu mundo. Ele está preso no fundo de um cárcere obscuro e não suspeita das infinitas possibilidades da vida, qual rei ele seja como cidadão do infinito, de que maravilhoso organismo de forças ele faça parte, que concerto de perfeições seja o universo em que vive. E cego, faltam-lhe os sentidos para ver tudo isto; a sua miopia, a sua relatividade o fazem extraviar no labirinto das análises, e quando se lhe relata e explica tudo isto, ele não compreende e torna a olhar as pequenas e tristes coisas vizinhas, das quais faz todo o seu mundo. Incapaz de evadir, dobra a cerviz sob o peso da sua vida atormentada ou se rebela e maldiz lançando nova lenha nas chamas do seu inferno de ódios. Oh! se imaginasse a riqueza, o poder, a felicidade que alcança quem, conseguindo despertar no profundo, descobre e encontra a sua natureza divina! Que espetáculo apocalíptico ver-se desabar em torno os muros do cárcere; que sensação subvertedora da expansão no infinito; que triunfo a evasão da terra, o livrar-se da dor e da morte, a conquista da consciência da própria eternidade! As tão alardeadas liberdades terrenas são falatórios e ilusões.

Eis como aparece a visão do paraíso. Observemos. Ainda que o corpo fique no inferno terrestre, o espírito pode evadir-se. Sente-se, então, arrebatado em êxtase, na contemplação das maravilhas da ordem divina. O infernal estridor de dentes, o caótico lutar e odiar-se, os choques de todos contra todos e a imensa dor que disto resulta, tudo permanece lá embaixo, longe, na terra, como o fragor e o cheiro nauseabundo das grandes cidades ficam longe do cimo do monte. Quanta pureza lá em cima, que harmonia, que concerto de vibrações, que música de divinos equilíbrios, que compreensão e quanto amor entre os seres! Então, se o corpo ainda sofre na terra, o espírito quase se destacando, regozija-se num mundo mais elevado. Miríades de criaturas, de corpos sutis e resplandecentes, organismos espirituais feitos de um dinamismo vibrante de infinitas vibrações por nós ignorados, através de uma sensibilidade ilimitada, transbordando além das estreitas portas dos sentidos terrestres, recebem e refletem, absorvem e emanam por sua vez, centros radiantes, a radiação que lhes chega de Deus. Todas as criaturas se harmonizam por ressonância e sintonia em um concerto grandioso, onde tudo é vida e movimento e todo movimento se coordena e harmoniza na luz de Deus em gáudio intensíssimo. Na imensa sinfonia, esses seres se dispõem em círculos concêntricos em torno de Deus, mais ou menos vizinhos e resplendentes conforme a sua maior ou menor perfeição e a sua capacidade de absorver e reemanar a luz divina. E esses círculos giram vertiginosamente em uma ordem imóvel e cantam e brilham em infinitas radiações no divino oceano vibrante. As suas trajetórias são doces harmonias, a sua vibração é amor. Essas criaturas se inflamam na ânsia de evoluir, de estreitar as órbitas e avizinhar-se sempre mais de Deus, ansiosas de precipitar-se naquele Centro e fundir-se. E Deus, do centro, atrai e irradia, chama e estreita a Si com as suas radiações de amor as suas criaturas e as criaturas respondem, e o colóquio é um amplexo que se faz sempre mais apertado e o canto é uma música sempre mais potente e perfeita.

Todo ser conhece a Lei e não pensa senão em segui-la. Tudo é harmônico. Nenhuma rebelião ou violação. Eis a grande beleza. Todo ser sabe o seu caminho na Lei, porque tem consciência de tudo, de sua posição no todo, do que é e deverá ser. A violação, o erro, a culpa estão longe. E sabendo o seu caminho, todo ser sabe mover-se ordenadamente conforme a Lei, em harmonia com os outros, unificando-se a eles em fraternal ajuda e amor. Tudo isto aqui é natural, lógico, espontâneo. Os caóticos ímpetos da vida aqui estão, finalmente, coordenados. A vida se torna sempre mais infernal quanto mais o ser é impelido pela sua imperfeição e trazido à periferia, pois que, quanto mais nos destacamos de Deus, tanto mais aumentam a desordem, o embate e a dor. A Lei e as suas forças estão em qualquer parte e em qualquer parte Deus está presente. Mas é o seu coordenar-se, é o seu reordenar-se na harmonia divina que forma o paraíso. Aqui eles tornaram-se um canto divino, uma música universal que tudo satura de alegria sobre-humana. Por isto o paraíso é descrito com expressões musicais. Trata-se, efetivamente, de uma progressiva harmonização do dinamismo universal, de uma musicalidade que se faz sempre mais completa,. profunda e perfeita, à medida que nos avizinhamos do centro. As nossas criações artísticas e musicais não são senão as primeiras aproximações dessa harmonização. São tão pobre coisa e já nos arrebatam para o alto, dando-nos apenas

uma idéia da divina contemplação dos anjos!

Tanto mais a alma é evoluída, quanto mais compreende e goza dessas harmonias, perto das quais o involuído passa sem compreender e sem alegrar-se. Assim a produção musical de um século é o primeiro índice do seu grau de evolução e nenhuma coisa como a selvagem música moderna exprime tão bem a tremenda descida involutiva do nosso tempo. O pensamento dominante em cada período histórico lhe dá toda cor em toda sua manifestação, social, artística, filosófica, moral e, também, material. Enquanto no inferno terrestre, ódio, suspeita, incerteza, dor, são a atmosfera natural, lá em cima, naqueles elevados planos de vida, amor, confiança, segurança, representam a dominante vibração do ambiente. Lá os seres não se chocam, não se ferem como recíprocos demônios, causando um a dor do outro. Todo ser, pois, que é consciente do funcionamento do todo, espontaneamente se põe, conforme sua natureza, na sua justa posição, que, naturalmente, sem luta, é a melhor e de maior rendimento no bem e felicidade, para ele e para os outros. A criatura vê o olho de Deus que a olha, sente a presença d'Ele, que tudo guia, a vontade d'Ele, que tudo move. Sabe que esta é perfeita e a sua alegria está no querer aquilo que Deus quer. Não há mais a distância que desarranja a ordem no caos e ofusca e torna opaca essa compreensão e comunhão de vontades entre a criatura e o Criador. Caíram aqueles diafragmas que cindem a unidade, aqueles diafragmas, causa de todo o nosso mal, que são a ignorância, a inconsciência, o erro, a culpa.

Eis, apenas assinalado, um clarão do paraíso. Há ainda mais, muitíssimo mais. Porém a palavra humana não o sabe exprimir. O resto se traz fechado em si como um tesouro e não deve ser dito ao mundo de hoje. Esta, em breve, é a visão. Depois de aparecida em todo seu esplendor, ela se extingue e a alma arrebatada, precipita-se para baixo, no corpo, na terra, nesta terra opaca tão distante do centro, onde a luz de Deus apenas ilumina as trevas profundas. Precipita-se para baixo, mas lembra, todavia, que é possível evadir-se e que a terra, que temos observado, é o caminho para fugir do inferno terrestre. Precipita-se para baixo na terra, onde até em nome de Deus os homens estão divididos, se combatem e se odeiam; onde, também, em nome da Sua mesma justiça, eles roubam e se matam; na terra, onde tudo está prostituído pela matéria e onde arde o inferno desejado pelo homem, onde tudo é falseado e o próprio nome santo de Deus torna-se mentira.

XIV

INFERNO E PARAISO

Parece este um argumento para sermões quaresmais Pode ser, ao contrário, um argumento científico, se por ciência entendermos um conhecimento mais vasto e profundo que o aceito pela ciência moderna. Se a concepção dantesca arrastou por séculos tantas gerações, enchendo-as de admiração, se em correspondência com aquela concepção existe no mundo um consenso expresso de vários modos nas diversas religiões, se essas coisas que parecem sonhos tiveram a força de convencer tantos povos por tantos séculos, isto significa que elas devem representar alguma coisa de biologicamente verdadeiro e real, ainda que não visível e não provado com os métodos da ciência atual. Trata-se evidentemente de uma biologia que não é a de hoje, limitada a espécies vividas ou viventes no planeta, mas de uma mais ampla biologia sub-animal e super-humana, biologia também espiritual e transcendental, que a ciência ainda não conhece A existência de mundos, seres e condições de vida inferiores ou superiores ao nosso ambiente conhecido, é coisa instintivamente sentida por todos os povos e em todos os tempos. A universalidade dessa intuição não pode deixar de ter um significado. Quem são esses outros cidadãos do universo, de cuja presença, quem sabe onde e como, nos, vagamente, temos a intuição? Quais são as suas formas de vida?

A hipótese astronômica da pluralidade dos mundos habitados, se é extremamente lógica e provável, não é suficiente para exaurir a questão, porque uma biologia completa deve compreender não somente as formas materialmente organizadas no plano físico, mas ainda as imaterialmente organizadas no plano dinâmico e psíquico-espiritual. No sistema do universo é lógico que a vida continue do lado de cima e do lado de baixo do plano que conhecemos e em que vivemos. O mesmo principio da evolução nos indica que devem existir no universo seres mais involuídos e outros mais evoluídos do que nós. E que esse princípio seja universal, não há dúvida. Nós o reencontramos em qualquer parte em nosso mundo fenomênico e, como já verificamos que tudo é analógico, funciona monisticamente, por esquemas únicos e simples, repetidos em inumeráveis alturas e combinações, devemos concluir, pela universalidade do princípio de evolução, que ele atue ainda onde não podemos experimentalmente fazer comprovação. O conceito de marcha ascensional indica que hão de existir formas de vida e indivíduos que estão mais adiante de nós no caminho evolutivo, isto é, mais no alto, e formas de vida e indivíduos que estão atrás de nós, mais embaixo. A evolução, sinônimo de progresso, menos para os desorientados, presa do pessimismo, é um fato evidente. Em toda raça, seja vegetal, seja animal, seja humana, verificamos existirem indivíduos de tipo biológico mais avançado e outros de tipo mais atrasado. Mas aqui se trata de descobrir com o método da intuição, já que o objeto foge à observação sensória experimental, quais são essas formas de vida sub e super-humana. Não é possível observar a estrutura de organismos, cuja constituição celular e permuta se baseiam em uma química atômica dada por outras relações diversas das nossas, nem é possível definir a anatomia desses organismos de forças, receptores e radiantes, que chamamos espíritos, organismos vibrantes, cujo funcionamento vital e permutas se dão em um plano com prevalência dinâmica e uma física diversa da nossa. Teremos aqui de nos contentar com algumas observações gerais de orientação.

O homem chamou sempre paraíso àquele estado biológico em que existem os seres mais elevados e inferno, o dos menos elevados. Em termos modernos, poder-se-ia dizer: paraíso, o mundo dos evoluídos, e inferno, o mundo dos involuídos. Certo é que a escala é infinita e as posições não são absolutas, mas relativas a cada um, pelo que o paraíso é aquele ambiente de vida mais ampla e feliz que está biologicamente mais no alto, e inferno aquele mundo mais áspero e atormentado que está relativamente mais embaixo Qualquer coisa de semelhante vemos, em escala mais reduzida, na terra com o enobrecimento dos costumes logo que se pode elevar o teor da vida por força de condições econômicas melhores. Nos animais o vemos na domesticação, e nas plantas com a cultura, pelo que verificamos a perda daqueles caracteres de ferocidade e instrumentos de agressão que prevalecem no estado selvagem. Mas, também aqui, tudo é relativo, é questão de posição em relação ao ambiente e próprio grau evolutivo, ao ponto de partida e de chegada ao longo da escala evolutiva.

A nossa ciência ignora o que há, biologicamente, acima e abaixo do nosso plano de vida. Este conceito de diferentes planos de vida é uma direta conseqüência daquele de evolução. Se se admite este, deve-se admitir também aquele. Ora, é evidente como, para a solução desses problemas transcendentais, o conhecimento que a nossa ciência nos oferece, de um só plano de vida, não possa ser suficiente. Nem o pode ser, para satisfazer à racional forma mental moderna, o conhecimento empírico da filosofia, ou instintivo, intuitivo das religiões. Dado que as revelações dessas religiões não são precisas, nada mais resta para a exploração científica do transcendental senão a investigação por intuição, que, em alguns sujeitos sensíveis por evolução e ao mesmo tempo racionalmente disciplinados, pode adquirir valor de método científico. Somente assim o transcendental pode ser submetido à observação e se pode entrar e penetrar no mundo do espírito com métodos objetivos. O homem de amanhã compreenderá certamente estas afirmações, mas dificilmente as entenderá o homem médio de hoje, que não encontra em si nada que as consolide, por não ter alcançado por evolução, o grau de sensibilidade necessário.

Falar, neste sentido, de inferno e paraíso não significa falar de coisas longínquas que não nos dizem respeito, ou de argumentos de fé em que não se pode crer. Trata-se do nosso futuro biológico, individual e coletivo, que não é quimera; trata-se da escolha do caminho da ascensão ou da descida que conduzem à alegria ou à nossa dor. Trata-se de preparar o amanhã que nos aguarda e de compreender como prepará-lo no bem, e não no mal, para a nossa utilidade ou para o nosso dano. E para compreender, é preciso resolver,

ainda, este particular problema no seio da fenomenologia universal em relação e em função da qual eles se desenvolvem. É necessário darmo-nos conta de que as leis sobre as quais baseamos a nossa vida são relativas ao nosso ambiente terrestre, devem, pois, ser tidas como válidas somente nele e em relação a ele; e que elas poderiam não ser mais verdadeiras em outros ambientes onde podem vigorar outras. Certo é que sendo tudo conexo e os planos de vida contíguos, devem existir, também, afinidades e analogias que sirvam de pontos de passagens que possam permitir o transformismo da evolução e a comunicação, seja em ascensão, seja em decida, de um plano a outro; coisas que em ponto menor verificamos também no plano biológico terrestre, isto é, uma passagem das formas inferiores às superiores e ao contrário. Os seres nunca estão fechados em um plano de vida, em um dado nível evolutivo, mas para que ocorra a grande marcha evolutiva do universo é necessário que eles se possam deslocar para alto ou para baixo, possam emigrar sempre para novas pátrias, gradualmente, em correspondência com as experiências adquiridas, os valores conquistados, o peso específico e a destilação espiritual, atingidos, conforme a responsabilidade, a consciência, o mérito, a perfeição amadurecida, para colher segundo a justiça o fruto do que tenham semeado.

Estabelecida a relatividade da nossa biologia, mesmo admitindo que ela esteja conexa por analogia com a biologia universal, devemos admitir que as suas leis dizem respeito somente e particularmente ao nosso ambiente terrestre. Neste sentido devemos entender a lei que aqui vigora da luta pela seleção do mais forte, não devemos dar a este princípio um valor universal, mas somente relativo ao ambiente humano que ainda é de prevalência animal. Se aqui esta lei pode ter função evolutiva, e isto em proporção ao baixo grau do ser ao qual ela se aplica, em planos superiores tudo isto pode parecer, ao contrário, uma atividade destrutiva e infernal, ilógica e bestial, tendente ao retrocesso e não ao progresso. E assim para todas as expressões da nossa vida, como as formas de amor, de reprodução, de nutrição, a atividade regida, não pelo conhecimento mas pelos instintos etc.

Mas, é possível verificar uma diferença de desenvolvimento evolutivo em nosso próprio mundo humano. Se bem que o grosso das massas sociais seja formado por. indivíduos da mesma conformação psíquica, mais ou menos com os mesmos instintos e necessidades, tanto que resultam praticamente quase iguais no conjunto, como as ovelhas, e construídos em série como as bicicletas, todavia acima e abaixo dessa zona média e medíocre em que a vida, pouco a pouco, estabelece os seus equilíbrios, emerge ou aprofunda um número de casos fora de série, que se faz sempre mais exíguo quanto mais subimos para o alto ou descemos para baixo. Se bem que a maioria venha a funcionar por imitação e a marchar em bando (bem o sabem os governantes), às margens deste há um número restrito de mais evoluídos da média ou de involuídos, incapazes, uns e outros, de se enquadrarem nela, seja por excesso, seja por defeito. Mas embaixo da média há o bruto, o delinqüente, mais no alto há o gênio e o santo. O primeiro tipo representa formas de vida inferiores, às quais ainda pertence e se vem a encontrar na terra em um ambiente a ele superior, paraíso para ele, lugar de alegria. O segundo representa formas superiores de vida, pelas quais desceu à terra, um inferno para ele, lugar de dor. Mas se o primeiro se encontra bem e se lança a gozar, ele representa um peso a ser arrastado pelos demais, uma resistência sobre o caminho da evolução. Os outros devem tomar a seu cargo a fadiga da sua educação e as repercussões dos seus erros. Ao contrário, se o segundo se encontra mal e é constrangido a sofrer, ele representa um motor que arrasta os demais, um impulso no caminho da evolução. Ele toma a seu cargo a fadiga da educação dos outros e as repercussões dos seus erros. A vida que sente tudo isso exprime através do sentimento popular, tornando o involuído, detestável, odioso e arredio, e o evoluído, admirado, amado e procurado. A veneração das massas pelos santos não é imposta por nenhuma autoridade, mas é a expressão de leis biológicas que falam através do instinto e falam alto, porque nenhuma autoridade poderia criar tão universais. consensos; falam claro, porque elas bem sabem quanto o tipo biológico seja necessário aos fins da evolução, para onde converge todo o dinamismo da vida. Bem sabendo a que suprema função esse tipo corresponde, ela o fustiga na incompreensão e na dor, assim o robustece e o experimenta; e se ele vence, o exalta depois sem restrições.

Que triste sorte aguarda na terra esses pobres caídos de mundos superiores ao nosso, mas que grande função biológica eles representam, que missão desempenham! Eles são, verdadeiramente, o sal da vida. Quais seres pertencentes a formas mais progressivas, representam um organismo com prevalência espiritual

e secundariamente físico, enquanto os assim ditos seus semelhantes representam um organismo prevalentemente físico com funções secundárias espirituais a serviço daquele. No normal domina o corpo, no evoluído domina o espírito. Enquanto os demais tendem a ficar indolentes nas funções animais da carne, ele se inflama e se entrega. Se as forças da vida não o protegessem, ele, explorado por todos, empobreceria até à morte ou ficaria queimado no seu incêndio. Somente Deus protege o evoluído, não os homens. A notória pobreza dos gênios nos prova que na terra os serviços materiais são muito mais prezados e compensados do que os serviços espirituais. Está provado que o tipo dominante não é o do evoluído, mas de um semi-evoluído ou involuído. O super-homem é um anjo que desceu à terra para trabalhar, lutar, sofrer. Os demais se fazem arrastar pelos seus esforços, exploram-lhes as obras, espremem o seu sangue, dele se nutrem. Mas, para a vida, a exploração é também absorção e ambas se fazem mais intensas depois da sua morte, enquanto ele não é mais um rival humano e como morte não pode mais defender-se. Então a vida bebe avidamente o sangue dos seus mártires e a dor dos seus gênios. Os homens deles se apoderam com a glorificação, se nutrem com a narração daqueles tormentos que eles causaram, gozam o patético romance daqueles dramas, e, não saciados ainda, têm até a desfaçatez de chorar sobre suas desventuras, das quais jamais se ocuparam em tempo, e de lhes elevar monumentos para sustento e bandeira das próprias ambições.

Eis, pois, também na terra anjos e demônios, paraíso e inferno estão frente a frente. Esses exemplares mais perto de nós, para os quais é possível a vida e o seu trabalho na terra, nos indicam a existência e as características dos planos evolutivos mais distantes de nós que não nos podem oferecer representantes para a nossa observação na terra, por não serem proporcionados às suas condições de ambiente. O involuído representa a primeira propagação embaixo do nosso plano, o evoluído a primeira para o alto. Mas eles se prolongam de ambos os lados e representam, respectivamente, o nosso passado e futuro biológico. Inferno e paraíso constituem a nossa própria história. Baseando-nos na observação das formas somáticas e psíquicas dos tipos evolutivos, em excesso ou defeito, que encontramos na terra, acentuando os seus caracteres, podemos chegar a uma aproximada representação das notas dominantes nos tipos biológicos verdadeiramente inferiores e superiores, das criaturas demoníacas dos ambientes denominados inferno e das criaturas angélicas dos ambientes chamados paraíso.

De um lado o bruto. De uma potência toda física, rico dos atributos animais e das características somáticas e psíquicas da besta, ele nos aparece como o demônio maciço na estrutura material, fornido de pelos, de artelhos, cauda, chifres, desenvolvidos os caninos e a queixada devoradora e todos os meios de agressão. Psiquicamente correspondem a tudo isto os instintos mais sanguinários, egoístas e ferozes, paralelos a uma proporcional obtusidade mental, correspondentes a uma alma ainda fechada para os grandes problemas do conhecimento e surda para as vibrações do infinito. Do outro lado, o tipo biológico do super-homem se apresenta com caracteres somáticos e psíquicos opostos. De uma potência toda espiritual, rico dos atributos imateriais e psíquicos do anjo, ele nos aparece como um organismo dinâmico sensibilizado e radiante, receptor e transmissor, vibrante no oceano infinito das radiações da vida mais elevada do universo. Psiquicamente a tudo isto correspondem os sentimentos mais harmônicos, altruístas e refinados, paralelos a uma proporcionada luminosidade de intelecto, correspondentes a uma alma que se abriu aos grandes problemas do conhecimento e se despertou para as vibrações do finito Os caracteres são naturalmente opostos, justamente porque a vida se move em direções opostas.

A arte, as religiões, a fé, o instinto humano já intuíram a realidade dessas formas que fogem à observação direta de nossa ciência, e assim no-las descrevem. Nessas descrições ecoa o terror deixado impresso em nosso subconsciente, pelo contato espantoso com seres ferozes, inferiores, semeadores de dores; e vibra em nosso superconsciente o pressentimento do avizinhar-se da vida de formas superiores e da presença invisível, mas real, junto de nós, de seres elevados e bons, semeadores do bem. Assim a escala da evolução continua no alto e em baixo, nessas inversas direções, sempre mais acentuando ditos caracteres, até e além dos limites do imaginável. Certo é que uma biologia, para ser completa, deveria compreender também a do demônio e do anjo, mas isto não se pode pretender de nossa ciência atual, dados os seus meios de investigação e orientação. Ela não conhece senão a biologia animal do involuído terrestre e do semi-evoluído. Poderia começar a ocupar-se da biologia do evoluído que, sob a forma de gênio ou de santo, por

vezes aparece entre os homens. Compreender cientificamente o super-homem, em vez de o relegar aos anormais, somente porque está fora de série, e de enquadrá-lo no patológico, significaria começar a penetrar naquela biologia transcendental que é a biologia do futuro.

Na terra vivem materialmente vizinhos, mas espiritualmente distantes seres relativamente involuídos e evoluídos por necessidade de recíproca elaboração. Com o homem a evolução entra em um plano de diferenciação espiritual, a qual não é mais organicamente expressa por formas físicas e por isto não é materialmente visível e manifesta. Como tal ela foge à avaliação sensória, mesmo constituindo fortes diferenças naquele novo organismo espiritual, dinâmico-radiante, acima referido, que no homem médio começa a sua construção com a formação da psique. Começa, pois, em nosso próprio plano humano, a existir essa biologia transcendental, embora ainda escondida no íntimo do ser, por força de maturação subterrânea, mas não por isto menos pronta a explodir logo haja amadurecido. O que notamos em nosso mundo não corresponde a essa realidade espiritual mais profunda. A estrutura orgânica ou a posição social nada nos diz dela. A riqueza, o verniz da educação e da cultura, a máscara civil ou forma de mentira sob a qual o indivíduo se esconde para a luta pela vida, não pesam na balança. Debaixo de todas essas aparências que os homens amam, dadas a entender por verdadeiras, há uma realidade natural interior dada pelo grau de evolução alcançado pelo indivíduo ao longo da escala biológica.

Ora, o que revela o homem, o que o dá a conhecer, não é o que ele diz, mas o que ele faz. É observando a sua verdadeira conduta que poderemos olhar atrás das cenas da comédia que ele representa na vida e ver a realidade. Não interessa, pois, escutar quais são as idéias professadas, mas observar o método com que elas são praticadas. Então veremos que independentemente de todos os programas, teorias e profissões de fé, a nota característica que revela o involuído é o espírito de agressão e de mentira, e a que revela o evoluído é o espírito de altruísmo e de sinceridade. Nos fatos eles estão nos antípodas. Também o primeiro sustenta os mais altos princípios de justiça e de bondade, mas ele começa sempre pelos seus próprios direitos e pelos deveres dos outros; não pensa, absolutamente, que se possa corrigir o vizinho antes de tudo com o próprio exemplo e sacrifício, e é levado, por isto, a aplicar o bem movendo guerra ao próximo, pelas vias da luta até ao ódio e não pelo caminho do exemplo, do sacrifício e do amor. Quando encontramos esses métodos, debaixo de qualquer credo que seja, podemos seguramente dizer tratar-se de involuídos. Tanto para os indivíduos, quanto para as nações. Saltar ao pescoço do vizinho para o despedaçar, crer somente nos exércitos e na bomba atômica, este é hoje o real modo de agir no mundo, esta é a hodierna psicologia dominante, que revela quão involuída é a nossa humanidade. As teorias são palavras e não entram em ação. Nos fatos os imperialismos são todos iguais, todos usam o mesmo método, estão no mesmo nível biológico. Involuído quer dizer inferior, infernal.

Ora, o problema atual do mundo não é o de continuar o milenário jogo de vencer e perder, de invadir e servilizar, do patrão e do servo, mas é o de evoluir do atual plano do involuído para o do evoluído que vive com métodos diversos. Hoje estamos no reino da besta. É bem natural que o mal e a dor formem a atmosfera desse reino. Em face do que o homem é, não pode ser de outro modo. Essa é a expressão do seu real grau evolutivo. Quando se concebe a autoridade, não como função e missão, mas como vantagem pessoal ou meio de exploração, quando se usa a riqueza egoisticamente e não como serviço social, quando toda classe e todo povo baseia a sua posição sobre a conquista e o abuso e não sobre o equilíbrio, então tudo se torna agressão e depois destruição, e o universal grito de justiça, por culpa do homem, tornar-se-á uma vã invocação. Que adianta fazer distinção entre chefes e súditos, se uns são dignos dos outros, entre vencedores e vencidos, quando a corrente é única e arrasta todos? Os chefes que mais acreditam mandar, são mais que todos encarcerados no sistema e são obrigados a segui-lo sem possibilidade de evasão, até o fundo. Há na vida um lógica desapiedada, dada por um férreo concatenamento causal, que, iniciado, de qualquer ordem que ele seja, não deixa evasão possível, até às suas últimas conseqüências. E no fim da concatenação do atual sistema do involuído há uma proposição terrível também para ele: a destruição universal. Não se trata hoje de querer, aparentemente, redimir-se de uma série de erros e abusos que são de todos; assim as contas nunca são quitadas. Mas trata-se de mudar radicalmente o sistema, e todos desse sistema. Essa é a lei da nossa hora histórica. Quem não compreender, perecerá.

Como se vê, não havemos de ir muito longe para procurar os motivos dominantes no ambiente infernal, que eles nos são postos sob as vistas pelo reino humano do involuído. A dor é a nota dominante desses mundos inferiores. Ela está em relação direta com o grau involutivo, periférico e caótico do ambiente. Se observamos bem, no inferno, a dor é causada pelos próprios sofredores. Nesses mundos distanciados do centro, a divina potência central não intervém enviando agentes próprios. A Sua ação, nesses ambientes de treva e tristeza, é de todo negativa e consiste no retrair-se, no negar-se, deixando o ser na atmosfera que ele faz. Para subir ao Paraíso, é necessário que o ser, evolvendo, crie uma atmosfera melhor para si. Deixai os involuídos sozinhos e eles farão logo um inferno. Deixai os evoluídos sozinhos e eles farão logo um paraíso. Nos primeiros, a distância do centro faz com que a unidade do todo se despedace no egoísmo, a ordem se decomponha na desordem, de modo que as relações coletivas são, sobretudo, de agressão e de ódio. Lá onde Deus está, longe como está o sol do planeta Netuno, é natural que a Sua luz chegue apenas sensível e Sua luz significa inteligência consciência, amor ordem, harmonia, felicidade. Então todo ser torna-se um demônio. Longe de sua fonte a vida se contrai. Em vez de se expandir, fértil, ela se faz magra, hostil, feroz, qual é a dos abrolhos na rocha. Estes não produzem senão espinhos. Toda doçura e beleza desaparece. O mal triunfa e é conduzido pela Lei à sua autopunição, é levado a infligir na própria carne os aguilhões da ofensa para sua redenção. A tendência periférica do universo é, no mal, uma dor sempre mais intensa até à autodestruição. Eis a gênese e o significado daquilo que em nosso planeta se chama luta pela vida e seleção do mais forte. Este conceito, desenvolvido ainda em direção involutiva, nos leva ao super-homem de Nietzsche, que é o verdadeiro tipo biológico do superbruto, o rei campeão de um mundo de demônios. É assim que a rainha Isabel da Inglaterra, ligada ao sistema do seu mundo é "obrigada" a fazer matar a sua real irmã Maria Stuart, e exclama: "*Aut fer aut feri; ne feriare feri*". (É preciso ferir para não ser ferido; se não ferires, serás ferido). Toda vida e posição é dominada pelo seu sistema Todo jogo tem as suas regras e com elas é preciso jogar até o fim.

Eis, pois, o que acontece na periferia. À medida que o ser se distancia do centro-Deus, da gravitação pela qual o universo é mantido compacto em um organismo unitário, começa e se acentua sempre mais a dispersão pela fragmentação no particular. Sempre mais debilmente sustentadas pelo poder central, as células do organismo não funcionam mais juntas, organicamente e coordenadas em harmonia, mas começam a lutar uma contra a outra. Então no lugar do único centro-Deus, formam-se infinitos centros infinitesimais que tentam suplantá-lo. Eis a rebelião luciferina. Começa a degradação. Toda célula não é mais a companheira que colabora com a companheira, mas a rival que agride a rival. Tudo vai para a decomposição, para a destruição. O ser é livre de seguir um ou outro caminho: ou a grande marcha ascensional dos seres, representada pela evolução, segundo a tendência centrípeta do universo que segue para Deus, ou o caminho da descida, representada pela involução, segundo a oposta tendência centrífuga que se distancia de Deus. Então Deus se nega a quem o nega e isto significa morte. Cortados da fonte que tudo alimenta, os seres, tornados inimigos, sem nada receberem e gastos por uma luta contínua, devem perecer. Com esse processo automático de autodestruição, Deus alcança, longe de si, a eliminação do mal na periferia, isto é, na parte do universo que segue o caminho negativo que se distancia d'Ele. Reencontramos, ainda aqui, a intima estrutura dualista do sistema monístico do universo. No caso limite, o mal absoluto coincide com o nada e o bem absoluto coincide com Deus. Satanás nega e destrói o que toca. Ele, que vive de destruição, não se pode alimentar, senão consumindo. Ele é ávido, porque é paupérrimo. Deus é generoso, porque é riquíssimo. E assim, para as criaturas que tendem para um lado ou para outro. A plenitude de Deus é o ser, a plenitude de Satanás é o não-ser.

Podemos observar essa desagregação periférica também em nosso mundo, logo que um poder político central perde a sua potência, que rege um povo compacto. Multiplicam-se então os partidos, isto é, as separações e as lutas interiores. Mas, em todo caso, conquanto o ser se queira distanciar do centro e perder-se, a divina justiça fica perfeita em qualquer parte, porque em qualquer posição em que ele queira estar, todo ser tem sempre o que merece. Quem desce segue para a ignorância, o erro, e, portanto, a dor. Alcança-se a própria verdade e ela é possuída em relação à unidade; ela está conexa com a harmonização, é um produto da evolução e se encontra caminhando para o centro. É harmonizando-se com a ordem divina que se

descobre a verdade, muito mais que através da observação experimental. Eis toda a nossa história. Quem sobe e quem desce — cada um colhe o que semeia. Fazendo o bem, enquadrar-nos-emos na ordem divina e avançaremos para mundos mais harmoniosos e mais felizes; fazendo o mal, distanciar-nos-emos da ordem divina, retrocederemos para mundos inferiores, estaremos mais longe de Deus, onde a luta é mais feroz e a dor mais aguda. Se descermos embaixo, teremos demônios por companheiros, se subirmos ao alto, teremos por companheiros os anjos, dependendo de nós o nosso estado de tormento ou de alegria. Todavia, conquanto queiramos estar longe de Deus, Ele nos chamará sempre através das mil vozes da vida, sempre um Seu raio nos alcançará qual convite para a nossa ascensão, porque livre e nosso deve ser o esforço, como nosso será o resultado. Há quem aceite e há quem se rebele. Tudo o que pensamos e fazemos permanece indelevelmente escrito e assim nos construímos e ao nosso destino. O que está escrito, poder-se-á corrigir com acréscimos ou retificações em direção contrária, mas não se cancela. O presente uma vez tornado passado, não pode ser mudado nem mesmo por Deus. Ele e Lei e não capricho como o homem pode crer. Todo homem tem nas mãos esse material fluido do presente, que sempre escorre como um fio e pouco a pouco se vai solidificando. Assim ele pode construir-se para o alto ou destruir para baixo. Todo homem traça, com as mãos, no livro da sua vida, o seu caminho, que vai para o inferno ou para o paraíso.

Observemos, para concluir, como se irradia a luz divina do centro para a periferia, quais os caminhos que ela, num estupendo milagre de amor, segue para atingir também esses mundos inferiores, que parecem abandonados por Deus e não o são. Qual é o canal que o centro segue para fazer chegar o seu raio vital até os mundos inferiores, quais os operários colaboradores da sua potência que, levando-a longe,

freiam o desagregar-se periférico, retomam o ser que se perde na fuga, mantém assim, não obstante tudo, o. universo compacto? Esses operários, emissários de Deus, são os evoluídos. Em cada mundo há uma contínua descida de seres superiores, que baixam de esferas mais altas, sacrificando-se numa vida de martírio entre seres, para eles demoníacos, e, suportando infinitas dores, ensinam, educam, revelam, dão testemunho de Deus. De Cristo para baixo, quantos profetas, gênios, heróis, mártires, têm trazido à terra a voz dos céus! Muitos se escandalizam diante de um inútil martírio Mas, como se pode, sem martírio, proclamar na terra uma verdade? Não são a agressão e a ferocidade as características dos mundos involuídos? Mas, justamente este é o estupendo milagre do amor: enquanto os involuídos assaltam por cego egoísmo, os evoluídos se sacrificam por iluminado amor. A vida nos diz que a troca é genética, e isto porque ela deriva do amor, e Deus é Amor. Mas, se a fecundação da carne se dá pelo caminho da carne, a fecundação do espírito se da pelas sendas do espírito. Quanto mais se desce para baixo, tanto mais a vida se contrai em uma dura casca de egoísmo, que não abre as portas ao amor. Quanto mais se sobe para o alto, tanto mais a vida se oferece abrindo a porta ao amor. Embaixo o Eu se fecha em si mesmo e aí fica encarcerado. No alto o Eu se abre e se expande. O primeiro recebe sempre menos da nascente central; o segundo recebe sempre mais. Ai dos que seguem uma virtude negativa, entendida apenas para sufocar o amor e não para elevá-lo! Virtude significa sobretudo afirmação, muito mais que negação. Esta pertence a Satanás, aquela a Deus.

A vida tem necessidade, não somente da fecundação da carne, mas também do espírito. A primeira forma a massa, a segunda lhe dá a alma. Corpo e espírito, involuído e evoluído são, como a fêmea e o macho, complementares. Por isso se atraem. No caminho da evolução o crescimento da carne é senão um meio para crescer no espírito. A carne tem os seus limites e somente o espírito a pode ajudar a superá-los. O espírito, é o seu raio vivificante. A carne é fraca, o espírito é potente. Assim a fecundação espiritual se sobrepõe, por outros caminhos, à fecundação orgânica, a eleva e a completa. Os dois termos da fecundação espiritual não são macho e fêmea, mas involuído e evoluído. Este é o fecundador, de sinal positivo. Aquele é o fecundado, de sinal negativo. Como a semente e a terra, eles têm necessidade um do outro. Um é rico, porque está mais perto de Deus e então dá, o outro é pobre, porque está mais distante, e recebe, seja embora massacrando o seu benfeitor. Esta é a sua forma de achegar-se ao próximo. Ele recebe, com reserva, assimila para tornar a brotar conforme a semente fecundadora. Explicam-se assim tantas frases do Evangelho. Eis algum outro elemento de biologia transcendental. Os dois termos opostos, portanto, se atraem. Os inferiores são atraídos pelos superiores e naturalmente com a própria forma negativa de destruição. O involuído mata os seus profetas para venerá-los depois Por outro lado, os superiores são atraídos pelos inferiores e, naturalmente, com a própria forma positiva de construção. O evoluído sacrifica-se pelos homens para os

melhorar. Uns e outros se exprimem em formas de bem ou de mal, quais eles são. Eis o mistério do amor que mantém o universo, por infinitos liames entre os seres, seja quando ele se manifesta, pelo lado positivo, como amor, seja quando pelo lado negativo, como ódio. Assim o martírio é lei de amor para os mais evoluídos, cuja superioridade na divina economia do universo não é ociosa, é antes por justiça repleta de deveres. Somente assim se pode compreender Cristo. Abre-se diante dos nossos olhos a visão da ordem divina, que se torna hino de amor e de bondade também nos remos inferiores da treva e do mal. Eis a procura afanosa da ovelhinha desgarrada, à procura do pecador em vez da dos justos, que já estão salvos. Que orquestração de amplexos para o universo em todas as direções e alturas! Que real fraternização opera o amor de Deus, ainda lá onde parece não reinar senão ódio! Que contínua descida de anjos para os mundos inferiores, em procura das obscuras criaturas irmãs a serem iluminadas. E que alegria no desempenho dessas missões, também no martírio, que regozijo para os anjos de Deus o se tornarem mensageiros do Seu Amor! Em nosso baixo mundo se admira e se exalta o dinamismo do macho atual, dinamismo involuído, cego e destruidor, semeador de dores. Saberá ele quanto sacrifício de seres mais evoluídos será necessário para educar e elevar este seu dinamismo, para torná-lo construtivo, isto é, semeador de alegria? Que encontro angustioso, mas que centelhas emanam dele! O inferior goza da dor dos outros como de uma vitória e a procura com indiferença. O superior toma a seu cargo a dor dos outros como coisa própria e a sofre. Que importa? Ele sofre na luz do amor divino. Quanto são diversas, a dor do mártir que vê o seu fruto e é confortado na comunhão com Deus, que lhe vem desse martírio, e a dor cega e desesperada, que nasce, não da proximidade das fontes da vida, mas do afastamento delas! Quanta distância entre uma dor bendita, carregada de amor, e uma maldita, carregada de ódio! O homem mais evoluído de amanhã compreenderá que inferno o homem involuído de hoje faz da sua terra. É necessário avizinhar-se do paraíso. Estamos no limiar de uma nova civilização. A luta é apocalíptica, mas raios potentes se projetam sobre nós. Dos mundos superiores, infinitos seres nos olham.

XV

DEUS E UNIVERSO (I Parte)

Depois das precedentes visões parciais, seguidas por nós, para nos aproximarmos mais do problema máximo, enfrentamos, agora, a visão do mistério central: Deus e o Universo

Para chegar a uma definição de Deus é necessário partir de alguns conceitos que, pela sua evidência e comum aceitação, se podem tomar como axiomas. Aceitamos, então, como demonstrado que o homem é um ser inteligente, capaz de compreender alguns conceitos; que o universo é um funcionamento orgânico dirigido por um "quid" inteligente; que tudo se desenvolve segundo o principio de causalidade, pelo qual o efeito é proporcional e da mesma natureza da causa que nele se manifesta; que em correspondência ao principio de causa e efeito, existe um dualismo universal, pelo qual se pode contrapor relativo e absoluto, finito e infinito, e semelhantes.

Querer chegar a uma definição de Deus significa reconhecer, no universo, que o homem percebe e concebe um princípio causal único que tudo rege harmonicamente. Não podendo remontar à causa invisível senão pelos efeitos perceptíveis, devemos, primeiro, verificar que o efeito exprime, não um estado caótico, mas uma ordem, pela qual tudo depende de um centro, pelo que o evidente vir-a-ser de todas as coisas tem um significado e uma meta lógica.

Assim dizendo, chegar a uma compreensão de conceito de Deus, significa atingir, do pólo relativo ou finito onde está o homem, o polo infinito ou absoluto onde está Deus O homem, com o universo que o

circunda, é efeito. Ora, para poder reconstruir a causa partindo do efeito, precisar-se-ia poder observá-lo todo, isto é, no infinito do espaço e do tempo. O homem não possui, entretanto, os meios para poder conceber a natureza da causa, usando com o método indutivo, partindo da observação dos efeitos. O homem não pode, portanto, definir Deus. Não o pode, porque o próprio conceito de definição pertence ao seu mundo finito, que não é o infinito, daí querer definir Deus, isto é, o infinito, se torna uma contradição e um absurdo. O infinito não se pode limitar a atributos particulares, sem mutilar-se. Qual quer definição de Deus não pode ser senão uma mutilação. E que pode saber de Deus um ser como o homem, cujas concepções, ainda as mais abstratas, foram alcançadas através de generalizações de conhecimentos adquiridos por necessidades materiais e não são mais do que um produto destilado de percepções, um resultado sensório, um derivado mais ou menos próximo do modo de conceber que resulta dos meios de observação, e de juízo, dados pela natureza e pelo organismo humano?

Que representam então as tantas definições de Deus, dadas pelo homem? Elas não exprimem o inexprimível Deus o indefinível infinito, mas exprimem o conceito relativo de Deus que o homem faz segundo ele próprio, nos revelando a sua natureza, o seu tipo biológico, a maturação espiritual alcançada, a sua potência de concepção. Nas suas definições o homem não define Deus, mas a si mesmo, em relação a um infinito, do qual nos mostra as várias aproximações realizadas no seu concebível. Daí segue que toda definição de Deus é relativa a cada um e é mutável e progressiva com o devir de cada um. Na terra encontramos infinitas definições de Deus e nenhuma satisfatória e definitiva, evolvendo todas no relativo, sem fim. A estrutura do relativo é tal que ele não pode existir senão no movimento. A vida em forma imóvel poderá de certo estar no polo oposto do dualismo, no absoluto. Mas, em nosso finito de criaturas, a parada, ainda que conceptual, é morte. E morte não significa senão fatal destruição da imobilidade para reentrar no movimento da vida.

Quando, pois, um homem se põe a definir Deus, ele não define Deus, mas estabelece e exprime a sua posição em face do ponto de referência, Deus. Logo, o seu conceito será relativo, e mais ou menos avançado, conforme é a sua evolução. Com isto cada um se coloca diante de todos os outros conceitos relativos ou definições de Deus, dadas por outros homens, e pode haver com eles consenso ou dissensão, segundo a posição psicológica de cada um. Coincidirão somente as perspectivas tomadas da mesma posição. É evidente que, como de um infinito se podem tomar visões de infinitos pontos de vista, assim, as definições de Deus podem ser infinitas. As disputas sobre esse argumento não dizem, pois, respeito a Deus, mas somente aos homens segundo o conceito que de Deus cada um consegue formar. Essas definições se fazem com atributos humanos ao superlativo, o que exprime antes uma ingênua tentativa por parte do homem de criar uma idéia de Deus, uma representação segundo o próprio concebível, feita à própria imagem e semelhança. E que mais se pode pedir ao homem, além dos elementos de julgamento que ele possui no seu concebível? O que é lógico e justo. O erro está somente no querer dar um valor absoluto a essas definições. Isto é verdadeiro para os indivíduos, para as religiões, para os povos, porque tudo caminha fatalmente.

Chegar ao conceito de Deus significa haver resolvido o problema do conhecimento, dominar a visão do universo. como o conhecimento é incompleto, progressivo e inatingível, assim é progressivo e inatingível o conceito de Deus. Nesse sentido, a concordância, em muitos casos, entre os homens, é antes intuitiva e, portanto, axiomática, do que racional e demonstrável. É por uma universal tendência intuitiva que sentimos a necessidade de pensar em Deus como perfeição, como poder, harmonia, justiça e bondade. Temos uma intuitiva necessidade de encontrar em Deus a causa última que tudo explica, um imóvel em que possa encontrar razão e repouso a incessante instabilidade de todas as coisas, encontrar o elemento complementar do nosso relativo, que lhe complete a deficiência que sentimos. Deus é sentido assim, mais como aspiração e tendência para uma meta infinitamente distante, em cuja estrada se está sempre a caminho, do que como uma racional precisão em termos qualitativos.

Aplicando os conceitos acima expostos à minha presente tentativa de dar uma definição de Deus, deverei tê-la como relativa a mim, expressão do grau de evolução espiritual por mim alcançado hoje, progredindo no amanhã para sempre melhores aproximações. Toda expressão humana é manifestação da

própria alma, em relação ao grau de conhecimento conquistado. Assim podem coexistir muitas definições de Deus e, reconduzida àqueles limites, creio que a minha não poderá ofender as dos outros que não pretendo impugnar, reconhecendo-as relativamente verdadeiras, em relação a cada um, como expressão da sua alma. Com isto não posso impedir, porém, que os espíritos evolutivamente situados no meu plano de evolução deixem de corresponder por sintonia ao meu pensamento e logo lhe adiram.

Entro agora no assunto, expondo os vários aspectos em que me apareceu a divindade. Mais que diante de uma definição, sinto que me encontro diante de uma visão. Acerco-me, pois, de Deus, não como de um ignoto a ser conhecido e que minha razão queira conquistar, mas como de uma visão que me aparece, se me entrega e me conquista, que eu recebo por intuição e que me alcança vindo do alto. Tenho a sensação de uma gradual e progressiva revelação, como de um desvendar de mistério. Não concebo mais conforme os conhecidos sistemas racionais de definição de Deus e suas conseqüências. Percebo essa visão somente com os sentidos da alma, agarro a sua estrutura enquanto lhe sinto a logicidade; aí repousa o instinto satisfeito e a alma saciada por alcançar essa sua verdade, além da qual hoje não vê, que é a última de hoje, à espera de avançar mais no amanhã. A potência dessas sensações para mim é prova que a minha visão, ao menos do meu ponto de vista, relativamente à minha forma mental e grau evolutivo no momento atual, é verdadeira.

Para chegar à minha aproximação do conceito de Deus, parto de alguns dados de fato e me sirvo, como de uma escada para subir, do principio analógico que observei ser sempre verdadeiro em todo campo. (Aquele que a Cristo permitia exprimir-se por parábolas). Esse princípio me diz que o universo é um organismo de estrutura harmônica constituído conforme um esquema unitário, pelo que o modelo fundamental, que o individualiza no seu conjunto, é repetido em todo particular, que assim é individualizado à semelhança do todo. Quando houvermos compreendido a estrutura de uma individualização qualquer, particular, nela veremos refletido o universal e encontraremos a chave para resolvê-lo. Agora aplicaremos, por várias vezes, esse método.

Verifiquei, assim, que tudo é bipolar no universo. Essa lei de bipolaridade é afirmada em ***A Grande Síntese*** e desenvolvida no fim do volume: ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***. Pude verificar que esta é uma lei universal, ao menos até aonde a minha observação pôde chegar, sem encontrar desmentido. Cada individualização particular nos diz que ela existe enquanto é formada por duas metades inversas e complementares, antagônicas, que se regem enquanto equilibradas no seu recíproco contraste, formando, assim, e fechando um circuito de duas forças de sinal e valor oposto. Pelos princípios da unidade dos esquemas repetidos por semelhança e derivados de um único central e pela lei de analogia, pode-se bem guardar quanto acima ficou exposto, além de que, nos casos menores observados, se repete ainda no caso máximo do universo.

Isto me guia para uma primeira aproximação do conceito de Deus. Ele me aparece, pois, como o pólo que é centro, potência, conceito diretivo, causa motriz, substância, absoluto, pólo que está nos antípodas do outro que é, ao contrário, periferia, extremo não irradiante, mas dinamicamente irradiado e conceptualmente guiado, desse modo plasmado na forma, o pólo em que o todo é feito organismo que funciona e evolui para fins precisos, o pólo dos efeitos e de relativo, no qual nós vivemos. Ora, o esquema da estrutura de cada individualização do ser, observado em casos infinitos, não me autoriza a separar esses dois momentos opostos. Ao contrário, mostra-me que o antagonismo não é senão complemento que, que o contraste é equilíbrio, que não divide, mas une, as duas partes em um mesmo ciclo. Se assim são todos os menores casos observáveis, por analogia e harmonia, que são leis do universo, assim também deve ser este O princípio do dualismo me conduz, pois, a essa concepção de equilíbrio, inevitavelmente, porque ele está em todas as coisas, e pelo qual transcendência e imanência não se podem elidir até ao absurdo de um universo cindindo contra si mesmo, mas devem, ao contrário, completar-se automaticamente equilibrando-se. A observação dos fatos me diz claramente que os dois extremos não podem ser senão opostos e complementares para formar, em estreito monismo, uma mesma unidade.

Este monismo nasce, pois, do dualismo. Assim o universo aparece, como toda individualização,

estreitamente unitário, se bem que no seu intimo, de estrutura dualista. Desse modo, o monismo abraça, a um tempo, o aspecto de Deus transcendente, Eu distinto da sua criação ou manifestação, e o aspecto do Deus imanente, pulverizado em infinitos Eus menores e fundidos na sua manifestação em que está sempre presente. Vejamos, agora, as relações entre causa e efeito, entre Deus e Universo. Segundo o primeiro aspecto, a criação é instantânea, operada fora de si, e fica separada da sua causa, que é de natureza completamente diversa. Segundo o outro aspecto, a criação é íntima, progressiva, é evolução, é uma manifestação de Deus, na qual a causa permanece sempre presente e operante no seu efeito, com a qual ela permanece fundida, com igual natureza, como a alma humana com o seu corpo. Desse fato decorrem duas concepções opostas, que parecem elidir-se e, ao contrário, se completam.

Procuremos compreender as relações entre Deus e o Universo, tomando para exame, pelo método mencionado do princípio de analogia, o caso semelhante do homem que já foi reconhecido como feito à imagem e semelhança de Deus. Exemplo que cada um encontra em si mesmo. Como o nosso Universo, o homem é formado de três elementos: matéria, energia e espírito. Como no Universo, reencontramos aqui uma trindade que é dualismo nos seus dois extremos, matéria e espírito que são os dois termos inversos complementares em luta no composto humano. A analogia, que é universal, nos diz que as relações entre Deus e universo devem ser semelhantes àquelas que correm entre alma e corpo, entre espírito e matéria. A alma é independente do corpo e pode assumir diversos corpos segundo o seu grau evolutivo. Aqui temos o aspecto transcendência em que o princípio é uma individualização separável da sua manifestação relativa. Mas, a alma é, ainda assim, estreitamente fundida e conatural no corpo, que, sem ela, se torna um cadáver, no corpo do qual ela dirige a formação, a troca, a evolução (a evolução orgânica não é senão a expressão externa da evolução do espírito). Aqui temos o aspecto imanência em que a causa está sempre presente e ativa no seu efeito.

Transferimos o esquema unitário dualístico que rege a vida do homem para a dimensão máxima do semelhante esquema que rege a vida do universo. Deus é distinto do seu atual universo e se pode separar dessa sua manifestação para assumir inumeráveis outras. Deus é, ainda, alma que rege o atual universo, fundida nele, sempre aí presente e ativa com uma criação contínua que chamamos evolução. O princípio da imanência nos diz que se do universo tirarmos Deus, resta um cadáver. Mas, o princípio da transcendência nos diz que, se Deus se desliga do seu universo, isto é, da sua atual forma de manifestação, Ele pode, todavia, se expressar em infinitos outros universos. O universo atual não é senão uma das infinitas formas que o absoluto quis dar a si mesmo no relativo; Ele se pode libertar sempre dessa sua expressão no espaço e no tempo; o infinito é sempre senhor de romper os limites do finito em que ele se quis fechar. No entanto, ele se impôs esses limites; o relativo do universo atual é a sua causa e expressão; nesta, Deus é necessariamente imanente, e como tal, neste seu aspecto, Ele vive, isto é, luta, sofre, goza, evolui conosco e com todos os seres Ele é motor universal, impulso que faz pressão para levar o universo à plena expressão d'Ele, à gradual, mas completa, conquista da Sua perfeição.

Se, na concepção de Deus, nos limitarmos a um só dos seus aspectos, seja o da imanência, seja o da transcendência, d'Ele teremos um conceito mutilado, incompleto. Devemos, por certo, venerar Deus transcendente, o absoluto para nós inconcebível, que exorbita de todos os possíveis limites do nosso universo; o Deus na Sua verdadeira essência, muito distante, o incognoscível, o inacessível. Mas devemos, também, sentir com amor o Deus imanente, que se deu ao ser, fundindo-se no relativo, o Deus vizinho, compreensível, que se encerrou no limite da Criatura; o Deus que sabe humanizar a vertigem do seu infinito para o tornar acessível a quem não tem a potência de alcançá-lo, o Deus Pai e amigo que assiste e socorre as suas criaturas. Digam o que disserem a revelação e a teologia, sem esse segundo aspecto, o universo se disseca, separado da sua fonte divina, a vida, não mais alimentada em cada instante pelo Deus presente, morre. Nenhuma filosofia pode mudar essas leis, que são as da vida.

Era necessário, para obter uma primeira aproximação do conceito de Deus, começar no sensível do nosso universo para remontar depois à sua causa que está além do sensível. Para dar a escalada ao inacessível, era necessário começar do acessível, estabelecendo as relações entre Universo e Deus, entre o

efeito e a desconhecida causa que está além dele. Se bem que hoje se duvide de tudo, também do princípio de causalidade, todavia é evidente que as características do efeito refletem a natureza da causa. E então, dado que o Universo dos efeitos é assim incomensuravelmente vasto e complexo, assim maravilhosamente ordenado e perfeito, é lógico haja de se deduzir que semelhantes qualidades superlativas se devem reencontrar também na causa que é Deus. É assim que se formou a maior parte das definições de Deus, com um processo de multiplicação dos melhores atributos concebíveis pelo homem. Não repetiremos essas definições. Deixemos que Ele permaneça definido pela descrição das suas atividades, na qual está implícita a dos seus atributos.

Algumas referências antes de ir além. Quanto estamos desenvolvendo neste capítulo está de acordo com quanto já foi sumariamente dito em ***A Grande Síntese*** e que aqui é desenvolvido para esclarecimento do pensamento lá contido. Isto, para expor o seu verdadeiro significado, uma vez que uma inexata interpretação dele e da terminologia usada em sentido especial, provocou a condenação sob a acusação de erros teológicos, quais o panteísmo, a afirmação de uma exclusiva imanência de Deus e afins.

O referido volume, no cap. VI diz: "Podereis denominar isto de Monismo; todavia deveis cuidar mais dos conceitos do que das palavras" "Monismo, isto é, conceito **de um** Deus que **"é"** a **criação".** "Lede mais uma vez antes de julgardes". No cap. VIII se lê: "A lei é Deus" - "O princípio e as suas manifestações". Isto quer dizer que o conceito de Deus não se pode isolar em nenhum dos seus aspectos, seja o transcendente de princípio, seja o imanente de manifestação. Monismo significa justamente o seu equilíbrio e fusão em unidade. Separá-los significa mutilar o conceito de Deus em um dos seus fundamentais aspectos.

A Grande Síntese, no cap. LXIII, "Conceito de criação", diz: "Podeis denominar **criação um período de vir-a-ser** e, só então, falar de princípio e de fim". "Tudo deve se reintegrar na Divindade, pois, se tal não sucedesse, esta seria "parte" e, portanto incompleta **se existem forças antagônicas, estas não podem estar senão no seu seio,** no âmbito de sua vontade, como parte do mecanismo do seu querer, do esquema do Todo" (....), "uma cisão, uma duplicidade absoluta entre Divindade e criado. Isto não pode ter cabimento neste meu monismo".

E ainda: "Não tenhais receio de diminuir-lhe a grandeza dizendo que Deus é também universo físico, pois este nada mais é do que um átimo do seu eterno vir-a-ser — do seu tornar-se — em que Ele se manifesta" (....), "a minha mente tende a manter compacto o todo, numa visão unitária, e a fazer com que os profundos vínculos que unem principio e forma ressaltem". (....) "Deus é o princípio e a sua manifestação, fundidos numa unidade indissolúvel é o absoluto, o infinito, o eterno que vedes pulverizado no relativo, no finito, no progressivo. Deus é conceito e matéria, princípio e forma, causa e efeito, conjugados inseparáveis, como dois momentos e como dois extremos entre os quais o universo se agita".

Este é o monismo que agora aqui explicamos. Deus é causa que se funde no seu efeito. Mas este é sempre um relativo, que tem, assim, princípio e fim, ao oposto do absoluto-causa que, como extremo oposto, tem características opostas, isto é, é imóvel, eterno, além de todo limite e medida. É assim que o atual universo tem principio e fim. Porém as criações do mesmo Deus infinito podem ser infinitas no finito, propondo-se cada uma alcançar algum fim seu, criações progressivas que se ultimam somente na sua conclusão **(**v. ***A Grande Síntese,*** cap. XXII fig. 2, criação a, b, c, d, etc.).

A esses conceitos é que se refere o desenvolvimento deste capítulo. Para o compreender é necessária toda a orientação geral de ***A Grande Síntese***, e haver antes estabelecido a solução do problema da dor e do amor, ali desenvolvida nos cap. LXXX a LXXXII, a compreensão da função do bem e do mal e da solução final do seu contraste (cfr. o volume: ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***, cap. XIII, "Problemas Últimos"), ter enfim compreendido os capítulos: "Evasão", "Inferno e Paraíso", "O Princípio de Unidade", "O erro de Satanás e as causas da dor" e "Porque Amor é alegria" que se desenvolvem nos volumes ***Problemas do Futuro*** e ***Ascensões Humanas***. Não se poderia chegar ao atual grau de profundidade no conhecimento do argumento, senão por graus e preparando todos os elementos das conclusões atuais com a solução de vários

problemas concomitantes. Retomemos agora o nosso argumento.

Estabelecidas, pois, as relações entre Deus e o Universo, perguntamo-nos por que Deus quis exprimir-se nessa sua manifestação e os seus significados e finalidades (admitido o universal princípio de causalidade). Encontramo-nos aqui em face de uma primeira, mas só aparente, contradição. Se de um lado, somente o conceito de um Deus perfeito, absolutamente justo e bom, sacia o instinto de nossa alma que não pode admitir outra coisa, na realidade dos fatos, em nosso mundo o vemos imperfeito, muitas vezes injusto e mau. Por que haverá este efeito, tão dissemelhante da sua causa? Repugna totalmente à nossa alma transferir para a causa essas qualidades dos seus efeitos. E então, como é que uma tão maravilhosa fonte se há depois corrompido na dor e no mal, na sua manifestação? O espirito humano se encontrou desde Os primórdios da civilização em face desse problema e tentou resolvê-lo com o mito da queda dos anjos e, pois, do pecado original. Conforme essas soluções, o nosso atual universo não seria senão uma degeneração de um outro universo perfeito que ruiu por obra da criatura que quis trair o criador. O ser seria um decaído em poder da dor e capitaneado por Satanás, um anti-Deus, rei supremo do mal. Diante de Deus ter-se-ia assim formado, na sua própria manifestação, um universo inimigo. Daqui nasce um dualismo antagônico, irresolúvel, em guerra, bem diverso do dualismo harmônico e unitário que acima havemos descrito. As duas partes formam uma cisão, uma insanável fratura dissolvedora e não um equilíbrio compensado que contrapõe os opostos, tão-só para os unificar construtivamente. Aqui ao contrário estamos defronte ao naufrágio da obra de Deus. Como podia Ele, com as qualidades que lhe devemos atribuir, falir tão miseravelmente; como podia não haver sabido prever e, enfim, ficar vencido e subjugado pela vontade da sua criatura? Isto implica algum grave defeito de origem para chegar a tão desastrosos efeitos; e, como podia, tudo isto, estar em Deus? E eis que a criatura superou o criador e o substitui na direção e, justamente, em sentido contrário, como um segundo deus invertido. Então o primeiro Deus deve modificar os seus planos imperfeitos e mal executados, com diretrizes diferentes, e socorrer o ser caído, com a Sua redenção. Disto resulta uma série de conseqüências bem conhecidas.

Dado o conceito de Deus que o instinto da alma e a sua intuição nos indicam, ela se rebela diante da idéia de um desdobramento da potência criadora, pelo qual a divindade se rompe, contradizendo-se na imersão de uma parte da sua manifestação, para acabar em uma luta dolorosa e estéril entre dois chefes que contendem nas diretrizes do criado Então, o mal nos aparece verdadeiramente como uma força negativa, o antagonista que atenta contra Deus, uma imperfeição devida a um Seu imperdoável erro que Ele, em determinado ponto, encontra na Sua obra e a que se apressa em remediar. Deus não é tudo, mas há, fora d'Ele, um outro Deus, seja embora ao contrário, que o limita e o agride. É o bastante para fazer ruir o conceito do Deus absoluto e perfeito, o qual o instinto da nossa alma tem a intuição Permanece daquele Deus uma ruína, mutilada e vencida, um Deus relativo e finito. Tudo cai no absurdo. Para o homem ficaria uma herança de dor, sem finalidade construtiva, punição de um Deus que se torna vingativo, dor que Ele em vão procura sanar. Essa dor é devida à grave culpa do primeiro rebelde que, seja Adão, seja Lúcifer, de certo não poderia ter consciência completa do bem e do mal, por ser um primitivo (Adão) ou porque, se a tivesse tido (Lúcifer) não seria jamais induzido a tamanha revolta em seu prejuízo, expulsando-se, por si mesmo, para o reino da dor, por ele mesmo criado e não, de certo, por Deus. Como pode um inconsciente ser responsável, quando não sabe o que acontecerá e lança-se a uma tentativa, crendo ganhar o próprio bem e, sem saber, erra? E, em nome de qual justiça, Deus, que sabe tudo, que tinha a presciência de tudo, também desse erro, pode condenar esse ser que por ignorância errou, a pagar duramente na dor? Quando uma criança inexperiente cai, a culpa é do progenitor que, sabendo mais, devia prever o que o inexperiente não podia; é o pai que tem o dever de educar, antes mesmo de ter o direito de punir, e somente em proporção da experiência adquirida pelo filho. Quando o filho não tem conhecimento, o progenitor não pode punir. Se Adão e Eva creram na serpente, foi porque eram ingênuos, inocentes e não conheciam as conseqüências, pois que, ainda hoje, o mal é sempre fruto da ignorância e da ilusão que dela decorre. Ninguém também hoje faz o mal pelo mal; se o faz, é porque o reputa, na sua ignorância, uma vantagem, uma utilidade, um bem. E então que deveremos pensar de um Deus que, contrariamente aos seus princípios de lógica e justiça, se comporta dessa forma para com a sua criatura?

Na visão que vejo aparecer diante de mim, tudo se esboça bem diversamente. O dualismo, que é uma evidente, indiscutível verificação de fato, permanece. Mas, então, não aparece mais antagônico e destruidor como no precedente sistema e revela um mais profundo e satisfatório significado e, dessa forma, se revela, ao contrário, unitário e construtor. O universo me parece monismo, isto é, estreitamente unitário também neste caso. Em ***A Grande Síntese*** está dito que, como o pensamento humano passou da idéia politeísta à monoteísta, agora passa da monoteísta, isto é, a de um Deus só, mas distinto do Seu universo, à monista, em que Deus é tudo também o universo. O homem subiu evolutivamente e, hoje, Deus se avizinha, se torna mais acessível à nossa nova maturidade No caso atualmente observado, o monismo do todo, a unidade universal que não permanece cindida entre o Deus transcendente e o Deus imanente, fica unidade inseparável também no seu dualismo bem-mal, Deus-Satanás. Nesta visão, o universo me aparece absolutamente unitário, porque qualquer cisão sua seria insanável fratura, ruindo a sua perfeição. Não interessa, aqui, se a palavra monismo teve outros significados e fez parte de diversas escolas humanas. Este é o sentido que aqui damos a esta palavra e prescindimos dos outros. E neste conceito é fundamental que o universo há um só centro dominador, uma só força diretriz, e não duas.

Não há um anti-Deus, não existem atritos, erros a sanar, Deus não tem inimigos, Satanás é o Seu servo e, neste sentido lhe está sujeito, logo é seu instrumento para os fins do bem que é a única lei de um Deus só, senhor de tudo, verdadeiramente bom, justo e perfeito como o instinto da alma nos diz e exige. Há assim funcionamento orgânico unitário e não uma cisão entre o bem e o mal.

Mas a dor e o mal não desaparecem por esse motivo. Por que, pois, existem e os quis Deus, único senhor de tudo? Esta visão não destrói o fato inegável que dor e mal existem; dá-lhes apenas uma explicação lógica, a única que não ofende o conceito de Deus, que a nossa alma exige e não ofende a Sua perfeição. Tínhamos já, no volume ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***, tratado do problema do mal, da sua função construtiva a serviço do bem, da sua destruição final dependente da estrutura negativa do seu próprio sistema. Mas aqui não é da natureza do mal e de sua sorte que nos queremos ocupar, mas da sua posição na estrutura unitária do universo, para compreender como ele não o ofende absolutamente; representa ao contrário uma função positiva e construtora, solidária com a do bem. Vemos, assim, o mal e a dor aparecer-nos com um significado mais profundo e bem diverso do precedente, como partes do mecanismo criador, como elementos negativos somente na aparência, mas, em substância, positivos, não maléficos, mas benéficos. Somente assim eles podem estar, na divindade, e não contra ela, que é bem a afirmação criadora e nunca pode ser maléfica. No atual novo impulso para Deus, Satanás, de um tremendo inimigo de Deus e nosso, tornou-se um ignorante que faz o mal porque não sabe e, justamente por isto, acaba por fazer o bem, no seio da infinita sabedoria de Deus que tudo abarca, inclusive a obra de Satanás. E então, a nossa vida não é mais condenação, exílio, punição de culpa originária, mas alegria, em ascensão para o bem, também nas quedas e na dor, é sempre uma bênção de um Deus, verdadeiro Pai amoroso, é, a todo momento, ascensão e conquista para a nossa felicidade. Nesta visão, vejo Deus abrir sempre os braços para atrair todos, alegria suprema. Vejo uma exaltação dos valores positivos da vida, acima dos negativos do temor, dominantes na nossa anterior concepção de Deus, pelo que, além do antagonismo do bem contra o mal e ao contrário, aparece a lei de absorção do mal no bem, de modo que a vida não é uma falência, mas, contínuo triunfo de Deus. A Sua obra já é substancialmente perfeita, e se ainda, na sua expressão, não o é toda, vai sempre mais se aperfeiçoando, justamente para sempre mais exprimir exatamente a íntima perfeição. No sistema do universo a vitória cabe ao bem, ainda que, para atingi-lo, for necessária a luta contra o mal. A evolução nos leva para Deus, isto é, para a alegria, se bem que, para subir, seja necessária a dor. Assim, a existência deve aparecer em cada caso, e se não é felicidade, sempre há um encaminhamento para a felicidade, mau grado todo o cansaço da dor. Este conceito da grande unidade do todo, que vivificará a nova era do mundo, a vivificará porque a unidade é a meta da vida e a unificação é o processo evolutivo para aí chegar, pois a felicidade está na superação em Deus de todo antagonismo e cisão. Eis o significado da idéia do monismo, sustentada em *A Grande Síntese*. Não mais um universo cindido entre dois senhores, representando a falência de Deus na Sua criação, mas um universo unitário, triunfo absoluto de Deus. A sombra da dor e do mal aí fica, mas somente como sombra que não lesa, antes valoriza a luz. Esta visão me parece exprimir, como uma

boa nova ao mundo por parte de Deus que, numa grande curva da história, pratica um novo gesto para tudo atrair a Ele. Estes conceitos se animam, então, se vivificam e se iluminam num magnífico incêndio de paixões.

Observemos, porem, sempre mais de perto, esta visão monística do universo. Se Deus, pois, aparece perfeito, absolutamente bom e justo, por que existem na sua obra essas sombras que são o mal e a dor e qual é a sua função? Como podem essas forças negativas funcionar afirmativamente, esses ímpetos destruidores fazer parte do mecanismo criador? A perfeição de Deus não importa em que Ele haja criado um universo já perfeito como é Ele próprio. Ele pode ter construído um universo perfectível, isto é, que evolui sempre mais para a Sua perfeição, um universo que, no tornar-se, é ascensão para esta, e que no entanto, nesse progressivo caminho de conquista, exprima uma perfeição de meios e de método. Isto corresponde à observação de realidade e explica o dualismo transcendência-imanência, bem-mal, Deus-Satanás, porque o universo é uma projeção de Deus para o polo oposto a Ele, do imóvel para o tornar-se, do absoluto para o relativo, do perfeito para o imperfeito. E aqui surge a grande pergunta: por que essa projeção? Eis o nó da questão. Deus era perfeito, completo em si, causa sem causas. E eis que Ele se lança na concatenação sem trégua da causa e efeito, no laborioso trabalho de um tornar-se evolutivo, lança-se na imperfeição para criar fora de si uma perfeição semelhante a Ele. Por que isto? Há aqui, verdadeiramente, uma ruptura em dois da unidade divina, pelo que Deus se projeta e vem a existir não mais somente na substância, mas também na forma; assim se encerra na limitação, submete-se ao esforço de uma ascensão, pulveriza-se no particular e se sujeita a atravessar os oceanos do mal e da dor. Que há no fundo desse caminho, no fim de todo o processo? Há um universo de seres que conquistaram a consciência, isto é, a verdadeira existência, retornando a Deus por quem foram gerados. A cisão, assim, no fim se anula e a unidade é reconstituída. Cisão, pois, transitória e puro meio, condição de uma unidade nova e mais ampla, na qual Deus terá realizado uma criação nova, de inumeráveis falanges de humanidade que n'Ele reencontram a sua unificação.

A causa motora de tão imensa obra? O Amor**.** A criação é uma autodoação de Deus. Daqui a imanência necessária além da transcendência, que exprime por si só a divindade, não no ato de se dar. Mas este dar-se é expressão na forma, isto é, limitação, por isto, sacrifício. É Deus mesmo que, em primeiro lugar, por amor para com as suas criaturas, se cinde em sacrifício, dando-se a elas. Assim, o Um se rompe, se fragmenta no dualismo, para recompor-se depois em unidade, enriquecida, porém, em um grande amplexo em que Ele atraiu a si todas as criaturas. Eis em que consiste e a que tende essa criação contínua que é a evolução. Antes da criação, Deus era o todo e perfeito, mas lhe faltava a aplicação do amor. Ele estava sozinho. Para poder amar, Ele cria Suas criaturas, nelas se transfunde, animador, com elas trabalha para as livrar da forma, não as quer como autômatos, conquanto perfeitos, mas semelhantes a Ele, livres e conscientes, senhores do bem e do mal e, portanto, os assiste na longa experimentação que através do erro e da dor conduz a essa grande sabedoria, a única que pode tornar a criatura semelhante ao criador. Adão, primeiro homem, não podia possuí-la e errou. Possuí-la-á o último ser da última humanidade, que não pecará mais, porque terá compreendido e portanto estará livre do mal.

E eis que aparece a dor, sábio instrutor, instrumento de Deus, dor feita somente para ser superada na alegria, que é a essência de Deus. Desse modo dor e mal são progressivamente eliminados até serem todos reabsorvidos em Deus, que os quis como meios de Sua construção. Assim a criação é contínua, presume a constante presença da causa operante, é ato ininterrupto de um Deus sempre criador que, através dos contrastes necessários para uma conquista livre, fica infalível e alcança sempre os seus fins, que, conforme Sua natureza perfeita, são sempre para o bem. Eis o universo, ordem perfeita, não obstante a sua desordem transitória e a sua imperfeição de superfície, eis um Deus que se serve da falência no particular, para triunfar no conjunto, em uma obra de amor que termina com a criação progressiva de criaturas que o compensam do seu imenso sacrifício, retribuindo o amplexo no fim do caminho evolutivo. Eis a ordem e a lógica, conforme as quais me aparece esta visão, satisfazendo sem contradições tanto as leis da economia da natureza, quais as vemos em ato, quanto o instinto da alma que tudo quer harmonicamente resolvido, seja para a inteligência, seja para o coração. Eis o verdadeiro Deus, Pai e Amigo, sempre benéfico, perto de nós, o Pai anunciado por Cristo, o Deus do amor que dominará a nova era do espírito.

A medida que vamos observando esta visão, aparece-nos mais claro o conceito de Deus. Se no Seu aspecto transcendente Ele é separável, independente da criação, imensamente distante de nós, no seu aspecto imanente, Ele está fundido e presente na criação, imensamente perto de nós. Então se compreende como cada fragmento do criado possa refletir a estrutura do todo. É este repetir-se do universal esquema único nos infinitos esquemas menores, todos do mesmo tipo, que justifica o principio da analogia, que usamos. Podemos muito bem, pois, ver Deus refletido em todas as coisas. O absoluto se repete ao infinito, no relativo. Deus nos aparece como a atmosfera em que o universo está imerso, tudo nos fala d'Ele, nos faz sentir a Sua presença. Mas não é só. A manifestação de Deus é progressiva, proporcionada ao grau de evolução alcançado. E a toda nova aproximação do ser no Seu conhecimento, Deus se manifesta sempre melhor, justo, perfeito. Assim se compreende o conceito de evolução, qual retomo do ser à fonte que o gerou, qual lei de ascensão continua e fatal para esse divino centro que tudo atrai. Vemos fechar-se o circuito do movimento dualístico, antes centrífugo ou projeção da causa para a periferia ou forma, sua expressão, e depois na atual fase, centrípeto, de reabsorção na causa do centro-Deus, fase na qual a forma se adelgaça, ficando sempre mais visível o espírito animador. Eis o significado da ascensão moral, da elaboração e formação progressiva da consciência, da catarse, dos conceitos de dever e de virtude. Eis como, com a evolução, a forma deixa mais transparente a animadora presença de Deus.

Assim tudo se esclarece e se explica. É assim que Deus se torna mais logicamente compreensível, mais satisfatório o conceito que d'Ele alcançamos; caem, assim, as contradições, tudo se torna de imperfeito, perfeito, embora fique a condição da imperfeição do nosso mundo atual. A nossa consciência nos diz que Deus não pode errar e nos desagradava a hipótese de que a realidade nos mostrasse que Ele houvesse errado. A nossa alma não pode deixar de sentir-se elevada e satisfeita por essa salvação da idéia de Deus, qual ela a sente, satisfeita de poder finalmente afirmar que, não obstante tudo, Deus e a sua obra são perfeitos. Ele jamais errou e agora não recorre absolutamente a retoques do seu plano para sanar faltas imprevistas que acusariam a sua ignorância, e no-lo mostrariam como um ser zangado e arrependido, embaraçado diante da sua criatura que não obedeceu a Ele. O nosso universo não é feito com as escórias de uma catástrofe não prevista. Foi desejado, assim como ele é, porque assim ele é perfeito; não no sentido que a perfeição esteja já atingida, mas no sentido que Deus quis um universo que atingisse pouco a pouco, por evolução, a sua perfeição. Neste sentido, como foi desejado, tudo é perfeito, isto é, no sentido não de uma criação completa, no instante da origem, e naquele momento tivesse já alcançado os seus escopos, a qual verificamos que não é, mas no sentido de uma criação que os vai progressivamente atingindo, através daquela elaboração, vir-a-ser inegável de que é feita a vida do ser e que compenetradamente é a substância do existir. Daqui a necessidade também do Deus imanente, qual inteligência diretriz deste tornar-se. É imensamente maior do que a anterior esta idéia do Deus perenemente ativo e presente, é mais justa, melhor, mais humana, mais confortante. A vida não é mais alguma coisa de negativo, uma punição, um derivado de erro, mas é ato positivo de conquista, guiada por leis perfeitas. Deus está verdadeiramente conosco, é nosso amigo, quer a nossa felicidade e de tudo faz para no-la dar. Mas quer também que aprendamos, procurando-a, fatalmente destinados, no fim, a encontrá-la. Deus assim vive conosco, em amor, o nosso duro esforço de ascensão. Que mais evidente exemplo disto do que a descida de Cristo à Terra? Assim Deus se manifesta sempre mais, em todo nosso progredir, estimulando-nos a superar as deficiências; atraindo-nos, ajudando-nos, mas não arrastando-nos gratuitamente, a fim de que, depois, a vitória seja justamente nossa. A sua sabedoria atinge assim dois escopos que parecem opostos: a criatura, mesmo guiada e ajudada por quem sabe mais do que ela, tem pleno direito à sua felicidade, porque a ganhou com a sua fadiga. O Criador tem direito ao amor daquela criatura porque lhe esteve sempre vizinho, a socorreu, deu-lhe o máximo consentido pela necessidade de não a tornar preguiçosa, tem sofrido com ela. Somente assim se poderia alcançar a criação de um ser consciente e perfeito, mesmo através de uma cansativa ascensão, com o direito ao eterno amor de Deus. Se, pois, a lei suprema parece marcar-nos duramente hoje, não nos rouba em nada, mas nos compensará com tantas alegrias, que então todos poderão compreender a verdade do ditado de São Francisco: "Tanto é o bem que espero, que toda pena me é muito amada".

Não posso deixar de me inebriar com a beleza desta visão resplandecente de justiça e de bondade.

Que alegria o poder restituir a Deus os seus atributos de perfeição e de amor, que paz existe no sentir a alegria além da dor, o bem além do mal, uma ordem perfeita quando superado o caos humano! Que sabedoria, uma imperfeição, meio de perfeição, uma dissonância feita para reordenar-se em harmonia! A dura luta pela vida não é senão uma elaboração para conduzir à fraternidade. O esforço criador de Deus está sempre presente e faz parte do sistema. Deus é perfeito. O Seu plano é perfeito; é somente a sua manifestação que parece imperfeita porque, partindo do imperfeito, tende ao perfeito, e partindo do caos, chegará à ordem. O caos originário não foi erro, mas foi desejado como ponto de início. A obra da criação consiste na progressiva elaboração da desordem, na reordenação do caos na ordem. E este processo de harmonização gradual que forma a sinfonia da vida, a conquista, através da prova, da felicidade que constitui o seu escopo. O Deus transcendente, não obstante Ele operar como imanente em meio às suas criaturas, não cessa de resplandecer no centro, tudo atraindo ao seu seio. A sua imanência consiste justamente nessa irradiação que tudo penetra, satura e arrasta para Ele. O sol, como sistema analógico (o esquema é sempre único em tudo) arde no centro do seu cortejo planetário, mas está ainda em todo ponto, aonde chega irradiando, onde pára e fecunda. Transcendência e imanência não são, pois, senão duas posições, senão as duas metades de um circuito de uma mesma unidade.

Então todas as formas de existência tendem para Deus e todas devem, cedo ou tarde, sublimar-se para chegar a Ele, para restituir-lhe o amor que as criou, encontrar n'Ele a salvação final. A vida não pode ter outros escopos. De outro modo ela perde todo o sentido e valor, é caos e mal, e o criador da dor sem salvação, torna-se maldade. Uma infinita sabedoria, que tem presciência do erro da criatura e conhece a possibilidade de terríveis conseqüências, se é boa como deve ser, não a pode haver criado desta forma. Criando, Deus não pode haver desejado senão uma coisa: a salvação da criatura, salvação final, não importa se para a alcançar são necessárias gravíssimas provas justamente proporcionais às insensibilidades de cada um, se são necessárias penas que se devam sentir também como eternas e sem ter jamais esperança, se isto é necessário para abalar e fazer subir, enfim, para chegar a Deus. Na realidade Ele está mais ansioso de nos dar liberdade e felicidade que nós de as alcançarmos Mas seria muito perigoso para o homem que Deus desse liberdade a um ser não ainda sábio e consciente, nem seria justo dar a felicidade senão como merecido prêmio a um trabalho ultimado. Como tudo pode ser nosso se não for ganho? Tudo isto negaria as qualidades de bondade e justiça de Deus, que Lhe sentimos necessárias. O dar gratuito não é justo em benefício de quem não pode dele usufruir. O homem deve colaborar. É guiado e sustentado por Deus, mas o esforço deve ser seu. Eis por que, como em outra parte havemos examinado, a Divina Providência não socorre senão ao extremo, mas nos salva sempre. Trata-se, não de uma redenção gratuita, mas de uma colaboração entre Deus e o homem, na qual cada um dos dois termos complementares põe a sua parte. Mais do que os resultados, são levados em conta o esforço e a boa vontade. Logo que tenha sido feito todo o possível, acontece milagrosamente a realização. Deus dá todos os meios, mas nós devemos trabalhar e aprender com esses instrumentos. Deus resplende sempre sobre nós como o sol irradia sem descanso. Cabe-nos saber tomar o mais que possamos deste sol. Quanto mais aprendemos a usar a liberdade, tanto mais nos é ela concedida. Mas sempre somos, em proporção, responsáveis por ela, a qual, se nos vergasta ou premia, se se oculta de nós ou se a nós se mostra, será sempre para nos atrair a Ele, para nos fazer alcançar, por Seu intermédio, a nossa salvação. A lei soberana que rege o universo, não obstante as aparências contrárias e as condições relativas e transitórias, é o amor. O dualismo Deus-Satanás não é separação senão no tempo, com fins criadores, desejada para o bem, por um só senhor de tudo, que não admite inimigos senão como servos, destinada a ser sanada no fim. De outro modo a obra de Deus seria, ou maldosa, ou falida.

XVI

DEUS E UNIVERSO (II Parte)

A visão do universo nos guia para a visão de Deus, em que vemos, na criação o Criador, e no Criador a criação. Indiscutível se torna uma estreita relação entre os dois que devem formar uma só unidade, porque, qualquer cisão anularia essa unidade do todo. Deus nos aparece como o aspecto ou pólo transcendência do todo, o universo como o aspecto ou pólo imanência do todo. Examinemos agora, separadamente, a natureza e a atividade desses dois pólos. Dado que a criação está no limite do finito, observemos o ponto de partida e o caminho por eles seguido para voltar a conjugar-se ao completar-se do processo. Comecemos pelo pólo transcendência.

Aqui nos encontramos diante do mistério dessa limitação que o infinito se impõe para se exprimir no finito, do absoluto para se manifestar no relativo. É uma inversão de valores, de natureza involutiva, é a fragmentação do uno no múltiplo, é o equilíbrio desfeito num movimento sem trégua, um desequilíbrio que procura através de um incessante vir-a-ser reencontrar o equilíbrio, é o início do transformismo no relativo, é um fechar-se em outra ordem de leis que não são as do absoluto, um fechar-se no limite, mas com a ânsia de sair dele, com o instinto de transpor o limite, um fechar-se no ciclo vida-morte, mas para alcançar a imortalidade, no esforço, na dor, mas para subir até à felicidade. Mas por que o absoluto Deus perfeito quis descer assim na imperfeição? Por que quem tudo tinha e de nada precisava quis livremente submeter-se a esse trabalho? Para criar, através dele, uma criatura semelhante a si, e pois, para amá-la e ser amado, fazendo-a participe da sua felicidade. No pensamento de Deus que cria há, pois, dois conceitos fundamentais que depois reencontraremos em todo o universo como base da gênese em todo o campo e nível: esses conceitos são amor e dor. Eles se sintetizam num só: sacrifício. Ora este dar-se em sofrimento não é estéril, mas é um meio para alcançar uma multiplicação de alegria. O sofrer, então, é logicamente justificado, porque é criador dessa alegria, primeiro em outros seres para os quais é irradiada e que depois resplandece e irradia de retorno, para quem sofreu para gerá-la, para quem, pois, o sacrifício se resolve, no fim, em multiplicação de felicidade. Assim a dor se torna genética, terminando num aumento de alegria e é aceitável por ser geradora de alegria.

O universo responde, do caso máximo ao mínimo, a esse conceito. É por haver verificado em todos os casos o principio de analogia, que nos sentimos autorizados a ver presente no pensamento de Deus, ao criar, a mesma lei de amor e dor que preside a qualquer menor ato de gênese no universo. A lei do sacrifício está na base da gênese da vida, sacrifício no qual se funde no mesmo tormento criador a alegria do amor e o espasmo da dor. Olhemos para o mundo que nos é acessível e o encontraremos como raiz de toda a criação, seja na carne, seja no espírito; somente do sacrifício, que é juntamente amor e dor, nasce alguma coisa, a criatura nova, seja filho, seja obra do trabalho, seja conquista heróica, seja intuição de gênio. É o esquema geral do universo, que vemos repetir-se e reproduzir-se em todos os seus momentos e pontos. O caso particular nos fala do universal, pois que ele é ligado pela lei única que rege o todo, que é uno. A lei que todos aplicamos, porque é inerente á vida, nos indica qual foi o primeiro, máximo ato da gênese, que depois todos os seres vão repetindo à imagem e semelhança do primeiro: o sacrifício. Esta é a voz de todo o criado, que continua a gerar, e não pode gerar, senão no amor e na dor, único caminho, seguindo o primeiro impulso semelhante e máximo exemplo. Se a criação é o resultado do inefável sacrifício do criador infinito que se limita na forma para se manifestar na gênese de outros seres, a criatura não pode continuar a ser senão a expressão daquele primeiro ato, repetindo-o ao infinito. Mas é sempre Deus que, na criatura, repete o Seu ato originário, continuando assim a gênese. A Sua criação não é devida a um só sacrifício inicial, mas à perene renovação desse sacrifício. Uma vez que a criação não se sustenta senão por uma gênese contínua, porque manter é criar, também aquele sacrifício é continuo. Toda forma de existência é devida a esse imolar-se com um ato de amor. Se essa irradiação suspendesse, por um só instante que fosse, o seu fluir, a vida ficaria parada e a criação pereceria. Tudo, em todo movimento, é regido pelo centro que, irradiando, se encontra presente e age em todo ponto do criado. É essa fonte que alimenta tudo e quem dela se separa vai ao encontro da morte. A nossa vida, como a de todo ser, é devida a essa presença de Deus. Senti-la, comunicar-se com essa fonte, é a vida. Ignorar, negar, repelir essa imanência de Deus, é a morte. Nenhuma filosofia pode mudar essa realidade biológica. Deus é a atmosfera vital do espírito, de onde, depois, tudo nasce. O universo é um organismo em função, dirigido na sua infinita multiplicidade por esse centro que tudo mantém

unitariamente compacto, como a alma rege o corpo humano. Como toda célula do nosso organismo possui uma pequena consciência sua, dirigida, nutrida, coordenada por um Eu central que a supera e como toda célula só pode viver em função desse Eu, do mesmo modo os seres estão em contínua comunicação com o Eu do universo, Deus.

O universo é regido por essa radiação de amor que os seres recebem, que os mantém em vida, os atrai e incita a subir. No centro há o pensamento que, vemo-lo ainda nas nossas pequenas coisas, é a máxima potência criadora. essa potência que, irradiando, cria continuamente. A Lei não é escrita e morta, mas é a presença viva do pensamento divino em ação. É essa irradiação que torna imanente, entre nós, o Deus transcendente, unindo-nos a Ele. O universo é dirigido, isto é, continuamente criado, por essa irradiação que é o resultado de amor e dor e que não se pode cumprir senão em sacrifício. E então o ser deve, analogicamente, repetir, pelo princípio da unidade em esquema único, o próprio ato do criador e a gênese deve continuar-se através do sacrifício da criatura transformada em operário de Deus e instrumento de criação. Assim a evolução nos leva a Deus, mas através de provas e lutas, erros e dores; assim no esforço fadigoso se opera o desenvolvimento da consciência. O universo transborda de alegria, mas ela há de ser conquistada; há entre o ser e ela o diafragma da dor que é preciso saber superar. Salutar diafragma que nos impõe aprender para subir. É assim que a alegria chega escassa, porque escasso é o esforço que se realiza para a conquistar e dessa maneira, tristemente, se vai bebendo aos goles o oceano. É assim que o ser, conquanto lento e preguiçoso, deve responder, por conta própria, ao sacrifício de Deus. Essa é a atmosfera necessária para toda ascensão. Trata-se de romper as formas, o egoísmo que as sustenta, trata-se de se expandir do finito para o infinito, de superar o limite no qual Deus se fechou, mas de onde quer que surjamos para chegar até Ele. Dar, não tomar, crescer da pequena vida individual separada, para a grande vida universal. Tudo isto se opera com o sacrifício. Ele é dor, mas é também amor e conquista de felicidade. Quem toma e não dá fecha as portas da vida, limita-a, perde-a. O dar é sacrifício, mas, sacrifício que cria. Assim a lei da dor torna-se a lei do amor e da ascensão. É difícil caminhar-se por essa estrada; os primeiros passos são penosos; difícil é compreender esse íntimo mecanismo da vida. E no entanto é assim: somente o sacrifício abre as portas da vida, os caminhos de Deus de onde flui toda a riqueza. Devemos, para obter, possuir a força de renunciar, mas renunciar, não para nos sufocar e nos destruir, mas para superar o menos, porque podemos além alcançar o mais. Eis o valor da renúncia: conquistar no alto. Eis o significado da inversão evangélica dos valores humanos. A dor não se elimina, fugindo-se dela loucamente, sem a compreender, como faz o mundo de hoje, mas domesticando-a, utilizando-a como um instrumento de ascensão, aprendendo a lição que a dor tem por qualidade ensinar-nos. Estas são as leis da vida, nem se pode de outro modo subir a escada da evolução. Não se pode criar senão com o sacrifício.

Reencontramos continuamente, nas religiões esse princípio do sacrifício, nas relações entre o homem e Deus, de ambas as partes. Sacrifício que o homem faz para Deus e Deus se sacrifica pelo homem. Esse princípio lentamente evolui nas religiões até tornar-se base do conceito da redenção que significa sacrifício de Deus para o retorno da criatura a Deus. E eis que, de um golpe, vejo esta visão lampejar diante de mim o significado profundo da Eucaristia, instituída por Cristo. Vejo a cena da última ceia: **"Accepit panem in sanctas manus suas et elevatis oculis in coelum, benedixit, panem in fregit, deditque discipulis suis dicens: Accepite et manducate ex hoc ombes: hoc est enim corpus meum"**[9]. Eis que o Cristo parte o pão, "fregit", entendendo que com "hoc est enim corpus meum" Ele partia a sua vida e dava aos homens, como dava aquele pão aos seus discípulos. E é com este sinal, o partir do pão, que Cristo se faz reconhecer pelos discípulos de Emaús, como por um gesto seu próprio. E qual pode ser a significação desse ato, se não a de nos querer exprimir e repetir a gênese através do sacrifício, o gesto de Deus do qual nasceu a criação? Naquele tempo o mundo espiritual caía. Eis o novo impulso criador, que não podia ser dado senão através da dor. Aí está a necessidade da paixão. E como Cristo expressa na Eucaristia o princípio genético do ser, como

---

9

"Tomou um pão, em suas santas mãos, e, levantando os olhos para o Céu, deu graças, abençoou-o, partiu-o e disse aos seus discípulos: Tomai-o e comei dele todos — isto é o meu corpo".

na Sua dor Ele o viveu, e aquele sacrifício eucarístico se repete ainda agora, continuamente na terra, assim ao homem que quer subir, o próprio Cristo no Evangelho indicou o caminho criador da ascensão conforme o mesmo princípio por Ele vivido, "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois o que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á e o que perder a sua vida por minha causa, achá-la-á". (Mat. XVI - 24, 25). É assim que o sacrifício e a paixão devem ser bilaterais, não somente em Cristo, mas também no homem, que repete continuamente o sacrifício da Eucaristia não para ser gratuitamente redimido, mas para se lembrar que, por sua vez, deve na dor e paixão abraçar a sua redenção, repetindo, de sua parte, para com Deus, o que Deus fez para com ele! É evidente que o ciclo não pode fechar-se nem as duas correntes reunir-se se, paralelamente à corrente do sacrifício que desce do Criador para criatura não se completar com a da criatura que dela sobe para Ele. É sempre o mesmo princípio que deve atuar nas duas direções, dualismo e duas metades inversas e complementares.

A atividade do homem deve refletir a atividade de Deus conforme a mesma e única lei pela qual, para ambos, é sempre o sacrifício que dá e multiplica a vida. O que significaria, de outro modo, a encarnação de Cristo na terra como condição da redenção e como podia cumprir os desígnios do Pai, se tudo isto não correspondia à suprema lei de vida, desejada pelo Pai? Cristo desceu à terra para pô-la em atividade, formando assim o anel de conjunção entre o Pai e o homem. A descida de Cristo se deu nos planos densos da matéria, no limite dos sentidos; é um entregar-se com dor para viver em contato com seres involuídos entrando na mesma vida, submetendo-se até ao Calvário, às suas leis ferozes; e isto, para os elevar, mostrando que existe uma lei superior à da luta: porque existe uma outra vida que não é a do corpo. A descida de Cristo à terra está conexa ao ato da criação. Ele sacrificou-se para dar a vida; a cruz tornou-se o centro de atração da humanidade, como o Pai o é do universo por Ele criado conforme o mesmo princípio. Cristo é a tangível expressão da imanência de Deus no criado, da Sua intervenção e presença no desenvolvimento da vida. Assim, do extremo transcendente do universo ao outro extremo da forma, atua a mesma lei de sempre, e em qualquer parte, para demonstrar a realidade do monismo do todo. O homem para subir deve romper (como foi rompido o pão da Eucaristia para ser dado a outros) o seu egoísmo em favor do próximo. "Ama o teu próximo como a ti mesmo". Não há senão essa dura via de renúncia de si mesmo, para subir. Somente assim Cristo parte o pão, dizendo: “Este é o meu corpo partido para vós”. É a gênese. O sacrifício do Gólgota nos revela a lei da criação, o princípio do universo. É a gênese que se opera numa atmosfera de destruição, mas que é destruição somente da forma, é condição necessária à renovação de um universo em que Deus, no seu aspecto imanente, opera uma criação continua.

Dissemos acima que o todo resulta constituído de dois pólos: o extremo-transcendência e o extremo-imanência Deus é o universo. Não podemos separá-los sem quebrar o todo-uno, num dualismo insanável. Agora vimos que os dois pólos não são estáticos e inertes, postos um diante do outro, mas que, dado o princípio do amor, eles se movem um para o outro, isto é, tendem para o amplexo: transcendência para imanência e imanência para transcendência. Então não vemos somente Deus projetar-se na sua manifestação-universo, penetrando-a inteiramente, mas vemos ainda o processo inverso e complementar, segundo a conhecida lei do dualismo constitutivo de toda unidade e de todo circuito que a determina. Agora havemos observado sobretudo aquela metade do circuito que forma o todo, que do transcendente, ou Deus, ou causa, ou Pai, vai para o imanente, o universo, o efeito, o filho. Observamos agora o movimento oposto que, do imanente, vai ao transcendente, por onde o universo volta a Deus. Somente assim o sistema podia ser equilibrado e o circuito fechar-se, formando a unidade do todo. Isto nos diz que Deus não criou um universo estranho a Ele, mas um universo no qual Ele se transfere e vive, exprimindo a si mesmo. Sem universo, Deus era perfeito, mas era sem manifestação e também sem amor, porque, sozinho, conquanto perfeito, não se pode amar. E tudo isto nos mostra ainda que o universo não pode viver sem Deus e nos explica aquele seu grande movimento que é a evolução, isto é, que o escopo de tudo o que existe é o fechar do circuito e o retorno a Deus, de quem o ser descende e foi gerado. Os dois movimentos: criação, que significa involução (primeira metade do circuito) e evolução (segunda metade do circuito), se condicionam e se completam um no outro. Nenhum dos dois é concebível e pode existir desacompanhado. Eles são estreitados, presos um ao outro, como dois movimentos de um mesmo único processo, num sistema absolutamente unitário. Somente assim se salva a unidade do todo. Eis o significado do monismo Deus-universo.

Observamos o completar-se de um no outro, dos dois inversos, inseparáveis movimentos. Em um primeiro momento o Deus transcendente deu-se através do seu sacrifício na veste exterior da forma, pulverizando a sua unidade no multíplice e o seu absoluto no relativo; deu-se pelo amor que quer criar uma nova criatura, para amar e ser por ela amado, transmudando-se da transcendência na imanência. Em um segundo momento o processo se completa, continuando-se na sua inversão, que pode reequilibrá-lo e fechá-lo. Então a forma, ou criatura, expressão do transcendente no imanente, o segundo modo de ser do todo, deve cumprir o mesmo sacrifício, isto é, a mesma dação de amor, que tornando a subir em direção inversa, restitui ao Criador, por amor, o que Ele por amor deu: porque amor é o princípio unitário do todo que rege ambas as fases, a de ida e a de retorno, descida e subida, involução e evolução, que formam as duas posições opostas do mesmo único respiro do todo. É nesse segundo momento que o aspecto imanente deve voltar transcendente; que o universo descido de Deus para Ele torna a subir, evoluindo. É evidente a correspondência das posições, movimentos e atos inversos. O sacrifício do Criador, dando-se na descida, se compensa, assim, se equilibra e se completa com um paralelo sacrifício da criatura que, é da lei, se deva dar na ascensão. O mesmo princípio se deve repetir em posição invertida, harmonizando, assim, a mais férrea e exata justiça que está na ordem da lei, com o princípio próprio do amor, da doação gratuita. O ser para reencontrar Deus lhe deve restituir o Seu sacrifício, a que deve a vida, mas somente assim a pode n'Ele reencontrar. Dessa maneira a destruição torna-se um meio de realização; da morte renasce a vida. Torna-se, pois, lógico o absurdo que a dor crie e que a conquista se alcance rompendo o próprio egoísmo centralizador, num altruísmo que, dispersando o Eu, parece antivital. É assim porque não fomos criados para viver sós, cada um por si, mas para os outros, porque o escopo é unificar-se e somente quando todo o universo voltar a ser uno, ele terá reencontrado Deus, o efeito terá voltado à causa, fechando o circuito. Somente então Deus se sentirá todo realizado com o Seu universo, e a criação, hoje em marcha, estará completa.

Com esta visão de conjunto, tudo se compreende e justifica. Na fase involutiva é a dor de um Deus que opera a gênese; na fase evolutiva é a dor do ser que a continua e conclui. É assim que a dor do homem é criadora. O sacrifício de todas as criaturas, em todo o universo, deve compensar e equilibrar o sacrifício do Criador. Mas a esse seu sacrifício elas devem a existência, dom supremo de amor. Para que ele seja completo no todo, porque recíproco, é fatal que o sacrifício seja restituído por amor da criatura ao Criador, é necessário que esta rompa a sua forma em gênese, se dê dolorosamente em amor, como Ele se dividiu e sacrificou dando-se em amor para a gerar. Eis por que evolução é dor. É duro, mas o resultado compensa tudo. A dor do ser estão confiadas funções construtivas; é nessa fadiga da ascensão que ele se torna colaborador de Deus. O sistema é equilibrado e a lei de justiça aí reina soberana. A nós, situados em um ponto particular do ciclo, ele não oferece senão uma vista parcial. Julgamos, portanto, conforme perspectivas relativas e incompletas. A dor pode, pois, aparecer-nos como condenação e não como é, um instrumento de felicidade; o mal como um inimigo do bem e Satanás um anti-Deus. Mas quem possui a visão completa, neste monismo encontra tudo lógico e perfeito. No seu conjunto o todo permanece, também na sua expressão de imanência, idêntico à sua substância transcendente; se olharmos profundamente, no absoluto, ele não nos aparecerá mais cindido, mas na sua imutável unidade, o que constitui uma visão mais avançada de Deus, que aqui não é possível expor.

Tornemos, pois, para o relativo da nossa fase e observemos com olhar relativo, especialmente do lado humano, a segunda parte, evolutiva, do movimento do todo. Aqui há reabsorção em Deus da Sua irradiação. Vimos porque toda criação, mesmo humana, não possa ser separada da dor e fadiga. Assim é para a mãe, como para o gênio, para Cristo como para o homem. Mas que maravilha se olharmos o produto dessa dor e fadiga! O mundo não pode progredir senão por esse caminho. Esse é o esquema único que reencontramos nas nossas pequenas conquistas quotidianas, assim como na ascensão do todo para Deus. Mas junto à força negativa da dor constitutiva do esquema da evolução, há ainda uma outra força, e é a positiva do amor. Se a primeira repele, a segunda atrai. E a conquista está além da nossa fadiga, de modo que a evolução necessariamente implica em que do encontro, ou conúbio, das duas forças, nasce um contínuo ato de sobrepujamento de limites. Mas eis o terceiro termo, a criação. Daí a luta pela vida, o princípio da seleção, a ascensão biológica ao longo de planos evolutivos. Se em qualquer parte encontramos, em formas

diversas, segundo o grau do ser, a luta e a fadiga do ato de superar, encontramos ainda o amor, seja ele invertido ao negativo nos planos involuídos como ódio, seja levado ao positivo, nos planos evoluídos, como sempre maior amor. Força que é sempre amor, o princípio que une e prende um ser ao outro, seja no ódio, numa ligação que mata, seja no amor, num amplexo que gera. Ninguém pode viver só no todo, mas é sempre ligado ao outro, do extremo involutivo, inferno ao extremo evolutivo, paraíso, ou por vínculos de ódio, feitos de dor e destruição, ou por vínculos de amor, feitos de alegria e criação. Na unidade da vida nenhum ser pode ficar indiferente ao outro, e se deve ligar ao longo da via positiva, por atração, ou ao longo da via negativa, por repulsão.

Amor é a grande lei universal, é o ímpeto animador do todo. Não é o amor a si mesmo, que pode ser culpa. Esta não está no amor, mas na involução do amor, na sua limitação egoísta, porque o egoísmo representa verdadeiramente o limite em que o Eu se fecha na descida involutiva. A virtude não está na supressão do amor, mas na sua elevação, na sua expansão altruísta, pois que o altruísmo representa o abrir-se do Eu, na sua ascensão para Deus. Por isto, nunca deve ser destruído este divino impulso unitário do universo, mas deve ser dirigido para a sua alta meta que é a reunificação; deve, assim, ser liberado das suas formas inferiores, egoístas, para alcançar as superiores, altruístas. A culpa para o homem está na animalidade do amor e o progresso está na sua espiritualização. Quanto mais o amor é involuído, tanto mais está longe da unidade, quanto mais é fragmento disperso encarcerado no egoísmo, tanto mais se distancia de Deus e da alegria. No plano animal, o amor, aqui somente pequena laceração de egoísmo, não gera senão os corpos, mas no mais alto ele possui funções criadoras imensas. Assim se explica como, dado o egoísmo separatista humano e a relativa dominante psicologia do "do ut des", seja necessário um prazer imediato para induzir o ser, ainda inconsciente, a um início de unificação para a gênese física, seja necessário um gozo que lhe pague logo o sacrifício de dar parte vital de si mesmo no ato sexual, porque nesse nível o egoísmo que prevalece, sem uma compensação, não faria nada. Mas também aqui temos sacrifícios pessoais, dando, ainda que o ser acredite tomar, enquanto dá. Dá o pai à mãe, dá a mãe aos filhos. Sacrifício que evolui e se completa na educação deles, dando-lhes alimento e defesa, instrução e elevação moral. Desta forma a família, com os seus deveres, representa um amor mais evoluído do que o do animal e, ainda, uma criação muito mais profunda, que acomete o espírito, a criação de uma primeira célula para a unificação. Assim, de plano em plano o amor guia o ser para a unidade. Tanto mais o amor é involuído, quanto mais é isolado, e tanto menos é criador; quanto mais ele é evoluído, tanto mais criaturas ele abraça, maior é a sua potência criadora. Esse é o caminho que nos conduz sempre mais para perto de Deus. É grave erro o combater, para aniquilar as formas involuídas de amor, todo amor é forca indestrutível e motriz da evolução. Uma virtude, assim entendida, em forma destrutiva, representa a negação, o mal. Jamais destruir por destruir, sem primeiro haver edificado. Geram-se, de outro modo, as piores contorções desse insuprimível impulso da vida. O amor que desce em vez de subir, nos distancia, ao invés de nos conduzir para a alegria, porque, então, o egoísmo o inverte, levando-o para o ódio e a dor. Quanto mais se reduz o amor em prazer, tanto mais ele se torna traição; quanto mais lhe tiramos o elemento sacrifício, tanto menos ele é criador de vida para os outros e, pois, de felicidade. Porém, não por essa razão, se conceba a virtude como ódio a si mesmo, que o amor nunca deve ser invertido em ódio, mas se conceba como amor pelos outros num campo sempre mais vasto. Essas são as leis da vida. O amor que quer somente tomar e não dar, não pode gerar alegria. O universo é sabiamente equilibrado e a vida se dá em alegria a quem se lhe dá em sacrifício, e se nega a quem egoisticamente se nega. Muitas vezes pelo homem o amor é desviado para falsos objetivos. Amar a criatura antes que o Criador, as coisas mais que o espírito, os fragmentos em vez do todo, agarrar-se avaramente à posse, fechando em seu benefício o fluir dos bens para todos, amontoar e adorar o tesouro, amar assim, em forma contorcida e invertida, não pode gerar alegria, mas somente dor. Por isto a vida nos oferece ilusões e traições.

A verdadeira realidade da vida é outra. Tudo nasce de uma forma que se rompe. O rebento se abre na flor perfumada que perece gerando o fruto saboroso, que morre dando a semente que encerra. E esta cai na terra e brota novamente, rompendo a sua forma de semente, em uma nova vergôntea. Toda forma se dá e, ao se dar, caminha para a morte. Mas se assim na vida há morte, na morte há também vida. Assim a beleza da virgem floresce na maternidade, finalidade da beleza, que deste modo se deve romper para gerar seres novos.

Os melhores indivíduos, na sociedade, são perseguidos ou abandonados, e eles se devem dar, criando na solidão e no tormento. O homem mata os seus profetas, para se apressar, depois, a exaltá-los e a colher, como preciosas relíquias, o que não conseguiu destruir. Então o que resta se torna sagrado, pelo sacrifício do grande que se imolou. Este é venerado pelo mesmo involuído que não pode deixar de sentir nele um pioneiro da evolução de todos. Também os involuídos, agressores dos mestres, são necessários para que esses possam criar, sacrificando-se. Assim toda civilização desabrocha, floresce, frutifica e depois cai, deixando sobre o terreno humano as suas sementes. Desse modo, através do amor e da dor, se desenvolve a grande sinfonia criadora do universo.

O romper da forma, expresso na Eucaristia pelo partir do pão, representa o doloroso rompimento do Eu e a reabsorção do egoísmo separatista no altruísmo ascendente para a universal unificação em Deus; significa o reconstituir-se em unidade, por parte de um universo egocêntrico em Deus. E de fato toda criatura, no seu egoísmo, repete em escala menor, em toda altura, o mesmo esquema. Mas, egoísmo e altruísmo não são mais que posições diversas e questões de amplitude. Também Deus é egoísta no Seu universo. Mas o Seu egoísmo é tão altruisticamente amplo, que compreende todas as criaturas. O egoísmo destas, ao contrário, não compreende senão o seu Eu isolado, além do qual não há compreensão e harmonia, mas estridor e luta. Quanto mais se sobe, tanto mais o egoísmo é compreensivo e unificador. O Eu involuído ignora o vizinho, é desorganizado e belicoso, desagregante e destruidor. De baixo ao alto, esse egoísmo rompe-se, pouco a pouco, de círculo em círculo, e isto é dor, amor e conquista. Sobe, sobe, em Deus o egoísmo alcança a sua infinita dilatação, que a tudo e a todos abraça, coincidindo, assim, com o absoluto altruísmo. Em Deus, egoísmo e altruísmo se fundem, sendo uma coisa só. O universo, subindo para Deus, vai de um egoísmo separatista a um egoísmo sempre mais unitário e altruísta, para reencontrar assim, em Deus, a sua unidade. Dessa forma, conforme o princípio das unidades coletivas desenvolvido em ***A Grande Síntese***, os seres se unem em organismos sempre mais complexos e completos, do núcleo, que no átomo rege os seus elétrons, aos agregados de miríades de átomos que formam a matéria, ao núcleo do protoplasma, à sociedade de células, ao organismo animal, humano, à família, à classe social, à nação ou povo, à humanidade, à organização progressiva de todas as humanidades do universo. Tudo, na química atômica às estruturas orgânicas, dos sistemas solares e galácticos às coletividades animais e humanas, tudo nos fala de associação. Nela o egoísmo se expande em amor para o semelhante, porque nele vê a si mesmo. Neste sentido a hodierna psicologia coletiva de classe já é um progresso, porque é uma tentativa de nova unificação, antes não sentida. Quando o homem chega a sentir em toda criatura o seu semelhante, tanto de ver aí a si mesmo, como fazia São Francisco, então ele compreendeu e sentiu Deus. Assim o egoísmo torna-se amor e no egocentrismo absoluto de Deus encontramos o absoluto altruísmo e o absoluto amor. Nele todos os seres são compreendidos. Por isto toda criatura não pode viver senão em Deus. Para ela só existe um mal e prejuízo: involução, que significa estar distante de Deus; e só existe um bem para ela: a evolução que significa estar perto de Deus.

O homem que acredita que o romper da forma seja perda de vida, na sua ignorância se engana. Essa destruição não é morte, mas é condição de vida. Essa é a técnica da evolução, pois que, sem o fim da vida velha, a nova não pode nascer. O egoísmo que avaramente se agarra à forma para conservar, não vai para a vida, mas procura deter o seu fluir. O homem assim procede porque ignora a infinita, inexaurível riqueza da fonte divina. A destruição da forma não é perda, é libertação. O homem não sabe que é eterno, indestrutível, centelha de Deus, destinado a subir sempre mais para Ele em alegria e potência. A forma não é a vida, mas é o invólucro que, embora exprima, também aprisiona a vida. Evoluindo, não temos mais necessidade do corpo para nos exprimir, nem dos seus sentidos limitados feitos para um meio denso. O porvir está no ato de superar a forma, o que é expansão de vida. É, justamente, através da sua espiritualização que ela adquire um dinamismo sempre mais intenso, uma agilidade e uma potência, um conhecimento e uma liberdade antes ignorados Cristo veio ensinar-nos essa indestrutibilidade da vida, com a Sua ressurreição. Assim o homem que se sacrifica pelo bem dos outros não se danifica ou se mata, mas conquista uma vida maior. O altruísmo absoluto, destruidor do Eu, não compensado por uma correspondente conquista, não existe no universo. O que é antivital é absurdo no seu sistema. O sacrifício é admitido na economia da vida

porque, quando se deve verificar, ele representa uma real vantagem, uma conquista, uma ascensão. O homem atual está fechado num utilitarismo restrito, imediato e não compreende esses outros utilitarismos amplos e de realização remota. E muitos dos seus erros e, portanto, dores, são devidos à sua ignorância. É inerente ao seu estado involuído o não saber viver senão as suas pequenas verdades parciais, de superfície. Todavia, até que não tenha amadurecido para uma verdade mais ampla e completa, a verdade precedente, inferior, é sempre útil para percorrer o precedente trecho de evolução. Percorrido este, a velha verdade cai por si, e a nova desponta na compreensão humana. O mundo avança desse modo. Hoje o homem crê enriquecer agindo egoisticamente e, ao contrário, ele empobrece, porque se fecha no egoísmo como em uma gaiola de ferro que o sufoca, lhe impede a expansão, o isola das fontes da vida. Amanhã ele compreenderá mais e compreenderá o mais amplo utilitarismo do altruísmo.

O homem, fundindo-se no próximo, amando-o como recomenda o Evangelho, provoca o processo da reunificação que reconduz o ser a Deus. Enquanto o movimento centrífugo, que distancia o ser de Deus, tende a reforçar o egoísmo, fazendo do Eu um centro independente que se levanta contra Deus, um centro em torno ao qual o Eu tende a atrair e a ligar quanto mais criaturas e coisas possa, o movimento centrípeto, que conduz o ser a Deus, tende a romper o egoísmo, reconhecendo Deus como cada vez mais centro universal, fazendo convergir para Ele, tudo e toda criatura. O egoísmo representa a rebelião de Satanás, o princípio separatista, anti-unitário do anti-Deus. A criatura gerada pela separação do Uno, que se deu em sacrifício por ela, em vez de reencontrar a plenitude dada pela unidade, a Ele retornando em sacrifício pelo mesmo amor que a gerou, procura reencontrá-la naquele reflexo da unidade que tem em si e, para não querer enfrentar a fadiga de tornar a subir, detém a vida na limitação, pretendendo, com um só fragmento, poder reconstituir o todo. É assim que nasce o mundo luciferino, a paródia, uma unidade partida, um mundo às avessas como todo fragmento, negativo, contraditório, inquinado nas próprias raízes, por essa subversão central, pelo que o amor se torna ódio, o sacrifício, prazer efêmero e traidor, a construção torna-se destruição, a ascensão para a unidade torna-se descida para uma sempre maior separação. Essa é a mecânica do sistema, o que explica como tantos que se aliam no mal acabam em guerra entre si, como as suas construções são feitas para ruir, como quem opera nessa direção esteja de tal modo embebido pela própria atmosfera de negação, que não pode construir senão às avessas, isto é, destruir tudo e, no fim, a si mesmo. E eis, então, que o egoísmo que parecia a mais segura das conquistas, fica sendo, ao contrário, a via da perda, e o altruísmo, em que aquele egoísmo se rompe e que parecia uma perda, se torna uma conquista. Tal é a estrutura do nosso universo.

Essas realidades estão presentes em qualquer parte, esses princípios funcionam em qualquer lugar. Em nosso mundo involuído, portanto ignaro e inconsciente dessas verdades, predomina o segundo aspecto luciferino da verdade invertida, consequentemente a cegueira, a ilusão, a traição em tudo. Não há senão uma salvação, seja para o indivíduo, seja para a sociedade: inverter a direção, reencontrar o caminho da ascensão, desfazer a ilusão que nos faz parecer utópico o Evangelho, ver e aplicar a sua suprema sabedoria. Quem compreende, tem a sensação clara que ao mundo de hoje ficou cortada a via das fontes da vida. Ele se faz sempre mais desapiedadamente egoísta e ávido e está, todavia, sempre menos satisfeito de tudo; para se fazer mais rico ele se torna sempre mais pobre, não aspira senão a possuir e, no entanto, isto se torna sempre maior mal, quer gozar a todo custo e com isto não consegue senão ligar-se a um tormento sempre maior. E no entanto esse tormento é a única salvação do mundo, porque o obrigará a mudar de rumo, em direção oposta. O instinto de expansão, que é próprio da vida, nunca poderá saciar-se, assim invertido no domínio material que, ao contrário, é uma servidão. Aquela necessidade não pode ser satisfeita senão no espírito, indo para Deus e não para as coisas. Assim, por pouco para nos enriquecermos matamo-nos em grande escala; os imperialismos, que deveriam conquistar, se resolvem em guerras de destruição para todos, especialmente para os chefes que as quiseram. E também a nossa ciência, maravilhosa conquista, arrisca fazer naufragar o mundo que queria elevar, e isto, justamente, por essa fundamental direção invertida. Como se vê, as leis do universo são tão onipresentes, que penetram a nossa tangível realidade quotidiana. Os meios de que o homem dispõe hoje, o seu domínio sobre a natureza, são infinitamente maiores do que os dos velhos tempos. E, no entanto, jamais ele foi tão inquieto como hoje é; a celeridade para poder satisfazer-se, não faz senão com que aumente essa inquietude. O homem sente que, do outro lado das suas conquistas, há para ele o vácuo,

falta a meta para onde dirigi-las e que a direção atual é para a destruição. Aquelas conquistas não são positivas, mas negativas, avançam em descida, não em ascensão, para a separação e não para a unificação. Na nova hodierna potência construtiva da ciência, tudo se despedaça nas mãos do homem. Ele, ao contrário, tem fome de unidade, sempre mais. A vida quer ir para sempre maiores unidades. Essa é a idéia que fascina as almas, embora oneradas pela nostalgia, de poderem se realizar conforme os planos do universo. Mas somos divergentes em tudo, não sabemos nos exprimir senão em forma de luta, procuramos dominar, impondo-nos em vez de compreender e conhecer, a ciência tende a pulverizar-se na especialização e o conhecimento se torna instrumento de guerra. A conquista, ao contrário, não se pode exercer senão por vias convergentes para a unidade, em todo campo, unidade política, religiosa, filosófica, científica, social.

A grande lei do progresso é: unificar-se. A vida não pode ascender senão por essa via. A ordem prepotente para a unidade grita em nós. É Deus uno que nos impele a fraternizarmo-nos e a compreendermo-nos. É a vida una que nos diz que somos, cada um, parte de um mesmo organismo e que o separatismo egoísta o mata. É o princípio uno do todo que quer que a célula-indivíduo funcione na humanidade e esta no universo, harmonicamente. Tudo isto clama da profundidade, fala de dentro de nós; a todo passo, a realidade inimiga nos adverte que estamos em falso caminho, mas o mundo continua impávido. Então o poder de Deus nos mandará golpes tais, que quem sobreviver será obrigado a render-se à sabedoria, única salvação. Pois que o amor é lei suprema e deve triunfar custe o que custar. O mal e quem o segue, é destinado à autodestruição. De fato, tal é o desespero de quem o personifica, que ele muitas vezes tende a matar-se, coisa que não acontece em quem, mesmo sofrendo igualmente, representa o bem. Quem compreendeu o funcionamento do universo, sabe que Deus não pode ser vencido e que ao Bem cabe o triunfo final. E Deus nos incitará sempre a alcançar a nossa felicidade na harmonia. O método do separatismo é antivital, obstrui o caminho da fonte de Deus; não se pode reger, pois, senão por desgaste do ser que não pode atingir senão as suas reservas, que cedo ou tarde deve exaurir, do ser que não pode existir senão por seu esforço sempre maior, tendente à agonia. Quem segue esse método, ou inverte o caminho, ou vem a ser destruído por esgotamento. Esse, por suicídio ou esgotamento, é, para quem não se quer emendar, o fim do mal no sistema do universo. Assim vemos que, no sistema desejado por Deus, já está assegurada a vitória final do Bem. Tudo pois, no fundo, é perfeito, mesmo ~o mundo de hoje que não pode impedir absolutamente a Deus de alcançar os seus fins

O indivíduo é livre de encontrar a plenitude do ser em Deus ou de encontrar a anulação na direção oposta. O fim do mal, por sua natureza, negação de tudo, é no nada, não no sentido que a substância se possa anular, mas no de que, por esta via, ele involuindo, se despe da vida em favor de quem está do outro lado e que dela se enriquece sempre mais. O ser é livre de seguir o mal, mas ele é, por essa via, sempre mais despojado em prol do bem. Dessa maneira o mal é destinado, pela sua própria negação e, portanto, falência, a alimentar o bem e, assim, a desenvolvê-lo. Os malvados, ou se redimem voltando para Deus, para subir, ou, precipitando-se em uma dor crescente e sempre mais desesperada, se anulam, de acordo com a liberdade e a justiça. Assim, o dualismo, temporânea cisão com escopo criador, será reabsorvido na unidade, através da ascensão, de um lado, e da anulação da vida, do outro, em favor da vida. Uma dor e punição eternas, num eterno reino de Satanás, seria a vitória deste e a derrota de Deus. É a dor — escola que provê a salvação. Mas, se a criatura livre não quisesse senão o mal, este, através de um intensificar-se de autodemolição, a levaria à perda da liberdade e consciência, numa catarse invertida ou dissolução, cujos produtos, transformados de negativos em positivos, reentram no bem. De tudo isto o universo atual não nos pode mostrar senão a tendência. Mas toda tendência é destinada a se resolver em realização. Este é o impulso que rege a vida e ele deverá alcançar a meta que a sua trajetória nos indica.

Por outro lado, quem evolui se libertará sempre mais da forma, por graus, espiritualizando-se. Libertar-se-á do relativo, do limite, sempre mais achegando-se a Deus. O ser, depois de haver percorrido as fases do nosso universo, matéria, energia, espírito, ainda muito mais terá de caminhar. A anulação da forma por reabsorção em Deus será o fim do universo atual, Sua manifestação. O respiro, de dois tempos, involução e evolução, separação e unificação, estará completo, o circuito será fechado, o ciclo dualístico estará concluído em unidade. Isto não impede que Deus não possa iniciar, da imobilidade, outros

movimentos em dimensões para nós inconcebíveis e que não os haja já iniciados. E, então, não nos encontraremos somente diante da atual criação limitada, mas de uma pluralidade de criações de quem sabe quantos e quais tipos, por parte de um Deus absolutamente transcendente que, mesmo fundindo-se em sua manifestação total, permanece sempre acima, distinto e independente de cada uma delas. Neste sentido, aquela imanência que hoje verificamos em nosso universo desapareceria como fato acidental, na relatividade e transição de toda a criação, reduzida assim a um dos tantos momentos da manifestação da absoluta, imóvel transcendência de Deus.

Neste ponto a nossa mente se perde, a vertiginosa visão desaparece e a alma se prostra diante de Deus, em prece, amando e adorando.

XVII

AS ÚLTIMAS ORIENTAÇÕES DA CIÊNCIA

Os conceitos acima expostos foram obtidos por visão, isto é, usando a psicologia da intuição que, como dissemos, para alguns indivíduos sensibilizados por evolução, pode constituir um verdadeiro método de investigação. A forma mental que fala nestes últimos dois capítulos é o ápice da curva da onda na oscilação da personalidade, fenômeno que já observamos. Seguindo a ascensão da onda na referida oscilação, obtivemos progressivas visões da verdade. Iniciamos este volume partindo do ponto mais baixo da depressão da onda, expondo, assim, uma verdade concebida com uma psicologia de involuído que permanece na superfície e, não vendo a mais profunda realidade das coisas, logo a nega. E aí está como alcançamos outra verdade.

Propomo-nos agora examinar os conceitos aqui mencionados, não com a psicologia da intuição com que foram alcançados, mas com a psicologia racional usada, hoje, pela ciência. Estamos no meio do caminho, o do intelecto normal, entre os dois extremos mencionados, na oscilação da onda da personalidade, e neste nível devo agora exercer a minha atividade, com a psicologia correspondente. Ora, em face justamente do plano evolutivo dessa psicologia, a ciência está ainda distanciada de uma síntese universal, possível somente em mais altos níveis mentais. Todavia, será muito útil observar os resultados obtidos por ela, enquanto se baseiam em dados experimentais controlados, o que lhes fornece uma segurança que o intelecto racional não sente nos planos mais altos. Porém, somente nestes é que se podem operar amplas sínteses, enquanto o campo da ciência é muito mais limitado. Faltam-lhe elementos de caráter espiritual e moral, que ignora, enquanto a intuída unidade do universo nos faz presumir a existência de relações ainda entre as coisas mais distantes, o que tende a fazer da ciência, filosofia, religião, moral, sociologia etc., uma só coisa. Justamente por este princípio de unidade, o mundo observado pela ciência, conquanto limitado, não deve contradizer no seu âmbito a mencionada visão universal, antes, por estar em seu nível, deveria confirmá-la. Agora observaremos o que diz a ciência, para ver se ela se dirige para aquela síntese ou dela diverge, e quais elementos indicadores ela pode fornecer para se dirigir naquela direção.

A ciência, com o seu método objetivo-indutivo, se nos apresenta como uma psicologia de prudência e de desconfiança, caminhando sem poder ver os grandes planos do ser, sobre um terreno infiel, que continuamente experimenta e controla. Caminha, assim, por tentativas e incertezas, lentamente, por hipóteses e teorias, mas, em compensação, os seus resultados são positivos, controlados, aplicáveis por todos. As últimas verdades que a intuição percebe em clarões de luz, fogem, constituem uma meta desconhecida e distante. Mas, conquanto ignorada, é a essa meta que a ciência tenta avizinhar-se através da descoberta e da

coordenação de verdades parciais, por aproximações sucessivas. Tal é hoje a forma assumida pelo pensamento humano no seu progredir. Forma relativa. Evite-se, pois, tomar como definitivos e como base de orientação filosófica, os últimos resultados, que são e foram sempre superados aos poucos. E a última verdade alcançada que modela o pensamento coletivo, porque mais o fere. A antigüidade foi dominada pela concepção platônica e aristotélica, em seguida pela agostiniana e tomística. Depois a ciência objetiva e experimental suplantou a especulação abstrata. Mas logo após, também a física clássica de Laplace, Galileu, Kepler e Newton e as concepções mecanicistas do mundo foram superadas pela física estatística e quantística (Planck) de hoje. E, assim, também esta será superada. Houve tempo em que se acreditava na lógica apenas e se desprezava a experimentação, como de um contato contaminado do pensamento puro. Todavia, conquanto perfeita em si mesma, somente a lógica não pode superar a função de coligação. Ela é uma corrente que se não está apoiada num ponto sólido, não sustenta nada. Assim, também na forma mais excelsa, a matemática. Caminhando, dessa forma a ciência materialista superou, desmaterializando a matéria, todo o seu materialismo. Ela mesma que é tão racionalmente positiva, não pode progredir senão confiando no método irracional da intuição, isto é, criando, além de toda lógica e método, ao encontrar relações impensadas entre os fatos e conceitos mais distantes. E na coligação entre experiências, e na visão do seu significado, que relampeja a intuição da lei que as regula; é no descobrir as relações, que a análise racional não basta E nisto consiste, muitas vezes, a descoberta. Desponta então a hipótese, como tentáculo lançado para sondar o mistério. Depois ela se desenvolve em teoria e, somente então, começa a trabalhar a psicologia racional da ciência, que controla com a observação e a experimentação para validar ou condenar. Se os fatos dão razão à nova teoria, então a velha rui e é abandonada. E, assim, lentamente, se dá a escalada para a verdade.

A força do positivismo está neste manter-se em contato com a realidade, tornando-se exato observador Pede-se a resposta aos nossos quesitos, não á lógica, mas à experimentação. Pergunta-se tenazmente qual é o pensamento diretor que, escondido, rege os fenômenos, dado que não se pode deixar de admitir, em toda parte, um princípio diretor e ordenador. Nem a ciência pode interrogar Deus, uma vez que lhe são desconhecidos os contatos do místico. Não lhe resta senão segurar aquele divino pensamento através de sua manifestação concreta, nos fatos, lá que ele, ao menos no plano físico, não se exprime senão através das formas concretas e da ação. Certo é que, além da medida necessariamente sensória, portanto, relativa, embora aperfeiçoada, aí deve haver urna realidade verdadeira e profunda, que foge à ciência: e esta não pode fazer mais do que tornar mais poderosos e mais exatos os seus meios de investigação, mais abstratos e independentes destes e dos sentidos os próprios métodos (operações matemáticas puramente formais) menos antropomórficas as suas representações. Diante da realidade, uma medição é coisa bem outra do que um fato simples e objetivo, mas é a resultante de um processo de ações e reações entre fenômenos, meios de investigação, órgãos sensórios e psique do observador. Dessarte a ciência, progredindo, acaba por ter que negar a sua objetividade, devendo considerar cada observação como de um fenômeno entre tantos outros, todos em relação da interferência. Não que o fenômeno perca consistência objetiva e se reduza a um complexo subjetivo de percepções, de modo que, suprimidas estas, o fenômeno não exista por si mesmo. As próprias metas distantes da ciência, que ela ainda não vê, mas para as quais, também, tende porque estão no final do caminho, são de caráter filosófico, metafísico e espiritual, uma realidade incontrolável experimentalmente. Quantos limites, pois, à objetividade do positivismo, que incerteza no registro e interpretação das mensagens obtidas com a observação de um mundo real suposto na profundidade além das aparências sensórias! Como estabelecer exatas relações entre o mundo experimental dos sentidos e essa desconhecida e recôndita realidade? E como alcançar uma realidade absoluta, independente dos sentidos humanos?

Por outro lado, exprobrou-se essa ciência por ser, com prevalência, utilitária. Mas devemos, também, reconhecer que se a ciência nasceu, foi devido ao humano espírito utilitário. Foi a necessidade de orientar-se na navegação, de medir um terreno, de curar uma doença, de defender-se em todo campo que a originou. O que vale. mais que a exatidão e verdade de uma idéia. é muitas vezes. a sua fecundidade Da absurda procura de uma pedra filosofal para a transmutação dos metais em ouro, nasce a química; a procura do moto perpétuo fez descobrir os princípios da dinâmica. Mais tarde, a teoria de Einstein nasceu da idéia da velocidade absoluta da terra e a física atômica nasceu do conceito astronômico do átomo de Bohr. A história da ciência é

semelhante à história de todos os eventos humanos: acaba-se muitas vezes a um lugar em que nunca se havia pensado. Tudo passa e muda na vida. Muitas filosofias dominaram e caíram no olvido para depois renascerem mais amadurecidas. A metafísica dominante, há um século, faliu e assim será ultrapassado, amanhã, o positivismo de hoje. Tudo passa, desaparece e retorna como as ondas do mar, no entanto, se renova, e dessa maneira se lançam novos pontos de pensamento, se estabelecem novas conexões com fatos antes concebidos a distância e que, desse modo, se avizinham dos já conhecidos, refazendo no futuro, em novos campos, o que foi feito no passado para chegar até aqui, até o que hoje é conhecido, antes inexplorado. Uma descoberta não cria coisas novas, tudo já existe, mas estabelece novas relações entre as coisas, dando-lhes novos significados Muito da civilização moderna consiste na multiplicada possibilidade de trocas e de relações. É assim que, através de hipóteses de trabalho, fatos antes desconexos, vêm a formar uma teoria, isto é, uma coluna do pensamento validada pela experiência, e enfim um organismo lógico revelador de uma unidade diretriz, ou lei sempre mais ampla. É dessa maneira que a ciência, num caminho lento e prudente, mas seguro, procura reconstruir por graus no plano do conhecimento humano a profunda ordem que está nas coisas, numa sempre mais perfeita imagem científica do mundo. A ciência, através de sua cansativa investigação, cumpre com sacrifício o mesmo trabalho de reunificação do todo, que é a base das ascensões humanas. Assim, como tínhamos acima exposto para outros campos, também o progresso da ciência representa o retorno do ser à fonte una que tudo gerou. Neste sentido ***A Grande Síntese***, que nunca pretendeu fazer novas descobertas particulares, fez a de coligar em unidade os fenômenos mais díspares. E fazer um organismo com o acúmulo de materiais diversos é verdadeira obra de criação, como o é a hodierna formação das grandes unidades sociais, em que os indivíduos componentes gozam de uma vida mais elevada em poder, utilidade e vastidão.

Vejamos, pois, o que nos diz a ciência, em relação à mencionada visão, enquadrando isto no sistema universal de ***A Grande Síntese***, sem a qual tudo é compreensível apenas no particular. O princípio das unidades coletivas nela exposto (cap. XXVII) implica o de uma escala de formas hierarquicamente ordenadas no sistema do universo, em que a superior compreende a inferior, que se organiza, com outras semelhantes, em uma síntese mais elevada. Esta é uma unidade coletiva que tem a função de coordenar as atividades das menores unidades componentes para novos fins que transcendem os de cada uma delas isolada, e isto sempre segundo o conceito acima exposto do universo, princípio unitário, e da tendência unificadora que ele imprime em todas as coisas. Esta coordenação é uma questão de relação, pela qual os indivíduos componentes modificam o seu valor, se potenciam, como é lógico, pois que a unificação é retorno a Deus, isto é, volta para chegar perto do centro genético. Assim o reagrupamento coletivo tem ação amplificadora e o poder aumenta com a unificação, hierarquicamente de grau em grau, em unidades sempre mais vastas e orgânicas. Agora, vários cientistas já sobrepõem ao mundo físico-químico o mundo biológico e a este, o mundo psíquico e espiritual. Trata-se de planos de existência, em que as leis do plano superior dominam e guiam as dos inferiores. Todo plano tem um limite além do qual, num nível mais alto, as suas leis, mesmo permanecendo, não têm valor senão em função de uma lei superior e por si só não são suficientes para explicá-la, nem para dirigi-la a nova unidade.

Dada a estrutura hierárquica do universo, toda unidade é sempre coletiva, isto é, formada por menores unidades componentes coordenadas em organismo, de modo que a observação, toda vez que defronta uma individualização, acaba por decompô-la analiticamente nas menores unidades componentes. Toda unidade, pois, é sempre síntese, e é analiticamente decomponível em unidades menores, que por sua vez são sínteses maiores em face das unidades-sínteses menores, ao infinito de ambos os lados. A observação pode assim mover-se em duas direções: a analítica que vai para as sempre menores unidades componentes ou a sintética, que vai para as maiores unidades originadas. Ora, a ciência objetiva parte de um dado plano de unidades-sínteses, admitido por axioma e "a priori", que é o dado por meios sensórios da sua observação. O trabalho da ciência foi o de decompor as unidades desse plano nos seus elementos componentes. Por estas razões a ciência é analítica. Esta direção lhe foi dada pela própria estrutura das coisas. Partindo da matéria, unidade sensória para o homem, a ciência penetrou a sua estrutura molecular e atômica. Porém, não se percorreu com isto, senão um mínimo trecho em descida, enquanto o caminho é sem fim, seja em direção descendente de análise, seja na ascendente de síntese. Dizemos descendente porque é na direção da análise

que se procede para a pulverização periférica centrífuga do uno na forma, e dizemos ascendente porque é na direção da síntese que se procede para a reunificação centrípeta no uno da substância. E o caminho sem fim pode ser percorrido, não somente em direção analítica como faz a ciência, mas em sentido oposto, em direção sintética. E, então, em vez de penetrar na estrutura atômica da matéria, podemos conhecer as unidades sínteses superiores, como pode ser, por exemplo, o organismo múltiplo humanidade e sociedade de humanidades e a sua alma coletiva.

Agora o observador não é exterior ao fenômeno e distinto dele, mas é um fenômeno no fenômeno. A sua posição está num dado nível de hierarquia ou escala evolutiva, e deste ele pode olhar em torno no próprio plano, ou para os superiores, de baixo, ou para os inferiores, do alto, isto é, a sua investigação pode hierarquicamente descer por via de análise no particular, ou subir, por via de síntese, no universal. O pensamento humano há tentado umas e outras vias, as primeiras com o método indutivo e as segundas com o método dedutivo. Agora, o princípio de Einstein da relatividade, em dependência do sistema de referência escolhido, é aplicável pelo observador também a este caso, enquanto além da trajetória típica de um desenvolvimento fenomênico, há ainda a do transformismo evolutivo dele, como há um semelhante transformismo também no fenômeno representado pelo observador. Então a descoberta científica se pode operar, não somente pela projeção do olhar indagador em um outro plano, mas pela transformação evolutiva, isto é, biológica, do próprio observador. Eis assim justificada a afirmação, muitas vezes feita nestes escritos, de que o maior progresso no conhecimento resultará sobretudo da transformação do homem atual no superpsíquico tipo biológico do porvir. E assim a ciência poderá avançar ainda pelo_desenvolvimento das qualidades sensórias e psíquicas do homem. É evidente que toda a perspectiva do conhecimento atual poderá mudar quando o ponto de vista houver mudado, pela diversa posição biológica do observador.

É certo que o nosso mundo sensível de onde deriva também a sua interpretação científica, é um mundo sensório e relativo. Sentimos axiomaticamente que, além dele, deve existir uma realidade, diante da qual o que registramos é ilusório. Indagando em todo campo e evoluindo, procuramos chegar sempre mais perto dessa realidade, com uma interpretação sempre mais exata. Analiticamente decompondo, com a observação, uma unidade-síntese nos seus elementos, a ciência transfere ao relativo grandezas antes consideradas últimas e absolutas. Assim, à medida que se conquista o absoluto, este retrocede. Todo registro, ainda que pareça o último em profundidade, é sempre um registro de síntese, atrás do qual se esconde a possibilidade de ulteriores registros de análises reveladoras de outras leis mais particulares. Mas se a nossa registração é progressiva e verdadeira em relação à realidade, ela é relativa e nos dá uma realidade relativa; é por isto ilusória? Não. No âmbito do seu campo relativo, ela é absoluta, no sentido que é uma exata representação de uma dada unidade-síntese no seu plano e verdadeira somente nesse plano. É saindo desse plano e quando vista de outros pontos, que ela se torna ilusão. Quando de fato os filósofos indianos falam da grande Maya, é porque eles se põem em um ponto de observação espiritual acima do plano da matéria, que então parece ilusão. Mas. para os materialistas e os seres materiais, a matéria é realidade absoluta, ao menos enquanto eles fiquem naquele campo e vejam com os olhos daquele plano. Porém, logo que se passam os seus limites, aquela se torna relativa e desaparece, como ilusão. Todo o mundo torna-se ilusório, logo que é olhado de um mundo mais alto. E então procuramos realidades mais elevadas, próprias de unidades-sínteses mais amplas que, superando-as, abraçam esta nossa realidade de relação. E é de fato na unidade-síntese maior que podemos encontrar a lei compreensiva das menores, em que elas se coordenam e onde as diferenças que as tornam reciprocamente relativas e ilusórias, são superadas e conciliadas. Tudo isto não pode ser senão uma tendência, um caminho para uma última realidade ampla ao infinito, que compreende todas as outras. Mas ela é infinita e não é alcançável pelo nosso atual concebível, em razão de suas dimensões.

Vejamos o que diz a ciência a este propósito, no campo mais concreto da física. Ela confirma plenamente estes conceitos. Acima assinalamos o sobrepujamento da concepção mecanicista clássica do mundo pela moderna física estatística e quantística. Descobrindo a estrutura atômica da matéria e concebendo-a, não mais segundo as leis dinâmicas, mas conforme as leis estatísticas, a ciência moderna, que parece haver invertido as suas concepções precedentes, confirmou plenamente os conceitos mencionados,

isto é, o princípio das unidades coletivas, de unidades-sínteses analiticamente decomponíveis, de hierarquia de unidades e de leis, de pulverização no particular da unidade do universo, de uma progressiva divisão e complexidade no relativo, ao polo oposto do outro extremo do simples e uno no absoluto. A teoria da relatividade de Einstein e a hipótese dos "quanta" de Planck, que revolucionaram a ciência, confirmam estes conceitos. Expliquemo-nos.

Os movimentos brownianos, descobertos em 1827 pelo botânico inglês Brown, são devidos, provou-se recentemente, à estrutura molecular da matéria pela qual as invisíveis moléculas de um líquido ou de um gás são as que chocando-se com as mais microscópicas partículas aí suspensas, lhes comunicam um movimento irregular. Este depende da distribuição assimétrica dos choques impressos por aquelas moléculas. Pode-se, assim, pouco a pouco, provar o caráter descontínuo de quantidades antes tidas como contínuas. Chegados, assim, a conceber a estrutura atômica da matéria, a física clássica pareceu ruir para dar lugar a uma física quantística ou estatística, em que dominam, não mais leis dinâmicas, mas leis estatísticas ou de probabilidade, não mais reguladoras de um caso particular, mas de inumeráveis processos particulares; leis que governam uma multidão de acontecimentos. em que o indivíduo desaparece. Desse modo a ciência superou a sua antiga interpretação mecanicista do mundo. Não mais propriedades que definem deterministicamente, mas probabilidades que regulam as variações no tempo, conforme leis estatísticas relativas a grandes agregações de indivíduos.

O refinamento alcançado pela técnica experimental moderna permitiu descobrir esse mundo que, sem destruir o precedente conhecido, aparece novo porque está além dele, mais profundo no seu intimo. O que formava o objeto da física clássica não eram senão as mencionadas unidades-sínteses, das quais uma análise mais progressiva acabou por revelar a composição. Antes se havia tomado como princípio único e definitivo, irrevogável e absoluto, aquele que depois se revelou ser a resultante de inumeráveis irregularidades livres compensadas, de modo a revelar, não as características do caso singular, mas as dominantes na massa. Estamos na primeira fase de penetração analítica da unidade-síntese e, portanto, o caso individual não foi ainda alcançado como indivíduo. A observação na física usa hoje o método estatístico das coletividades, em cuja conformidade se calculam os valores médios prováveis, em vez daqueles exatos para cada momento ou partícula.

Se tomarmos para exame o caso de um centímetro cúbico de ar, não poderemos calcular, conforme na velha dinâmica, a trajetória e os choques de cada um dos **25 trilhões** de moléculas (oxigênio e azoto). Isto requereria enorme tempo, depois elas são tão pequenas, numerosas e em tão rápido movimento que semelhante exame é impossível. O número das moléculas contidas em um grama de hidrogênio é de 303 seguido de 23 cifras **($303x10^{23}$).** A massa de uma molécula de hidrogênio é de pequenez fantástica, isto é, gramas **0,000.000.000.000.000.000.000.000. 033 ($33x10^{-27}$).** Podemos agora observar as moléculas nas suas qualidades coletivas de unidades-sínteses, sem que necessitemos conhecer o comportamento de cada uma. Poderemos, assim, conhecer a pressão do gás, calculando a velocidade média de cada molécula e desta obter aquela pressão, isto é, o efeito-soma de todos os choques produzidos por estas moléculas contra as paredes do recipiente. E o cálculo que exprime, não o caso singular, mas o resultado coletivo, é exato, porque sobre cada centímetro quadrado de parede chega o choque de um tal número de moléculas (cerca de 200.000 trilhões de choques por segundo) que, na prática, resulta uma pressão constante, cuja grandeza depende do impulso médio de toda molécula. No grande numero, as irregularidades individuais desaparecem numa regularidade coletiva sobre a qual, justamente, se baseiam as leis descobertas pela física clássica.

Ela se baseava em experiências de caráter macroscópico, o que significa uma grosseira vista de conjunto, que não penetra absolutamente na estrutura analítica da unidade-síntese e não chega a compreender os processos de dimensão submicroscópica que ocorrem no átomo. A humana observação sensória, conquanto a técnica científica se aperfeiçoe hoje, não pode penetrar nessa estrutura analítica e se deve contentar com as resultantes gerais de massa, sem nada saber do caso singular, como acontece no uso das estatísticas que conhecem o andamento geral do fenômeno, nascimentos, mortes, acidentes etc., sem nada

saber do caso particular isolado. Ora, uma ciência que trabalha sobre resultantes gerais de massa, obrigada a abstrair de uma realidade que se distancia sempre mais na profundidade e com a qual perde sempre mais o contato, se, de um lado, se livra de contaminações antropomórficas, de outro lado deve trabalhar e construir no vácuo, em forma de abstrações matemáticas, procurando somente depois a concordância dos resultados obtidos com a realidade experimental. É assim que a nova física deve confiar-se muito aos matemáticos, trabalhando com conceitos que não são os da corrente-concepção sensória. E a alta matemática já está muito perto da especulação filosófica. Não somente, pois, a matéria é hoje vista pulverizada na sua estrutura atômica, mas toda representação antropomorfa e sensória do mundo desaparece totalmente. Se isto conduz a ciência para um princípio ordenador de um organismo universal, do qual ela vê sempre melhor o grandioso funcionamento, lhe mostra ainda que o princípio do universo, Deus está tão além das nossas concepções antropomórficas, que para o homem se perde no inconcebível.

Agora podemos perguntar-nos: a moderna e mais profunda penetração analítica num mundo-fenômeno mais íntimo, fez verdadeiramente ruir a física clássica e as suas concepções? O fato de que a ciência mais panorâmica, sensória e grosseira, escavando em profundidade além da face exterior dos fenômenos, descobriu um mundo com leis diversas, não pode anular o valor das leis precedentemente descobertas, que permanecem, mesmo conquistando um valor relativo em relação a outros planos de existência e ficando absolutas em relação a eles. É verdade que o mundo sub-atômico não funciona como o mundo macroscópico. Naquele plano mais profundo ele não é mais uma grande máquina dirigida por absoluto determinismo e os seus elementos aparecem independentes e livres. Aparecem, assim, segundo a nova física os "quanta" de ação. Entretanto, é possível dessa desordem submicroscópica obter uma ordem indiscutível no plano macroscópico que é vista pela física clássica. O que esta denominava leis, sabe-se hoje que na realidade são apenas regras estatísticas formuladas "a posteriori", como resultantes gerais de massa, por isto não ficam menos verdadeiras. Somente, não aparecem elas como férreo determinismo, mas como regularidades estatísticas que, se no plano macroscópico conservam o valor e a verdade de leis naturais, no plano submicroscópico repousam sobre o acaso ou sobre a liberdade dos atos elementares. Mas, não são menos válidas do que antes. E se dizemos acaso para os atos elementares, é porque a ciência não encontrou ainda neste campo as leis inflexíveis e eternas que devem vigorar num plano mais profundo do macroscópico. A concepção estatística dessas tais leis não é senão a primeira fase de aproximação para o seu conhecimento.

A certeza das leis do mundo macroscópico é dada pelo grande número dos elementos e atos componentes, e por uma repetição preponderante em determinado sentido, de uma maioria de casos. O que forma essa regularidade estatística senão aquela repetição de casos? O que determina essa repetição? Se lançamos um dado exato, cada número sairá tanto mais regularmente por um sexto de vezes, quanto maior for o número dos lances do dado e, isto, pela lei dos grandes números. Mas se o dado tiver um defeito, quanto maior for o número dos lances, tanto mais claramente ele se manifestará nos resultados. Então a lei macroscópica está escrita nas qualidades dos componentes singulares e a regularidade estatística nada faz senão revelá-la. O conteúdo não é senão a revelação da natureza dos elementos individuais. É na qualidade da maioria dos casos que está escrita a lei que, mesmo manifestando-se agora como expressão de características mais íntimas, não perde, por isto, as características precedentes. Se o ato singular depende de uma lei mais profunda que, embora nos escape, denominamos acaso ou livre comportamento, a lei coletiva exprime e revela as qualidades dominantes nos casos individuais. Por isto não é menos absoluta hoje, já concebida como lei dinâmica, como lei estatística. Não é como se acreditou, por nada, rejeitado o conceito de necessidade absoluta, pela moderna física estatística ou quantística, que permanece determinística como a clássica. Não é, dessarte, prejudicada a necessidade da premissa que existam leis absolutas reguladoras que a física, como qualquer outra ciência reclama. Há somente essa diferença com a física clássica: havendo posto em foco a observação num plano mais profundo, hoje se pode considerar como secundário ou derivado o que antes se considerava como primário ou fundamental. Assim as "leis naturais" da ciência clássica não são abolidas e mesmo parecendo-nos agora como leis estatísticas, relativas ao plano macroscópico, distintas das do plano submicroscópico, não perdem, por isto, nada da sua verdade.

Para compreender, podemos referir-nos analogicamente. aos fenômenos sociais, em que reencontramos a mesma relação, pelo que o funcionamento do organismo coletivo é dado por leis precisas que se exprimem estatisticamente, enquanto no seu âmbito o indivíduo, regulado por uma outra lei, sente-se livre. Também neste caso, o organismo coletivo é dado pelas características dominantes nos componentes individuais, pelos valores comuns, enquanto os diferenciais se elidem. Vemos aqui o principio das unidades coletivas ressoar idêntico, do plano da matéria ao humano, com as mesmas características. E o que se disse do plano físico (organismo de átomos), agora do plano social (organismos de seres humanos), se pode repetir, ainda, do plano biológico (organismos de células) etc.

Quando as unidades individuais não são mais observadas singularmente, mas coletivamente, por massas a observação é conduzida de maneira macroscópica em vez de o ser de maneira microscópica, então aparece uma lei nova em que as características de minoria dadas pelas diferenças individuais se anulam e desaparecem, e ressaltam somente os caracteres predominantes comuns. Então sobre a minoria dos casos divergentes, triunfa a maioria dos casos concordantes. Para lá da lei do indivíduo aparece a lei do grupo, em que os singulares se fundem por homogeneidade de caracteres. Na mais vasta lei da unidade-síntese, é reabsorvida a lei de cada uma das unidades individuais componentes. Na visão panorâmica desaparecem os particulares e o indivíduo revive, não como tal, mas como síntese. Como os respectivos planos, as duas leis são contíguas, mas diversas. E como toda unidade coletiva é a resultante dos seus elementos componentes, assim toda lei de todo plano é a resultante das leis que dominam a maioria dos casos singulares. Assim, mais analiticamente se desce ao particular e mais se vai para a diferenciação dos princípios diretivos; e mais sinteticamente se sobe para o universal e mais se vai para a unificação e extensão dos princípios diretivos. Também neste campo da Lei, eles são hierarquicamente_conexos conforme os planos evolutivos do ser. E assim que, acima do espírito, há uma infinita hierarquia de leis que nos fogem, como no intimo da matéria há uma outra infinita hierarquia de leis que não conhecemos.

Dessa maneira, a visão sentida antes em forma filosófica e mística agora se prolonga em forma científica. E eis que o ponto clássico, ou um elétron que se move no espaço, pela ciência já é concebido como um conjunto de ondas; o que se acha ser o último indivisível elemento da realidade, é ainda, depois, decomposto em menores elementos componentes. Desse modo, conforme a mais recente física, este último termo da realidade não é senão uma contração de energia ondulatória, tanto mais facilmente e exatamente localizável, quanto mais as freqüências componentes do conjunto de ondas diferem entre si. Com uma freqüência única não é possível nenhuma localização, porque uma onda única em nenhum ponto se distingue de uma uniforme intensidade. Esse elemento, pois, pode formar-se lá onde numerosas ondas de várias freqüências interfiram entre si, de modo a se anularem reciprocamente no espaço e a, se distinguirem em sistema autônomo, somente em torno de um determinado ponto. Ora, dado que a "função de onda" é determinável segundo regras de cálculo bem definidas, adotando-as, se resolvem algumas dificuldades como as do elétron incidente, divisível somente assim em mais ondas incidentes, explicando desse modo o seu comportamento quando, isolado, ele fere uma lâmina de cristal.

Eis qual a substância que representa, conforme a ciência moderna, o elemento fundamental da realidade. O extremo corpúsculo material, qual o elétron, se dissolve em ondas, a substância fundamental, material de construção do edifício das coisas, é um puro campo eletromagnético, essas ondas não têm necessidade de se apoiarem em nenhum substrato material, sendo concebidas somente como modificações periódicas. A tudo isto não se sabe mais dar qualquer significado físico real, mas somente o lógico de representar a probabilidade matemática em que o elétron se encontre, naquele instante, naquele determinado ponto do espaço. A solidez do mundo físico_é, pois, toda sensória, e se reduz a algo que está bem distante da realidade física, isto é, a uma probabilidade matemática. Eis em que se tornou a matéria por obra da mesma ciência materialista. A série estequiogenética nos mostra como a matéria foi decomposta em 92 elementos. Depois, foi decomposto o átomo, à guisa de sistema sideral, em partículas dotadas de carga elétrica. Agora também essas últimas quantidades da matéria são reduzidas a determinações formais de processos ondulatórios, de modo que da matéria não permaneceu senão uma forma matemática, isto é, simplesmente variações dos fenômenos sem que aí esteja qualquer coisa que exista e persista, por si mesma, fora delas.

Não se pode admitir, de fato, uma substância absolutamente neutra, sem propriedades suas, as quais não poderiam deixar de influir sobre processos a ela relativos. De modo que por último a ciência da matéria se reduz a uma ciência de relações, a um puro processo lógico. Assim ela se encaminha a compreender como a última essência da matéria não seja senão uma abstração, um imponderável, um pensamento puro, o da mente diretriz do universo. Essa ciência se apresta a conceber como este puro pensamento haja podido criar, em Deus, como Sua expressão, o universo.

Desse modo, a moderna mecânica ondulatória no estudo das ondas não pensa num substrato físico, mas somente nas leis formais do fenômeno, de modo que a física pode hoje deixar de se referir a um substrato ou meio. Ele poderá existir, será um "quid" que ocupa contemporaneamente espaço e tempo, não se sabendo hoje como conhecê-lo. E assim a física o estuda como relação, no seu comportamento e não na sua essência. Dessa maneira, para poder continuar a trabalhar, a ciência e o seu sistema se tornaram independentes e para funcionar não têm mais necessidade dessa incógnita, que foi posta fora das suas equações. Tudo assim parece vaporizar-se no nada. Mas nem por isto a ciência identifica o mundo com o nada, mas crê que alguma coisa o distingue dele. E isto é um "quid" objetivo, independente do sujeito conhecedor que não é o ponto de partida das coisas. Mas esse "quid" não é por certo a matéria. Esta e a concepção materialista ficaram assim dissociadas e precisamente ao longo da linha do realismo e não ao longo daquela de um absoluto idealismo. Isto nos mostra que o materialismo, levado às maiores profundidades, por fim se confunde com o espiritualismo. Assim ruem tantas distinções, física e dinâmica, matéria e vida etc., tudo se torna, como já afirmei em ***A Grande Síntese***, a expressão de um mesmo princípio cinético. Não permanece, no fundo de tudo, senão um "quid" que no campo da física extravasa aquela forma sensória que chamamos matéria. Hoje a ciência chama "quid" ignoto o campo abstrato do puro pensamento. Mas um dia ele verá que o pensamento, de Deus ao homem, representa uma força criadora, significa uma transcendência em que é latente toda imanência, constitui o elemento genético de toda sua manifestação concreta.

Agora podemos compreender como o mundo, que nos aparece e que denominamos real, seja, além do limitado ponto de vista sensório, uma ilusão; compreender como essa realidade, que é uma síntese, se possa dissolver toda através da análise científica, e como a que vemos como estabilidade da matéria não seja senão uma estabilidade abstrata, isto é, dos princípios imateriais que a regem (o pensamento). E assim o materialismo como acontece em todas as formas de erro e para o mal, com o progredir da ciência materialista, se tem autodestruido e, embora ainda impere em nossa vida prática, já foi superado no pensamento diretriz, pois esta última interpretação do elemento extremo hoje conhecido como realidade, o elétron, é verdadeiramente uma ponte lançada pela física no campo do espírito. A ciência encontrou no fundo da matéria uma onda, uma vibração, alguma coisa que pode formar o elemento construtivo, seja da matéria, seja da energia, seja do pensamento. Achado esse denominador comum, possuímos os elementos fundamentais para demonstrar o físio-dínamo-psiquismo monista de ***A Grande Síntese***.

Assim concebida a matéria, conforme a física moderna, não há mais dificuldade em conhecer o espírito, conexo e substrato das formas materiais, dotado de potência criadora. Observemos, agora, a mesma realidade, não mais com o olho analítico da ciência, mas com o olho sintético de quem sobe ao longo dos planos do ser, ao longo das grandes construções da arquitetura do universo. A visão continua, não mais para o mundo físico, mas para o espiritual. Ela se dilata numa concepção cosmogônica em que a matéria aparece como uma organização elementar, dominada por uma hierarquia de formas de existência superiores em complexidade e potência construtora, entre as quais estão antes a energia e depois o espírito. Pelo que, como a energia representa o princípio criador e diretriz da matéria, assim o espírito representa o mesmo principio para a energia e depois para a matéria; Todo plano depende hierarquicamente e é dominado pelo evolutivamente superior. Assim a vida organiza para um mais complexo nível de química orgânica a mais simples química inorgânica, como esta tinha organizado os átomos em moléculas etc. Desta forma o espírito constrói o seu organismo com os elementos preparados pelo mundo biológico. Do espírito e além, se sobe para Deus, em domínio e potência criadora. A criação descende, assim, contínua, de Deus, mas de plano em plano, através de meios de diversa potência, que são instrumentos proporcionados ao divino trabalho criador que por meio deles se cumpre. Mas, seja mesmo como operários, os seres colaboram, como canais através dos

quais a criação se mobiliza e a manifestação de Deus se exprime. De sua parte o ser ascende, e evoluir significa também restituir sempre mais ao real o pensamento de Deus, significa dar forma a algumas coisas de verdadeiramente novo como forma e manifestação, se bem que já tudo exista latente em Deus. Assim a criação é contínua, pois que não se pode manter nada sem criar. Deus realiza essa criação através das criaturas. Quanto mais o ser sobe, tanto mais se torna criador, porque mais se avizinha e se assemelha a Deus. Assim o homem participa e se torna sempre mais participador da atividade criadora divina, que cria nele e por meio dele. A criação é atual e é assim que o Deus transcendente se torna também imanente no contingente, que não pode estar além d'Ele, que deve ser tudo. O homem que cria no pensamento já opera fora do espaço e do tempo e, por isso, ele é o ser terrestre que mais se avizinha de Deus e o primeiro artífice da Sua criação na terra. A atividade intelectual e espiritual do homem é obra diretriz dos planos a ele submetidos, da qual é investido, de direito, dada a sua posição hierárquica no universo. O criador das obras do pensamento é o ser que mais está perto de Deus na terra.

É assim que o espírito tem verdadeiramente potência criadora no sentido que plasma organiza e mantém em vida na forma desejada quanto existe nos planos a ele inferiores. Mas isto não significa que o mundo tenha uma existência somente enquanto seja uma pura criação subjetiva do espírito individual. O mundo, já dissemos, tem uma existência objetiva, independente do sujeito pensante. Ora, como se conciliam essas opostas afirmações? O que existe é efeito do pensamento ou é independente dele? Mas sobre a terra não há somente o pensamento humano. Ele pode dirigir a sua vida para algum fim, mas não todas as vidas, às quais outros pensamentos presidem. Eis o mundo objetivo, independente do homem. Não é o pensamento humano a única força diretriz do planeta. Dessa potência criadora própria do espírito, pode-se, porém, deduzir quanto interfira um fenômeno a simples presença do observador que, embora, esteja em posição neutra de pensamento, será sempre ativo, será uma força capaz de influenciar o fenômeno.

Ao termo desta visão, podemos perguntar: chegará a ciência a nos dar uma concepção do mundo, exaurida e demonstrada em todos os campos, tudo coordenando organicamente o que sabemos e o que saberemos, em uma síntese universal? Certo que chegará e por isso hoje urge compensar o atual divergente trabalho racional de análise, com um oposto, convergente trabalho intuitivo de síntese. Desde hoje, não se pode fazer uma filosofia ou explicar uma religião sem conhecer a ciência. Hoje não se admite mais um. pensador insciente de todos os ramos do saber humano; ele deve conhecê-los todos. Trata-se de descobrir as relações que façam desse esparso saber um todo orgânico. É necessária uma obra criadora de intuição que revele uma idéia que, sem representar nenhuma das particulares idéias tomadas em cada campo, represente uma nova, a da sua coordenação, o que significa criação de um organismo novo de uma potência muito maior do que a dos componentes particulares somados em conjunto. Não são as fórmulas e os complicados processos da matemática que criam, mesmo na física. Eles somente demonstram. O que conta são as idéias fundamentais, filhas das intuições, das quais, depois, nascem as teorias. Na origem destas estão. as idéias e não as fórmulas. É unicamente, em seguida, que aquele pensamento deverá tomar a veste matemática de uma teoria quantitativa para fins de controle experimental. Como na história temos o período clássico e o romântico, a guerra e a paz, a revolução e a reconstrução, em biologia, o macho e a fêmea, em física, o núcleo e os elétrons e, em astronomia, o sol e os satélites tudo sendo assim bipolar, avançando por opostos períodos de onda, também a ciência é bipolar e avança por clarões de intuição criadora antes, e, depois, por paciente controle analítico racional. Assim também a elaboração racional da mais árida ciência presume como ponto de partida, o seu oposto, e esse ponto de partida é uma fé. E que é uma hipótese de trabalho, senão um ato de fé?

Trata-se de antecipar e, sem fé, não se antecipa Poder-se-á dizer fantasia, intuição, mas estamos sempre em um campo super-racional, o único de onde pode partir a primeira centelha. Assim a ciência, que foi mas não será inimiga da fé, nasceu e não pode nascer senão de uma fé. Se a observação não é assim fecundada, se os dados da experiência não são coordenados pelo espírito, tudo permanecerá material desconexo e a ciência nunca saberá concluir. Ela não é somente observação, mas também síntese das observações. Dessa maneira, como em qualquer parte, somente uma grande fé é criadora igualmente no campo da ciência. Ela é o impulso que sustém o homem em qualquer parte, mesmo na confusão das áridas fórmulas

matemáticas. Desse modo. uma obra, ainda que tecnicamente imperfeita e parcialmente errada, pode ser frutífera e genética, porque sustentada por uma grande fé, da qual só pode nascer a intuição genial. Com isto se entende uma livre, espontânea fé sentida. O cientista, que deve indagar sem preconceitos, não pode estar ligado "a priori" a absolutismos dogmáticos em nenhum campo. Uma fé orienta, impele, aguça os sentidos e gera a intuição, faz-se o essencial em um mar de particulares. Assim o matemático encontra e formula o novo teorema antes de estar em grau de demonstrá-lo. A ciência nasceu de uma fé numa ordem racional do universo. Quando o cientista se mantém no sólido terreno da experiência e da realidade dos fatos e os respeita, baseando-se neles como primeiro fundamento, sem o qual não se faz ciência, somente a fé depois poderá dar-lhe asas aos pés para percorrer o áspero caminho.

XVIII

O "CONTÍNUO" ESPAÇO-TEMPO E A EVOLUÇÃO DAS DIMENSÕES

Os conceitos desenvolvidos no capitulo precedente, observando-se as últimas conclusões da ciência, nos permitem pôr em relação com a concepção central de ***A Grande Síntese*** o físio-dínamo-psiquismo. Escrevendo esse volume em 1932 (começando a publicação em janeiro de 1933), não tinha nenhum conhecimento das mencionadas teorias científicas, que somente agora examino para fins de controle, confrontando as conclusões com aquela visão do universo. De certo, naquele tempo elas eram ainda pouco divulgadas e para mim não teria sido fácil conhecê-las. Hoje a transformação da matéria em energia está realizada. Esse fenômeno da ciência permanece, porém, isolado e não enquadrado no funcionamento orgânico do universo, não está por isso orientado no seu verdadeiro significado filosófico, que o põe no primeiro entre os três graus da fase evolutiva do ser, à qual corresponde a fase involutiva inversa. Hoje a ciência demonstrou a passagem físico-dinâmica, mas a seguir poderá provar também as outras. A mais provável descoberta que a espera é do processo inverso, isto é, da transformação da energia em matéria. A ciência se colocará no caminho do processo criador, que representa o caminho inverso do nosso atual evolutivo, isto é, o processo involutivo espírito-energia-matéria, cujo resultado é a criação da forma concreta. O haver aqui enquadrado filosoficamente o problema, pode representar uma direção útil para orientar as pesquisas.

Crer hoje que amanhã a ciência chegará a descobrir e a poder usar o processo da assim chamada criação a partir do nada, não é mais absurdo, como o era há poucos anos atrás, crer que se pudesse anular a matéria para a transformar em energia. Esses processos já existem no universo, existe o progresso, lei de Deus; os problemas do conhecimento não estão fechados senão por barreiras relativas e superáveis, o espírito humano não é construído para ficar eternamente excluído do mistério, mas para o penetrar e saber usá-lo para o triunfo do bem. Deus estende os braços ao nosso contínuo desejo de ascensão.

Aqui não podemos, nem repetir, nem explicar as últimas teorias científicas no campo físico-matemático. Basta-nos presumir o conhecimento, sobretudo em suas conclusões. Basta-nos aceitar como provados os resultados alcançados, com os seus cálculos e experiências, pelos grandes físicos e matemáticos do nosso tempo, e deste, que é o seu ponto de chegada, fazer o nosso ponto de partida.

Eis o que lemos, por exemplo, em James Jean, em "The Mysterious Universe" (1948); (....) "a matéria sólida se volatiza em radiação (....). Matéria e radiação constituem duas formas de onda e uma pode mudar-se na outra (....). Estamos bem perto da verdade, se da matéria e da radiação fazemos idéia como de duas espécies de ondas, uma que gira descrevendo círculos, e outra que segue em linha reta (....). Assim a

matéria não seria senão uma espécie de radiação congelada. A tendência da física moderna é resolver todo o universo material em ondas e nada mais que ondas. Essas ondas são de duas espécies: ondas, por assim dizer, prisioneiras, que denominamos matéria, e ondas livres, que denominamos radiação ou luz"

Recordemos agora somente poucas linhas de ***A Grande Síntese***, reenviando para esse volume o leitor que quiser aprofundar o argumento: "Para compreender bem a transmutação de matéria nas formas dinâmicas, é necessário ter bem presente a sua natureza cinética (....). A matéria é pura. energia. Na sua íntima estrutura atômica é um edifício de forças (....). A evolução é a exteriorização de um movimento que por involução se concentra e por evolução se expande (....). A espiral, o sistema atômico, portanto, .continua a se abrir até o ponto em que os elétrons não voltam mais a girar em torno do núcleo, e em que, quais cometas e não mais como satélites, se lançam nos espaços com trajetórias independentes (....) (cap. 46). Os elétrons lançados para fora do sistema planetário atômico, em desfazimento devido à abertura da espiral e ruptura do equilíbrio atrativo-repulsivo do sistema, conservam em sua nova trajetória ondulatória a recordação do movimento circular de origem (....) (cap. 48). As infinitas possibilidades concentradas num anterior processo involutivo se manifestam neste inverso e compensador movimento centrífugo evolutivo (....). Na profundeza está o movimento; quando ele muda de trajetória, então externamente à vossa percepção corresponde-lhe uma mudança de forma (cap. 52), as órbitas atômicas dos elétrons girando em volta do núcleo e abrindo-se para gerar a energia pela expulsão de elétrons (....) (cap. 53).

Estamos aqui, sem dúvida, entrando na técnica do processo criador, mas para poder trabalhar mais profundamente nele é porém necessário saber em que direção se opera. A hodierna desintegração atômica se dá em sentido evolutivo, que é a nossa fase de existência, o que é o oposto da fase precedente, da assim dita criação, que representa o inverso processo involutivo. Mas aqui a ciência passa para a filosofia, e, da primeira, não podemos pretender conclusões tão vastas.

Está, ao contrário, de pleno acordo com a ciência de hoje, ***A Grande Síntese*** quando afirmava que "ainda quando decompuserdes a matéria naquilo que vos parecer serem os últimos elementos, nunca vos encontrareis em face de uma partícula sólida, compacta, indivisível (....), nunca tendes aí um corpo, no sentido comum (....), assim na substância não existe matéria no sentido em que a compreendeis; apenas há movimento (.....) (cap. 46). Tínhamos já visto que pela ciência o elétron é concebido como um conjunto de ondas, pura concentração de energia ondulatória, localizável somente por diferença de freqüência diante do ambiente. Para a ciência mais recente, todo o problema da realidade se refere a formas de energia e esta é concebida como uma abstração matemática: "**a constante de integração de uma equação diferencial**". Eis que a ciência, por fim, não nos deixa senão um conceito absolutamente abstrato, alguma coisa que é mais pensamento que matéria ou energia.

* * *

Observemos agora o que nos diz a ciência quanto às dimensões do espaço-tempo, comparando com o que diz ***A Grande Síntese*** sobre o mesmo assunto. O último resultado pela teoria da relatividade de Einstein, é a concepção de um espaço quadridimensional em que as três dimensões do espaço estão soldadas com uma dimensão temporal. De modo que o universo é concebido como tendo uma estrutura quadridimensional, que é definida com o termo novo de "contínuo". Este conceito substitui hoje o anterior de éter, consistindo num espaço quadridimensional em que as três dimensões do espaço são conexas e fundidas no tempo, que age como quarta dimensão. Em outros termos, esse "contínuo" exprime uma realidade em que as três dimensões do espaço e a quarta do tempo entram como fatores absolutamente iguais na manifestação das leis cósmicas. Até agora a experiência tende a demonstrar que o universo funciona justamente nesse sentido e que esse é o seu sistema de medida, o que tende a provar que as leis naturais não isolam o tempo do espaço, o que confirma a referida teoria.

Concebendo os fenômenos em referência a esse "continuo" quadridimensional, vieram a ser

explicados muitos deles que, antes, não eram encarados nem resolvidos. Assim não é mais absurdo que haja dois diferentes valores para as quantidades de energia em uma dada região do espaço, como não o é que existam dois tempos diferentes no espaço. Hoje no "continuo" espaço-tempo, um raio de luz não se representa mais como uma propagação de algo concreto e objetivo, através do espaço separadamente do tempo, como se fez até agora, mas se concebe como um fenômeno que se verifica num "continuo" quadridimensional, em que espaço e tempo não se podem separar. Então o tempo aparece como um elemento que tem a função de manter unidos os outros, isto é, o tempo seria a última dimensão que liga conjuntamente todas as outras do espaço tridimensional.

Assim, os princípios de Einstein explicam fenômenos que a famosa lei de gravitação de Newton não havia sequer imaginado, nem podia resolver. As próprias afirmações de Newton se deve dar hoje uma interpretação diversa. O efeito de uma massa de gravitação não é como pensou Newton, o de produzir uma “força”, mas o de produzir uma distorção do “contínuo” quadridimensional no seu interior. Um planeta que se move não é mais desviado do seu movimento retilíneo uniforme pelo ímpeto de uma força, mas pela curvatura de um "contínuo". É preciso imaginar antes um "contínuo" a quatro dimensões não distorcido, depois pensar nas suas distorções. Agora a combinada distorção do "contínuo" quadridimensional, produzida por toda a matéria do universo, tem por efeito, que o universo se torna a fechar sobre si mesmo, de modo que o espaço se torna "finito". Mas antes de nos envolvermos na concepção do espaço-curvo, resolvamos o problema do "contínuo" quadridimensional.

Partindo dessa conclusão matemática de Einstein continuemo-la no plano filosófico, enquadrando-a numa concepção universal de que aquela teoria não se ocupa. Façamos isto em relação aos vários sistemas tridimensionais do nosso universo, como foram expostos em 1932 em ***A Grande Síntese***, quando, quem escreve, havia sentido somente por intuição, sem ainda haver aprofundado racionalmente esses problemas, nem conhecido a teoria de Einstein, se bem que percebesse o conhecimento dela. Em ***A Grande Síntese*** se disse: "Não tendes um tempo e um espaço em sentido absoluto, isto é, existentes por si mesmos (....), mas eles são relativos (....). Assim, cada fenômeno tem um seu tempo próprio (.....), invertem-se a física e a clássica mecânica newtoniana. (....) (cap. 34) Na realidade não encontrais senão um tempo e um espaço relativos, cujo valor não ultrapassa o sistema a que dizem respeito (....). Se o vosso universo é finito como vórtice sideral, o sistema dos universos e o sistema de sistemas de universos é infinito (....) (cap. 35). Como melhor veremos mais adiante, aqui damos à teoria da relatividade um valor universal, tanto para o tempo como para o espaço. Assim como toda coisa se move num espaço relativo ao ponto de referência, assim também todo fenômeno ou ser se move no seu tempo relativo ao ponto de referência

Resumamos agora como é concebida em ***A Grande Síntese*** (cap. 38): a sucessão das dimensões. Em nosso universo-trifásico (matéria, energia, espírito), a matéria se nos apresenta como volume, isto é, na sua terceira dimensão de espaço (linha, superfície, volume) completa. A matéria representa a evolução do ponto à linha, à superfície, ao volume. Mas se nela o desenvolvimento da dimensão espacial é completo, o da sucessiva e evolutivamente contígua dimensão que denominamos "conceptual", é nulo, isto é, eqüivale àquilo que no espaço é o ponto. Aqui nasce a quarta dimensão einsteiniana, o tempo, concebido porém como o primeiro termo de um novo sistema tridimensional, porque este é o esquema do universo. Se o tempo é antes dimensão linear, deste segundo sistema tridimensional que evolutivamente sucede ao sistema tridimensional espacial, a matéria com o seu espaço a três dimensões representa, diante desse novo sistema dito "conceptual", o ponto, um puro germe. Dada a estrutura cinética da mais profunda realidade, é sempre através de um novo movimento, em uma nova direção, que se passa para a dimensão superior. A nova direção do novo movimento do volume, ou espaço completo, é justamente hiperespacial, é no tempo. Por essa razão Einstein pôde ligar espaço e tempo. Ora o tempo é sempre linear e nada mais que linear. Não pode ser de outro modo. Ele exprime exatamente a natureza e comportamento da linha, em que o ponto a que na nova dimensão é reduzido o espaço completo até à sua terceira dimensão, se move e, com o seu movimento, forma a primeira dimensão, a linha do novo sistema. É natural que este evolua e se complete do mesmo modo do primeiro, isto é, com um movimento ou vir-a-ser em uma nova direção, e, progredindo por três etapas sucessivas, paralelas e semelhantes àquelas através das quais se maturou até à sua plenitude o

precedente sistema tridimensional: linha, superfície, volume. Agora todo o transformismo fenomênico move-se nessa dimensão linear-tempo, a primeira do sistema e dela não pode sair. O volume é completo, mas as unidades espaciais da matéria não se podem mover na nova dimensão tempo senão um instante depois do outro. Desta sorte nasce o vir-a-ser, o transformismo fenomênico; assim, da matéria completa em que se conclui o ciclo involutivo criador, inicia-se o inverso ciclo evolutivo que retorna ao espírito, do qual tudo veio. Essa dimensão tempo começa a aparecer na evolução estequiogenética em que a matéria se transforma e se revela plenamente no fim da evolução física, lá onde esta alcança os corpos radioativos, quando a matéria começa a se transformar em energia e nasce o universo dinâmico. Gerado assim o tempo, ele permanece como dimensão da energia, como o espaço representa a dimensão própria da matéria (volume).

Passemos à dimensão sucessiva, a segunda do sistema conceptual, correspondente à superfície do sistema espacial precedente. Todo fenômeno vive somente o seu tornar-se, toda transmissão dinâmica vive o seu próprio curso, no "contínuo" espaço-tempo. Para evoluir na dimensão sucessiva é necessário acrescentar um movimento em uma nova direção, não mais fechada na mesma linha, mas colateral, isto é, a contemporaneidade de mais um vir-a-ser. Somente um fenômeno nos pode dar essa sensação: a consciência. Somente ela, que corresponde no sistema conceptual à superfície do sistema espacial, pode dominar um mais vir-a-ser (linhas) isto é o desenvolver de mais movimentos no tempo contemporaneamente. A consciência é a segunda dimensão conceptual.

Se a mente de Einstein pôde conceber a teoria da relatividade, é que ela justamente como consciência (superfície) podia melhor confrontar os diferentes vir-a-ser fenomênicos, dominando como superfície todas as linhas que podem passar ali, isto é, podendo observar todos os fenômenos. A sua teoria nasceu, exatamente, desses confrontos, possíveis pelo fato que se podiam contemplar, como somente uma dimensão superior pode permitir, os vários movimentos lineares na dimensão-tempo, fenômenos já completos no sistema tridimensional do espaço. Isto é, não o movimento de um só caso, mas os movimentos reciprocamente relacionados de mais casos, isto é, a contemporaneidade de mais vir-a-ser, domínio que somente a consciência pode alcançar, como somente a superfície o pode fazer diante da linha.

Qual será agora a sucessiva dimensão conceptual correspondente ao volume do sistema-espaço? A consciência comum é racional, analítica, finita, relativa. Ela representa somente uma primeira fase da superação do devenir linear, com a contemporaneidade de mais vir-a-ser, mas não além. Ela é filha da observação, isto é, aderente aos fatos porque não está ainda fora do plano onde se movem as várias linhas. Assim, para alcançar o princípio geral diretivo, ela deve percorrer infinitos casos particulares e não atinge senão sínteses parciais, e cansativamente, por tentativas. Ela se ressente de sua posição periférica, aderente ao concreto. Seja indutivamente, seja dedutivamente, ela concebe sempre por sucessão, no vir-a-ser e no tempo. Ela é superfície, isto é, uma impotência diante do volume, a menos que intervenha um movimento numa nova direção. Eis como isto acontece. A consciência humana não é linear, isto é, limitada a si mesma ou a um só fenômeno, mas pode mover-se em todas as linhas da superfície. É necessário agora elevar a perpendicular sobre o plano para formar o volume e isto é representado pela superconsciência ou intuição, uma faculdade que hoje poucos possuem, mas para a qual amanhã a evolução biológica levará o homem. Enquanto a consciência racional comum somente por multiplicação de análises pode alcançar alguma síntese particular, a intuição, como terceira dimensão conceptual, volumétrica, concebe naturalmente, não mais por análises, mas por síntese, e se move como num elemento seu próprio, no absoluto e no infinito. A sua posição no universo é mais central, mais distante do concreto e mais perto do abstrato, dos princípios diretivos, do absoluto. Ela não percebe mais analiticamente, em sucessão, por concatenação racional, como com o método, seja indutivo, seja dedutivo, no tornar-se do tempo, mas concebe intuitivamente, instantaneamente, fora do tempo, por síntese. A razão permanece então como uma impotência diante dos clarões conceptuais da visão. Então não há mais a nossa ciência de relações, mas uma ciência de substância, a única que poderá fazer-nos compreender a profunda e última realidade das coisas, o absoluto, inatingível de outro modo com a razão. Assim também o segundo sistema tridimensional é completo. Aqui começa, para o homem atual, o inconcebível, pelo que para ele tudo desaparece em dimensões superiores.

Dessa maneira, o sistema tridimensional conceptual que, na matéria, já é tridimensional espacialmente, não tem dimensão (o ponto); depois, no campo do transformismo fenomênico (o acordar dinâmico) ele alcança a primeira dimensão (linha) e no campo da vida (consciência) a segunda dimensão (superfície); desse modo, o sistema conceptual, no campo abstrato do espírito (intuição) realiza a sua terceira dimensão (volume). Assim como a superfície absorve a linha (tornar-se, tempo) e a consciência absorve o tempo e o domina, assim a intuição domina a análise e a razão, com os seus lampejos sintéticos. Vemos a ciência se tornar dessa forma sempre mais abstrata, o que deve acontecer se se quiser se avizinhar sempre mais da realidade profunda da essência das coisas. Somente assim enquadrado é possível compreender o significado e o porte filosófico das conclusões matemáticas de Einstein.

Observemos, agora, que desenvolvimentos filosóficos se podem dar à sua teoria de relatividade. Vimos, há pouco, que o espaço é a dimensão da matéria. Como esta, por desintegração atômica, se pode modificar gerando a energia (implícita em todo transformismo fenomênico), assim a sua dimensão-espaço pode ser (em direção evolutiva) o elemento genético (ponto não dimensão) do tempo (linha primeira dimensão conceptual). Daqui a logicidade da teoria de Einstein que viu espaço e tempo estreitamente conexos, correspondendo a uma realidade estrutural trifásica do universo, conseguindo-se hoje explicar fenômenos e problemas antes sem solução. Mas não basta. Talvez um ulterior progresso das matemáticas será dado pela introdução nas suas equações também da dimensão-consciência. Isto poderá parecer uma linguagem estranha, pois que nos avizinhamos ainda mais do inconcebível e faltam aqui as palavras para exprimir esses conceitos. Trata-se de continuar o caminho já empreendido pelas matemáticas, caminho de progressivas abstrações, sempre menos suscetíveis de representação concreta. Mas é lógico que quanto mais se avança para o real, tanto menos ela seja possível. É provável que, para explicar outros fenômenos e resolver outros problemas, para compreender mais a fundo o universo na sua íntima realidade, será necessário chegar à concepção de um "contínuo" a cinco dimensões, em que fique fundida, também a que hoje, por falta de outros termos, chamamos consciência, não somente um "continuo" espaço-tempo, mas um "contínuo" espaço-tempo-consciência (3.ª, 4.ª, 5ª dimensões). Trata-se de introduzir em nossas equações um novo elemento, exprimindo a dimensão consciência, fazendo-o entrar no conceito do "contínuo", de modo a conceber as relações que ligam não somente espaço e tempo, mas a estes, também a consciência. Trata-se em suma de continuar a teoria de Einstein em mais altas dimensões, de dilatar ainda o conceito de relatividade, chegando assim a uma mais vasta relatividade universal, que, desse modo, viria a ser por ora estendida da 3.ª e 4.ª até à 5ª dimensão. É lógico, de mais a mais, que, na estrutura do universo, que para nós está situado no relativo, tudo deva aparecer na forma de relatividade, isto é, em função de um ponto de referência, do qual tudo depende e isto em todo campo, até no moral.

Poderá parecer insensato essa continuação dos conceitos das matemáticas, levando-os a contato com elementos que parecem de natureza diversa. Entretanto, num universo unitário, todos os fenômenos, também os aparentemente distanciadíssimos, devem ser conexos e podem ser concebidos como contíguos. Sendo intercomunicantes, eles são ligados em conjunto por esse monismo que tudo rege compacto, tudo reconduzindo, em todo ponto e instante, à unidade. Esta é a lógica do esquema, conforme o qual é constituído o nosso universo. E nenhuma coisa, nem mesmo as matemáticas, que vão indagando o absoluto, podem fugir dessa lógica. De modo que desenvolvendo ainda os precedentes conceitos, pode-se concluir que o "contínuo" do absoluto, o que coliga todos os fenômenos do universo, de toda ordem, é um "contínuo" de infinitas dimensões e, para um determinado universo, um "continuo" que compreende todas as suas dimensões Dele deriva um conceito de relatividade, pelo qual todo o valor de qualquer natureza depende, para sua avaliação e determinação, do ponto de referência, isto é, do plano de existência ou grau evolutivo de onde a observação é feita. Eis como logicamente se pôde levar a teoria da relatividade até o campo espiritual e moral e também aqui falar de valores relativos, determináveis somente em função do próprio ponto de referência.

Como se vê, hoje o mundo se prepara para um modo todo novo de conceber o universo. Modo muito estranho para a nossa velha forma mental e, no entanto, só ele nos permitirá resolver alguns problemas que de outro modo permanecem insolúveis. Na matemática é inaudita a concepção que se deva introduzir nas

suas equações como elemento de cálculo também o fator espiritual, pelo que não só os sentidos, mas ainda a psique e a orientação conceptual do matemático devem ser avaliados. Em outros termos, o próprio matemático deve colocar-se e entrar como elemento determinante nas suas equações. É verdade que a matemática não é uma opinião, o que significa que ela é a conseqüência de uma racionalidade absoluta e não relativa à mente que raciocina. Todavia, quanto mais se sabe matemática, tanto mais se faz filosofia, assim, quanto mais se sabe, tanto mais ela vem a depender de toda a orientação intelectual do matemático que a usa.

O novo pensador de hoje, pela necessidade de caminhar ainda, deve fatalmente encontrar-se com a explosão das velhas formas mentais, sendo o momento psicológico atual no progresso do pensamento humano particularmente crítico. Herdamos, por exemplo, por concepção atávica, representações de espaço e tempo que hoje se começa a perceber que não mais correspondem à realidade. Esses conceitos, como a geometria euclidiana, foram uma grande conquista do mundo grego, e nós os fizemos nossos com um sentido de absoluto. Agora se percebe que eles não foram senão uma interpretação, não falsa, mas incompleta, não absoluta, mas relativa, não definitiva, mas transitória, uma interpretação que pode ser superada. A nova visão caminha em um mundo sempre mais abstrato. Se é lógico que assim seja, já que a ascensão vai da matéria ao espírito, todavia, disto resulta para a nossa forma mental habitual uma crescente dificuldade de visualização conceptual. Em outros termos não conseguimos mais transportar as mais transportar as mais profundas realidades alcançadas para o mundo das nossas representações sensórias comuns, de modo que as mais profundas realidades de que hoje nos acercamos, permanecem para nós inimagináveis, pelo menos até que aprendamos melhor a senti-las. Assim dar-se-á agora com o conceito de espaço finito que desenvolvemos. Ele nos foge porque, além do espaço, não vemos senão espaço e, com os conceitos habituais, um nada do espaço não o sabemos conceber. Para compreender o espaço-curvo e finito é necessário mudar o nosso modo de imaginar o espaço, como veremos, numa forma curva, pelo que com o contínuo retorno sobre si mesmo se pode conciliar o que até hoje ficou inconciliável: o finito e o infinito.

Hoje, na ascensão para o abstrato, a física se torna sempre mais matemática e a matemática, filosofia. Se, no último vértice da racionalidade, vemos aparecer também na matemática o irracional super-racional, é evidente que andamos precisamente para aquela 3.ª dimensão conceptual volumétrica, que denominamos intuição e que se move, como em seu elemento natural, no infinito. Somente ela poderá dar a possibilidade da visualização conceptual do abstrato que está evolutivamente mais no alto e que hoje, visto da inferior dimensão da consciência normal, representa um inimaginável. Na grande aventura do espírito, explorador das zonas virgens da mais alta evolução, a racionalidade representa um método velho, estabilizado e seguro, porque experimentado. Mas ele é limitado e diante de alguns novos problemas, é impotente. A experiência intuitiva é um processo novo, não comprovado, não estabilizado, com todos os perigos que dele derivam. Ele está ainda inseguro, porque em formação, e, no entanto, lhe pertence o porvir, porque será o único meio para avançar, com a solução de problemas novos, explorando o inexplorado.

O homem inicia hoje um grande colóquio com esse universo que, em qualquer nível, sempre mais se demonstra pensante. Não pode haver verdadeira compreensão senão imergindo-se na profunda realidade da coisa que se examina, senão estabelecendo uma sintonia no espírito, entre o Eu pensante humano e o eu pensante que está em todo ser ou fenômeno. Agora, essa forma de compreensão, não por observação, como no velho método exterior racional (superfície), mas por sintonização, como com o novo método da intuição (volume), é a única que nos poderá abrir as portas do infinito e o acesso à solução de novos mistérios. Não se poderá chegar até lá senão por maturação evolutiva daquele elemento que dissemos ser preciso introduzir nas equações da nova matemática, dado pela natureza psíquica do observador. Em outros termos, a solução de tantos novos problemas não será alcançável senão por maturação biológica do instrumento humano. Hoje não é mais a inteligência humana emergente no universo que o observa de alto a baixo, mas é ela que começa a se sentir sempre mais pequena diante de um universo que, sempre mais, demonstra saber pensar também sem ela e sempre mais profundamente do que ela. Quem verdadeiramente sabe, não é o homem, mas aquele oceano de pensamento de onde o homem capta o que lhe é possível. O pensamento e fenômeno extra-humano, cósmico, é um pensamento universal em que se acha contido também o homem. De modo que uma descoberta, a solução de um enigma cientifico, que de fato verificamos se operarem contemporaneamente em

diversas mentes que não se conhecem, é mais um problema de captação que de investigação racional, e o maior cientista será aquele cuja mente sabe oscilar na faixa da freqüência de onda mais elevada.

Cremos, havê-lo repetido sob todo ponto de vista, ter tornado claro o conceito fundamental em que se baseiam estes escritos. A crise moderna não está situada fora do homem, de modo que possa ser solucionada especulativamente, mas está situada no homem e não é resolúvel senão biologicamente. Não se trata hoje de crise de um sistema em favor de outro, mas de crise de evolução, pela qual se deve mudar a estrutura cerebral do homem e com isto a sua natureza espiritual e a sua forma mental. Trata-se de uma crise de encarceramento nas velhas formas que não podem ser suportadas, e de explosões fora delas, de transposição de limites. A crise é dada pela maceração do ser empenhado na metamorfose que já observamos e que o deve conduzir para formas de vida superiores. A autosuperaçáo, que está no instinto humano, não deve ser entendida como uma multiplicação do próprio Eu, como ele hoje é e como hoje se crê. Essa concepção hodierna é errada completamente. Na concepção materialista, Lúcifer subverteu o mundo. É preciso subverter Lúcifer, isto é, inverter o materialismo cego, abstrato e negativo de hoje, para o espiritualismo iluminado, concreto e positivo de amanhã. O homem hoje deve compreender que o universo não é acaso como ele acredita, um caos do qual ele deve tornar-se senhor, mas é Lei, a antítese do acaso, uma lei que já sabe tudo e tudo faz, diante da qual não há comando, mas compreensão e aplicação. Conquanto nos escapem as equações, é certo que também em nosso contingente vivemos em condições matemáticas. O universal ressoar analógico em todo campo nos fala da unidade dos esquemas de funcionamento. A medida, recorrente em todas as periodicidades, exprime um ritmo de natureza matemática. Há uma lei em todo campo; é isto que o homem deve compreender Se ficarmos fora da lei, o fenômeno não mais se verifica. Mas sabemos que, se seguimos a lei, o fenômeno se deve verificar (por exemplo, a síntese química). Nessa lei, o homem bem pouco pode mandar, conquistar, impor, como hoje pretenderia. A sua melhor posição é, ao contrário, obedecer depois de haver compreendido. O universo não é matéria, como ele julga ser, mas é um pensamento que tudo rege e de que tudo depende. O pensamento do homem não é senão um momento infinitesimal deste todo pensante. Não resta a este outra coisa senão enquadrar-se nesse pensamento, muito maior do que ele, harmonizar-se com ele e realizá-lo.

A grande moral da vida, posta aqui como alicerce destes escritos, é que a nova posição do homem civilizado dos futuros milênios não pode ser senão a do inteligente colaborador de Deus na obra da Sua criação.

XIX

O ESPAÇO-CURVO E A SUA EXPANSÀO

Uma outra concepção da ciência moderna é a do espaço-curvo, que assinalamos acima, problema que melhor poderemos enfrentar agora que, filosoficamente, havemos enquadrado numa concepção universal o conceito de "contínuo" espaço-tempo e observado alguns dos possíveis desenvolvimentos filosóficos da teoria da relatividade. Estabelecida, como acima, a evolução da matéria em energia e depois vida e consciência; estabelecida a correspondente evolução das dimensões, cada uma própria para cada fase, a dimensão-espaço permanece limitada à fase matéria, como sua propriedade e unidade de medida. O espaço existe, enquanto ali nasce matéria que estabelece os pontos de referência. Sem matéria, e, portanto, sem esses pontos, um espaço vazio e infinito se confunde com o nada, é, como realidade objetiva, um não-existir. E poderemos dizer que a energia se transmite no espaço e a correspondente dimensão-tempo existe, enquanto há matéria, isto é, enquanto as concentrações estáveis de energia que ela representa nos podem dar pontos de referência. Se o que forma o espaço é a involução da dimensão-tempo na sua dimensão inferior, por via do

congelamento de radiações ou seu aprisionamento cinético na forma de matéria, ao contrário o que forma o tempo é a evolução da dimensão-espaço na sua dimensão superior pelo livramento cinético da forma matéria, das radiações aí concentradas e fixadas. Pelo que, superada a fase-matéria na de energia, o espaço como espaço não existe mais. Uma quantidade de radiações navegando sempre num espaço sem matéria não nos pode dar um ponto de referência e sem ponto de referência o espaço nos escapa no indeterminável e se anula. Não haveria mais ponto de partida ou de chegada. É o espaço que funciona como ponto ao longo da linha tempo, que o torna mensurável, onde a simples radiação não daria senão um indeterminável tempo sem medida, eternamente fluente. É sempre função da dimensão inferior marcar com o seu limite a dimensão superior, dando-lhe com isto medida, enquanto é a dimensão inferior que, sendo mais involuída e por isto periférica, é muito mais fechada no separatismo do relativo, que tanto mais aumenta quanto mais nos distanciamos da central unidade do todo, o absoluto.

O espaço não é um elemento indestrutível, mas ele, como também o tempo para a energia, pode ter fim com a forma-matéria do qual ele é a medida. Como matéria e energia são modos de ser relativos, assim são relativas as suas dimensões de espaço e tempo. E com o transformar-se por evolução ou involução daquelas formas do pensamento de Deus, que denominamos matéria e energia, também as sua dimensões desaparecem. Conceitos estranhos estes, que fogem ao concebível normal, para os quais não encontramos em nossa consciência meios de representação fornecidos pela experiência passada. E procuramos expô-los da melhor maneira, como no-lo permitem as palavras e as idéias hoje normalmente disponíveis. É bem difícil reduzir o conhecimento das últimas realidades à nossa dimensão conceptual: consciência. Mas é certo que somente assim se pode compreender um pouco mais esse estranho espaço que se pode contrair ou expandir, conforme se forma ou se desagrega a matéria da qual ele é função. Em suma, por represamento cinético não somente nasce a matéria, mas também a dimensão que lhe é relativa, o espaço, pois que são os centros desse represamento que fornecem os núcleos de matéria, isto é, os necessários pontos de referência. Em outros termos, o fenômeno do represamento cinético na forma matéria ou da libertação cinética em forma de energia, fenômenos verificados, implicam também os da formação como da extinção do espaço. É assim que o espaço, enquanto é função da matéria, se pode, gradativamente, formar por centralização de radiações, ou se pode dissolver por descentralização dinâmica; é assim que o espaço se pode contrair ou expandir. Isto é difícil de imaginar porque a realidade atual não o oferece às nossas vistas, isto é, o fenômeno está fora da nossa experiência e concepção comum, nem encontramos jamais matéria ou energia isoladas, mas sempre fundidas em conjunto como, ainda, as suas respectivas dimensões de espaço e tempo. Estamos situados com o nosso universo em determinados planos evolutivos e não podemos sair deles nem fisicamente, nem conceptualmente.

Por espaço entendemos aqui a dimensão da matéria e a sua medida e do que está em relação com ela, em sentido objetivo, independente da consciência humana. Dado que esta o pode traduzir na sua própria dimensão, numa abstração subjetiva independente da realidade, o espaço pode existir também como idéia em nossa mente, mas então não temos o espaço, mas o conceito de espaço, isto é, um espaço abstrato, na realidade um vácuo, porque de si é um não-espaço e uma não-matéria, que, porém, é um germe de onde pode nascer por involução criadora das superiores dimensões conceptuais a matéria e, pois, o espaço, sua dimensão. Tudo pode nascer do que está nas dimensões superiores, nas inferiores, em direção involutiva à guisa de condensação do pensamento, e tudo pode ser restituído evolutivamente das inferiores às superiores, à guisa de expansão. Esta é a técnica criadora pela qual todo o concreto se pode desenvolver da potência que está na idéia, para depois a ela retornar

No sentido objetivo, um espaço vazio não teria dimensões nem medida, é um indefinido e um indefinível, em que nada se pode distinguir até que aí não se gere alguma coisa. Um espaço vazio é somente uma possibilidade em potência, em que nada está ainda realizado, em que o ser não tem ainda tomado forma no plano material, mas é somente um germe no regaço da idéia geradora. O espaço real, existente em sentido objetivo, é dado pela matéria e nasce com ela por concentração dinâmica. Disto decorre que, quanto mais concentração de matéria se gera, tanto mais o espaço, centraliza, se acentua, isto é, se torna restrito. Eis como ele se pode contrair ou expandir, e isto conforme a matéria, que forma naquele espaço sua dimensão, se

concentra ou se rarefaz, condensando-se (matéria) em determinados pontos ou se expandindo (energia) com o se precipitar distante deles. A expansão do sistema cinético da substância representa a nossa fase evolutiva do universo (expansões das espirais galácticas, arrefecimento por irradiação, formações planetárias, desintegração atômica, para energia e espírito). A concentração do sistema cinético da substância representa a precedente fase involutiva (gênese dinâmico-física, proveniente da primeira potência criadora do espírito). No primeiro caso temes concentração de matéria e progressiva contração do espaço, no segundo temos expansão da matéria e progressiva dilatação do espaço. E assim que a concentração em forma de matéria faz diminuir as dimensões do universo e ao contrário, no sentido de que quanto mais matéria se formou no universo, tanto mais o espaço se há encurvado, isto é, tanto mais rapidamente ele se fecha em si mesmo e menores se tornam as suas dimensões espaciais. Isto se dá na fase involutiva ou criadora, quando o universo vai para o pólo ou centro-matéria, enquanto na sua fase inversa evolutiva ou expansionista (a nossa), ele vai para o pólo oposto ou centro, espírito, ao qual tudo o que dele (Deus) foi gerado, a ele tende voltar. Já dissemos que pelo dualismo universal, tudo é bipolar, como é também cíclico. As dimensões do universo físico dependem assim da quantidade de condensação que nele se dá em forma de matéria e o espaço relativo está em função da sua curvatura, dada por essa centralização cinética. Daqui o conceito de espaço-curvo e contrátil, único conceito que nos pode explicar o seu aparecer e desaparecer como dimensões de um sistema cinético que se centraliza ou se expande.

Procuremos esclarecer ainda melhor esses conceitos difíceis. O. nosso concebível dificilmente pode separar do todo a idéia de tempo da de espaço e ao contrário. Procuremos isolar na nossa concepção um mundo dinâmico sem condensações físicas, feito de radiações, de energia vagando somente ao longo da linha do tempo, à espera de condensação e represamento cinético em forma de matéria ainda não nascida. Vimos que o tempo é linear. Ora o espaço começa a aparecer logo que se inicia a curvatura aquela dimensão linear, ou, em outros termos, o estado cinético linear da energia radiante começa a encurvar-se sobre si mesmo, andando para aquela forma diversa do ser, que é dada pela prisão cinética que constitui a matéria. De modo que a gênese do espaço poder-se-ia conceber toda como um processo de curvatura do tempo. E a descida da terceira dimensão (volume) à segunda (superfície), à primeira (linha), até à anulação do sistema do espaço tridimensional, no ponto, poder-se-ia conceber como um processo de curvatura. E, semelhante, no lado oposto, poder-se-ia imaginar a gênese do tempo como devida a uma curvatura da dimensão-consciência, e esta a uma curvatura da dimensão-superconsciência. De modo que o processo involutivo criador seria devido a esse fenômeno de curvatura. Certo é que faltam as palavras porque os conceitos comuns não são mais suficientes. Curvatura é um termo espacial, como o são os conceitos de condensação, concentração — aprisionamento, os que o nosso relativo nos pode dar com as imagens tomadas em nosso mundo relativo. Podemos, porém, compreender que, se tivéssemos capacidade de dar a essas representações um valor universal, válido em todos os planos de existência, poderíamos chegar muito mais perto daquela recôndita realidade que, em verdade, nos escapa completamente, porque os meios comuns de concepção são absolutamente inadequados para penetrá-la.

O inverso, o nosso período atual, o evolutivo, pode ser concebido invertendo-se as posições precedentes, isto é, distendendo-se a curvatura com a ascensão de fase em fase e de dimensão em dimensão, ao longo da escala e isto da primeira à segunda e terceira dimensão do espaço, à primeira, segunda e terceira dimensão conceptual. Agora o escopo destas nossas observações não é o de tornar concebível o inconcebível, mas de tornar mais compreensível o problema da curvatura do espaço, da sua contração e expansão, enquadrando o fenômeno, como é de nosso sistema, no esquema do funcionamento universal. Assim o conceito de espaço-curvo é mais lógico; harmonizando-se no todo, ele resulta racionalmente mais provável e explicativo.

Estendemos assim o conceito de curvatura além do seu comum valor espacial, dando-lhe um significado universal, como já fizemos com os conceitos de "continuo" quadridimensional e de relatividade. Neste sentido universal, o que no plano matéria significa espaço curvo, no plano conceptual significa ciclo e ao contrário. Esse princípio que denominamos, com termos espaciais, de curvatura, mas que tem um valor universal, bem mais que espacial, nos reporta ao princípio geral do circuito ou ciclo, que reencontramos em

qualquer caso, reproduzido a cada passo, porque ele está no esquema unitário do todo. Reencontramos o princípio da curvatura na trajetória típica que nos traça o desenvolvimento dos movimentos fenomênicos (cfr. ***A Grande Síntese***). Mas, se a curvatura é um conceito universal, chegou agora o momento de perguntarmos se na natureza, a reta existe de fato em sentido absoluto. Muito provavelmente ela não existe senão no relativo, no finito, no particular. Então devemos chegar a esta conclusão: que o infinito é curvo, isto é, não se o tem senão com o retorno do finito sobre si mesmo. O infinito não é, pois, senão o ciclo, circuito do finito, o absoluto pode coincidir com o infinito retorno do relativo sobre si mesmo. Somente assim se concebe a compacta reunificação no uno por parte de um Todo fragmentado no multíplice e particular da forma, enquanto o separatismo do relativo é conexo com um contínuo retorno a si mesmo. No finito em que vivemos, das massas gravitacionais às boas e ruins obras e pensamentos, tudo retorna sobre si mesmo, à origem. O próprio universo, nascido de Deus retorna a Deus. Aí está o que, visto como síntese, é infinito, visto como análise, é finito. O infinito e finito, absoluto e relativo, não são senão dois aspectos do mesmo Todo uno, Deus. Eis que tudo permanece sempre uno, embora o uno se haja pulverizado, o infinito no finito, o universal no particular.

Certo que assim, concebendo tudo segundo um esquema curvo, podemos compreender muito melhor o universo. A circunferência na superfície e a esfera no volume são de fato as únicas formas geométricas que podem conciliar em um mesmo princípio o infinito e o finito. Mas então, se tudo é curvo, podemos ainda perguntar-nos como é que pudemos dizer que a gênese do espaço é dada pela curvatura do tempo antes definido como linear, qual primeira dimensão, a reta. Só agora podemos precisar melhor. Sendo tudo já curvo, por curvatura, não podemos entender senão uma curvatura maior do que a precedente. E então devemos concluir que também o universo dinâmico, na dimensão-tempo, era curvo, fechado sobre si mesmo, retornando sobre si mesmo. Há somente que ele era muito mais expandido, menos curvo, que o universo físico, enquanto nele não se haviam ainda formado concentrações dinâmicas por represamento cinético. Naquele universo de energia, todo impulso, mesmo propagando-se ao infinito. dada a curvatura daquele sistema cinético, retornava ao ponto de partida, fechando o circuito, assim um percurso infinito em espaço-curvo fechado. A passagem para o universo físico é dada, pois, não pela curvatura de uma reta mas por aumento de curvatura de uma curva. Assim, o universo físico é dado por uma contração das vastíssimas trajetórias dinâmicas no fechado dos sistemas circulares atômicos, que continuam a representar o mesmo esquema, isto é, o universal princípio da curvatura, mas com uma intensidade muito maior.

Se bem que nos aproximemos do inconcebível, no entanto todas essas concordâncias falam claro. A estrutura espiralada das galáxias, esferoidal das estrelas-planetas, dos sistemas planetários como dos sistemas atômicos, nos fala do principio da curvatura. Conforme este, a criação não é senão uma progressiva curvatura, enquanto a atual inversa fase evolutiva é uma progressiva distensão daquela curvatura. Com esse princípio se pode compreender como o espaço possa ser finito e infinito ao mesmo tempo e pela mesma razão, como o espaço possa ser finito porque, enquanto é curvo. é fechado em si mesmo; e possa ser infinito porque, enquanto é curvo, retorna sobre si mesmo sem qualquer fim. Assim, pode-se conceber o espaço finito e infinito ao mesmo tempo. Por essa via se consegue alcançar o conceito de infinito, a que não se chega pela estrada comum que nunca resolve, qual é habitual do contínuo sobrepujamento de um limite, que sem pausa ressurge e sem pausa se supera. Mas também essa psicologia exprime o curvo, pelo qual o. relativo percorre no finito um ciclo infinito, de que não pode sair

porque ele o conduz sempre sobre si mesmo.

Assim chegamos ao conceito de espaço-curvo. Assim como, seguindo para o infinitamente pequeno, onde a observação macroscópica nos indicava uma física mecanicista, chegamos com a observação submicroscópica a uma física estatística e quantística, assim, agora, seguindo para o infinitamente grande toda reta do nosso mundo finito, observada em dimensões ainda mais macroscópicas, torna-se uma curva. Em ***A Grande Síntese***, cap. LIII, se diz que na natureza qualquer reta é uma curva. Eis, pois, que na gênese, sobre o plano físico nos encontramos diante de um universo dinâmico muito expandido, em que se acendem focos de condensação de energia em forma de matéria, a qual representa uma cinética igualmente fechada em si mesma, porém muito mais contraída, como a estrutura do átomo de Bohr mostra com evidência. O

sistema cinético dinâmico curvo não faz, passando da onda livre à represada num circuito tanto mais restrito senão acentuar as suas características curvas. Assim, o circuito vastíssimo da energia, de amplíssimo espaço se há restringido no circuito da matéria, de espaço muito mais concentrado. Hoje que vivemos na fase oposta e complementar da criadora, isto é, na evolutiva, o nosso universo está na fase de expansão pela qual tudo foge do centro, e o espaço, paralelamente, se dilata. Esses conceitos de contração e dilatação do espaço não se podem alcançar senão admitindo o espaço-curvo. Observemos o que dele diz a ciência.

Calcula-se que a velocidade de distanciamento dos universos galácticos chega aos 144 milhões de quilômetros por hora. Os astrônomos do Mount Wilson calcularam que, no seu conjunto, o nosso universo não contenha de matéria, senão uma fração de grama expressa por uma unidade precedida de 29 zeros, (10^{-29}) e que o raio deste universo seja de 35 bilhões de anos-luz. Um raio de sol, viajando através do espaço, conforme dizem os cientistas, descreve um grande circuito cósmico e retorna à sua origem depois de pouco mais de 200 bilhões de anos terrestres. Hoje se conseguiu transformar a matéria em luz, calor, som e movimento, isto é em energia e se admite a sua equivalência pelo que, se a matéria expande a sua massa e viaja com a velocidade da luz, nós a denominamos radiação dinâmica e, se ao contrário, a energia se congela e torna, com isto, inerte e se pode pois estabelecer a sua massa, então a denominamos matéria. ("The Universe and Dr. Einstein", por Lincoln Earnett, 1949).

Essa equivalência nos indica a possibilidade acima mencionada de uma descoberta, talvez mais próxima do que se. pensa, isto é, da transformação da energia em matéria, o que permitiria ao homem realizar um trecho, conquanto pequeno, do processo criador. Trata-se de fazer o processo inverso daquele que gera a energia atômica por desligamento do movimento aprisionado na matéria. A equivalência matéria-energia em direção evolutiva nos deve dar, também, a inversa equivalência energia-matéria. Se a matéria é radiação congelada e, hoje, a ponte se abriu pela libertação daquela radiação, é bem lógico que amanhã, se possa abrir a ponte que, em direção oposta, leva, com o aprisionamento da energia, à síntese da matéria. Talvez para o homem não haja conveniência utilitária em consumir uma grande quantidade de energia para produzir somente algum fragmento de matéria, de que há tanta abundância. Talvez que, com a desintegração atômica, ele possa ter também a energia em grande abundância, podendo ser-lhe útil a síntese de particulares tipos raros e preciosos de matéria. Ficará, além disso a importância científica de uma tal descoberta, rica de, quem sabe quais, conseqüentes descobertas afins, também utilíssimas. Tudo isto é logicamente possível.

Estamos num universo fechado, cuja forma mutável é dada por essa sua contração e de suas dimensões em direção involutiva, e dessa sua expansão e das suas dimensões, em direção evolutiva. O princípio cíclico universal é expresso do átomo aos sistemas planetários, aos ciclos telúricos, biológicos e históricos, em qualquer parte e sempre, para nos mostrar que ele está no sistema do todo. E se tudo funciona por circuito, por movimentos espaciais relativos que, em substância, não são deslocamentos, mas só a auto-elaboração do transformismo fenomênico, é lógico que também o universo e o espaço sejam curvos.

Se tudo isto não é imaginável, facilmente, pela nossa forma mental, que é o resultado de outras experiências biológicas, é certo que o porvir da ciência está em concepções abstratas do todo, insusceptíveis de representações concretas reduzíveis às idéias comuns sobre a realidade. Tendo sempre visto o espaço com a matéria, isto é, sempre conexo a um ponto de referência, não nos damos conta de que ele é para nós concebível só relativamente. A nossa experiência biológica não conhece o fenômeno da condensação de matéria partindo da energia e lhe escapa todo o processo centralizador involutivo, criador, que está nos antípodas daquele evolutivo, expansionista, que hoje se percorre. A vida, vinda depois, encontrou o espaço já formado e centralizado na matéria.

Naquela fase de concentração se formam ilhas de matéria, num universo que se tornava sempre menor. Mas, a um dado momento, o processo involutivo converteu-se no evolutivo. Aquelas ilhas incandescentes e irradiantes iniciaram o caminho oposto. Desde então os corpos que se haviam formado como matéria, em vez de precipitar-se um contra o outro (fase de contração) fogem, distanciando-se um do outro (fase de expansão) e universo e espaço hoje se dilatam. Desde então, realiza-se o gasto da matéria

como tal, por irradiação Assim o sol perde peso em razão de 250 bilhões de toneladas por minuto, de modo que ele chegará a se consumir todo. Acrescente-se que essa radiação o repele, porque exerce uma pressão sobre a superfície em que cai. A radiação conduz massa consigo. Um feixe de luz contém massas que se movem com a velocidade da luz 300.000 km. por segundo. Assim uma placazinha pode ser vista oscilar sob golpe da radiação da luz como se fosse ferida por um projetil. Mas essas não são senão pressões mínimas. Tudo seria, ao contrário, repelido potentemente apenas se avizinhasse do sol, pela tremenda radiação que deverá vir dos 50 milhões de graus, que é a temperatura no seu centro.

A ciência admite que o nosso universo haja começado a se expandir somente há poucos milhares de milhões de anos, o que indica que ele está numa fase juvenil. Agora, quando alguns cientistas, verificando que em confronto com o total das estrelas há quantidade escassa de sistemas planetários e dado que a vida é possível, somente nesses, concluem que as condições dominantes são hostis à vida. Por tê-la tanto como um caso secundário fora do plano do universo, os cientistas não se dão conta do seguinte: é verdade que os espaços astronômicos, como os cúmulos estelares, são lugares onde a vida é impossível e que estes são predominantes; é verdade que, para a vida, não restam senão pouquíssimas ilhas em zonas temperadas em torno dos focos estelares, além das quais tudo morre imediatamente, é verdade que essas zonas privilegiadas constituem menos de um milionésimo ou mil milionésimos de todo o espaço. É verdade, ainda, que é bem raro o acidente de uma estrela, por atração de outras estrelas que passem perto, vir a entumecer levantando tais marés de matéria líquida de modo a formar planetas lançando-os no espaço; é verdade que é bem improvável que o sol seja a única estrela com planetas, todavia se admite que esse desenvolvimento seja extremamente raro; provavelmente, somente uma estrela em 100.000 tem um planeta; é verdade que essa passagem de uma estrela tão perto de outra de modo a produzir gêneses planetárias, com a progressiva expansão do cosmo, se torne sempre mais improvável; se tudo isto é verdade, se os planetas são tão excepcionais, não se pode, por isto, deduzir que a vida não seja o escopo da evolução, somente porque ela nos aparece hoje como um subproduto sem importância, mínimo diante do todo, como um descuidado acidente fora do plano geral.

Não. Pense-se que a ciência julga que, até onde alcança, hoje, o mais potente telescópio, haja 75 milhões de universos semelhantes ao nosso. Em tão grande número deve bem existir um complexo de muitos milhões de estrelas com planetas, dos quais quem sabe quantos são habitáveis também para o nosso tipo de vida. Depois não é dito que, por vida, se deva entender somente a forma que ela tomou na terra e ninguém pode excluir a existência de outras tantas formas, de todo diversas da nossa, embora incorpóreas.

Não. O nosso universo é simplesmente jovem. A vida nele se encontra ainda, em grande parte, na fase matéria e energia. Mas ela deverá alcançar a fase biológica que se iniciou na terra, para se tornar depois psíquica e espiritual, para voltar, assim, à fase pensamento ou espírito como era na sua gênese, antes da descida involutiva, conclusões estas a que não se pode chegar senão tendo enquadrado o atual conhecimento científico no plano do todo. Podemos, enfim, acrescentar que, hoje, o homem não vê o universo atual, mas o da época em que a luz que lhe chega partiu e foi transmitida pelas fontes. É assim que lhe atribuímos uma estrutura diversa e mais jovem. em que tantos sistemas planetários não nasceram ainda.

Se o universo atual está em via de se gastar por radiação e, pois, por expansão no espaço, se os átomos que formam a matéria desaparecem, nessa sua forma, anulados, e a sua massa é representada pela massa das radiações emitidas em milhões de anos, nada se anula por isto. Já vemos, em nosso planeta, que as radiações solares se tornam vida e que a vida se torna consciência, verificamos que a ciência mais recente ainda mais profundamente confirma o físio-dínamo-psiquismo de ***A Grande Síntese.*** Compreende-se, assim, a criação partindo de um nada relativo e se vê o lógico e equilibrado duplo respiro do universo, antes em fase criadora e, depois, em inversa fase evolutiva. Podemos assim apanhar um pouco da maravilhosa técnica da criação, pela qual tudo pode nascer do pensamento de Deus e tudo deve a Ele retornar. A ciência atual confirma estas visões filosóficas. Depois de todas estas comprovações e controles científicos, racionais e analógicos, temos motivo para crer que as afirmações de ***A Grande Síntese*** correspondem à real estrutura do universo.

A ciência moderna mais progressiva se está orientando justamente em sentido monista, unitário, como foi sustentado em ***A Grande Síntese,*** embora essa afirmativa haja sido julgada errônea por alguém. Propriamente nesta direção aponta a última teoria de Einstein anunciada pela imprensa nos começos de 1950, com o nome de "teoria generalizada da gravitação" ou "teoria do campo unificado" com que se haveria encontrado o elo que faltava para a concepção unitária do universo. Haver-se-ia alcançado uma mais profunda realidade fundamental que, compreendendo-os, teria unificado os fenômenos da gravitação e do eletromagnetismo numa mesma lei superior universal. Dela resulta, entre eletricidade e gravitação, uma afinidade que as torna duas forças irmãs, derivadas de um único princípio unitário. A isto tudo se pode reduzir a energia radiante, da qual derivariam todos os fenômenos, todos reconduzíveis a uma única idêntica lei fundamental do universo. Ter-se-ia dado assim demonstração matemática da relação entre todas as forças cósmicas e, portanto, sua unidade.

Eis que aparece também para o olhar da ciência uma harmônica construção de leis cósmicas, o plano orgânico do universo em que se manifesta o pensamento de Deus. Ora, tudo isto dito 18 anos antes em ***A Grande Síntese***, publicada antes, em revista, em 1932, foi afirmado não só em linhas gerais, de princípios unitários, mas ainda no particular da afinidade entre gravitação, eletricidade, luz etc., explicando a íntima natureza da força de gravitação como protoforma do universo dinâmico. Isto, de modo particular foi exposto no cap. XXXVIII de ***A Grande Síntese***: "Gênese da gravitação" e precisamente no antepenúltimo parágrafo desse capítulo. Aí se especificou que os conceitos da teoria de Einstein, então conhecidos, deviam ser completados, como aconteceu, o que se devia fazer pelo cálculo, como se fez. Todo leitor pode verificar quanto acima ficou exposto.

Deixando de lado o problema psicológico de como a intuição filosófica haja conseguido captar os mesmos conceitos a que os processos racionais teriam, depois, conduzido os grandes matemáticos; percorrendo assim os tempos e antecipando-se às suas descobertas, e o problema de haver um pensamento não tanto no indivíduo quanto na vida, que o alcança quando houver uma sua maturação, uma nova verdade se revela somente por uma maturidade biológica que dá à vida uma transparência por sensibilização, o que é certo é que, hoje, a ciência, que não se discute, confirma em cheio o monismo, o conceito unitário que é a base de ***A Grande Síntese***, e também nos pormenores que o provam.

XX

COM A CIÊNCIA PARA O INCONCEBÍVEL

Essa nossa corrida pelo mundo físico-matemático tem o escopo de desenvolver as suas conclusões científicas no campo filosófico, para levá-las até ao plano espiritual e moral, onde estão as grandes diretrizes da ascensão humana. Num universo unitário todas as verdades parciais e relativas do homem se devem fundir em uma só. Assistimos hoje a um grande acontecimento no pensamento humano: a própria ciência está contribuindo para a queda do materialismo e se dirige com os seus. próprios métodos para a descoberta de Deus. A ciência está para desembocar no espírito e com meios próprios; as suas velhas negações caem pela sua própria maturação. O espiritualismo, religioso ou leigo, parece não perceber que essas portas vêm a ser abertas pela própria velha inimiga, a ciência continua, ainda, por inércia, a verberar como negação do espirito, enquanto ela se prepara com os meios positivos que lhe são próprios a descobrir o novo mundo. Essa é a mais poderosa apologética das religiões, a da ciência que nos conduz a verificar uma consciência diretriz do universo e à descoberta da imanência de Deus.

No campo da própria ciência o universo dá sinais manifestos de um poder inteligente que o guia e controla, de um pensamento que tanto se assemelha ao que e a nossa mente, especialmente no campo das concepções matemáticas abstratas. A inteligência não é um fato isolado do homem, mas preenche todo o universo. Há um pensamento que rege tudo, com o qual temos afinidade de natureza e estamos conexos por compreensão. Se podemos compreender um pouco da estrutura do universo, assim ocorre somente por essa afinidade, enquanto também somos semelhantes àquele pensamento que o ordena e penetra em qualquer parte. Há pontes e comunicações a cada passo. O pensamento não é estranho à matéria, que é feita mais por conceitos do que por uma simples e aparente solidez sensória. O seu dualismo antagônico é superado no monismo universal e isto não porque a matéria e dissolva em um nada, mas porque ela se tornou a expressão de um pensamento com o qual está estreitamente conexa e sem o qual não pode existir. Eis que as velhas concepções materialistas são invertidas e a ciência tende a concordar com alguns postulados da fé, explicando-os em grande parte. O século passado disse a grande palavra: evolução. O nosso tempo diz: relatividade. O próximo futuro dirá: síntese.

Chegamos a compreender um espaço em função da matéria da qual é a dimensão, portanto um espaço finito como a matéria, mesmo sendo, porque curvo, ilimitado. Admitimos hoje que o que existe fisicamente não é senão uma propriedade do próprio espaço, uma distorção do "contínuo" espaço-tempo a quatro dimensões e que a gravitação é uma distorção levando à curvatura do "continuo". Concebemos um espaço que se dilata; continuamente a lei de probabilidade substitui a de causalidade. Este universo não tem mais representação material. Ele não se lhe adapta mais, hoje que vemos mais profundamente. Com o progredir do nosso conhecimento, começamos a compreendê-lo em uma sua mais verdadeira realidade, que é puro conceito. E a nossa visão que avança e com isto o universo se torna para nós sempre mais pensamento. A ciência viu nele primeiramente uma simples máquina, porque essa ciência era mecânica. Hoje ela vê a inteligência que está atrás da máquina. Assim o universo nos aparece quase consciente de si mesmo, como se uma parte conhecesse o que fazem as outras partes distantes, por ele age em relação harmônica. Os fenômenos não se podem interpretar senão como projeções dessa inteligência que tudo coliga e guia para fins precisos. Cada movimento tem a sua lógica, como se dependesse do pensamento de um matemático puro.

A sabedoria que está em cada coisa existente é tão profunda que nela a nossa pequena inteligência se sente confundir. Basta pensar no que cada um de nós é, simplesmente, como organismo físico. Este, para o homem, se calcula composto de 10 mil quatrilhões de átomos, em uma colônia orgânica de 60 trilhões de células, que têm tarefas diversas, com funções especializadas e sincronizadas em perfeita coordenação hierárquica. Pense-se que uma célula-ovo é constituída de 8.640 quatrilhões de átomos, recolhidos em 1.728 trilhões de moléculas e que o menor organismo vivente é constituído, pelo menos, por 4 trilhões de moléculas. Que vertiginosa visão é, pois, a simples vida física, sem se cogitar da psíquica e espiritual! Pense-se que o átomo lá é um microcosmo, um sistema solar planetário, mas do diâmetro de cerca de um décimo milionésimo de milímetro, enquanto o núcleo e os elétrons oscilam entre cem bilionésimos e um trimilionésimo de milímetro. Para imaginar essas medidas, pense-se que o número dos átomos contidos em um grama de matéria resulta de cifra da décima à vigésima quarta potência, (10^{24}) cifra vertiginosa que é igual à que exprime o número dos centímetros cúbicos de água contida em todos os oceanos. Somente um centímetro cúbico de hidrogênio contém 54 bilhões de átomos. E todo átomo é composto de um núcleo positivo em repouso ou rotativo sobre si mesmo, em torno do qual com uma velocidade de 30 km por segundo, se move uma miríade de elétrons de carga variada, de número diverso conforme cada único elemento. Ora, esse microcosmo não é senão o primeiro elemento do edifício molecular, que não é senão o primeiro do edifício celular, que não é senão o primeiro do edifício orgânico, que não é senão um caso único do edifício biológico. Sobre o plano físico, a mesma progressão hierarquicamente construtiva se estende do átomo à molécula, aos cristais ou cúmulos, às grandes estratificações geológicas, aos planetas, aos sistemas solares e galácticos, aos sistemas de sistemas galácticos.

A nossa mente se perde não só pela extraordinária grandeza ou pequenez, mas também, pela complexidade da organização que mantém em tão vastas e complexas estruturas a ordem mais precisa. Num centímetro cúbico do ar que respiramos cerca de 30 bilhões de moléculas se precipitam com velocidades

fantásticas, chocando-se e mudando rumo cerca de 10 milhões de vezes num segundo. Respiramos esse mundo cinético e, assim formamos inúmeras outras combinações de movimentos, das quais deriva o nosso funcionamento orgânico e a nossa vida. Assim vemos tudo desfazer-se na velocíssima dança de infinitos elementos imponderáveis, não somente para a matéria, mas também para o nosso corpo. E este, na sua profunda realidade, torna-se um imponderável dirigido pelo pensamento, o mesmo que rege também a matéria. Então, esta e o espírito se podem reduzir à mesma substância, uma Lei, e o corpo, chamado a prisão do espírito, torna-se da mesma natureza deste. Pense-se que o aspecto físico da matéria, como também do nosso corpo, é devido simplesmente a vertiginoso movimento dos elementos dos átomos que o constituem, e que dessa forma se regem porque são guiados por um pensamento inteligente, embora escondido em nosso inconsciente; e então, que significa a presença dessa inteligência que, através do nosso inconsciente, nos plasma e nos mantém a vida, à nossa revelia, senão a imanência de Deus? A própria matéria não representaria senão uma das formas do pensamento, a que tudo se poderia reduzir, como substância universal, elemento último e fundamental, gerador de tudo. Quando essa substância toma a forma atômica, então ela se torna ponderável e chama-se matéria, quando toma a forma dinâmica se chama energia, quando a forma não é, nem atômica nem dinâmica, se chama pensamento Entre a matéria e o espírito não haveria então senão esta diferença, que a primeira é substância atômica (ponderável) e o segundo é substância não atômica (imponderável). Dado isto, não é absurdo o conceito aqui exposto de criação, entendida como gerada a partir de um nada relativo à fase criada, e como uma forma particular do pensamento de Deus.

Da compreensão dessa imanência de um pensamento diretivo do mundo fenomênico deriva a compreensão da técnica criadora que nos mostra como opera o pensamento de Deus. Tudo o que existe em forma de matéria é dado por laços no espaço vazio, melhor que por massas de partículas rígidas laços dados pelos desenvolvimentos cinéticos regulados e derivados de puro pensamento. Isto nos faz pensar que aquelas zonas de determinismo, que na nossa vida formam o que nela há de destino fatal, não são senão laços cinéticos formados como os conjuntos de ondas que constituem o elétron; não são senão concentração de forças, por nós operada com os nossos pensamentos e atos do passado e assim fixada à guisa de semente. Esta, como toda semente ou germe (que, também, é alguma coisa de semelhante) deve desenvolver o que nele foi concentrado, tudo restituindo na forma típica com a qual ficou concentrado, exatamente como, agora, o nosso universo, em fase evolutiva, restitui o que nele foi concentrado no estado de germe no precedente período involutivo-criador. Não se trata, talvez, de vários casos particulares, em que se aplica sempre o mesmo e único princípio?

Eis, assim, a possibilidade de imaginar e admitir uma criação, emanada do pensamento de Deus, partindo de um estado que, diante da matéria, de que será depois formado o criado, é o nada. "No princípio era o Verbo". O Verbo se faz ação e tudo deriva do dinamismo que dela nasce na forma de matéria, radiação congelada em ondas aprisionadas. Assim a criação procede da onda-pensamento, à onda dinâmica, até à transformação do sistema cinético no circuito fechado da matéria. Hoje a ciência já está trabalhando nesse sentido, começando daquela matéria-energia. Mas essa passagem deverá ser aberta ainda além, em fases superiores, e também em direção inversa. Então a ciência chegará a fazer a síntese da matéria, usando a energia. Depois da síntese dos conceitos, a síntese física. E, talvez, num dia mais longínquo, o homem, como mente feita à semelhança de Deus, poderá derivar a energia do seu pensamento e, dessa maneira, poderá realizar todo o percurso do caminho criador: espírito, energia, matéria. A atual técnica, em realização da desintegração atômica, se bem que situada no período oposto do ciclo, nos indica essas possibilidades. Ela representa a técnica evolutiva e não a criadora, isto é, a nossa atual de desenvolvimento partindo da concentração-matéria e não a fase involutiva criadora que vai para a dita concentração. Ao contrário, as materializações espiritistas, ectoplásmicas, são construções ideoplásticas que provam a possibilidade do ato criador psíquico-dinâmico-físico, também nos limites do campo humano Já vimos que no universo, esse ato diz respeito à fase de descida por emanação de Deus, ato que se equilibra, depois, na oposta fase de ascensão ou realização de cada ser em Deus.

Assim se compreende como o universo se torna cada vez mais explicável, quanto mais o reduzimos ao que é a sua origem e a sua essência, isto é, um conceito puro. Certamente ele é uma grande incógnita a ser

interpretada e a sua representação é bem outra que a antropomórfica. A última realidade do universo é um conceito abstrato, sem possibilidade de uma figura, não redutível para nossas aparências sensórias. Toda redução nesse sentido é uma deformação, de modo que quanto mais a representação é antropomorficamente acessível, tanto mais ela se torna um desvio da realidade. Se pois quisermos fazer modelos para explicar o conteúdo dos conceitos abstratos e fórmulas matemáticas que exprimam o universo, poderemos fazê-lo, mas com nosso risco e perigo, porque sabemos que, assim, nos distanciamos e não nos acercamos da verdade. A última realidade não é suscetível de representação e quanto mais nos avizinhamos daquela realidade, tanto mais a sua representação se torna impossível. Toda imagem nos distancia mais do que nos conduz para perto do real, toda forma, ao invés de nos dar a idéia da essência das coisas, é apta a traí-la com aparências ilusórias. Isto demonstra que a última realidade é pensamento puro e que o absoluto é, para a mente humana de hoje, um inconcebível, do qual ela não pode obter senão aproximações sucessivas.

O fato é que somos relativos, inexoravelmente situados no relativo, isto é, contidos em dimensões particulares das quais não é fácil sair. Desse modo, não podemos formular um julgamento senão em relação a alguma coisa, em função de um ponto de referência. Se sairmos do relativo, este nos vem a faltar, e, com ele toda possibilidade de juízo. Uma vez que concluímos por confrontos entre quantidades e entre qualidades, não podemos proceder senão no âmbito das dimensões que nos são próprias e conhecidas, onde também o objetivo em exame é situado. Nesse âmbito, a nossa psique está fechada e, fora dele, não compreende, e, como instrumento de conhecimento, vem a ficar inadequado e falido. Agora, para conceber a substância das coisas, se trata justamente de sair desse âmbito, de abandonar os velhos para encontrar novos pontos de referência. É natural que a nossa mente fique impotente de todo até que, pouco a pouco, aprenda a individualizar e a conhecer os novos pontos de referência, hoje situados no inconcebível, transferindo-os assim ao seu concebível.

A concepção hoje alcançada da energia como uma abstração matemática: "a constante de integração de uma equação diferencial", significa haver tornado a subir o caminho criador, seguindo para a abstração. E é por essa via que mais podemos chegar perto da mais profunda realidade, o espirito, isto é, concebendo as coisas em forma sempre mais imaterial. A representação sensória nos conduz ao caso particular, enquanto somente a fórmula abstrata é universal, capaz de abarcar todos os casos particulares. Com isto parece que o real nos escape, porque ele está para nós no relativo e particular, que são o irreal, e não no absoluto e geral, que são o real. Mas tudo é relativo e para nós o irreal é real e o real é irreal. Assim, na abstração de uma fórmula matemática, não podemos saber o que é o objeto sob exame, com termos sensórios completos, mas só como ele se comporta. Vemos agir esse "quid" desconhecido que, na ação, se projeta em nosso conhecível e só assim podemos apreendê-lo como uma cognição de relação; isto porque, sendo relativo, ficamos no relativo. Sendo essa a nossa condição, o absoluto nos foge no inconcebível. Conquanto o nosso conhecimento possa progredir para o absoluto, o homem não pode conceber senão a sua projeção no próprio plano de conhecimento, isto é, uma representação a ele relativa. O antropomorfismo é um limite e o progresso consiste justamente em saber superá-lo. Por isto, a ciência moderna renuncia, por ora, à representação do real e pára naquela do seu comportamento, limitando-se a este derivado do absoluto.

Isto parece coincidir com o velho "ignorabimus"[10], ou seja constituir uma renúncia ao conhecimento. No entanto, esse é um progresso com que a ciência hoje chegou mais perto da realidade última, pois compreendeu que esta não é suscetível de representação; a ciência já não cai mais na ilusão dadas pelas representações antropomórficas, ilusões que, até ontem, ela tomara por realidade. Num terreno que parece renunciar a conhecer o real, estamos ao contrário, num mais sólido e mais verdadeiro, justamente porque quanto mais imaterial e abstrato é ele, tanto menos é suscetível de representação. Chegamos, assim, ao ponto de achar que se possa dar a essa formulação, de todo abstrato, do universo, aquele conteúdo em que cada um crê, pelo fato que se há compreendido que cada conteúdo de representação é um relativo e um irreal, uma pura interpretação ilusória diante da realidade. Isto significa havermos chegado racionalmente mais perto de Deus com o haver compreendido que Ele, na sua essência, é um incognoscível. Já dissemos que suas

[10] **Ignoraremos. (N. do T.)**

definições são reduções e mutilações. Desse modo, a ciência admite que os valores concretos das suas formulações abstratas possam ser diversos e aí está a sua nova universalidade. O real é tanto mais verdadeiro quanto é mais abstrato, distante do concreto, é princípio universal distante do particular. Conduziu-nos perto da realidade o fato de não dar-lhes mais uma representação ou pelo menos, se a damos, de não atribuir-lhe senão um valor relativo e fictício. Dessa maneira, do real se há compreendido, ao menos, isto: que as nossas representações não valem senão pelas necessidades do contingente, e que é erro dar-lhe um valor absoluto. Elas não podem servir para esse fim. É assim que o homem saiu do antropomorfismo e se acercou mais da realidade, compreendendo ao menos que esta já tem característica segura, isto é, de estar situada no atual super-concebível. É a primeira tentativa para começar a definir a realidade. Já se encontrou um primeiro atributo não imaginário. Com isto o homem compreendeu, pelo menos, que Deus, o absoluto, última realidade, não é redutível ao seu atual concebível. É importante haver já saído um pouco do velho inconcebível, enquanto, superando o antropomorfismo que tornara o homem medida das coisas, se desmantelou a ilusória representação que ele fazia do real.

Quanto aqui é exposto decerto é um sistema de compreensão mais complexo que os precedentes, e os sistemas, muitas vezes, encontram favor em proporção da sua possibilidade de compreensão A facilidade de representação tem importância na divulgação da teoria. A liberalidade com a qual foram aceitas tantas explicações mais elementares do universo, foi obtida pela sua aceitação psicológica, isto é, facilidade de representação e compreensão por aderência à forma mental humana. A nossa psique se formou por vias sensórias que a tornam mais apta a entender o mundo relativo que a circunda, ainda que irreal, e não um mundo absoluto que ela nunca concebeu diretamente. Quando aquela mente é usada para essa finalidade tão distante, certo é que então se faz dela um uso bem diverso daquele para o qual nossa mente se formou para os fins imediatos da vida. Diante da investigação abstrata, a única mais aderente ao real, a psique formada para outros escopos, os do contingente, tende a se confundir e se torna inadequada. Acontece-lhe como ao rapaz que vai à escola, o qual, em geral, já possui, no instinto adquirido no passado, todas as astúcias e prepotências necessárias à luta pela vida e deve fazer um grande esforço para usar uma tal mente no trabalho lógico e abstrato da cultura. No rapaz, que é hábil sem esforço no primeiro trabalho, a vida repele a nova e diversa atividade para a qual não está acostumada e de que não cuida porque não é imediatamente útil. Mas a evolução consiste justamente nessas transformações.

Para enfrentar o problema do conhecimento devemos antes fazer as contas com o que somos e o que podemos. Hoje, finalmente, compreendemos que tanto mais nos acercamos do real, quanto mais nos distanciamos do imaginável; compreendemos que o verdadeiro está situado no inconcebível e que tanto mais chegamos perto dele quanto mais nos distanciamos do nosso normal concebível. Decerto que o sistema atual é mais difícil, mas ele demonstrou a capacidade de penetrar, muito mais a fundo, na natureza das coisas e de as saber explicar. As novas interpretações que fazemos da ignota realidade e que parecem mais capazes de harmonizar-se com ela, não são materiais, mas matemáticas Esta abstração vence, por potência explicativa, precisão e aderência aos fatos, as precedentes representações materiais. É certo que, também, esta é uma representação e não a última realidade, mas é uma aproximação maior do que as precedentes, uma interpretação mais vizinha do verdadeiro. Compreendeu-se que as coisas não estão mais como antes se acreditara, se bem que não se saiba ainda como verdadeiramente estão. Porém, a explicação em termos matemáticos resolve muito mais do que as precedentes representações mecânicas. A última realidade possui, sem dúvida, um significado que transcende a nossa atual capacidade de compreender. Porém é certo que se caminhou nessa compreensão e que hoje a velha está inadequada.

As ondas que representam um elétron na mecânica ondulatória, hoje se julga que são ondas de probabilidade, cuja intensidade em cada ponto dê a medida da probabilidade de que um elétron esteja naquele ponto. A nova representação é simbólica e se exprime somente em termos de probabilidade. Agora, quando falamos de ondas no espaço-tempo, formamos simples visualizações de uma fórmula matemática de natureza ondulatória, mas de todo abstrata. Assim o "contínuo" quadridimensional da teoria da relatividade não admite representação espaço-temporal. Temos visto, porém, que há dimensões superiores, e a primeira é a consciência, que está fora desse "contínuo". E já a ciência imagina que os fenômenos desse "contínuo"

espaço-tempo são a projeção, a quatro dimensões, de uma realidade de mais de quatro dimensões. A ciência mesma caminha para a aceitação dos conceitos acima expostos acerca das dimensões superiores e para admissão de vários planos de existência, como há graus de evolução na matéria, na energia e na vida.

Se tudo isto para a ciência é chegar mais perto do real, para o filósofo é acercar-se do verdadeiro e, para o crente, de Deus. A ciência indica uma Natureza que parece estar muito versada nas matemáticas puras, entendendo com isto aquela matemática que é criação do pensamento puro, sem se contaminar com a observação. Agora, se é propriamente essa criação do pensamento puro a que mais nos faz avizinhar da íntima realidade das coisas, significa que essa realidade, isto é, a substância do universo, é afim do que no homem é pensamento do espírito. Se é com o espírito que nos avizinhamos da essência das coisas, quer dizer que essa essência é de caráter espiritual Eis a grande descoberta da ciência. Já não é mais materialista, mas espiritualista. A essa certeza chegou com os seus próprios meios. Com estes, hoje, a ciência moveu-se e mais se avizinhou da descoberta de Deus, de quem, assim, ela poderá racionalmente nos dar uma certa aproximação, que poderá, como a da fé, ser obrigada a representações antropomórficas para poder ser utilizada pelas massas.

A grande mudança está na orientação do pensamento científico. A verdade é hoje enfrentada, não mais com o simples método experimental, mas com os métodos da lógica pura, tipo Aristóteles, mas transferidos para o plano das matemáticas. Está, então, superado o ciclo do método experimental? Ou ele não é mais suficiente? Certo é que hoje se recorre com sucesso e se justificam também outros métodos. Hoje se admite acercar-se da realidade também com os meios do pensamento abstrato, não influenciado pelo mundo exterior, nada tirando da experiência. Eis-nos na via do método da intuição, já sustentado e explicado nestes escritos. Os fenômenos objetivos, que parecem tão certos, nos aparecem somente como uma projeção de um mundo que os gera, um mundo diverso que demonstra conhecer muito bem esses processos de pura matemática. A ciência chega, assim, a sentir atrás dos fenômenos, a presença de uma mente diretriz que, por certo, conhece muito bem as regras que os geram. Decerto que as matemáticas não chegam a descrever a natureza da última realidade, porém sabem estabelecer as relações que regulam as várias partes, o seu funcionamento, isto é, o pensamento que tudo rege e guia. E que mais é isto, senão o espírito, a Lei, Deus?

Há, pois, uma afinidade entre nosso espírito e esse espirito regulador do universo. Torna assim a valorizar-se o método dedutivo do passado. Entramos na era da síntese, em que o método indutivo e dedutivo coexistem e se fundem num plano conceptual superior: a intuição. Eles não são senão duas direções do mesmo pensamento. Pode-se caminhar num sentido ou em outro, porém, por vias opostas, sempre para o conhecimento da mesma realidade. A involução do passado as mantinha separadas e antagônicas, não as sabendo percorrer senão uma por vez (involução = separatismo). O homem novo do terceiro milênio delas fará uma perspectiva bifronte para a mesma realidade, com o método da intuição que conduz à síntese.

A última e mais profunda interpretação do universo nos diz que ele parece pré-ordenado pela mente de um matemático puro. E então devemos admitir que, se é essa matemática que nos conduz para a realidade do universo, nesta realidade deve haver aquela matemática, isto é, uma abstração, pura qualidade do espírito. E se esta realidade nos é revelada por graus, devemos admitir que ela já existe e tão vasta e completa que nos escapa no inconcebível, mas, nem por isto, menos real e perfeita em si mesma. E então podemos concluir que a descoberta do desconhecido não é senão o resultado de uma maturação do meio, psique humana, cuja compreensão é limitada e dada pelo grau da sua evolução. Em outros termos, o limite do conhecimento está somente na natureza humana e ele se desloca porque esta evolui; daí a progressão na conquista da verdade. De maneira que o homem não descobre o universo, mas a si mesmo. Ele deve descobrir sempre novas expressões na sua linguagem, em lugar das precedentes que se tornam inadequadas, à medida que as suas capacidades intelectuais lhe revelam mais profundos aspectos do real. Por último, toda representação pode significar uma limitação ou deformação dele. Então, a verdade se avizinha sempre mais do inexprimível e é propriamente isto que nos diz da sua verdadeira natureza. E o homem, cansando na subida para sair do antropomorfismo, livra-se da ilusão só para se avizinhar do inexprimível. Cabe-lhe saber, na ascensão, exprimir o inexprimível, isto é, evoluir a sua psique para saber introduzir nela uma representação do real, hoje

inimaginável. E assim o inconcebível é gradualmente conquistado no concebível.

A natureza não é antropomórfica. Começa-se a compreender hoje, que o homem está superando o seu velho ser. A realidade não pode absolutamente ser reduzida a esquemas antropomórficos. Ao contrário, ela mostra-se aderente a esquemas puramente matemáticos, pelos quais se deixa interpretar melhor. A realidade mais profunda está mais estreitamente ligada aos conceitos da matemática pura do que aos da biologia ou da mecânica, que permanecem mais exteriores. O universo fenomênico adquiriu um sentido muito mais claro e profundo quando ele foi visto com o olhar da matemática pura. Isto é lógico; porque quanto mais soubermos ser abstratos, tanto menos seremos materiais e antropomórficos, e tanto mais chegaremos perto da realidade, que é de natureza abstrata. Dado que a visão matemática é mais abstrata, espiritualmente mais elevada do que a mecanicista, é lógico que ela explique melhor as coisas. Dessa forma, o homem se acerca da compreensão da verdadeira natureza do real, desmaterializando o seu concebível, espiritualizando a sua psique, dando dessa maneira a escalada para o inconcebível. Assim a ciência, tornando-se sempre mais abstrata, caminha no conhecimento de uma realidade que, por sua vez se torna sempre mais abstrata, mas, com isto, mais verdadeira. Hoje só podemos dizer que para nós, lá onde está o absolutamente inconcebível, está o absolutamente verdadeiro.

Hodiernamente, quando a ciência chegou a esse grau de espiritualização, os modelos do passado mecanicismo são considerados mais um obstáculo que um auxilio para a compreensão do real, que está atrás dos fenômenos. Assim, a ciência moderna prefere os símbolos abstratos das equações matemáticas, o que nos limita a um conhecimento das relações que pelo menos nos diz como as coisas funcionam, embora não nos diga o que elas realmente são, o que virá depois. Com isto o modelo mecânico, a idéia adaptada à forma mental do velho cientista materialista, cai e prevalece uma ordem psicológica de todo diversa. Ela nasceu da verificação que a estrutura da matéria se rebela à visão concreta. Mas essas mudanças não são coisa nova, porque a forma mental muda em cada século com o seu progredir, não obstante ela tomar sempre uma posição axiomática e dogmática, pois que tudo está em função do subjetivismo, ainda que na investigação mais objetiva. Se a velha forma mental subjugada pela prevalência do método experimental, via tudo materialisticamente, a nova, ao contrário, vê espiritualisticamente. Hoje a concepção mecanicista-materialista, que não enxergava o real senão no concreto, está superada. Começando do alto das mentes que dirigem a cultura humana, haverá uma nova orientação a todo o pensamento moderno, e as massas que ainda revolvem no materialismo, pois que elas chegam sempre por último, amanhã seguirão também o seu novo caminho e formará uma civilização nova, a do espírito. A ilusão sensória e a filosofia materialista que dela decorria hoje estão desfeitas. E já foi dada a partida numa nova direção. O método objetivo-experimental que criou a ciência moderna, por esta mesma já foi superado e agora está em segundo plano. Em suma, se pede mais ao fenômeno o respectivo conhecimento, e o fenômeno não é tomado mais, como antes, como ponto principal, mas passa aos segundos planos, em posição subordinada.

Esta inversão, pela qual o real se tornou irreal e o irreal, real, renovará as diretrizes do pensamento moderno, diretrizes que dão a orientação ao próprio século. Os aspectos espirituais da vida não são mais considerados ilusórios, somente porque não são concretos. Eles assim se nos avizinham e se valorizam, entram a iluminar a nossa vida de cegos. O concreto tornou-se irreal e o espiritual, real. Assim, a nossa vida alcançou outras realidades, além dos velhos horizontes, com meios mais sutis do que as velhas vias sensórias. As portas da ciência se abrem hoje para o espírito, para cujas conquistas ela poderá ser uma grande aliada. Logo que a ciência começou a observar atentamente a realidade concreta, esta se desfez e pareceu que, o que se tomava por indiscutível solidez, não era senão um dos sinais sensórios que uma misteriosa, distante e íntima realidade nos transmitia. Então se compreendeu que aqueles sinais, qualquer forma que assumissem, eram somente uma expressão simbólica de alguma coisa de completamente diverso que estava atrás das cenas, uma representação do todo relativa, eram a expressão de uma realidade ignota, exprimível somente com o símbolo matemático "X".

XXI

A CIÊNCIA NA DESCOBERTA DE DEUS

Quando subimos para os mais altos planos do conhecimento, nos avizinhamos do centro em que se dá a unificação de todas as coisas, para a qual tudo tende, evoluindo. Então acontece que o cientista e o místico se aproximam tanto um do outro, que chegam quase a tocar-se no mesmo terreno. E eles representam tudo o que chamamos ciência e fé, que assim também se avizinham até se fundirem; trabalham ambos num mundo invisível, em que têm valor experimental positivo e objetivo, fatos de natureza imponderável, subjetivos, os fenômenos da consciência. Esta parece feita não somente para registrar os dados da experiência sensória, mas, ainda, os resultados de outras impressões espirituais de caráter todo diverso. Trata-se de uma ordem de experiências das quais a ciência não conhece absolutamente nada, mas com que acaba tendo de se avizinhar, logo que ela progrida para as grandes profundidades do conhecimento. Então, cientista e místico entram no mesmo mundo do transcendental em que todas as formas superiores de consciência se aproximam para se fundirem; ciência e fé não nos aparecem senão como dois diversos modos de ver a mesma verdade, senão duas vias para chegar à mesma realidade última. A separação e a luta entre ciência e fé não são senão questões de involução. Evoluindo, segue-se para o universal, para o abstrato, para a unidade. O pensamento imaterial que rege e constitui a matéria torna-se a mesma coisa que o pensamento imaterial que constitui o espírito. No alto tudo se acorda e harmoniza. Então tudo se unifica num mesmo plano onde trabalham juntos e concordes o cientista e o místico, o matemático, o musicista, o poeta, o santo, onde a ciência é arte, a matemática é filosofia, a pesquisa é prece, onde tudo se funde e é o mesmo impulso para o mesmo único centro, Deus.

A mente humana, percorrendo a circunferência do relativo, tenta alcançar o centro do absoluto que ela reencontra projetado em todo ponto daquela circunferência. As suas experiências analítico-objetivas são dispersas ao longo dessa circunferência. Mas progredindo com a evolução, a mente humana penetra nas circunstâncias sempre mais restritas e vizinhas do centro, sempre mais assim aproximando-se da unificação. Como a fase criação-involução representa uma projeção na forma, distante do centro, assim a evolução significa um reconstituir-se para o centro, em unidade, daquele universo, antes cindido no particular. Isto também pelo conhecimento que assim se torna sempre mais unitário. Dessa maneira, progressivamente se elimina o separatismo humano que divide o conhecimento em mil afirmações antagônicas em luta entre si. Assim, aos poucos caminha-se para a verdade única, que é luz, e que, dada a estrutura do universo, não somente é tanto mais verdadeira quanto é mais abstrata, mas também quanto mais é unitária. Essas são as características que devem ter as maiores verdades futuras, mais progressivas das atualmente concebidas pelo homem. Tanto mais se progride, quanto mais se tornam pesados e insuportáveis todo muro divisório, o separatismo de todos os enquadramentos humanos, a luta entre verdades que são diversas e rivais só por razões de involução.

Quando se alcançam os mais altos planos do conhecimento, todas as formas de investigação se dispõem em paralelo e todas as formas de experiência, da científica à mística, avizinhando-se da proximidade ao centro, se igualam e, concordando colaboram para o mesmo fim. Evidentemente, a substância do mundo em que vivemos representa algo que transcende tudo quanto pode ser medido com os instrumentos da física e até o que é descrito com os símbolos métricos do matemático. Se, portanto, o místico vê com modo próprio as realidades profundas e nos revela um aspecto delas, não podemos, "a priori", excluir essa forma de investigação, nem podemos dizer que ela não esteja mais perto da verdade do que as outras; de qualquer modo ela possui sempre um significado e tem alguma coisa a levar para a ciência. Não se pode excluir nada. Não se pode negar que também os nossos sentimentos e impulsos espirituais não possam atingir alguma revelação dessa realidade. Esses resultados em vez de serem repelidos como

desprezíveis, porque não são positivos, deveriam ser coordenados com os do físico e do matemático para obter uma compreensão sempre mais completa da realidade das coisas. Não se pode absolutamente dizer que só pelo fato de que, em vez de usar os meios sensórios do corpo, relativos e ilusórios, usamos os do espírito, por isto caímos no erro e no irracional. Pode dar-se que se trate só de um racional diverso, porque mais profundo, mais potente da corrente racional científica, e pode também o que resulta da observação e contemplação mística ser positivo e importante para o conhecimento

Sem dúvida a ciência chegou hoje à concepção de uma realidade do todo transcendental, que antes lhe escapava, e com isto veio a se debruçar sobre o campo das experiências do místico. Chegamos ao ponto em que isto pode fornecer algum aviso à ciência e em que esta pode receber uma contribuição de uma fonte tão inusitada. Nos capítulos precedentes, vimos como a concepção einsteiniana possa ser orientada e continuada no campo filosófico. Agora, aquela concepção pode continuar também em forma mística, numa visão universal. Neste volume, diante dos últimos problemas, ciência, matemática e misticismo aparecem fundidos numa única síntese, convergindo para ela harmonicamente. A intuição mística encontrou confirmação na mais recente físico-matemática e esta nos conduz àquela.

Mas diremos ainda mais. Pondo-nos diante da última realidade, poderemos perguntar se não seja o cientista que, em vez do místico, mais se mova entre as sombras do irreal. Se observarmos a fundo os dados experimentais, eles perdem muito da sua valia. O místico que alcança a sensação de Deus, alcança a prova completa e não procura outras. E quando se chega à sensação, como se repete em tantos casos e temperamentos diversos, se tem o mesmo direito de negá-la, que se pode ter pelas sensações da investigação física. Se as examinarmos a fundo, estas não nos dão nenhuma garantia absoluta. Se atrás de toda sensação há de existir uma realidade, por que umas devem ser falsas e as outras verdadeiras? É lógico que ambas sejam verdadeiras. E então eis que para o místico o Deus que tudo invade poderá ser a mesma lei onipresente e perfeita que para o físico tudo regula. Por ambas essas vias, tão distantes e opostas, se apresenta a mesma imanência de Deus, logo que a consciência se eleve mais para o centro do ser. O místico, porém, quando queremos nos avizinhar da mais profunda e verdadeira realidade, tem muito mais que dizer do que aquele escuro mundo de símbolos com o qual a matemática, já que a representação mecânica e antropomórfica diz bem pouco, procura hoje ver no mistério do universo físico-dinâmico. O cientista mesmo sabe que tudo isto não o põe em contato com a última realidade, sabe que as suas são puras interpretações e são bem outra coisa do que absolutas e definitivas. O místico pode, ao contrário, nos ensinar que, além dos sentidos dirigidos para a análise objetiva, o homem possui um senso interior dos valores e do caminho para os atingir; que, além daqueles puramente racionais do cientista, há meios intuitivos mais rápidos e sintéticos; que além daqueles sensórios imediatos, existem meios diretos aptos para as apreciações que se estendem até aos campos inacessíveis para o raciocínio. Por outro lado, no fundo da observação sensória, há a premissa axiomática, a apriorística e não demonstrada de que os nossos sentidos constituam um canal para o conhecimento, apto a revelar o significado real das coisas. Os primeiros momentos da ciência racional são indemonstráveis, super-racionais e intuitivos como os últimos. O matemático puro não tem uma opinião elevada dos métodos de dedução usados pela física e desaprova a fragilidade do que é aceito como prova pela própria ciência física. Isto autoriza a contribuição que pode dar a intuição do mundo invisível por parte do místico, ainda que, do ponto de vista da ciência, possa parecer inconsistente, porque imprecisa.

Concluindo, nenhum caminho deve ser desprezado para enfrentar o mistério: ele é tão profundo e complexo que todo auxílio nos é necessário; o mistério é tão vasto e múltiplo, que todos os caminhos podem conduzir à sua solução. Na própria ciência positiva que acredita ter base sólida, vemos que os resultados conseguidos por uma geração não valem mais para a seguinte. É tudo um fazer e sobrepujar contínuo, em todo campo. E então vem a ocasião de perguntar se essa contínua mudança do nosso conhecimento em todo campo não seja antes o efeito da evolução psíquica humana de que depende tudo o que pensamos e não seja senão o seu índice; se toda objetividade científica não esteja senão em função dos nossos meios sensórios e psíquicos; se o nosso conhecimento não dependa sobretudo da evolução daquele instrumento que é a nossa mente. É certo que, em principio, para uma inteligência nata e feita para os fins imediatos da vida, o ingresso nesses campos de investigações abstratas pode dar o sentido de uma aberração biológica, de uma atividade

anormal O intelectual que avança nesse terreno poderá parecer uma monstruosidade para a classe média, alguma coisa que vai além da vida para a qual primeiro interessa a nutrição e a reprodução, coisas que o homem normal bem conhece, do mesmo modo como elas estão também no fundo da vida do pensador. O primitivo, normal, para viver, não tem nenhuma necessidade de conhecer a estrutura do universo. E no entanto, um futuro da evolução não é sequer imaginável senão nessas atividades supernormais, hoje aberrações biológicas, amanhã criações de novos tipos de existência. O conhecimento é sobretudo resultado da evolução. O intelecto se desenvolve e floresce como toda coisa no todo. O que verdadeiramente tudo rege é a imanência de Deus, o que tudo guia é a Sua constante obra criadora. Vemo-nos pelo fato que antes, sem o sabermos, se construiu o olho. Com este e outros sentidos formados do mesmo modo debaixo do estimulo da luta que instrui e seleciona, o homem descobriu depois as leis ópticas, pelas quais, já há tempo, sem que ele as houvesse analisado e compreendido, o seu Olho já funcionava. Assim se ascende para o atual super-concebível, pouco a pouco, com a formação e o aperfeiçoamento do órgão psíquico, e somente este fato poderá permitir, com uma mente mais perfeita, penetrar a sua estrutura e aquele conhecimento que hoje não se alcança. Toda a nossa incompreensão dos últimos problemas é questão de imaturidade biológica.

* * *

Termina por ora a nossa corrida no campo da ciência moderna. Temos comprovado e desenvolvido muitos conceitos sumariamente expostos no começo de A 'Grande Síntese. Reunimos ainda as conclusões filosóficas e místicas do capítulo "Deus e Universo" com as da mais moderna ciência físico-matemática. Assim a nossa concepção da estrutura espiritual do universo concorda com a atômico-dinâmica dos maiores físicos e matemáticos hodiernos. A ordem moral, em que se movem as forças espirituais, funciona em harmonia com a ordem dínâmica-física concebida segundo as últimas teorias da relatividade de Einstein, dos "quanta" de Planck, da física estatística e quantística, do "contínuo" quadridimensional e do espaço-curvo. Aqui vimos como essas teorias se podem desenvolver, no campo filosófico, nas teorias conexas, desenvolvidas na primeira parte de ***A Grande Síntese***, pelas quais o mundo físico-dinâmico é conjugado com o mundo moral. Assim aparece o todo-uno que denominamos monismo.

Tudo isto converge para a demonstração que esse todo-uno é, realmente, um físio-dínamo-psiquismo, o conceito central destes escritos. Estes três modos de ser da mesma substância única são conexos por um transformismo que os muda um no outro, seja um respiro de ida, de involução ou centralização, seja em um inverso respiro de retorno, de evolução ou expansão, que é o atual. Trata-se de uma viagem através de progressivas dimensões, de uma viagem que, em nossa fase, é uma íntima auto-elaboração em que Deus está presente e ativo e pelo que tudo volta a Ele. Hoje o tudo se dirige para o puro pensamento.

A visão da ciência é mais circunscrita. O ponto de vista científico mais ortodoxo é que a entropia do universo aumente e deva aumentar até ao seu valor máximo final. Ela é rapidamente crescente. Mas a ciência pára na atual fase evolutiva que, justamente, enquanto se encaminha para o espírito e representa a reconstrução dessa forma do todo (Deus, pensamento), deve representar a morte da matéria, como a involução representa a morte do espírito Assim, isolada a entropia numa só direção, sem ver o transformismo oposto, não se pode compreender esse transformismo. Foi na precedente inversa fase involutiva que foi concentrada aquela potência que agora se manifesta e que vai gastando-se, nivelando-se como entropia. Ela não é senão um desenvolvimento que, se anula a forma-matéria, cria a forma-espírito, que é o retorno a Deus na ascensão evolutiva atual.

Esse retorno atual explica a técnica da criação, que foi um inverso transformismo equilibrante, psíquico, dinâmico, físico, criação do universo sensível, da forma, por um ato do pensamento puro. Este, a ciência hoje o verifica, ficou em toda parte como emaranhado, revelando-se presente na estrutura íntima da matéria, tanto é verdade que a reduzimos a uma fórmula matemática, uma vez que esta é a representação que mais está perto daquela realidade, que é abstrata. James Jeans, como homem de ciência, diz que o ato da criação é uma materialização do espírito Mas também vários outros cientistas hoje reconhecem que o nosso universo dinâmico-físico pode ser uma formação involutivamente descida na 4.ª dimensão ou "contínuo"

espaço-tempo, da 5.ª dimensão que é a consciência. E o que quer dizer isto, senão o físio-dínamo-psiquismo evolutivo atual, na sua inversa fase criadora? Esta consistiria, justamente, numa emanação do pensamento de Deus, de que, também pela ciência, derivaria toda a formação do nosso universo.

O esquema desse universal transformismo cíclico, em toda parte se reproduz debaixo de nossas vistas, nos casos menores que nos são acessíveis. Em um universo conexo, harmônico e analógico em toda parte, isto é uma prova. Tudo é cíclico no universo, tudo renasce das radiações em que tudo se dissolve. Diz o mesmo James Jeans: "As estrelas atuais se volatilizam em radiações que de novo tomarão consistência, tornando-se matéria". "Assim o nosso universo se pode representar como cíclico, isto é, enquanto numa região ele morre, em outra os produtos de sua morte são capazes de produzir novas vidas".

Eis traçado aqui, no âmbito físico-dinâmico, o inverso respiro criador-evolutivo do universo. A ciência já viu esse traço do dúplice transformismo. Teremos, pois, a formação, primeiro, dos núcleos de matéria no espaço, dinamizados pelo pensamento criador, e depois irradiação dinâmica desses núcleos altamente dinamizados até o seu esgotamento (entropia), mas em conseqüência, formação de planetas e sobre eles de vida, incumbida da transformação da energia em consciência e pensamento. Assim se cumpre o ciclo de ida e de retorno do ser, de Deus para Deus. Tudo é cíclico e volta ao ponto de partida. Hoje a direção do tornar-se é evolução. Ou avançar ou morrer. A vida está a caminho do espírito.

Porque é cíclico, tudo é curvo no universo. O átomo é esférico como os sistemas planetários. Curvo é o espaço, dimensão do universo físico, que hoje, em fase evolutiva, está em expansão; curvo é o "contínuo" quadridimensional em que, com o espaço, se funde o tempo, dimensão da energia; curvo é o conceito criador-evolutivo, que assim cumpre o ciclo e torna ao ponto de partida. Curvatura universal, expressa pelo universal esquema do ciclo, curvatura de todas as dimensões do ser, em que finito e infinito se fundem. Curvatura expressa pela lei de causalidade, pelo que causa e efeito, efeito e causa, se ligam em cadeia num circuito que se completa, tornando às origens. Esse é o esquema do universo.

Eis a grande e simples idéia que tudo explica e contém. A explicação quanto mais simples, tanto mais é convincente. Nesta, que tudo enquadra e na qual tudo torna a entrar, tem-se maior probabilidade de reencontrar a mais fiel interpretação do verdadeiro. Ela é hoje a mais completa e exauriente. A conclusão deste nosso trajeto, levado a termo com a ciência que caminha para a descoberta de Deus, é que o universo não é uma realidade inconsciente e mecânica, onde reina o acaso, mas que ele é sempre mais como um grande pensamento que sabe melhor do que um grande maquinismo autômato, ignaro de si. Também no universo físico e dinâmico se revela a inteligência e a consciência. Elas regulam tudo através de uma lei perfeita que se distingue das leis humanas, enquanto não sofre exceções e nunca é violada. Ela determina o ser e lhe define as propriedades. No mundo físico, os símbolos matemáticos indicam essa irrevogabilidade absoluta. Na matéria e energia ela é uma regra íntima, tão inserida na essência das causas que está em sua natureza o segui-la, de modo que ela é espontânea, não forçada, é livre e nunca é desobedecida. Enquanto nas leis humanas é a realização que é difícil, aqui é a não realização, que é im possível. Acontece o que deve acontecer, conforme a lei. Entre os mundos involuídos da matéria e energia e os planos mais evoluídos do espírito, há a diferença que essa obediência se torna de inconsciente, consciente; mas a Lei sempre domina, e a vida, ainda através do erro e da dor, serve para ensinar a se tornar consciente, isto é, a segui-la livremente, como o próprio e máximo bem. Ela é o pensamento de Deus, de que tudo depende. O espírito, pois, é universal, porque hoje também para a ciência ele não parece mais um intruso nem mesmo no reino da matéria, mas fundido nela, emergindo evidente das suas profundidades. O espírito que denominamos Deus aparece hoje também para as grandes mentes diretivas da ciência, como o criador e o governador de todo o universo. Tudo isto prova que, hoje, verdadeiramente caminhamos para a nova civilização do espírito.

XXII

O DRAMA DE QUEM CRÊ

De quanto dissemos resulta a inegável presença de uma inteligência nas coisas. Como podemos então perguntar se uma tão profunda sabedoria pode às vezes falir como na morte, na dor, no aborto e não ser capaz, assim, de alcançar os seus fins? Como é que tanta potência pode aceitar tanta limitação? Mas será isto verdadeira limitação, ou toda barreira depois vem a ser igualmente sobrepujada e a vida, portanto, pode ficar indiferente a essas falências? E tudo isto não poderia ser ao contrário uma forma de vitória e um meio de conquista? Então é possível, quando tudo rui em torno de nós, que Deus funcione também através da nossa esperança desiludida? Sinto que, então, alguma coisa se moveu com a fé e que esta permanece, embora não se alcançou imediatamente a realização, e que dessa forma a fé não ficou vã. O Deus imanente e recôndito parece que não tenha pressa de se manifestar e que saiba realizar os seus fins, mesmo através da falência e além da nossa desilusão. Mas nós queremos e procuramos a via mais direita e segura para conseguir, porque, em nós, a vida procura e quer o êxito. Porém, devemos verificar que os cálculos da razão, na prática, podem falir como os impulsos da fé. Nenhum dos dois métodos sabe dar-nos uma segurança, um não é mais válido do que o outro. Fracassam os grandes calculadores prudentes e previdentes e, por vezes, alcançam êxito com métodos opostos, homens que só têm fé, que arriscam tudo, e ao contrário. Tal é a complexidade da vida e tais incógnitas da contém, que nela nunca há algo de seguro. Mais não nos resta que confiar-nos a essa imanente, sim, mas tão recôndita sabedoria que tudo rege, limitando-nos a fazer de nossa parte o que pudermos, pois que, seja como razão, seja como fé, sempre podemos muito pouco no seio de um universo sem limites, também como pensamento. Parece que este Deus, que tudo sabe e sem quem nada pode existir, procura tornar-se inacessível para nós. Tão logo os fenômenos nos dizem que Ele não é antropomórfico, como ingenuamente imaginávamos, acredita-se haver descoberto alguma coisa e de saber algo mais, quando percebemos, então, que sabemos menos, porque, suprimindo o antropomorfismo, Deus desaparece do nosso concebível e não sabemos como procurá-lo. E a tão declamada sensação de Deus que o místico obtém, é verdadeiramente sensação de Deus ou é o resultado de quem sabe quais processos psicológicos subconsciente:? Porém, nem por isto eles ficam menos verdadeiros. Todavia que sabemos nós da sua verdadeira função biológica criadora e em que relação eles estão com Deus?

É certo que esse nosso corpo e a sua psique, aliados num conjunto para viver a todo custo contra tudo e contra todos, podem pregar-nos boas peças e dar-nos perspectivas ilusórias. Mas é certo, ainda, que a vida dificilmente se deixa enganar nos seus escopos de vencer. E então é lícito suspeitar que toda derrota não seja senão uma vitória transferida, porque para a vida o tempo não falta; é lícito pensar que a derrota seja a condição de uma vitória maior. Certamente o instinto nos indica muitos caminhos para vencer e, através deles, Deus sempre presente, nos impele a salvar-nos. Ele se manifesta como uma espécie de recuperação contra os assaltos, como uma reação nossa defensiva e protetora que parece, automaticamente, fazer-se tanto mais forte quanto mais forte foi o golpe arremetido pelo exterior. Então Deus parece dar-nos força e falar muito mais potente para nos dizer: vai, vive, luta, resiste, age, mas vive!

A vontade de Deus é que a vida viva a todo custo, utilizando todos os seus recursos, aprendendo todas as coisas, boas e más, conquanto se viva. Ora, quando a fera mata para não morrer de fome ou o involuído esmagado se rebela e rouba e se torna delinqüente porque não tem outro meio para viver, é a voz de Deus que diz: vive. Quando o santo tudo sacrifica, até a vida, pelo ideal, é a voz de Deus que diz: vive. Essa voz nunca se resigna definitivamente à morte. E diante desta revive, renovando-se em novas vidas. Também a fera e o homem-fera querem viver. Mas cada um tem a sua vida. O involuído não tem outra e se apega à vida animal que é tudo para ele. E se o santo a entrega, é porque ele viu uma outra vida a ser conquistada, da qual o primeiro nada sabe. O santo se rebelava com a mesma potência, se bem que em planos e com métodos diversos daqueles com os quais se rebela o involuído, quando lhe viesse a ser tirada a

sua vida de santo, como aquele reage quando se lhe tira a sua vida de besta. Porém, se bem que ele tenha razão no seu plano inferior, o seu modo de comportar-se o qualifica e o revela como ser inferior. E esta marca é a sua mais grave condenação, porque isto implica em estar ele ligado a for-mas de vida inferiores. Mas a vida quer viver em todo plano e quando lhe falta o necessário procura-o por todos os meios. Com lobos saciados poderemos sempre viver tranqüilos, em paz, mas nunca com lobos esfomeados. Ora, a vida nos faz compreender, pelo modo como incita os lobos esfomeados contra os seus esfomeadores, que ela é necessidade para todos, é dever e direito ainda se os esfomeadores, somente por.. que são mais fortes, classificam como culpa a defesa de quem é esmagado e como justo direito o seu próprio esmagamento. Assim se explica como, em dado momento histórico, quando chega a maturidade das classes inferiores despertadas, a vida, como vontade de Deus, possa impeli-las a conquistar por si aquele bem-estar que dois mil anos de Evangelho aconselharam em vão aos de mais posses repartir fraternalmente.

Quando o evoluído fracassa no seu plano, ele sente que está tentando realizar um tipo de vida super-humano, mas que por enquanto aquela tentativa fracassou. Não conseguir por enquanto o que deseja não constitui derrota, mas faz parte da estratégia de conquista. Então, se o homem é maduro, a fé que parecia aniquilada pela desilusão, ressurge mais forte por outro lado, como se potenciada pela derrota, mais aguerrida para melhor poder vencer novas batalhas. Porque a verdadeira fé não é um estado inerte e passivo, mas uma arma que deve ser refinada, uma posição de vanguarda que deve ser consolidada, que pode vacilar e que se pode perder, mas que se pode reconquistar. A fé sentida é uma força útil na grande batalha para a evolução, para a conquista no espírito e para a ascensão para Deus. A alma sente a utilidade da fé nessa luta e, conhecendo-a, não a abandona mais. Quando a vida provou a fé e conquistou essa força, não se decide a deixá-la, pois que nunca deixa o que lhe é útil. A fé é um novo sentido, um tentáculo estendido para o ignoto, num poder de intuição, que pode errar, mas que, errando, se corrige, se aperfeiçoa, se consolida. Ela é um meio positivo de defesa da vida, apto a progredir sempre. Para quem provou uma vez a fé, há, ainda quando esta fracasse e pareça nos haver enganado, um instinto que conduz à sua salvação, porque ela possui a grande função de ser a última âncora de salvação sem a qual toda derrota não pode ser senão desespero. A esperança que a vida nos impõe, ainda quando tudo pareça perdido, é um instinto que vem do Deus presente, que quer que vivamos ainda, instinto que irracionalmente parece saber que, não obstante tudo, derrotas, dores, a própria morte, a vida continuará. É este instinto em que fala o Deus imanente, que nos faz crer na vida além da morte. Além de todas as aparências contrárias, esse instinto nos diz que a vida não pode acabar.

Estranho, misterioso mundo este, que somente a fé no-lo pode abrir! Por momentos ele se abre de par em par; depois se torna a fechar. Ele nos enceguece com seus raios e, no entanto, parece feito de treva profunda. Na fé está o porvir da vida. Há um pressentimento de divina indestrutibilidade em todas as coisas. Não é essa a voz de Deus que nos fala das profundezas? É a eternidade da essência das coisas que nos fala, revelando-se do profundo de tudo o que existe, dizendo-nos, através de um indomável instinto nosso que, não obstante toda a aparência contrária, segundo a qual tudo é lábil e transitório, tudo parece poeira e ilusão, tudo ao contrário, é estável e real. E o que é esta voz senão a revelação da universal presença de Deus? Então levanto a vista para o céu e digo: "Deus, perdoa-me se no momento em que as coisas fracassaram, a minha fé caiu e assim te reneguei. Eis que Tu novamente surges diante de mim, mais vivo e mais presente do que antes. Nenhum fato contrário nunca poderá eliminar a Tua presença. Tu estás aqui e eu Te escuto".

Será ilusão, mas podem operar-se muitas coisas com a fé que de outra maneira não se podem fazer. O fato é que ela é útil, serve-me e eu a utilizo para a vida. A desilusão escava-se mais profundamente, com o resultado de demolir uma fé mais superficial e encontrar uma mais profunda. Porém, é preciso ser prudente também na fé, que também ela oferece os seus riscos. Quem se aventura loucamente, confiando na imaginação, fanatizando-se e crendo que a fé consista nisto, pode estragar esse mecanismo maravilhoso e, então, a fé não pode funcionar em suas mãos. A culpa, então, não é da fé, mas de quem não soube crer justamente. E renegando-a, distanciando-nos de uma via salutar que conduz para nós forças boas e amigas.

Disse que Deus desaparece da nossa mente quando O desantropomorfizamos. E, no entanto, Ele ressurge em nosso pensamento e diz a cada um de nós: "Olha em torno: em toda parte, Eu estou". E tudo

volta a falar-nos d'Ele que volta a olhar-nos de uma miríade de rostos diversos. E nós, que julgávamos havê-Lo perdido, por não O virmos mais localizado numa forma, vemo-Lo ressurgir diante de nós em todas as formas. Verdadeiramente para tantos pode essa imanência tornar-se amedrontadora e, então, eles se afanam em enclausurar Deus nas igrejas e em distanciá-Lo no transcendente, para ficarem mais livres de Sua presença, que os preocupa em seus negócios quotidianos. Mas quem sofre e tem ânimo puro, o justo, goza dessa imanência e se lhe agarra com todas as suas forças, como única defesa, e não há condenação espiritual que o possa destacar dessa sua fé.

A nossa rápida corrida através da ciência nos confirma sempre mais a idéia não só da existência, mas ainda da imanência de Deus. Se essa sabedoria por vezes parece fracassar e ser contrastada pela dor e pelo mal, trata-se de uma aparência. Para quem vê em profundidade, esses desequilíbrios são reabsorvidos em equilíbrios maiores e no fim são eliminados. Certo é que o universo aparece diferente segundo o olho que o vê e o plano de onde se vê. Então nós vem a propósito perguntar como apareceria o nosso mundo visto de um plano macroscópico. Talvez do mesmo modo como a nós aparece o mundo submicroscópico. E se tivéssemos uma mente e sentidos adaptados a perceber o mundo submicroscópico, não poderíamos perceber o mundo do nosso plano, como destes nos escapa o universo macroscópico. Uma consciência submicroscópica, quem sabe com que esforços chegaria somente a alguma aproximação daquele mundo sensório que forma a nossa realidade concreta! Avizinhar-se-lhe-ia, como fazemos com os universos galácticos, com tais e quais observações, hipóteses, teorias, cálculos, controles experimentais e por sínteses progressivas. Uma consciência assim formada deveria fazer estudos, quem sabe quais, para distinguir a água da pedra e nunca poderia perceber e compreender um ocaso, uma flor, um quadro. De seu próprio plano, o homem, portanto, sabe muito mais. Se ele pertencesse a mundos menores, não compreenderia nada desta que chama ilusão e que, no entanto, relativamente a ele, no seu plano, é uma realidade. Todo mundo é real no seu nível, e ilusão se visto de outros planos, e todo ser é dotado da sabedoria que lhe serve para a sua vida. Se o homem vai conquistando o conhecimento do universo, é porque a sua vida se dilata em proporção e aquele conhecimento lhe deverá servir. Tudo é relativo em nosso universo, que é relativo. Sem ir tão longe, observando casos menores, ainda em nosso mundo vemos que existem, entre os homens, diferenças profundas, dadas pelos diversos planos biológicos em que vivem, conforme o seu grau de evolução. A ciência médica, como as ciências sociais, se dirigem para o tipo médio e aplicam, para todos, normas estandardizadas e adaptadas àquele tipo. Assim, quem é menos ou mais evoluído naquele tipo, deve adaptar-se à medida comum, ou elevando-se para um tratamento superior à sua natureza, ou abaixando-se para um inferior. Bem dura será na terra, entre os normais tipo "standard", a vida do ser que alcançou no espírito formas biológicas superiores.

O primeiro obstáculo que se põe diante desses puros pesquisadores da verdade, a esses ascetas do pensamento e sacerdotes do espírito, é a humana intransigência e mania do enquadramento, pelo que tudo já está aprioristicamente catalogado segundo os interesses de cada grupo. Quem procura seriamente a verdade tem necessidade de ser livre e não preso a pontos fixos e soluções já dadas. Assim ele se encontra de maneira a não poder dar um passo sem encontrar muro divisório e, atrás dele, um inimigo armado. O involuído é separatista, agressivo, absolutista. O evoluído é universal, pacífico, tolerante. Como tal não pode ser enquadrado nos grupos humanos, na base de interesse ávidos de se destruírem para dominar E desta sorte o evoluído não encontra senão tentativas de encarceramento da sua universalidade, em limitações humanas. Disto resulta o seu sufocamento e o secar-se daquela fonte espiritual da qual o tipo inferior, mais do que todos, tem necessidade. A esses seres que emergem do tipo biológico normal se impõe a luta de todos, de modo que eles devem saber viver como anjos entre demônios e produzir no espírito, no meio de turbas de encarniçados ventres ambulantes.

Sem dúvida o método da luta é útil à vida para os seus fins seletivos, mas nessa forma o é só nos graus inferiores, onde o ser não sabe explicar mais elevado gênero de atividade evolutiva. Mas, em planos superiores, essa forma de atividade é perfeitamente estúpida e inútil para os fins seletivos. O ser superior dela foge completamente com a tolerância e o perdão. O inferior, que não sabe fazer melhor do que faz, para aprender a evoluir, tem necessidade do egoísmo, da rivalidade com o vizinho, de agredir e ser agredido, da

fome e da resistência de um ambiente hostil. E tudo lhe é fornecido em proporção. Mas para o evoluído a seleção se realiza em forma totalmente diversa. A sua atividade se dirige para criações muito mais profundas. Para ele é perfeitamente estúpido se matarem uns aos outros, quando para viver há na terra sobra para todos. Mas, se comem uns aos outros, os seres que ainda não têm compreendido o rendimento utilitário do trabalho fraternalmente orgânico, e por isto lutam e sofrem, justamente para aprender tudo que é a meta da sua evolução, à qual o evoluído já chegou. Ele está só e deve viver entre os que ainda não podem compreender.

Mas para o homem normal é coisa diversa. Para o animal, se não fosse a agressão, quem lhe ensinaria a astúcia e quem lhe formaria a inteligência? Qualquer coisa, escreve-se sempre em nosso Eu: onde e como não sabemos, mas permanece escrito. O evoluído que não tem necessidade de reforçar a inteligência porque já a formou, pelo menos nesse plano sabe esquivar o golpe, porque é inteligente. O néscio que tem necessidade de reforçar a inteligência, porque ela ainda lhe é escassa, é o que menos sabe defender-se e o que mais se expõe. Apanha, pois, todos os golpes. Ele é o bom bocado dos espertos dedicado à caça ao parvo; ele é o que mais vai à escola. Quem mais sabe, por mais ter aprendido, não freqüenta mais as aulas. Não se pode impedir, porque essa é a vida, que no mundo social, a cada passo, exista uma armadilha e um lobo pronto para dilacerar. Tudo é lógico e equilibrado no plano normal e tem o seu justo escopo. Tudo é proporcionado à necessidade de evoluir e à sensibilidade dos homens que, para compreender, têm necessidade de duros golpes. Mas para o evoluído ficar imerso nesse mundo e exposto a esse gênero de luta é coisa inútil e antivital, enquanto ela é útil e vital para os outros. Ele deve gastar tempo e energia para não ficar ferido, enquanto desejaria cumprir o seu fim, para o qual ele está na terra, fim bem diverso daquele egoístico dos demais, e que é o bem dos outros.

A incompreensão da posição do evoluído por parte do mundo chega ao ponto de considerá-lo um anormal e o seu estado é tido como patológico pela medicina que não admite senão um modelo estandardizado, baseado no tipo biológico médio dominante por número. Todo o resto é definido como patológico. Não se admite o tipo biológico transcendente, supernormal, imerso no duro trabalho criador que se opera naquela fase de transmissão evolutiva que os demais ignoram. Por razões de prática atuação, hoje, os princípios terapêuticos, econômicos, sociais, são todos estandardizados, enquanto nenhuma coisa é igual a outra e nada é mais absurdo na natureza do que o igual para todos. Dever-se-ia chegar, ao contrário, a um novo ramo de medicina do supernormal, cujas perturbações evolutivas sejam entendidas como normais e salutares, e não como hoje patológicas, como não são patológicas para a mulher as dores do parto. E, no entanto, muitas vezes, no caso do evoluído, esses princípios são considerados patológicos, qualificados com nomes que dizem bem pouco, como histerismo, neuroses e semelhantes. Como se daria o parto de uma mulher que visse o seu feto considerado como um tumor a ser operado e devesse suportar intervenções nesse sentido? Todavia assim acontece com o futuro tipo biológico que hoje, excepcionalmente, começa a formar-se, tipo que deverá sempre mais se generalizar, porque é no espírito que está o porvir único da vida. É preciso compreender que certos desequilíbrios são necessários como condição de equilíbrios mais altos que assim se vão conquistando. Formou-se desse modo uma pseudo-patologia. Entretanto, quando o novo tipo biológico de amanhã começar a formar-se com maior freqüência de casos, deverá nascer essa nova medicina que contempla os distúrbios evolutivos e as perturbações orgânicas e psíquicas geradas pelo transformismo biológico, que tende para mais altas formas de vida.

A progressiva evolução humana está transformando tudo na terra, e o involuído ainda não se apercebe dela. A ciência está para abater muitas portas do mistério, derrubando muitos ídolos, e iluminará muitas mentes modificando, em conseqüência a nossa vida individual e social. O ultramicroscópio eletrônico (utilizável somente com a fotografia) pode alcançar aumentos de 40.000 diâmetros. Mas, com isto, estamos bem distantes de poder penetrar a alma das coisas. Atrás do mundo das aparências há um outro mundo o das potências. Entretanto tudo já está escrito e resolvido no pensamento universal e tudo está somente em o saber ler. A solução de todos os problemas está em idéias ou ondas pensamentos, que já existem e circulam na atmosfera espiritual do cosmo. Nada há a descobrir; é só saber evoluir e, consequentemente, sensibilizar-se e tudo se tornará visível e evidente. Trabalho este que cabe ao evoluído, àquele que os demais consideram o grande imbecil da vida, porque ele não rouba, não esmaga, não mente. Trabalho que deve equilibrar o de

uma ciência que o involuído não sabe utilizar senão para a morte e a destruição. A descoberta da bomba atômica nada parece diante daquela dos raios letais que teriam um efeito infinitamente superior ao produzido pela desintegração de um núcleo de plutônio ou de urânio. São conhecidas as reações em cadeia na desintegração dos átomos. Nesse processo se formam radiações gamas que interrompem a cadeia desintegradora. Se essas radiações podem causar distúrbios na desintegração em cadeia completa, esses raios podem criar zonas letais. Acelerando-se essas radiações e regulando-se-lhe a velocidade e a direção, poder-se-ia canalizá-las a uma velocidade teórica de 300.000 km por hora e um objetivo até 100.000 km. Nesse campo toda vida deveria cessar Como se vê, a ciência do mal não está em ócio.

Os homens aninhados nas suas posições, conquistadas com esforço quereriam, para as conservar, que nada caminhasse no mundo e tudo ficasse imóvel. Mas a vida não pode parar Não é o revolucionário louco ou egoísta que mente, em vantagem própria, mas o revolucionário sábio, que trabalha em contato com o pensamento de Deus, em harmonia com as leis da vida, que faz parte dos insuprimíveis ímpetos evolutivos. E pense-se que a ascensão em todo campo é a grande lei do ser, o principio fundamental do universo, sustentado pelas maiores forças da vida. Pode-se matar o homem que personifica essas forças, mas elas estão acima de todo poder humano e não se podem destruir. Deus está com os homens que se sacrificam por esses escopos de ascensão humana e para cada um deles que se mate, renascem cem.

Há mais de um século que o mundo se orientou para a esquerda, para o materialismo, que em seu tempo também teve a sua função. É o fenômeno equilibrado das oscilações do pêndulo ou do retorno cíclico, dominante na vida, também social, que agora impõe um oposto impulso para a direita, isto é, para o espiritualismo. Isto é elementar. A vida harmônica e equilibrada está para dizer o seu "basta" aos homens da matéria Isto significa a sua liquidação. Tudo é periódico e equilibrado na natureza. Estamos sujeitos a retornar a uma ordem, estamos sujeitos a uma vontade cósmica contra a qual o homem nada pode. E este, que se concluí, é o nosso oitavo volume que estuda o que pensa e comanda essa vontade cósmica, da qual o homem quase não faz nenhuma conta. Ela fala sempre e a andamos escutando em todas as suas expressões, das seguidas pelo cientista às percebidas pelo místico. Escutar, para eles, constitui espasmo, porque aquela voz é terrivelmente potente e fala do inconcebível. Para a compreender é preciso enfrentar o martírio da mente e do coração, porque somente então ela responde, porque somente através desse martírio o homem se torna digno de ouvi-la.

O esforço da vida é fugir à paralisação dos mundos inferiores e evadir da imobilidade e do determinismo das leis dos planos mais involuídos, para conquistar liberdade e domínio. Contra a morte, o ambiente hostil, as forças do mal, o egoísmo do involuído, a vida quer subir para Deus. Esta é a Lei. Por isso a vida arrisca o novo, imola tantos exemplares, para explodir da forma para o espírito, para evadir da matéria, para elevar-se, sempre insaciável de superamentos. Assim a vida lança os seus campeões e para esse fim, também, os sacrifica, mesmo sabendo que arrisca a sua parte melhor. O Pensamento criador, concentrado nas formas inferiores, não está morto. Ele está aí prisioneiro, mas pronto a se desencadear em energia e a energia em psiquismo, porque quer se libertar e retornar a ser ele próprio. E eis que, no fundo de todo conceito, reencontramos sempre a vertigem do infinito.